



**INSTITUTO
FEDERAL**
Ceará

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE - CAMPUS FORTALEZA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)**

ALCEMIR HORÁCIO ROSA

**ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS:
diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino
técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba.**

FORTALEZA - CE

2019

ALCEMIR HORÁCIO ROSA

**ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS:
diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino
técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba.**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, do IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Dr. Francisco José Alves de Aquino

FORTALEZA-CE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R788e Rosa, Alcimir Horácio.

ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - . : Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI ? Parnaíba / Alcimir Horácio Rosa. - 2019.
285 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Francisco José Alves de Aquino.

1. Evasão. 2. Cursos Técnicos. 3. Diagnóstico. 4. Combate. 5. IFPI-Parnaíba. I. Título.

CDD 378.013

ALCEMIR HORÁCIO ROSA

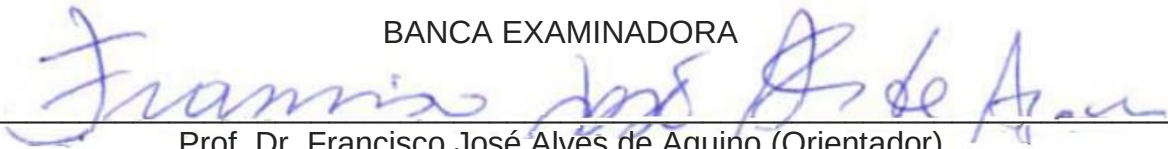
ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, do IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

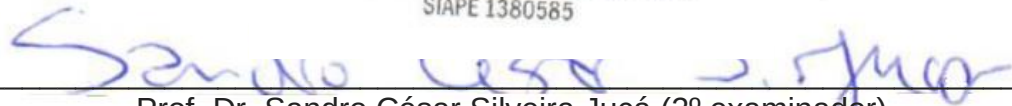
Orientador: Dr. Francisco José Alves de Aquino

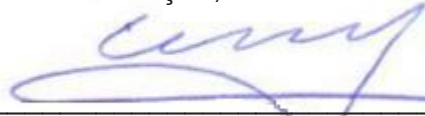
Aprovada em: 30/08/2019

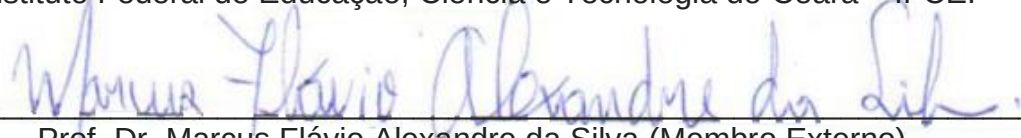
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Francisco José Alves de Aquino (Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.


Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva (1º examinador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.
Coordenador do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
IFCE - Instituto Federal do Ceará IFCE
SIAPE 1380585


Prof. Dr. Sandro César Silveira Jucá (2º examinador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.


Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida (Membro Externo)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.


Prof. Dr. Marcus Flávio Alexandre da Silva (Membro Externo)
Universidade Vale do Acaraú – UVA.

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao Senhor meu Deus Jeová, que tem sido meu refúgio e fortaleza em todos os momentos. Em especial à minha família: Aline Verônica, Helena Pereira Rosa e aos amigos e companheiros que estiveram apoiando e torcendo por minha vitória. E também ao meu orientador Francisco José, ao coordenador do programa Solonildo almeida e aos demais professores que juntos fizeram do PROFEPT um sucesso.

AGRADECIMENTOS

Tenho total consciência de que nada conseguiria sozinho; por isso nesta trajetória tenho muita coisa a agradecer e a muitas pessoas. Acima de tudo e de todos tenho no coração gratidão a Deus; o melhor de todos os amigos e o mais gracioso de todos os pais, que me deu o carinho e amor que tanto precisei nesse percurso. Por isso em primeiro lugar agradeço a Deus por mais essa Conquista.

À minha querida companheira Aline Veronica de Sousa Machado que esteve sempre de prontidão para me dar todo seu auxílio e amor nesta etapa importante da minha vida, participante e me ajudando a construir uma linda história.

À minha mãe, Helena Pereira Rosa, que esteve na torcida e nas orações pela minha vida e pelo amor materno que traz as profundas inspirações para se manter firme e de pé.

À minha família Raimunda, Paulo José, Osmar, Frank, Rosemeire, Breu, Lucas, Francisca e outros, porque sem a base estrutural familiar ninguém existe, nem persiste.

À minha família de igreja Maria de Jesus, André Fontenele, Elyda, Junior, Guilherme, Elias e demais, porque trouxeram momentos de alegrias durante esse percurso, com bons conselhos e manifestações de apreço.

Ao meu orientador Francisco José Alves de Aquino que teve a paciência e a delicadeza de me encaminhar pelo melhor percurso para o desenvolvimento dos meus estudos no mestrado.

Aos professores Sandro César Silveira Jucá e Emanuel Rodrigues Almeida que também deram suas contribuições para o crescimento do meu trabalho dissertativo, e ainda se fizeram presente na banca de qualificação e também na banca de defesa; dando excelentes e significativas contribuições.

Ao coordenador do programa Solonildo Almeida da Silva que entre tantos momentos foi um companheiro e ouviu e respeitou minhas ideias e ideais.

Aos amigos de mestrado Francisco Torres e Marcelo pelo carinho que tinham nas minhas idas e vindas a fortaleza, inclusive me receberam e me acolheram em suas casas quando precisei.

Ao amado amigo Jesus de Oliveira Nascimento que me prestou grande auxílio em transporte me levando e trazendo para rodoviária sempre de prontidão e de bom grado. E sobretudo, minha gratidão pela amizade tão amorosa, pelos conselhos bíblicos e pelo carinho, zelo e companheirismo do dia a dia.

A amiga Diene Sara, que tem sido uma grande companheira.

A amiga Aline Arquivista do IFPI, grande amiga e pessoa de valor imensurável. Aos companheiros do trabalho em especial a Micheline Angélica Gouveia Aragão, que me incentivou na conquista do afastamento.

Ao amigo Luiz Fernando, diretor Geral do campus Parnaíba, pelo apoio e pelo carinho com que recebeu e deu autorização ao desenvolvimento da pesquisa no campus.

Ao diretor de ensino do IFPI- Parnaíba Francisco de Assis, de onde partiu o convite para que eu integrasse a comissão de permanência e êxito.

A toda equipe do IFPI – Campus Parnaíba que me acolheram tão bem no momento do desenvolvimento da pesquisa; entre os servidores, tenho grande gratidão ao Tarcísio, Kelly; a equipe de coordenação pedagógica (Ednalva Edanjos, Sara e seu Xavier); à equipe de assistente social (Carol e Clefra) e aos Professores (Athânio, Auristela, Clodoaldo, Francisco de Assis, Franklin, Iuri, Jalva, Jeane Machado, Katia, Maria Teresa, e, Vitor).

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a construir este trabalho, de fato, muitos outros nomes me ajudaram nesta construção; mas em síntese, o fato é que ninguém faz nada sozinho, e por isso esse trabalho é a prova e o fruto da coletividade; juntos, tecemos os resultados que aqui estão concretizados.

Obrigado a todos!

Bem-aventurado o homem que acha
sabedoria, e o homem que adquire
conhecimento.

(Provérbios 3:13)

RESUMO

A pesquisa aborda a problemática da evasão escolar na educação profissional técnica de nível médio. Pois acredita-se que é uma temática que vem se tornando cada vez mais relevante no cenário educacional e precisa ser melhor compreendido, principalmente porque é um problema de caráter nacional e ainda não se tem uma solução clara para esse quebra-cabeça. Nessa perspectiva, a oferta de cursos técnicos da Rede Federal vem encarando esse transtorno, recebendo anualmente milhares de matrículas, no entanto, estudos comprovam que menos da metade desses alunos conseguem a conclusão do curso. E dentro desta realidade está o IFPI, que na rede federal, embora seja uma das melhores instituições de ensino do estado do Piauí, mas que segundo estudos de Silva (2013), é a instituição com uma das piores taxas de conclusão do Nordeste. O trabalho aborda a realidade do IFPI, no campus de Parnaíba, tratando a temática da evasão e suas nuances; e ainda, faz uma retrospectiva histórica sobre a educação profissional e tecnológica, sobre o contexto, as leis e os decretos que embasaram o caráter do ensino profissional técnico. Pois, sabe-se da defasagem de conhecimento tanto sobre a educação profissional técnica, como sobre a evasão e de sua forte presença no ensino técnico; em que estudantes, por motivos diversos, não estão conseguindo a conclusão de seus cursos. De fato, os fatores que têm propiciado a evasão precisam ser conhecidos. Pois, não é possível enfrentarmos o problema sem conhecê-lo bem. Por isso, pesquisas neste sentido fazem-se necessárias, tanto pela essencialidade de estudos sobre a realidade da educação profissional técnica de nível médio, e mais especificamente da educação ofertada pelo IFPI – Parnaíba, quanto pela intervenção que possivelmente continuará sendo possibilitada pelo produto educacional a que resultou esta pesquisa. Uma vez que, for possível desvendar as vertentes, nuances e especificidades deste problema, tornar-se-á mais prática a minimização da situação enfrentada. A presente pesquisa trouxe como objetivo a investigação e a busca de um diagnóstico sobre os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e, assim, apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição; sobretudo, buscando evidenciar o que poderia ser feito para enfrentar o problema. Assim, obteve-se a construção de um diagnóstico e as respostas necessárias para se propor algumas medidas e ações que estão auxiliando/auxiliarão no combate ao problema. Acredita-se, portanto, que além da continuidade na construção de informações sobre a evasão nas especificidades do IFPI - Parnaíba, o caminho para enfrentar a problemática está na postura institucional de levar à frente e colocar em prática as ações recomendadas neste trabalho.

Palavras-chaves: Evasão; Cursos técnicos; Diagnóstico; Combate e IFPI-Parnaíba.

ABSTRACT

The research addresses the problem of school dropout in professional secondary technical education. It is believed that it is a topic that has become increasingly relevant in the educational scenario and needs to be better understood, mainly because it is a national problem and there is still no clear solution to this puzzle. In this perspective, the offer of technical courses of the Federal Network is facing this disorder, receiving annually thousands of enrollments, however, studies show that less than half of these students achieve the conclusion of the course. And within this reality is the IFPI, which in the federal network, although it is one of the best educational institutions in the state of Piauí, but according to studies of Silva (2013), is the institution with one of the worst completion rates in the Northeast. The paper approaches the reality of the IFPI, in the campus of Parnaíba, dealing with the theme of evasion and its nuances; and also makes a historical retrospective on professional and technological education, on the context, laws and decrees that underpinned the character of technical vocational education. For we know of the knowledge gap both in professional technical education and in dropout and in its strong presence in technical education; in which students, for various reasons, are not achieving the completion of their courses. In fact, the factors that have led to avoidance need to be known. For it is not possible to face the problem without knowing it well. Therefore, research in this sense is necessary, both for the essentiality of studies on the reality of technical secondary education, and more specifically the education offered by the IFPI - Parnaíba, and for the intervention that possibly will continue to be made possible by the educational product at which resulted in this research. Once it is possible to unveil the strands, nuances and specificities of this problem, it will become more practical to minimize the situation faced. The present research aimed to investigate and search for a diagnosis about the main factors that contribute to school dropout in the technical courses of the IFPI in the campus of Parnaíba and, thus, to present a proposal of intervention for the technical education of this institution; above all, trying to highlight what could be done to face the problem. Thus, it was possible to construct a diagnosis and the necessary answers to propose some measures and actions that are helping / will help in the fight against the problem. It is believed, therefore, that in addition to the continuity in the construction of information on evasion in the specificities of the IFPI - Parnaíba, the way to face the problem lies in the institutional posture of taking forward and putting into practice the actions recommended in this work.

Keywords: Evasion; Technical courses; Diagnosis; Combat and IFPI-Parnaiba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Homem da caverna ensinando técnicas ao filho.....	27
Figura 2 – A introdução das maquinas no Brasil imperial.....	32
Figura 3 – Maquina à vapor desenvolvido pela Marinha Durante o Brasil império.....	34
Figura 4 - Escola de Aprendizes e artífices criada em 1909.....	38
Figura 5 – Distribuição das 19 Escolas de Aprendizes Artífices pelo Decreto nº 7.566...	53
Figura 6 – Expansão da Rede Federal até o ano de 2010.....	58
Figura 7 – Distribuição das 644 unidades da Rede Federal em 2018.....	60
Figura 8 - Distribuição territorial dos Campis do IFPI em 2011.....	99
Figura 9 - Distribuição territorial dos Campis do IFPI em 2014.....	101
Figura 10 - Distribuição dos campis do IFPI no estado do Piauí em 2019.....	102
Figura 11 – Localização de Parnaíba.....	103
Figura 12 – IFPI campus Parnaíba – entrada.....	106
Figura 13 – IFPI campus Parnaíba – Jardim principal.....	107
Figura 14 – Palestra sobre evasão escolar.....	182
Figura 15 – Apresentação dos resultados sobre evasão, destacados no livro.....	186
Figura 16 – Produto educacional disponível na Biblioteca do Campus.....	209

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Escolas de aprendizes artífices criadas em 1909.....	53
Quadro 2 - Histórico de ingresso de alunos 2013 a 2017.....	109
Quadro 3 - Evasão por curso no período de 2013 a 2017.....	110
Quadro 4 - Índice de evasão dos cursos técnicos.....	112
Quadro 5 – O que leva os alunos do ensino técnico a escolherem o curso.....	117
Quadro 6 - Insatisfações apontadas pelos alunos do curso técnico (Sub, Edificações noturno)	122
Quadro 7 – O principal responsável no combate à evasão, na concepção dos alunos...	124
Quadro 8 - Principais fatores da evasão, na concepção dos alunos.	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Expansão da rede federal até o ano de 2014.....	59
Gráfico 2 - Visão geral da evasão no IFPI -Parnaíba.....	111
Gráfico 3 - Índice de evasão por curso.....	113
Gráfico 4 – Quantidade alunos que trabalham X Não trabalham.....	116
Gráfico 5 – Renda familiar dos alunos do curso técnico em análise.....	116
Gráfico 6 – A origem escolar dos alunos.....	117
Gráfico 7 – Intenção dos alunos na continuidade de seus estudos.....	119
Gráfico 8 – Convicção dos alunos na escolha do curso.....	120
Gráfico 9 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.....	121
Gráfico 10 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.....	123
Gráfico 11 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.....	125
Gráfico 12 – Como os alunos avaliam os professores do curso.....	126
Gráfico 13 – Ações docentes diante do aumento ou redução da evasão escolar no curso.....	127

LISTA DE SIGLAS

CEFET/PI – Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí
CEPRO – Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí
CTT - Centro Tecnológico de Teresina
EAAPI - Escola de Aprendizizes Artífices do Piauí
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ETFPI – Escola Técnica Federal do Piauí
EPT – Educação Profissional e Tecnológica
ET – Escola Técnica - Vinculadas às Universidades Federais
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES – Instituições Federais de Educação Superior
IFPI – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
IF – Instituto Federal
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional
MEC – Ministério da Educação
OBMEP - Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional
POLAE - Política de Assistência Estudantil
PIBIC – Programa Institucional Bolsas de Iniciação Científica
PL – Projeto de Lei
PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional
PROFEPT – Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
UNED - Unidade de Ensino Descentralizada
UTFP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
------------------------	-----------

CAPITULO I A BASE E A ESSÊNCIA DO ENSINO TÉCNICO

1 COMPREENDENDO A EPT, O ENSINO TÉCNICO E A REDE FEDERAL.....	25
1.1 Histórico da EPT.....	25
1.1.1 A origem	26
1.1.2 A EPT no Brasil colonial (1500-1822).....	28
1.1.3 A Formação Profissional no Brasil Império (1822-1889).....	31
1.1.4 A EPT no período republicano	35
1.2 A expansão e os novos desafios da Rede federal.....	52

CAPITULO II A EVASÃO NO ENSINO TECNICO

2 A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TECNICO.....	61
2.1 Fatores e causas da evasão escolar	65
2.1.1 principais fatores e causas da evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI.....	67
2.2 Caminhos gerais para enfrentar a evasão escolar.....	72
2.2.1 Estratégias gerais para enfrentar a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI ...	75

CAPITULO III IDENTIDADE INSTITUCIONAL

3 O CONTEXTO DO IFPI E DO CAMPUS PARNAÍBA.....	86
3.1 histórico e perfil do IFPI.....	86
3.2 O IFPI – Campus Parnaíba	103

CAPITULO IV DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO

4 DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO DA EVASÃO TÉCNICA DO IFPI - PARNAÍBA....	108
4.1 Diagnóstico Quantitativo/ Índice de evasão.....	108
4.1.1 Histórico quantitativo de evasão dos cursos técnicos do campus Parnaíba.....	110
4.1.2 Índice Geral de evasão do ensino técnico do Campus Parnaíba.....	111
4.1.3 Índice de evasão específico dos cursos técnicos do IF – Parnaíba.....	112

CAPITULO V

DIAGNÓSTICO QUALITATIVO

5 DIAGNÓSTICO QUALITATIVO DA EVASÃO TÉCNICA DO IFPI-PARNAÍBA.....	115
5.1 Concepção dos Alunos.....	115
5.1.1 Perfil dos Alunos respondentes da pesquisa.....	115
5.1.2 Satisfação dos alunos com o curso técnico.....	120
5.1.3 Os alunos pensam em deixar o curso técnico?.....	122
5.1.4 como os alunos avaliam a si, aos professores e as ações dos professores:.....	125
5.1.5 Principais Fatores da evasão no(s) curso(s) técnico do campus Parnaíba.....	127
5.2 Concepção dos professores.....	130
5.2.1 Concepção dos professores sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	130
5.2.2 Concepção dos professores sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	133
5.2.3 Concepções dos professores sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	136
5.2.4 Concepção dos professores sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?.....	140
5.2.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?	144
5.2.6 Concepção dos professores sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	147
5.3 Concepção da equipe de coordenação pedagógica	152
5.3.1 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.	152
5.3.2 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.	153
5.3.3 Concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	155
5.3.4 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre o principal responsável para que a evasão na aconteça?.....	156
5.3.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?... ..	157
5.3.6 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	158
5.4 Concepção da equipe de assistência estudantil.....	161

5.4.1	Concepção da equipe de assistência estudantil sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	161
5.4.2	Concepção da equipe de assistência estudantil sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	161
5.4.3	Concepções da equipe de assistência estudantil sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	163
5.4.4	Concepção da equipe de assistência estudantil sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?	165
5.4.5	Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?	166
5.4.6	Concepção da equipe de assistência estudantil sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	168
5.5	Concepção da Coordenação de curso técnico.....	169
5.5.1	Concepção da Coordenação de curso técnico sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	169
5.5.2	Concepção da Coordenação de curso técnico sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	170
5.5.3	Concepção da Coordenação de curso técnico sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	170
5.5.4	Concepção da Coordenação de curso técnico sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?.....	172
5.5.5	Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?.....	172
5.5.6	Concepção da Coordenação de curso técnico sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	173

CAPITULO VI INTERVENÇÃO

6	AÇÕES DE INTERVENÇÃO PARA SUPERAÇÃO DA EVASÃO.....	175
6.1	Experiências, ações e estudos anteriores sobre evasão no IFPI Parnaíba.....	176
6.2	Proposta para o combate à evasão e fortalecimento do ensino técnico no campus Parnaíba.....	189
6.2.1	Proposta dos alunos.....	189
6.2.2	Propostas dos professores.....	195
6.2.3	Propostas da equipe de coordenação pedagógica.....	201
6.2.4	Proposta da equipe de assistência estudantil.....	203
6.2.5	Proposta da coordenação de curso Técnico.....	204

CAPITULO VII PRODUTO EDUCACIONAL

7 O produto educacional.....	205
7.1 Descrição do produto.....	205
7.2 Público alvo.....	205
7.3 Aplicação.....	207
7.4 Avaliação do produto educacional.....	209
8 METODOLOGIA.....	211
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	216
BIBLIOGRAFIA	216
APÊNDICES.....	222
ANEXOS.....	276

A evasão escolar é um problema grave e de cunho nacional, que está em todos os lugares do país e não se restringe apenas a algumas escolas. E nesse sentido, é uma problemática que vem causando preocupação e ocupando importante papel nos debates, discussões e pesquisas no cenário da educação brasileira (QUEIROZ, 2011).

Compreender o fenômeno da evasão, não é apenas identificá-la e conceituá-la dentro do ambiente escolar, deve ir muito além. A dificuldade em identificar as causas da evasão se dá pela complexidade em desenvolver um estudo nesta área, pois envolve todo um conjunto de informações que devem ser investigadas: os fatores relacionados ao estudante e o seu entorno social, envolvendo família, condições de vida e a situação socioeconômica; e, principalmente, o ambiente escolar com suas nuances. É por isso, que para compreendermos essa realidade na instituição tomada por referência neste trabalho; no caso, o IFPI (Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Piauí) na cidade de Parnaíba, não bastaria uma consulta aos acervos bibliográficos, até mesmo porque a bibliografia quanto a evasão escolar nos cursos técnicos é insuficiente. É necessária uma investigação *IN LOCO*, compreendendo os aspectos importantes e específicos em que se desenvolve o contexto do problema.

A evasão não influencia somente nas estatísticas das escolas, mas afeta diretamente a vida dos seus principais interessados: os próprios alunos.

Desvendar as causas que levam um indivíduo a evadir-se de sua vida educacional, exige que a investigação seja bem ampla na obtenção de informações e, delineada e específica no seu objetivo. A amplitude no momento da investigação se destinada a obtenção do maior número possível de dados sobre uma dada realidade; afinal, se a intenção é enfrentar a evasão escolar nos cursos técnicos, certamente deve-se ter uma base de informações que dê a possibilidade de efetivamente saber sua causa, para que possamos combatê-la e até mesmo para que se possa estabelecer estratégias para agirmos preventivamente. Pois “entender as causas da evasão é a chave para encontrar soluções para o problema” (RUMBERGER, 2004 apud DORE, LÜSCHER, 2011).

Especificamente no caso da educação profissional técnica de nível médio, embora tenha havido um significativo aumento na oferta do número de vagas nos últimos anos, constata-se um panorama de expressivo abandono escolar. (SILVA;

PELISSARI; STEIMBACH, 2012). E a formação técnica, de nível médio, ofertada pelo IFPI, em seus campi, não foge desta realidade.

De acordo com Silva (2013) a rede federal recebe milhares de matrículas; no entanto, menos de 40% dos estudantes conseguem concluir o curso e ainda de acordo com estudo realizado sobre os Institutos Federais, o IFPI está entre as três instituições com as piores taxas de conclusão da região nordeste.

A existência da evasão escolar também se faz presente no campus de Parnaíba. E é imprescindível que haja urgência na tomada de providências visando o enfrentamento deste problema.

Sabe-se da defasagem de conhecimento sobre a evasão e de sua forte presença no ensino técnico, em que estudantes, por motivos diversos, não estão conseguindo a conclusão de seus cursos. De fato, os fatores que têm propiciado a evasão precisam ser conhecidos. Pois, não é possível o enfrentamento do problema sem conhecê-lo bem.

O trabalho se constitui numa importante obra para a instituição em análise e também para a temática, tanto pela essencialidade de estudos sobre a realidade da educação profissional técnica de nível médio, e mais especificamente da educação ofertada pelo IFPI – Parnaíba, quanto pela intervenção possibilitada pelo produto educacional proposto e que resultou desta pesquisa. Uma vez que foi possível desvendar as vertentes do problema, e foi possível também construir um diagnóstico e obter as respostas necessárias para se propor medidas e ações que estão auxiliando/auxiliarão no combate a esse problema.

Mas, afinal, qual é a realidade da evasão no IFPI- Parnaíba? E o que pode ser feito para enfrentar o problema? Essas foram as perguntas que se constituíram como problemas e norte para esse trabalho.

Em face das indagações supracitadas, o objetivo central desta pesquisa foi diagnosticar quais os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição. E para que fosse possível alcançar tal objetivo foi necessário trilhar objetivos menores como: compreender a base a essência do ensino técnico; estabelecer um conceito operacional de evasão; conhecer as possíveis causas e fatores determinantes para a evasão escolar nos cursos técnicos; fazer um levantamento dos números e da estatística da evasão escolar; identificar o curso técnico do IFPI-Parnaíba com maior índice de evasão;

apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico e desenvolver a aplicação da proposta de intervenção de forma que fortalecesse o ensino técnico ofertado pela instituição.

Portanto, o principal objeto de investigação deste trabalho foi a evasão escolar nos cursos técnicos; mais especificamente, os cursos técnicos do Instituto Federal do Piauí – na cidade de Parnaíba. Este trabalho foi desenvolvido em caráter tanto quantitativo quanto qualitativo, pois procurou-se compreender a realidade e as nuances da evasão e também se levou em consideração números e estatísticas. Assim, o trabalho teve como missão desvendar os motivos de persistência desta problemática e contribuir para que houvesse ações de intervenção no ensino técnico da instituição supracitada.

A inquietação de ver, enquanto servidor da instituição, muitas turmas de alunos dos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba, anualmente, iniciarem suas atividades com cerca de 40 alunos e observar que pouco mais da metade dos alunos, em algumas turmas, conseguem chegar à conclusão do curso. E ao conviver com esta realidade, o sentimento de participação, convoca-nos a assumir o compromisso de procurar entender esse fenômeno e assumirmos o espírito de agentes transformadores de nossa própria realidade. Tudo isso, funciona como alavanca motivadora para o estudo sobre a evasão dentro das especificidades institucionais do campus de Parnaíba.

Outra questão que levou ao desenvolvimento desta investigação é o fato de que hoje a evasão escolar ainda é um problema pouco investigado no âmbito dos cursos técnicos; apesar de que muitos autores têm abordado a evasão no ensino fundamental, médio e até no ensino superior. Existe “um número expressivo de pesquisas sobre o abandono de alunos no contexto da educação básica (ensino fundamental e médio)” (SALES; CASTRO; DORE, p 2, 2013). No entanto, a situação é bem diferente em relação à evasão nos cursos técnicos. As pesquisas e investigações têm sido bem escassas, necessitando ainda de maiores esclarecimentos e observações para que possamos conhecer o problema e, a partir daí, traçar um ponto de partida para o enfrentamento da problemática. É neste sentido que Rosemary Dore e Lüscher afirmam que: “quando se trata da educação técnica não há pesquisas e/ou informações sistematizadas sobre a evasão, conforme verificado em pesquisa realizada” (Dore, Lüscher, 2011). Por isso, quando se trata dos cursos técnicos a situação é preocupante, pois a ausência de informações

engloba tanto o referencial teórico quanto o empírico e essa situação torna-se uma barreira para o desenvolvimento de pesquisas para a criação de indicadores e dados adequados à investigação do problema (DORE, LÜSCHER, BONFIM, 2008).

O trabalho está embasado em documentos e autores com teorias voltadas para o contexto da evasão escolar na educação profissional técnica. Para este trabalho, Dore e Lüscher (2011) conceituaram e trataram sobre a evasão e a falta de informações no ensino técnico; Silva (2013) trouxe tanto o conceito do termo “evasão” quanto fez um levantamento sobre a situação das taxas de conclusão dos alunos do ensino técnico da Rede Federal. Rumberger (2004 apud Dore, Lüscher, 2011) fez levantamentos importantes sobre a evasão escolar, e esclareceu a necessidade para enfrentá-la. Levou-se ainda em consideração um estudo feito pelo Ministério da Educação - “Documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnologia” – MEC (2014) que fez um importante levantamento na rede federal sobre o ensino profissionalizante, trazendo concepções de fatores de evasão e também de ações de enfrentamento. E na mesma perspectiva, destacou-se outro documento, o “Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para Superação da Evasão e Retenção do IFPI” – (IFPI, 2016), que trouxe os estudos que o Instituto Federal do Piauí, fez no sentido de entender os principais fatores da evasão em seus campi e consequentemente as ações que poderiam minimizar a problemática.

O primeiro passo abordado pela pesquisa foi a contextualização da base e essência da EPT, e assim, destacando o histórico da educação profissional em nosso país, explicitando o desenvolvimento, a expansão e as nuances até o contexto de EPT na atualidade.

O segundo passo que se procurou estabelecer neste trabalho foi o entendimento sobre a educação profissional técnica de nível médio, o ensino técnico; e também as situações que se configuram como evasão, isso levando em consideração que ainda existe muita confusão na hora de estabelecer um conceito próprio sobre evasão escolar, pois ela tem sido associada a situações tão diversas quanto “à retenção e repetência do aluno na escola, a saída do aluno da instituição, a saída do aluno do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de ensino, o abandono da escola e posterior retorno” (DORE, LÜSCHER, 2011. Pag. 775).

Um terceiro ponto desenvolvido na pesquisa foi a compreensão das causas e dos fatores que levam à evasão escolar, indo além das teorias meramente generalistas. Pois embora haja alguns estudos levantando hipóteses do que pode ou não configurar como as causas da evasão, mas, certamente a urgência é pela obtenção de informações sobre o que é; o que caracteriza; e o que configura a evasão escolar nas especificidades dos cursos técnicos do IFPI - Campus Parnaíba; num sentido mais específico e tendo em vista a realidade local. São essas informações que, concretamente, podem tornar-se uma base de dados para a tomada de decisões futuras; servindo para o planejamento de meios de enfrentamento dos problemas que assolam a educação ofertada pelo IFPI - Parnaíba em seus cursos técnicos. Faz-se necessário o desenvolvimento de estudos que levem as problemáticas sobre a evasão no ensino técnico, e neste caso, é levantado as especificidades da evasão no ensino técnico do IFPI – Parnaíba; pois “quando se trata de educação técnica oferecida pelos Institutos Federais é necessário um olhar diferenciado, pois devem-se considerar as especificidades dessas Instituições e a própria política educacional para esta modalidade de ensino” (IFPI, p 07, 2016).

Importa levantar neste momento um esclarecimento de que a questão elencada aqui não era apenas obter informações e compreender a realidade do problema, a intenção era também a intervenção no ensino.

E para isso, no intuito de elaborar uma proposta de intervenção para o ensino técnico; o quarto passo deste trabalho foi o estudo sobre os possíveis passos de enfrentamento do problema. Buscou-se embasamento na concepção dos alunos, professores, equipe de coordenação pedagógica, equipe de assistência estudantil, e coordenação de curso técnico. Utilizando-se das informações levantadas, através de questionários e entrevistas, sobre o problema e sobre as ações necessárias de enfrentamento; buscou-se a compreensão de qual melhor percurso que a instituição poderia trilhar para enfrentar a evasão escolar, e assim, chegar-se à uma proposta que fosse realmente significativa e aplicável. E para isso, o trabalho desenvolveu um produto educacional que contribuiu e, potencialmente, pode continuar contribuindo para que haja uma mudança na realidade da evasão escolar presente no IFPI-Parnaíba.

Baseado nas falas dos elementos participantes da pesquisa e com base em importantes autores da temática, chegou-se a alguns pontos elencados como possíveis ações de enfrentamento, entre estas ações, acreditou-se que a capacitação

de professores, fosse uma significativa proposta de intervenção para o ensino técnico, uma vez que o professor é o agente da instituição mais próximo ao aluno, com o poder de fazer modificações diretas no processo de ensino-aprendizagem e por isso constituindo-se como um dos principais agentes de mudança e transformação. Claro, o professor apesar de essencial neste processo de enfrentamento, não é o único canal, há algumas outras importantes ações propostas na pesquisa e no produto educacional. A intenção é que haja inicialmente transformação em sala de aula, tornando a aula mais significativa para os alunos, ligando ainda mais o aluno ao seu curso.

Foi desenvolvido e aplicado o produto educacional, sendo no formato de Material textual, foi formulado um manual com os estudos, diagnósticos, resultados e, principalmente, as orientações para o ensino técnico, servindo de guia para toda a comunidade escolar rumo a um processo de intervenção no ensino-aprendizagem dos cursos técnicos. Sobretudo, espera-se que, o produto – “MANUAL DE COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI – PARNAÍBA: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico”, seja de grande relevância para a comunidade do IFPI-Parnaíba, bem como para diversas outras instituições que, em situações análogas, também enfrentam o problema da evasão escolar e que venham a ter interesse no seu uso.

Portanto, o produto educacional, consolidou dois pontos: (1) as informações e os conhecimentos necessários para que, a comunidade escolar do IFPI - Parnaíba tenha/tivesse uma base informacional, atual e dentro de suas especificidades, possibilitando a tomada de decisões futuras e a proposição de medidas efetivas contra os efeitos da evasão. (2) A proposição de ações para o enfrentamento da evasão e o fortalecimento do ensino técnico, isso baseada na concepção da própria comunidade escolar.

Por fim, por ser parte integrante e fundante do trabalho de pesquisa, o produto educacional está totalmente encartado na dissertação. Sendo dissertação e produto, partes inseparáveis.

CAPITULO I

A BASE E A ESSÊNCIA DO ENSINO TÉCNICO

1 COMPREENDENDO A EPT, O ENSINO TÉCNICO E A REDE FEDERAL

Como compreender a realidade da evasão escolar no ensino técnico sem antes entender um pouco do percurso histórico da educação profissional e da própria história do ensino técnico? Pensando nisso, o capítulo 1 deste trabalho está voltado para a compreensão acerca do que é EPT, e principalmente qual sua base existencial, como surgiu e quais as leis que a fundamentam. Outro ponto a ser desenvolvido é o levantamento de informações sobre a temática da evasão. Parte-se do histórico da educação profissional, levando-se em consideração sua fundamentação existencial na vida humana, e só depois disso, o trabalho segue sentido a explicar o percurso que a EPT percorreu através de leis, decretos e decisões que deram base ao formato de educação profissional e tecnológica e principalmente o formato de ensino técnico que temos em nossa atualidade. Também é destacado o importante processo de expansão que houve na rede federal.

1.1 Histórico da EPT

Neste capítulo, será desenvolvido um breve histórico sobre a educação profissional e tecnológica, e sobre a oferta de cursos técnicos no Brasil, abordando os principais acontecimentos e momentos para a constituição das características e do formato de educação profissional e do ensino técnico atual.

Acredita-se que para conhecer a formação profissional técnica de nível médio que hoje é ofertada pelo sistema educacional brasileiro é necessário de antemão refletir sobre a origem desse tipo de ensino, buscando compreender desde os aspectos que se caracterizam como formação técnica até os acontecimentos ao longo do tempo que vem modificando e caracterizando esse tipo de ensino.

E para fazer este percurso, serão necessários utilizar alguns instrumentos de base para a temática, como é o caso do documento elaborado pelo ministério da educação, em 2009, intitulado “Centenário da rede federal de educação profissional e tecnológica”. Tal documento leva a uma melhor compreensão acerca do caminho percorrido pelo ensino técnico, bem como facilita o entendimento de como se deu a construção do caráter desse formato de educação diante de importantes momentos

que se relacionaram tanto ao campo da educação profissional como ao contexto social e político de cada época.

Um fato a ser constatado ao longo deste trabalho é que toda ação e transformação ocorrida na conjuntura da educação brasileira foi uma ação e uma transformação ligada no contexto social e político, permeado de vontades e intencionalidades de cada momento.

E é pela constatação da existência deste elo entre a educação e os aspectos sociais e políticos; que não se pode falar apenas na construção da educação profissional, mas também se faz necessário retratar os ideais políticos e as nuances que deram base e sustentabilidade a tais transformações.

1.1.1 A origem

Desde o início da existência humana o homem se destacou entre todos os outros animais, pela sua capacidade de adaptação e pela interferência que ele causa para adaptar o meio às suas necessidades. Enquanto todos os outros animais continuam a viver uma dependência exclusiva da natureza, o homem, em contrapartida, vem a cada época descobrindo novas formas e técnicas de criar sua independência, em cada época o homem fez novas descobertas e criou novos instrumentos e assim foi surgindo a cultura do conhecimento humano, nesse ponto sabe-se que o homem se deu por conta de que não adiantava apenas obter o conhecimento, mas sim repassar.

A ciência nada mais é então do que a disposição humana de repassar de geração em geração as descobertas e os entendimentos do passado e do presente. Essa ação humana da transposição dessas informações e das técnicas para o próximo pode perfeitamente ser caracterizado como educação profissional.

Um repassar de técnicas possibilitando ao outro também adquirir conhecimento para desenvolver seu meio de sobrevivência, conforme ilustra a figura 1.

Figura 1 - Homem da caverna ensinando técnicas ao filho



Fonte: Revista Istoé.

Sabe-se que a educação profissional e tecnológica – EPT; quando colocada como ato de transmissão das técnicas e dos conhecimentos pode-se entendê-la como algo inerente ao ser do homem. Isso quer dizer que o processo de repasse/transmissão do saber das técnicas aconteceu naturalmente assim como o próprio desenvolvimento do homem. Portanto quando se pensa na origem da educação profissional, logo se pensa na origem do desenvolvimento da humanidade. Embora em nossa atualidade o significado de educação profissional esteja cada vez mais vinculado ao mercado de trabalho e ao emprego. E ainda, por mais que aparente ser algo surgido nos tempos modernos, a verdade é que embora as nomenclaturas tragam uma visão de modernidade, como por exemplo, cursos técnicos, ensino técnico, formação técnica; a essência da EPT Vai muito além, é necessário que seja compreendido que a educação profissional é algo anterior a tudo isso, pois, ela verdadeiramente acompanha o homem de geração em geração, advindo desde o início do desenvolvimento humano, ao longo da vida; faz parte tanto da luta pela sobrevivência quanto do seu intento de repassar aos seus companheiros de comunidade os conhecimentos, saberes e técnicas.

Portanto, essa ação de repasse, em que o ser do homem executa o ato de ensinar a outro homem, seja uma técnica, atividade ou qualquer ensinamento, com

intuito de manter a sobrevivência da espécie, certamente ali configura-se como um educar profissional.

O que pode diferenciar a educação profissional dos tempos passados desta que temos hoje, são as estruturas, as leis, o contexto social; no entanto, a essência pode-se inferir que permanece intacta, traduzindo-se na necessidade de repassar o conhecimento às futuras gerações, no intuito de manter a sobrevivência da espécie.

Não é exagerado afirmar que a educação profissional e tecnológica (EPT) acompanha o homem desde os tempos mais remotos, quando se transferiam os saberes e técnicas profissionais pela observação, pela prática e pela repetição. De geração em geração, eram repassados os conhecimentos sobre a fabricação de utensílios e ferramentas, de instrumentos de caça e outros que possibilitassem o funcionamento das sociedades, garantindo a sobrevivência de homens e mulheres. Aprendia-se por ensaio e erro, repetindo-se os saberes acumulados pela história (VIEIRA E SOUZA JUNIOR, 2016).

Se a educação profissional está atrelada a vida humana, em essência, desde os tempos mais remotos, quando se destaca a EPT no Brasil a situação não é diferente, pois a origem da formação profissional na nação brasileira como processo de ensino/aprendizagem perpassa por todas as épocas; desde a descoberta do Brasil em 1500 até os dias atuais.

1.1.2 A EPT no Brasil colonial (1500-1822)

Conforme já citado anteriormente, em essência, a educação profissional é algo inerente a vida humana, é habitual o desenvolvimento desse ciclo em que o ser que aprende técnicas em seguida, naturalmente, repassa para sua geração a fim de manter o seguimento da espécie. No entanto, o mundo moderno colocou sobre a EPT um significado mais específico de suas atribuições, delimitando-a como um processo de ensinar e aprender coisas específicas.

Neste sentido, Fonseca (1961) esclarece que no Brasil, a origem da educação profissional teve início com a formação do trabalho no período da colonização do país, sendo os primeiros aprendizes, os índios e os escravos que na época eram considerados a classe mais baixa.

Ou seja, a EPT no Brasil vem com um papel vinculado ao desempenho de trabalhos manufatureiros de cunho braçal, era aqueles serviços específicos que a elite não se dispunha a fazer e para isso treinavam índios e escravos para

desempenha-los. Foi desse cenário, que surgiu no estado brasileiro uma ruptura no processo de educação do povo, porque enquanto para a população considerada da classe baixa, tinha uma formação profissional basicamente para exercer trabalhos rudimentares; a classe alta, por sua vez, tinha uma educação preparadora para o exercício do comando (CORDÃO, 2006).

Um forte fenômeno social marcou, portanto, o período colonial e deixou marcas até os dias atuais, trata-se da dualidade, que de forma simplificada pode ser caracterizada como a dupla forma de educação que havia, uma que preparava as elites para dominarem o conhecimento e outra que era dada às classes pobres. E sendo assim, a formação de trabalhadores e toda a educação de uma forma geral, no período colonial, apenas refletiram a divisão de classes em que estava fortemente marcada a economia brasileira.

Portanto, cabe neste momento, reconhecer que a formação profissional brasileira esteve desde seu início marcado por um dualismo, numa estrutura de educação dual, um tipo de educação profissional dada a trabalhadores como meio de formar pessoas para os trabalhos manuais e artesanais na qual a elite da época não se dispunha a fazer, porque eram atividades manufatureiras e artesanais consideradas atividades indignas, na qual a elite tinha forte repúdio a tais atividades. Já de outro lado havia uma educação propedêutica com caráter acadêmico de preparar a elite para permanecer no comando e ao mesmo tempo permitindo-lhes dar continuidade a seus estudos. Nesse sentido Cordão (2006, p. 49), esclarece que:

“Esse dualismo é fruto de nossa herança colonial e escravista, que influenciou negativamente, de forma preconceituosa, as relações sociais entre as chamadas “elites condutoras” e os operários, em especial aqueles que executam trabalhos manuais. Essa visão de educação influenciou decisivamente a visão de educação profissional. [...] A formação profissional, no Brasil, sempre foi reservada, desde as suas origens, às classes menos favorecidas, àqueles que necessitavam engajar-se de imediato na força de trabalho, e que tinham pouco acesso à escolarização básica regular”.

Destaca-se que um importante passo foi dado no final do século XVII para educação profissional. A colônia brasileira estava experimentando um certo progresso econômico e passou a ter necessidade de mão de obra ainda mais preparada para desenvolver trabalhos de caráter específico. Foram criadas as casas de fundição e de moeda, e com tal criação surgiu a necessidade de os trabalhadores passarem por um ensino ainda mais especializado. Era um ensino destinado aos

filhos de homens brancos que já trabalhavam na própria casa e com isso tinha-se a necessidade de que pela especificidade do trabalho, estes trabalhadores passassem por uma preparação mais delimitada, o que corresponde atualmente as primeiras características dos cursos técnicos que temos atualmente (MEC, 2009).

Com o advento do ouro em Minas Gerais, foram criadas as Casas de Fundição e de Moeda e com elas a necessidade de um ensino mais especializado, o qual destinava-se ao filho de homens brancos empregados da própria Casa. Pela primeira vez, estabelecia-se uma banca examinadora que deveria avaliar as habilidades dos aprendizes adquiridas em um período de cinco a seis anos. Caso fossem aprovados, recebiam uma certidão de aprovação. (MEC, P.1, 2009)

Nesse mesmo período, fins do século XVII, foram criados centros de aprendizagem de ofício da Marinha brasileira. O Brasil trazia operários experientes de Portugal para ensinar as especificidades de alguns trabalhos para pessoas recrutadas na colônia brasileira.

Foram criados os Centros de Aprendizagem de Ofícios nos Arsenais da Marinha no Brasil, os quais traziam operários especializados de Portugal e recrutavam pessoas, até durante a noite, pelas ruas ou recorriam aos chefes de polícia para que enviassem presos que tivessem alguma condição de produzir (MEC, P.1, 2009).

Embora a formação de trabalhadores estivesse experimentando uma certa efervescência com as necessidades das Casas de Fundição e de Moeda, e da Marinha; o País passou pelos efeitos da estagnação nos anos de 1785 em diante, por conta de um documento “alvará de 1785”, no qual tinha a proibição da existência de fábricas, causando tanto a lentidão do desenvolvimento da educação profissional quanto o desenvolvimento tecnológico do país.

De acordo com o Ministério da educação - MEC (2009), a partir de 1800, o Brasil retoma sua experiência em relação a educação profissional, voltando a atuar com importantes fábricas e a ofertar formação para atender as necessidades do mercado; no entanto, esta formação tinha caráter assistencial, principalmente para aqueles considerados largados na sociedade. Surgindo a partir daí um novo período de aceleração e surgimento de novos ofícios manufatureiros que de sobremodo destinava-se ao amparo das camadas menos favorecidas. E aconteceu da seguinte forma: tanto as crianças quanto os jovens eram destinadas para casas de instrução e lá desenvolviam atividades de instrução primária onde lhes eram ensinadas

atividades como carpintaria, alfaiataria, tipografia entre outras atividades. Pode-se a partir dessas informações compreender que eram formações de caráter assistencial e que tinha o intuito de tirar das ruas a população menos privilegiada; o intuito era de evitar que as pessoas ficassem em situação de desocupação.

A EPT, e a educação, constitui-se num reflexo dos acontecimentos da sociedade. Isso é perfeitamente percebido no ano de 1808, em que houve acontecimentos fundamentais para a educação brasileira, pois com a chegada da família real portuguesa; Dom Joao VI revogou o “alvará de 1785” e junto com ele revogou a proibição de fábricas no Brasil. Com esses acontecimentos, houve ainda nesse mesmo ano a criação do colégio das fábricas; sendo tal criação, bastante relevante para a história da EPT, pois é considerado o primeiro estabelecimento instalado pelo poder público com o intuito de atender a educação. No entanto, este colégio não era aberto a toda população, tinha a educação destinada apenas as famílias de Portugal (GARCIA, 2000).

Neste sentido, Cunha (2000a, p. 59) comenta:

A transferência da sede do reino português para o Rio de Janeiro, em 1808, deu ao Brasil status de nação soberana, extinguindo-se as trocas econômicas que caracterizavam as relações Metrópole Colônia. Com isso, iniciou-se o processo de formação do Estado nacional gerando, em seu bojo, o aparelho educacional escolar, que persistiu durante um século e meio, basicamente com a mesma estrutura.

Em síntese, a educação profissional que foi desenvolvida no Brasil colonial foi basicamente uma forma de ensinar aos pobres da época a fazerem o serviço a que a elite não se dispunha. Era uma forma de preparar mão de obra para desenvolver serviços específicos e ao mesmo tempo cuidar daqueles que poderiam ficar soltos na sociedade sem ocupação. O caráter era claramente assistencial.

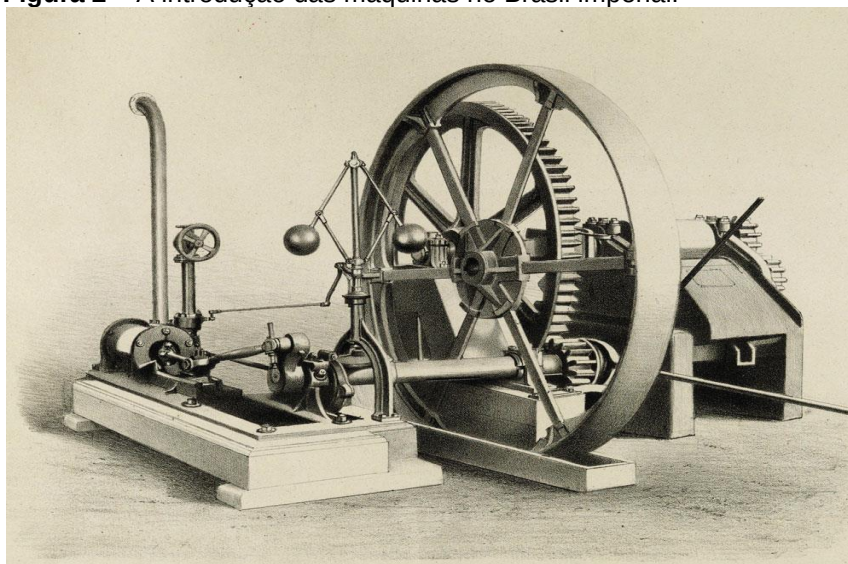
1.1.3 A Formação Profissional no Brasil Império (1822-1889)

O final do século XVIII foi estruturante para a construção do caráter da EPT e especialmente para educação profissional técnica de nível médio. Com a chegada da família real em 1808, foi colocado sobre o Brasil, o papel de principal província de Portugal, dando a esta província toda uma estrutura econômica e desenvolvimentista; logo, necessitava-se cada vez mais de pessoas preparadas para desenvolver papeis e funções específicas. Nisso, era necessário não só pensar em formar mão de obra

para aquele momento, mas preparar as futuras gerações para a continuidade dos ofícios, principalmente nesse momento em que o país passava por uma tão importante transição. Passava-se das atividades predominantemente manufatureiras para atividades por meio das máquinas. Anteriormente era uma simples colônia de Portugal, agora, como Brasil império, tinha-se a constituição de um Brasil crescendo por meio das fábricas, das máquinas e da indústria.

Foi o momento marcado pela transição dos processos de produção, passando do modo artesanal para a operacionalização da produção em maior escala através de máquinas. A chegada da família imperial e a constituição do império no Brasil, passou-se a ter necessidade de mão de obra qualificada própria para desempenhar atividades mais específicas. Isso, também por conta da revolução industrial iniciada na Inglaterra e que se espalhou pelo mundo, chegando seus efeitos as terras brasileiras. Foi exatamente nessa conjuntura que surgiu os teares gigantes e as grandes máquinas de produção e de transporte entre elas a locomotiva a vapor. Conforme ilustra a figura 2, que mostra uma máquina de moer cana, que foi essencial no processamento para a produção de açúcar e derivados.

Figura 2 – A introdução das máquinas no Brasil imperial.



Fonte: Revista FAPESP¹.

De acordo com Vieira e Souza Junior (2016), é importante compreender que esse processo de difusão de técnicas, formação profissional e desenvolvimento

¹ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/inovacao-nos-tempos-do-imperio>.

industrial ocorrido no período imperial é associado a questão do desenvolvimento mundial e da força do capital, pois sob o comando e alterações causados pelas novas perspectivas de produção e de crescimento econômico, já não se aceitava aquela velha forma de aprender fazendo, ou seja aprendendo no exercício da função, de qualquer forma e com qualquer indivíduo da comunidade; surge nesse momento a necessidade de que o trabalhador tivesse uma formação mínima de conhecimento técnico para que pudesse dominar o seu ofício e com um mínimo de conhecimento necessário para comandar as máquinas, foi aí que surgiram as escolas de artes e ofícios.

Portanto, o Brasil experimentou iniciativas que direcionavam a uma preocupação em relação a educação profissional, era a necessidade por mão de obra especializada, principalmente porque já não se admitia mais trabalhadores que aprendiam simplesmente com a prática de suas atividades, exigia-se pessoas com um mínimo de capacitação específica para desempenhar certas funções.

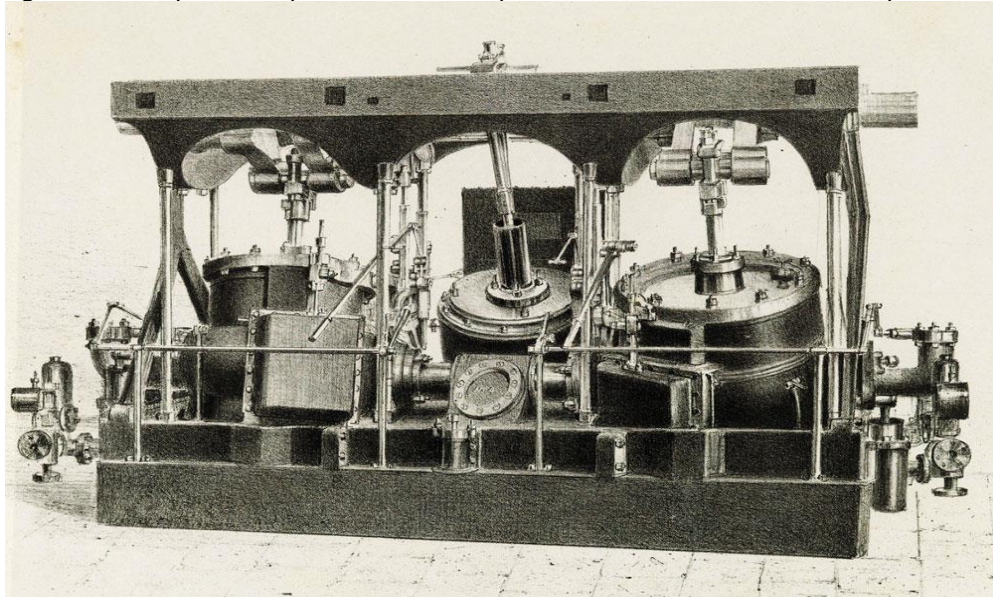
Já não se podia aprender por ensaio e erro, com qualquer pessoa da comunidade. Era preciso que o trabalhador tivesse um conhecimento técnico, que dominasse o seu ofício. Disseminaram-se, então, as escolas de artes e ofícios. (VIEIRA e SOUZA JUNIOR, p 154, 2016).

De acordo com Cunha (2000b) é importante destacar que entre as principais iniciativas que se tem no Brasil império, voltadas para a formação profissional, podemos compreender a formação oferecida por estabelecimentos militares, liceus de artes e ofícios, escolas industriais e entidades filantrópicas.

A formação de trabalhadores tornou-se bastante ampla com a instalação, em 10 províncias do império, da criação de casas de educandos e artífices, que se deu entre 1840 e 1865. Era a aprendizagem destinada a ofícios no âmbito militar e como exemplo dessas instituições em 1855, houve a criação no Rio de Janeiro do asilo de meninos desvalidos, foi um importante estabelecimento com intuito de formação da força de trabalho.

A seguir, uma figura que demonstra um dos instrumentos adotados durante o desenvolvimento do Brasil império, e que pela complexidade das novas máquinas demandava por trabalhadores formados em cursos específicos.

Figura 3 – maquina à vapor desenvolvido pela Marinha Durante o Brasil império.



Fonte: Revista de pesquisa FAPESP².

Portanto, a partir de 1840, o Brasil acompanhou o surgimento de importantes instituições com intuito de formação profissional. Entre elas os Liceus de Artes e Ofícios. Que segundo Fonseca nos relata em seus estudos (1962, p. 263): “Ofícios e artes passariam a constituir uma combinação ideal para a preparação do pessoal destinado à indústria, e o ensino de desenho assumiria caráter de grande importância e tornar-se-ia indispensável”.

“A partir daí, no decorrer do século XIX, várias instituições, eminentemente privadas, foram surgindo para atender às crianças pobres e órfãs. Essas instituições tinham propostas direcionadas para o ensino das primeiras letras e a iniciação aos ofícios como a tipografia, a carpintaria, a sapataria, a tornearia, dentre outras. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a educação profissional no Brasil nasce revestida de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de amparar os pobres e órfãos desprovidos de condições sociais e econômicas satisfatórias” (Escott & Moraes, 2012, p. 1494).

De acordo com as contribuições de Cunha (2000b), o que se pode perceber é que a EPT tinha o papel de preparar não apenas a força de trabalho para a produção manufatureira e industrial da época, mas também era ferramenta da elite, do Brasil imperial, para trazer um tipo de educação popular, no intuito de prevenir a desocupação e a contestação da ordem. Era uma ferramenta propriamente utilizada pelas elites intelectuais para a conformação social das classes menos favorecidas.

² Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/inovacao-nos-tempos-do-imperio/>

Ainda de acordo com o autor:

As iniciativas voltadas para o ensino de ofícios, tanto as do Estado quanto as de entidades privadas, eram legitimadas por ideologias que proclamavam ser a generalização desse tipo de ensino para trabalhadores livres condição de: a) imprimir neles a motivação para o trabalho; b) evitar o desenvolvimento de idéias contrárias à ordem política, que estava sendo contestada na Europa; c) propiciar a instalação de fábricas que se beneficiariam da existência de uma oferta de força de trabalho qualificada, motivada e ordeira; e d) favorecer os próprios trabalhadores, que passariam a receber salários mais elevados. Esse foi o legado do Império à República no que se refere ao ensino de ofícios manufatureiros. (CUNHA, 2000b, p.4).

Se a chegada da família real fez com que a indústria e as fábricas se expandissem e levassem a uma necessidade de formação cada vez mais específica dos trabalhadores; o passar do tempo só fez com que esse processo se intensificasse, chegando ao fim do período imperial com grande número de fábricas e uma intensa demanda por especialização de mão de obra.

Em 1889, ao final do período imperial e um ano após a abolição legal do trabalho escravo no país, o número total de fábricas instaladas era de 636 estabelecimentos, com um total de aproximadamente 54 mil trabalhadores, para uma população total de 14 milhões de habitantes, com uma economia acentuadamente agrário-exportadora, com predominância de relações de trabalho rurais pré-capitalistas. (MEC, P.2, 2009)

1.1.4 A EPT no período republicano

As marcas do período republicano foram intensas para a educação profissional, tanto pela intensa expansão da indústria e de sua influência na formação dos trabalhadores, quanto pelo fato do governo assumir alguns papéis para com a educação.

Logo no início do período republicano “assiste-se à penetração do ideário positivista, a um surto de industrialização e ao acirramento dos movimentos anarcossindicalistas” (OLIVEIRA, p. 30, 2003).

O Decreto nº 439/1890 foi um marco para a educação em nosso país, pois, em 1890, o Brasil dá seu primeiro passo, agora como república, no sentido de incrementar na educação do país a educação profissional, propondo “assistência à infância desvalida”, e enquanto o governo não tivesse suas próprias instituições, tal assistência seria desenvolvida em instituições como “Casa de S. José e Asylo de

Meninos Desvalidos, destinadas a receber, manter e educar menores desvalidos, do sexo masculino, desde a idade de 6 anos até aos 21” (BRASIL, p.1, 1890).

É nesse momento que a educação profissional, ganha espaço na estrutura formal educacional:

“Art. 3º Cada um dos referidos asylos terá direcção e economia independentes, bem assim regulamento especial, em que se determinarão especificadamente as condições de admissão, **o ensino litterario e profissional**, o numero, vencimento e attribuições dos professores, mestres e empregados, e o regimen escolar, disciplinar e economico respectivos”. (BRASIL, p.1, 1890). (grifo nosso).

De acordo com o documento publicado pelo Ministério da Educação em 2009, em homenagem aos 100 anos da rede federal com o título - Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica – “O ano de **1906** foi marcado pela **consolidação do ensino técnico-industrial no Brasil** pelas seguintes ações:”

- Realização do “Congresso de Instrução” que apresentou ao Congresso Nacional um projeto de promoção do ensino prático industrial, agrícola e comercial, a ser mantido com o apoio conjunto do Governo da União e dos Estados. O projeto previa a criação de campos e oficinas escolares onde os alunos dos ginásios seriam habilitados, como aprendizes, no manuseio de instrumentos de trabalho.
- A Comissão de Finanças do Senado aumentou a dotação orçamentária para os Estados instituírem escolas técnicas e profissionais elementares sendo criada, na Estrada de Ferro Central do Brasil, a Escola Prática de Aprendizes das Oficinas do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.
- Declaração do Presidente da República, Afonso Pena, em seu discurso de posse, no dia 15 de novembro de 1906: “**A criação e multiplicação de institutos de ensino técnico e profissional** muito podem contribuir também para o progresso das indústrias, proporcionando-lhes mestres e operários instruídos e hábeis”. (MEC, p2, 2009) (grifo nosso).

O ano de 1906 teve de fato grande relevância para a construção do modelo de EPT da nossa atualidade, principalmente quando falamos do ensino técnico. Pois foi neste ano que se deu início oficialmente ao plano de desenvolver a formação profissional em rede, nos mais diversos estados brasileiros.

Pelo Decreto n.º 787, de 11 de setembro de 1906, Nilo Peçanha – então Presidente do Estado do Rio de Janeiro – iniciou o ensino técnico no Brasil, com a criação de quatro escolas profissionais, nas cidades de Campos, Petrópolis, Niterói e Paraíba do Sul. As três primeiras destinavam-se ao ensino de ofícios e a última à aprendizagem agrícola. (VIEIRA E SOUZA JUNIOR, p156, 2016).

É importante, para a compreensão desta pesquisa, inferir que o ano de 1909 também foi de suma importância para a Educação Profissional e Tecnológica, pois “em 1909, Nilo Peçanha criou, em dezenove estados, as escolas de Aprendizes Artífices, importante iniciativa no âmbito da educação profissional e que para muitos autores se constituíram como “embriões” dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) ” (SALES E OLIVEIRA, 2011, p170).

O Ministério da Educação (2009) confirma esta informação com a seguinte declaração: “Nilo Peçanha assume a Presidência do Brasil e assina, em 23 de setembro de 1909, o Decreto nº 7.566”, onde tal decreto criava, inicialmente em diferentes estados, na época, sob o comando do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, um total de dezenove “*Escolas de Aprendizes Artífices*”. A intenção era espalhar, pelos estados, escolas destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito. (Grifo do autor).

Jucá et al (2019) afirma que a criação de Escolas de Aprendizes Artífices em 1909 pode ser considerada a primeira ação concreta no intuito de impulsionar o ensino profissional no país, pois houve a criação de escolas nas capitais dos estados com a intenção principal de oferecer o ensino profissional primário gratuito e destinado a habilitar para o trabalho os filhos das classes sociais mais baixas. Esclarece ainda que havia, até o momento, possibilidades de educação profissional na esfera privada, mas que, no entanto, foi a criação da Escola de Aprendizes Artífices em 1909 que trouxe essa responsabilidade para o estado sobre a educação profissional no desenvolvimento do país. E essa formação se dava da seguinte forma:

Cada escola poderia promover até cinco oficinas de trabalho manual ou mecânico, que eram escolhidas considerando os interesses do Estado onde funcionaria a escola, e as demandas das indústrias locais. Esses cursos de oficinas seriam ministrados em regime de externato, em horário diurno, a indivíduos com idade entre 10 e 13 anos, preferencialmente os destituídos de recursos, que poderiam optar por um dos cursos, verificando-se a aptidão e inclinação para aquele ofício. Havia ainda a possibilidade de oferta de dois cursos noturnos, o primário, obrigatório para alunos que não soubessem ler, escrever e contar, e o de desenho, para aqueles que necessitassem dessa habilidade para o desempenho de seu ofício (JUCÁ et al, P 5, 2019).

Figura 4: Escola de Aprendizes e artífices criada em 1909



Fonte: Revista de pesquisa FAPESP.

O decreto assinado por Nilo Peçanha (**Decreto nº 7.566**) em 1909 é muito significativo para a construção da história da educação profissional, pois traz consigo a ideia de um ensino público, custeado pela própria união e expandida para todo o país, embora não tivesse conseguido chegar a todos os estados, conseguindo atingir 19 deles. Na íntegra a lei trazia o seguinte texto:

Art. 1º. Em cada uma das capitais dos Estados da República o Governo Federal manterá, por intermédio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, uma Escola de Aprendizes Artífices, destinada ao ensino profissional primário gratuito.

Art. 2º. Nas Escolas de Aprendizes Artífices, custeadas pela União, se procurará formar operários e contra-mestres, ministrando-se o ensino prático e os conhecimentos técnicos necessários aos menores que pretendem aprender um ofício, havendo para isso até o número de cinco oficinas de trabalho manual ou mecânico que forem mais convenientes e necessárias no Estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais.

“Pode-se considerar que, no Brasil, a Educação Profissional e Tecnológica teve seu início oficial com o Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909, sancionado pelo Presidente Nilo Peçanha, que havia assumido o cargo após o falecimento de Afonso Pena, em julho de 1909”. (Brasil, 1909).

De acordo com Sales e Oliveira (2011), as Escolas de Aprendizes Artífices, criadas pelo decreto 7.566/1890, sancionado por Nilo Peçanha, foi uma ação projetada visando o crescimento da população das cidades, que trouxe, para aquela época uma certa exigência de ações que facilitassem as classes proletárias, um tipo de educação que ajudasse a população a vencer suas dificuldades, uma forma de ajuda para que o povo vencesse a luta pela sobrevivência. O intuito era o de oferecer

habilitação profissional aos filhos das classes menos favorecida, preparando-os para o desenvolvimento técnico e intelectual. Ainda de acordo com os autores, pode-se compreender que o principal intuito era fazer com que a população adquirisse hábitos de trabalho e que os mesmos se afastassem da ociosidade, que no atual momento o governo entendia a ociosidade como um problema que poderia levar ao aumento de crimes, entre o desenvolvimento de muitos outros problemas sociais.

Portanto, até aqui, pode-se compreender como se dava a dimensão da preocupação que o Governo tinha em preparar mão de obra frente ao desenvolvimento econômico do país, mas sobretudo em manter a população ocupada, pois o projeto tinha o intuito de se estabelecer centros de formação em todos os estados e retirar da ociosidade os jovens, que eram vistos como sujeitos de risco de marginalização.

Neste sentido, Jucá et al, (p 19, 2019) esclarece que, apesar do caráter assistencialista e do ideário de que a formação de mão de obra qualificada auxiliaria no desenvolvimento industrial do país, a Escola de Aprendizes Artífices veio a corresponder ao propósito para o qual foi idealizada, “de formar e educar crianças e jovens pobres, órfãos e desvalidos da sorte, oferecendo-lhes habilidades para o trabalho, visto as necessidades do recente desenvolvimento industrial, como também tratando de aspectos referentes à disciplina social, no intuito de afastá-los do ócio”. Quanto a disciplina social, de acordo com o autor, a referida escola também alcançou êxito, visto que também havia sido criada com o propósito social de afastar seus alunos do “ócio, dos vícios e de possíveis atos de criminalidade, numa perspectiva da formação do caráter pelo trabalho”. Portanto, de acordo com o autor supracitado, essa formação profissional oferecida neste período era de fato assistencial, mas que conseguiu alcançar seu propósito. É possível ainda, inferir que era um formato de política pública em que o governo tinha a intenção de moldar o caráter dos jovens através da formação para o trabalho.

Já nos anos de 1892; de acordo com entendimento de cunha (2200b), a educação profissional deixa de ter um caráter essencialmente assistencialista e passa a ter um caráter mais seletivo, em que a oferta se dava àqueles que demonstrassem aptidão e gosto pelo ensino profissional, um exemplo disso, ainda de acordo com o autor, é que no Rio de Janeiro no ano de 1892, a instituição conhecida como asilo de meninos desvalidos mudou de nome e passou a ser denominado de instituto profissional; mudando além do nome, a essência do atendimento que era

prestado, destinando-se agora não apenas aos alunos de classes menos favorecidos e desvalidos, mas agora, a todos aqueles que demonstrassem aptidão. E, além das instituições mantidas pelo poder público, passaram a ser destaque na época instituições de cunho privado, como por exemplo, as escolas Salesianas que se destacaram no final do século XIX e início do século XX, eram instituições que de fato, não se destinavam somente a formação profissional; e sim, ministravam também o ensino secundário e comercial, não apenas aos jovens das classes menos favorecidos, mas também aos jovens da classe média. Demonstrando assim, que a educação profissional passou a ser algo de interesse também da classe média.

Neste mesmo período, o estado de São Paulo, destacou-se na expansão da EPT:

Destaca-se, nesta perspectiva, a extensão do ensino profissional no estado de São Paulo, que contribuiu, significativamente, para o crescimento da indústria. O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo obteve desenvolvimento ímpar, acompanhando a expansão e a diversificação da produção industrial-manufatureira. Nesse liceu, em 1924, foi implementada a Escola Profissional Mecânica, primeira iniciativa de ensino metódico de ofícios para as ferrovias. A partir de 1892, foram criados, em todo o estado, cursos noturnos para menores trabalhadores, com o objetivo de ministrar a educação geral, com ênfase na aplicação prática no campo do trabalho. Na capital, foi fundada, em 1911, a Escola Profissional Masculina. Posteriormente, formou-se uma rede de instituições desse tipo, que ensinavam ofícios manufatureiros e industriais. Além disso, foram instituídos cursos de aperfeiçoamento, voltados para os mestres das oficinas das escolas profissionais (SALES E OLIVEIRA, p. 171, 2011.).

Em 1927, mais um importante passo para a afirmação da EPT foi dado. De acordo com o Ministério da Educação (p 4, 2009) “O Congresso Nacional sancionou em 1927 o Projeto de Fidélis Reis que previa o oferecimento obrigatório do ensino profissional no país”.

O decreto Nº 5.241, de 22 de agosto de 1927, sancionado pelo então presidente Washington Luís P. de Sousa, “Crêa o ensino profissional obrigatório nas escolas primarias subvencionadas ou mantidas pela União, bem como no Collegio Pedro II e estabelecimentos a este equiparados”. O decreto trata a formação profissional da seguinte forma:

Art. 2º Em todas as escolas primarias subvencionadas ou mantidas pela União, farão parte obrigatoriamente dos programmas; desenho, trabalhos manuaes e rudimentos de artes e officios ou industrias agrarias, conforme as conveniencias e as necessidades da população escolar.

Art. 3º No Collegio Pedro II e em quaesquer estabelecimentos de instrucção secundaria, mantidos pela União, como tambem nos equiparados, serão installadas aulas de artes e officios, sendo livre ao alumno o escolher aquelle

em que se queira especializar, não se dando, porém, o certificado da conclusão do curso sem essa especialização.

Paragrapho unico. Os que pretenderem o certificado de habilitação profissional, sem haverem cursado estabelecimento de instrução secundária oficial, serão admitidos a prestar o respectivo exame para esse fim em qualquer estabelecimento oficial ou equiparado. (BRASIL, p1, 1927)

De acordo com Cunha (2000b) educação profissional passou por profundas transformações e foi objeto de importantes iniciativas, resultando nesta perspectiva, que muitas intuições frutificaram em instituições duradouras, nesse processo foi mudando quantitativos, destinatários, métodos de ensino, bem como os produtos do ensino profissional em nosso país. As poucas instituições dedicadas ao ensino compulsório de ofícios artesanais e manufatureiros deram lugar ao que o autor chama de verdadeiras “redes de escolas” que foram iniciativas tanto dos governos estaduais, quanto do governo federal e até mesmo da iniciativa privada.

Outro ponto importante destacado é que, nesse contexto, os destinatários desta educação já não eram os menos favorecidos e miseráveis, ou seja, já não era somente aqueles que não tinham a opção de mudar seus destinos que lhes eram imposto, mas sim, os novos destinatários desta educação eram aqueles que era escolhidos mediante testes, de modo que, somente aqueles que eram tidos como aptos dentre os candidatos, fossem os beneficiados pelo ensino profissional, vale destacar que os candidatos em busca deste ensino multiplicavam-se cada vez mais. Já os métodos de ensino que era exclusivamente empírico e espontâneo, e que se traduziam na reprodução de práticas artesanais foram também alvo da racionalização que em comum ao taylorismo concorreu para a redução dos custos e atendimento da exigência de mercado por mão de obra qualificada (CUNHA, 2000b).

Segundo Dores Soares (1999), a partir dos anos de 1930 aconteceram uma cadeia de eventos, reafirmando a existência de um velho problema do sistema educacional brasileiro, a dualidade nos objetivos e organização da educação profissional. De um lado procurou-se construir uma educação de formação geral com a intenção de dar continuidade aos estudos do nível médio técnico no nível superior, no entanto, percebe-se que ao mesmo tempo, enfatizou-se uma educação profissional com foco meramente no mercado de trabalho; esse movimento dualístico ganha força, desde os anos 30, como já mencionado, passando pela década de 1942, e 1946. Nesse período foram criadas as leis orgânicas do ensino, destinando cursos profissionalizantes nas áreas industrial, comercial e agrícola; e pode-se afirmar que

nesses períodos oficializa-se uma separação entre a educação profissional e educação secundária.

Portanto, de 1930 em diante; inicia-se um processo de reestruturação do sistema educacional do nosso país, com o intuito de atender as demandas, na época, da intensificação do processo de industrialização, assim como também para atender ao crescimento intenso da população urbana; e para isso, foram desenvolvidos importantes políticas na área da educação.

(...) são orientadas políticas no campo da educação com o objetivo de atender às demandas do processo de industrialização e do crescimento vertiginoso da população urbana, começando pela criação do Ministério da Educação e da Saúde em 1930, quando se inicia uma autêntica reestruturação no sistema educacional brasileiro, notadamente no âmbito do ensino profissional, que, ao instituir a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico, ampliou os espaços de consolidação da estrutura do ensino profissional no Brasil (SANTOS, 2003, p. 216).

Vieira e Souza Junior (2016) neste sentido, afirmam que, o início da industrialização no Brasil gerou uma preocupação com a formação de recursos humanos que até então era necessário ao processo produtivo, e nesse contexto, criou-se ainda em 1930 o Ministério da Educação e Saúde Pública, em que foi estruturado a inspetoria do ensino profissional e técnico que a partir daí passou a supervisionar as Escolas de Aprendizes e Artífices. Essas escolas que até então eram ligadas ao Ministério da Agricultura, ganhou um novo destaque, pois a educação profissional, ganhou força com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, e conseqüentemente com as políticas educacionais originadas partir da década de 30. A partir desta reorganização iniciou-se um processo de reestruturação da educação profissional, tanto porque foi um período marcado pela criação de novas escolas industriais como pela inserção de novas áreas de especializações nas escolas que já existiam e com isso é possível inferir que tanto o contexto da época exigia mudanças na educação como o próprio formato de educação profissional já urgia por uma nova estruturação que lhe desse mais significado e importância frente ao contexto de desenvolvimento do país naquela época.

Com a criação, em 14 de novembro de 1930, do Ministério da Educação e Saúde Pública foi estruturada a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico, que passava a supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices, antes ligadas ao Ministério da Agricultura. Essa Inspetoria foi transformada, em 1934, em Superintendência do Ensino Profissional. Foi um período de grande expansão do ensino industrial, impulsionada por uma política de

criação de novas escolas industriais e introdução de novas especializações nas escolas existentes. (MEC, p 4, 2009)

Em 1937, a educação profissional e tecnológica, ganha importante espaço na construção da educação do Brasil, pois “a Constituição brasileira de 1937 foi a primeira a tratar especificamente de ensino técnico, profissional e industrial” (MEC, p 3, 2009). Tal constituição trazia em seu artigo 129, o seguinte texto:

O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais (Brasil, 1937, s.p.).

Com isso percebemos que o Estado assumia oficialmente que era de sua responsabilidade cuidar da formação dos jovens das classes menos favorecidas; no entanto, assumira esta responsabilidade em conjunto com as indústrias e os sindicatos econômicos, criando cursos de formações específicas para os filhos dos operários que estivessem associado aos sindicatos representativos. É o que percebemos ao analisar o artigo 129:

“É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público.” (Brasil, 1937, s.p.)

É importante para o desenvolvimento desta reconstituição histórica, destacarmos o surgimento dos Liceus Profissionais. Sendo assim, destaca-se que, ainda na década de 30, mais especificamente em 13 de janeiro de 1937, logo após vigorar o texto da nova constituição, “foi assinada a lei 378 que transformava as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais, destinados ao ensino profissional, de todos os ramos e graus” (MEC, p 4, 2009).

No ano de 1941, houve uma série de leis orgânicas na área da educação que ficaram conhecidas como “Reforma Capanema”. Tal reforma foi decisiva para a conjuntura da educação profissional técnica de nível médio, pois um de seus grandes benefícios foi o fato de que a formação profissional passou a ser considerada de nível médio. É o que se pode compreender através das afirmações do Ministério da educação (p 5, 2009):

Em 1941 vigoraram uma série de leis conhecidas como a “Reforma Capanema” que remodelou todo o ensino no país, e tinha como principais pontos:

- o ensino profissional passou a ser considerado de nível médio;
- o ingresso nas escolas industriais passou a depender de exames de admissão;
- os cursos foram divididos em dois níveis, correspondentes aos dois ciclos do novo ensino médio: o primeiro compreendia os cursos básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria. O segundo ciclo correspondia ao curso técnico industrial, com três anos de duração e mais um de estágio supervisionado na indústria, e compreendendo várias especialidades.

Em 1942, ainda dentro do contexto da Reforma Capanema, foi homologado o Decreto número 4.127; que transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Escolas Industriais e Técnicas, tornando a formação profissional equivalente à formação secundária. Pois, até então somente tinham acesso ao ensino superior, os concluintes do ensino secundário. Enquanto aqueles que se formavam no ensino profissional, tinha esta modalidade de ensino como etapa final de sua formação. “A partir desse ano, inicia-se, formalmente, o processo de vinculação do ensino industrial à estrutura do ensino do país como um todo, uma vez que os alunos formados nos cursos técnicos ficavam autorizados a ingressar no ensino superior” (MEC, p4, 2009).

Em síntese, até 1942, o estudante de cursos “técnicos” não tinha o direito de ingressar no ensino superior.

A reforma passou a dar acesso, mesmo que limitado, ao ensino superior aos concluintes do ensino técnico, pois “estruturou o ensino profissional, através das Leis Orgânicas, determinando que o acesso ao ensino superior dos egressos dos cursos técnicos industriais, agrícolas e comerciais deveria se restringir às carreiras diretamente ligadas àqueles ” (SALES e OLIVEIRA, p 173, 2011).

Ainda em 1942,

“surgiu o chamado Sistema S4, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Em 1943, foi criada a Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial. Em 1946, foram criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Social da Indústria (Sesi), impulsionando o atendimento em educação profissional.” (Vieira e Souza JUNIOR, p 154, 2016).

“No ano de 1959, as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais. As instituições ganham autonomia didática e de gestão” (MEC, p 4, 2009). Era uma época de intenso

crescimento econômico, e exploração da economia industrial; por isso, tem-se nesse momento, o papel do governo, de assumir a responsabilidade pelo ensino técnico, dando as instituições melhores condições de organização, e, concedendo uma certa autonomia.

O ano de 1961 foi um ano de glória para a educação brasileira, pois depois de muita discussão e debates, o Congresso Nacional decretou e o presidente João Goulart sancionou a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, de n.º 4.024/1961 (Brasil, 1961). A mencionada lei tratou da educação profissional, e fez a integração, da seguinte forma: “Art. 34. O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginásial e o colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário”. Nossa primeira LDB, foi um marco para a EPT, pois “[...] reconhece a integração completa do ensino profissional ao sistema regular de ensino, estabelecendo-se a plena equivalência entre os cursos profissionais e propedêuticos, para fins de prosseguimento nos estudos” (Kuenzer, 2007, p. 29).

Em 1964 foi implantado a base de um Ensino Técnico obrigatório. Neste momento, o Brasil havia instaurado um governo ditatorial, através do Golpe militar de 64, como ficou conhecido e nesse contexto, anos depois, em 1971, a educação profissional e tecnológica passou por profundas transformações. “A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, torna, de maneira compulsória, técnico-profissional, todo currículo do segundo grau. Um novo paradigma se estabelece: formar técnicos sob o regime da urgência.” (MEC, p 5, 2009)

A lei 5692/71, lei da educação tecnicista, como ficou popularmente conhecida; trouxe a obrigatoriedade do ensino técnico no currículo do ensino médio. Era um momento em que as massas populares clamavam por maiores oportunidades de vagas em universidades, e, ao mesmo tempo, as indústrias necessitavam cada vez mais de mão de obra qualificada. Outro ponto a ser destacado, é que na atual conjuntura, de um governo ditatorial, tinha-se por parte do governo a preocupação em relação a população que ficava sem ocupação. Juntando-se todos estes fatores, surgiu o ensino técnico atrelado obrigatoriamente ao ensino regular. Sobre isso:

“destaca-se como aspecto relevante, e, ao mesmo tempo, polêmico, o caráter de profissionalização obrigatória do ensino de 2.º grau, imposto por um governo autoritário com o discurso de atendimento à crescente demanda das classes populares por acesso a níveis mais elevados de escolarização,

acarretando, da mesma forma, uma forte pressão pelo aumento de vagas no ensino superior. Associado a esses fatos, reside o interesse do governo militar no desenvolvimento de uma nova fase de industrialização subalterna, conhecido historicamente como o milagre brasileiro. Tal projeto demandava por mão de obra qualificada com técnicos de nível médio, para atender a tal crescimento, possibilitada pela formação técnica profissionalizante em nível de 2.º grau, que “garantiria” a inserção no “mercado de trabalho”, devido ao crescente desenvolvimento industrial, marcado pela intensificação da internacionalização do capital” (Escott & Moraes, 2012, p. 1496).

O ano de 1978 é mais um momento marcante para a história da EPT, deu-se início oficialmente aos CEFET's. Com a intenção do governo de formar pessoas em áreas cada vez mais especializadas, como por exemplo: engenheiros de operações e tecnólogos; desta forma, “em 1978, com a Lei nº 6.545, três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs”. A lei supracitada, traz ainda em seu texto as atribuições e objetivos que eram conferidas aos CEFET's:

Art 2º - Os Centros Federais de Educação Tecnológica de que trata o artigo anterior têm os seguintes objetivos:

I - ministrar ensino em grau superior:

a) de graduação e pós-graduação, visando à formação de profissionais em engenharia industrial e tecnólogos;

b) de licenciatura plena e curta, com vistas à formação de professores e especialistas para as disciplinas especializadas no ensino de 2º grau e dos cursos de formação de tecnólogos;

II - ministrar ensino de 2º grau, com vistas à formação de auxiliares e técnicos industriais;

III - promover cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, objetivando a atualização profissional na área técnica industrial;

IV - realizar pesquisas na área técnica industrial, estimulando atividades criadoras e estendendo seus benefícios à comunidade mediante cursos e serviços (BRASIL, 1978).

Em 1988, de acordo com Frigoto, Ciavatta e Ramos (2005); organizaram-se as lutas da sociedade civil em defesa da escola pública e da educação dos trabalhadores, esse foi o marco significativo das reformas educacionais do país. Esse foi o momento em que se apresentou um outro projeto de LDB à câmara dos deputados, através do deputado federal Otavio Eliseu que, entre outras coisas, defendia que a educação escolar de 2º grau “será ministrado apenas na língua nacional e tem por objetivo propiciar aos adolescentes a formação politécnica necessária à compreensão teórica e prática dos fundamentos científicos das múltiplas técnicas utilizadas no processo produtivo” (BRASIL, 1991, ART. 38 apud FRIGOTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005, p. 03).

Em resumo, os anos 80 foram marcados pela luta do povo e dos educadores por uma nova formatação da educação nacional; agora, a luta era por uma escola unitária no sentido daquela idealizada por Gramsci, que conjugasse o específico ao geral, sem divisão de conhecimentos técnicos e propedêuticos (SOARES, 1999).

Em 1994 houve a criação do Sistema Nacional de Educação Tecnológica através da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro:

“transformando, gradativamente, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, mediante decreto específico para cada instituição e em função de critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação, levando em conta as instalações físicas, os laboratórios e equipamentos adequados, as condições técnico-pedagógicas e administrativas, e os recursos humanos e financeiros necessários ao funcionamento de cada centro” (MEC, p 5, 2009).

No ano de 1996, mais especificamente, no dia 20 de novembro, foi sancionada a Lei 9.394, sendo esta, a segunda Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, trazendo um capítulo específico e uma abordagem completa sobre a oferta da educação profissional e tecnológica. E outro ponto importante a se destacar é que esta nova LDB veio, “superando enfoques de assistencialismo e de preconceito social contido nas primeiras legislações de educação profissional do país” (MEC, p 5, 2009).

No ano seguinte, tivemos no dia 17 de abril de 1997, a iniciação da validade do decreto N° 2.208/1997 que trouxe a regulamentação da educação profissional. Era na verdade um tipo de reafirmação dos objetivos deste tipo de educação (ensino profissional), diante dos novos momentos de transformação social:

Art 1º A educação profissional tem por objetivos:

I - promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas;

II - proporcionar a formação de profissionais, aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação;

III - especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos;

IV - qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho.

Art 2º A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou em modalidades que contemplem estratégias de educação continuada, podendo ser realizada em escolas do ensino regular, em instituições especializadas ou nos ambientes de trabalho.

Art 3º A educação profissional compreende os seguintes níveis:

I - básico: destinado à qualificação, requalificação e reprofissionalização de trabalhadores, independente de escolaridade prévia;

II - técnico: destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos do ensino médio, devendo ser ministrado na forma estabelecida por este Decreto;

III - tecnológico: correspondente a cursos de nível superior na área tecnológica, destinados a egressos do ensino médio e técnico (BRASIL, 1997).

Foi também o decreto nº 2.208/1997 que fez surgir o PROEP - Programa de Expansão da Educação Profissional, que de acordo com Vieira e Souza Junior (p 159, 2016) “buscava a modernização e a expansão da educação profissional, tendo como principal objetivo a busca de ações integradas de educação com trabalho, a ciência e a tecnologia, em conjunto com a sociedade”.

Na concepção de Dante Henrique Moura (2007) O ano de 1996 e 1997 foram também os anos de separação da educação profissional técnica de nível médio e do ensino médio regular; pois, até o momento vigorava uma linha de pensamento de que o ensino médio estava atrelado ao ensino profissionalizante. No entanto, no final dos anos 90, o governo tinha o intuito de separar o ensino médio da educação profissional. Era um intuito do poder executivo do governo de Fernando Henrique cardosos, através da PL 1603, um Projeto de Lei que estava no congresso nacional em 1996, anteriormente a promulgação e vigência da LDB. Esse Projeto de Lei separava obrigatoriamente o ensino médio da educação profissional. Certamente, um projeto como esse encontrou ampla resistência das mais diversas correntes e ideários políticos dentro do congresso nacional, chegando a gerar uma completa mobilização dentro da comunidade acadêmica, principalmente dentro das ETF - Escolas Técnicas Federais e dos CEFET's – Centros Federais de Educação Tecnológica, principalmente a mobilização de seus correspondentes sindicatos. Embora a realidade de toda essa conjuntura que fosse contrária a PL 1603, em 1997 através do decreto de número 2208 o governo federal consegue o seu intuito de fazer a separação do ensino médio da educação profissional.

A partir desse instrumento legal o ensino médio retoma legalmente um sentido puramente propedêutico, enquanto os cursos técnicos, agora obrigatoriamente separados do ensino médio, passam a ser oferecidos de duas formas. Uma delas é a Concomitante ao ensino médio. Nesse caso o estudante pode fazer ao mesmo tempo o ensino médio e o curso técnico, mas com matrículas e currículos distintos, podendo os dois cursos serem feitos na mesma instituição (concomitância interna) ou em diferentes instituições (concomitância externa). A outra forma é a Subsequente, destinada a quem já concluiu o ensino médio e, portanto, a educação básica (MOURA, p 16, 2007).

De acordo com Frigoto, Ciavatta e Ramos (2005) a luta da sociedade civil e dos educadores no final da década de 80 era por uma educação unitária que conjugasse a educação profissional e educação propedêutica e ainda pudesse pôr fim ou pelo menos minimizar os efeitos do dualismo na estrutura educacional. No entanto ao aprovar-se a LDB nº 9.394 em 1996 e em seguida o decreto nº 2.208 em 1997 foram atendidas as demandas do mercado e não a necessidade do povo por educação. Pois, de acordo com os autores citados, enquanto os defensores do primeiro projeto de LDB defendiam uma educação que seguia num sentido de formação profissional indissociável da formação geral, o tal decreto 2208, foi sancionado em 1997 de forma que ele veio não só para proibir a formação integrada “mas regulamentar formas fragmentadas e aligeiras de educação profissional em função das alegadas necessidades do mercado” (FRIGOTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005, p. 03).

Sabia-se que a dualidade no ensino profissional era algo real, e neste sentido, Dore Soares (1999) faz uma constatação sobre as tentativas de concretizar na educação brasileira a esboçada escola unitária, tão idealizada por Gramsci e disseminado nos anos 80 aqui no Brasil, como sendo um instrumento necessário para uma formação que fosse não somente para o trabalho e para a cidadania, mas que fosse principalmente para o trabalhador ser dirigente e que o possibilitasse sair da condição de subalterno. No entanto, na concepção da autora, isso nunca se tornou realidade.

No ano de 2004, o ensino técnico de nível médio, que estava separado do ensino regular, ganha uma nova chance de conjugação; desta vez, através do Decreto 5.154/2004, que torna real a possibilidade da integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio.

Art. 4º A educação profissional técnica de nível médio, nos termos dispostos no § 2º do art. 36, art. 40 e parágrafo único do art. 41 da Lei nº 9.394, de 1996, será desenvolvida de forma articulada com o ensino médio, observados:

I - os objetivos contidos nas diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação;

II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino; e

III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico.

§ 1º A articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio dar-se-á de forma:

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno;

II - concomitante, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; ou

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando o planejamento e o desenvolvimento de projetos pedagógicos unificados;

III - subsequente, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio (BRASIL, 2004).

A transformação desencadeada pelo decreto 5.154/2004, trouxe novas possibilidades para a educação profissional técnica de nível médio; agora, é possível a existência de cursos técnicos em diferentes formatos; podendo ser de forma integrada, concomitante ou ainda de forma subsequente. De forma integrada, é a ocasião em que o aluno desenvolve a formação profissional e o ensino médio em uma única instituição; já de forma concomitante, o estudante pode fazer o ensino médio em uma instituição, mas ao mesmo tempo podendo fazer a parte técnica em uma outra; e, no formato subsequente, ocorre desenvolvendo a formação profissional após a conclusão do ensino médio. Essa sem dúvida, era uma nova possibilidade de se tentar desenvolver a educação unitária, ou pelo menos, uma educação que não fosse obrigatoriamente separada. Principalmente, quando analisamos o formato de educação integrada, que dava a possibilidade de conjugar o ensino profissional e o ensino médio juntos, na mesma instituição, e ao mesmo tempo.

Em 2005, a educação profissional e tecnológica, ganhou a possibilidade de ser ofertada como educação a distância, esta possibilidade veio através do decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que entre outras coisas afirma que:

Art. 2º A educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades educacionais:

(...)

IV - educação profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas:

a) técnicos, de nível médio; e

b) tecnológicos, de nível superior; (BRASIL, 2005).

De acordo com Vieira e Souza Junior (2016), 2005 foi um ano de importantes ações para a Educação profissional e tecnológica, principalmente porque ainda em 2005, houve a publicação da Lei n.º 11.195, em que foi lançada a primeira fase do

Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 unidades de ensino.

E foi em 2008 que a EPT passou a abranger além dos cursos técnicos de nível médio, também cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação, e, de formação inicial e continuada ou qualificação profissional. Isso foi possível nos termos do art. 39 da Lei n.º 11.741/2008 (Brasil, 2008).

Portanto, a lei 11.741/2008, assinado por Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente da república brasileira, foi muito importante para a educação profissional de nosso país, sobretudo, porque dispunha ainda sobre a possibilidade da organização dos cursos de EPT em eixos tecnológicos, pois a referida lei veio com o objetivo de “redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.” E além dos objetivos supracitados, a referida lei, trouxe para a EPT no artigo 39, a possibilidade de itinerários formativos, através da organização dos cursos por eixos, com o seguinte texto de lei “§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos” (BRASIL, 2008).

Em 2011, mais uma vez o Brasil dá um importante passo rumo ao fortalecimento da EPT, pois através da Lei n.º 12.513, foi instituído o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC e tinha como finalidade a ampliação da oferta de formação profissional que deveria ocorrer por meio de programas, projetos e ações de assistência tanto técnica quanto financeira para os estudantes deste programa. De acordo com o parágrafo único do primeiro artigo desta lei, são objetivos do Pronatec:

- I - expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio presencial e a distância e de cursos e programas de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;
- II - fomentar e apoiar a expansão da rede física de atendimento da educação profissional e tecnológica;
- III - contribuir para a melhoria da qualidade do ensino médio público, por meio da articulação com a educação profissional;
- IV - ampliar as oportunidades educacionais dos trabalhadores, por meio do incremento da formação e qualificação profissional;
- V - estimular a difusão de recursos pedagógicos para apoiar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica.
- VI - estimular a articulação entre a política de educação profissional e tecnológica e as políticas de geração de trabalho, emprego e renda.

Vale ainda ressaltar que para cumprir seus objetivos, a lei de criação do PRONATEC tinha como intento o desenvolvimento de ações que iam desde a expansão da rede federal através do aumento do número de vagas até a oferta de bolsas e articulação com outros sistemas de ensino. Pois seu artigo 4º determinava que o PRONATEC seria desenvolvido por meio de:

- I - ampliação de vagas e expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica;
- II - fomento à ampliação de vagas e à expansão das redes estaduais de educação profissional;
- III - incentivo à ampliação de vagas e à expansão da rede física de atendimento dos serviços nacionais de aprendizagem;
- IV - oferta de bolsa-formação, nas modalidades:
 - a) Bolsa-Formação Estudante; e
 - b) Bolsa-Formação Trabalhador;
- V - financiamento da educação profissional e tecnológica;
- VI - fomento à expansão da oferta de educação profissional técnica de nível médio na modalidade de educação a distância;
- VII - apoio técnico voltado à execução das ações desenvolvidas no âmbito do Programa;
- VIII - estímulo à expansão de oferta de vagas para as pessoas com deficiência, inclusive com a articulação dos Institutos Públicos Federais, Estaduais e Municipais de Educação; e
- IX - articulação com o Sistema Nacional de Emprego.
- X - articulação com o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM.

1.2 expansão e os novos desafios da Rede Federal

Para uma melhor compreensão acerca do percurso da educação profissional em nosso país, é imprescindível fazer um destaque sobre a expansão ocorrida nos últimos anos, pós anos 90. Para isso será fundamental levar em consideração um documento lançado em 2009 pelo Ministério da Educação em comemoração ao centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, intitulado “centenário da rede federal de educação profissional e tecnológica” (BRASIL, 2009). Este documento data o ano de 1909, em que o então presidente da república Nilo Peçanha assina, em 23 de setembro, o Decreto nº 7.566, como a criação de uma rede de “*Escolas de Aprendizes Artífices*”. *Foram inicialmente 19 instituições criadas em todo o país vinculados* ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, e tinha como razão existencial a oferta do ensino profissional, primário e gratuito.

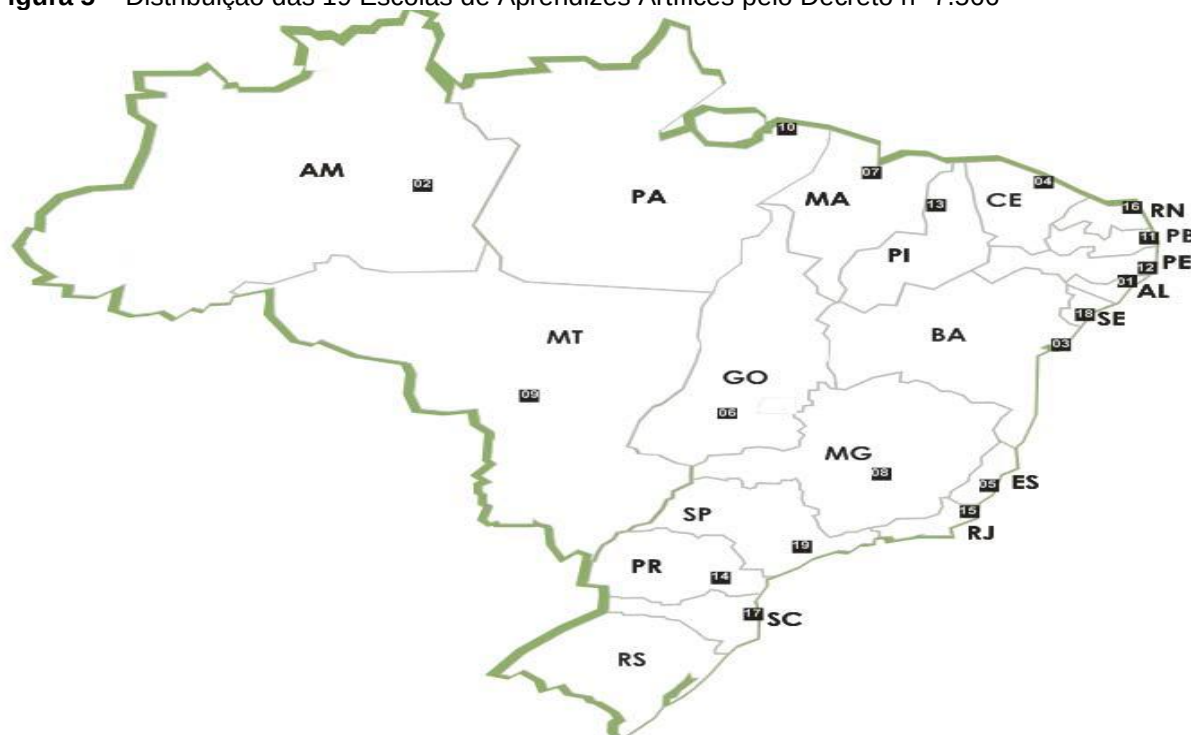
Quadro 1 – Escolas de aprendizes artífices criadas em 1909.

Escolas de Aprendizes Artífices criadas através do Decreto nº 7.566	
01	CEFET Alagoas
02	CEFET Amazonas
03	CEFET Bahia
04	CEFET Ceará
05	CEFET Espírito Santo
06	CEFET Goiás
07	CEFET Maranhão
08	CEFET Minas Gerais
09	CEFET Mato Grosso
10	CEFET Pará
11	CEFET Paraíba
12	CEFET Pernambuco
13	CEFET Piauí
14	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
15	CEFET Campos/RJ
16	CEFET Rio Grande do Norte
17	CEFET Santa Catarina
18	CEFET Sergipe
19	CEFET São Paulo

Fonte: Desenvolvido pelo autor (2019).

O quadro acima revela quais e onde foram criadas as 19 escolas de aprendizes e artífices, através do decreto assinado por Nilo Peçanha. A figura 5, estabelece uma melhor visualização das regiões que foram beneficiadas com esse projeto governamental.

Figura 5 – Distribuição das 19 Escolas de Aprendizes Artífices pelo Decreto nº 7.566



Fonte: MEC, 2014, p 03.

O ano de 1937 foi de grandes mudanças e transformações na oferta de cursos técnicos pela rede federal, pois além de alterar a estrutura da rede federal que até então era desenvolvido pelas Escolas de Aprendizes e Artífices, agora passa a ser gerido por um novo sistema; nascia neste momento os Liceus Profissionais. Mas não era apenas a mudança de nomenclatura que estava a vigorar neste momento, afinal o mesmo artigo que altera a nomenclatura também sinaliza a expansão da rede, no momento em que determina a criação de novos Liceus.

Portanto, “em 13 de janeiro de **1937**, foi assinada a Lei 378 que transformava as Escolas de Aprendizes e Artífices em **Liceus Profissionais**, destinados ao ensino profissional, de todos os ramos e graus” (MEC, p4, 2009). Entre outras coisas afirmava que: “Art. 37. A Escola Normal de Artes e Offícios Wenceslão Braz e as escolas de aprendizes artífices, mantidas pela União, serão transformadas em lyceus, destinados ao ensino profissional, de todos os ramos e graus. Paragrapho unico” (BRASIL, 1937).

Em suma a Lei 378, trazia a informação de que fora a instalação dos Liceus que ali estavam sendo criados, novos Liceus seriam ainda instituído posteriormente com o intuito de oferecer e propagar para a população o ensino profissional de todos os ramos e graus, sendo isso em todo território nacional.

O **Decreto nº 4.127**, de 25 de fevereiro de **1942** transforma as Escolas de Aprendizes e Artífices em “**Escolas Industriais e Técnicas**”, passando a oferecer a formação profissional em nível equivalente ao do secundário (MEC, p 4, 2009).

Foi a partir de 1942 que surge oficialmente a vinculação do ensino industrial a estrutura de ensino regular do país; pois até então os alunos que faziam a formação técnica, tinha esta modalidade como etapa final de seus estudos, mas a partir deste decreto, a realidade muda, pois a partir de agora, quem forma-se nas escolas industriais e técnicas tinham a possibilidade de dar seguimento aos seus estudos no ensino superior.

De acordo com o Ministério da Educação (p5, 2009) “O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) traz a marca do aprofundamento da relação entre Estado e economia.” Ou seja, o estado foi compreendido como a máquina que poderia dar incentivo e impulso para o desenvolvimento da economia nacional, e foi daí que “ O Plano de Metas do Governo JK nesses cinco anos prevê investimentos maciços nas áreas de infra-estrutura (à produção de energia e ao transporte são conferidos 73% do total dos investimentos). Pela primeira vez contempla-se o setor de educação com

3,4% do total de investimentos previstos” (MEC, P5, 2009). A intenção é bem clara, que o governo de Juscelino compreendia a formação técnica como fundamental para o desenvolvimento do país.

Foram esses, tempos de colocar a formação técnica como estratégica para o desenvolvimento econômico. Por isso, pela primeira vez tinha-se investimentos oficiais para a educação, pois, também pela primeira vez uma presidente via na educação um plano de desenvolvimento real para o país. Foi um momento de expansão para a educação profissional.

E nesse contexto, não demorou para que o governo compreendesse que a formação profissional tinha que ser fortalecida; e foi isso que aconteceu em 1959 quando “as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais. As instituições ganham autonomia didática e de gestão. Com isso, intensificam a formação de técnicos, mão de obra indispensável diante da aceleração do processo de industrialização” (MEC, p5, 2009).

Foi aí que a rede experimentou uma de suas grandes transformações, pois surgiu a rede de escolas técnicas federais, ganhando a partir deste momento autonomia, ainda que limitada, era um grande passo para o fortalecimento de uma rede, que se destacava como educação profissional no país.

De acordo com o Ministério da Educação (2009) o ano de 1971 foi expressivo para a expansão da rede federal, pois, no contexto da Lei número 5.692 promulgada em agosto de 1971; tornou-se o ensino técnico compulsório no currículo de 2º grau, que fez com que o governo investisse na ideia de um grandioso número de formação de técnicos para o mercado de trabalho que ansiava por mão de obra qualificada e foi ai que “ Nesse tempo, as Escolas Técnicas Federais aumentam expressivamente o número de matrículas e implantam novos cursos técnicos.” (P 5, 2009).

O início de validade da Lei 5692/71 foi um momento em que houve grande aumento do número de vagas nas escolas federais; e esse processo não era ao acaso, era um momento de forte desenvolvimento industrial, e o governo ditatorial da época, mantinha nas ETF's grandes investimentos em qualidade na formação dos alunos dos cursos técnicos de seu quadro; “Nesse processo, as ETF's consolidam-se ainda mais como referência de qualidade na formação de técnicos de nível médio. Assim, os profissionais egressos dessas instituições compõem quadros importantes de grandes empresas nacionais e internacionais” (MOURA, P13, 2007).

Já no ano de 1978 a rede federal de educação profissional e tecnológica passa por um novo processo de transformação, desta vez através da Lei nº 6.545, iniciando-se a transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFET's inicialmente com as três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro).

A intenção desta mudança era dar a tais instituições uma grandiosa atribuição, a de formar engenheiros de operação e tecnólogos. Esse mesmo processo se repete anos mais tarde, em 1994 através da Lei nº 8.948, que trata da instauração do Sistema Nacional de Educação Tecnológica. E o que de fato ocorreu foi a transformação gradativa das Escolas Técnicas Federais e das Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – os conhecidos CEFET's. Foi esse o processo de mudança ocorrido nos anos 70, 80 e 90. (MEC, 2009)

Merece destaque o plano de expansão da rede federal de 1997, ocorrido através do Decreto 2.208 que regulamentou a educação profissional e trouxe ainda o PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional). E assim, “Em meio a essas complexas e polêmicas transformações da educação profissional de nosso país, retoma-se em 1999 o processo de transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, iniciado em 1978” (MEC, P5, 2009).

Ressalta-se ainda que a supracitada lei 2.208 de 1997 separou a educação profissional do ensino médio. Pois estabeleceu praticamente a proibição da oferta de ensino médio integrado ao ensino profissional.

Ao longo dos anos essa divisão deixava seus rastros na separação dessa modalidade de educação.

Contudo, a rede federal chegou aos anos 2000 com grande número de instituições e de oferta de cursos; desde “1909 a 2002 foram construídas 140 unidades, melhor configurando a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica brasileira” (MEC, p5, 2009).

O ano de 2004, foi um marco para a história da educação profissional e tecnológica de nível médio, pois chega-se ao ano de 2004, com uma nova chance de conjugação desse ensino, pois a integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio torna-se mais uma vez uma possibilidade real através do Decreto 5.154/2004.

Já em 2005, a Lei 11.195 entra em vigor, ocorrendo “o lançamento da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 novas unidades de ensino ” (BRASIL, P 5, 2014).

Em 2006, foi instituído o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos com o ensino fundamental, médio e educação indígena através do Decreto 5.840, o tão popular – PROEJA, que foi instituído em âmbito federal. A intenção que resta claro nesse processo, era de aproveitar a oportunidade do público de jovens e adultos que estavam em busca de dar finalidade a seus estudos, para que estes tivessem associados ao ensino e à formação profissional.

Ainda no ano de 2006 houve um grande marco para a expansão, o desenvolvimento e o preparo para os novos desafios da EPT, pois a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC do Ministério da Educação, em parceria com o Fórum Nacional de Gestores Estaduais de Educação Profissional “realizaram conferências em 26 Estados e no Distrito Federal, as quais culminaram, no período de 05 a 08 de novembro de 2006, com a 1ª Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, marco importante na educação brasileira, (...) foi a primeira conferência que o Ministério da Educação realizou” (MEC, p6, 2009).

Em 2007 houve um grande movimento de expansão da oferta da educação profissional e tecnológica, foi neste ano que houve o lançamento da segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que tinha como meta estabelecida entregar a população brasileira mais 150 novas unidades, pode-se afirmar que a intenção era chegar a um total de 354 unidades até o fim de 2010 e assim “cobrindo todas as regiões do país, oferecendo cursos de qualificação, de ensino técnico, superior e de pós-graduação, sintonizados com as necessidades de desenvolvimento local e regional”(MEC, p6, 2009).

Figura 6 – expansão da Rede Federal até o ano de 2010

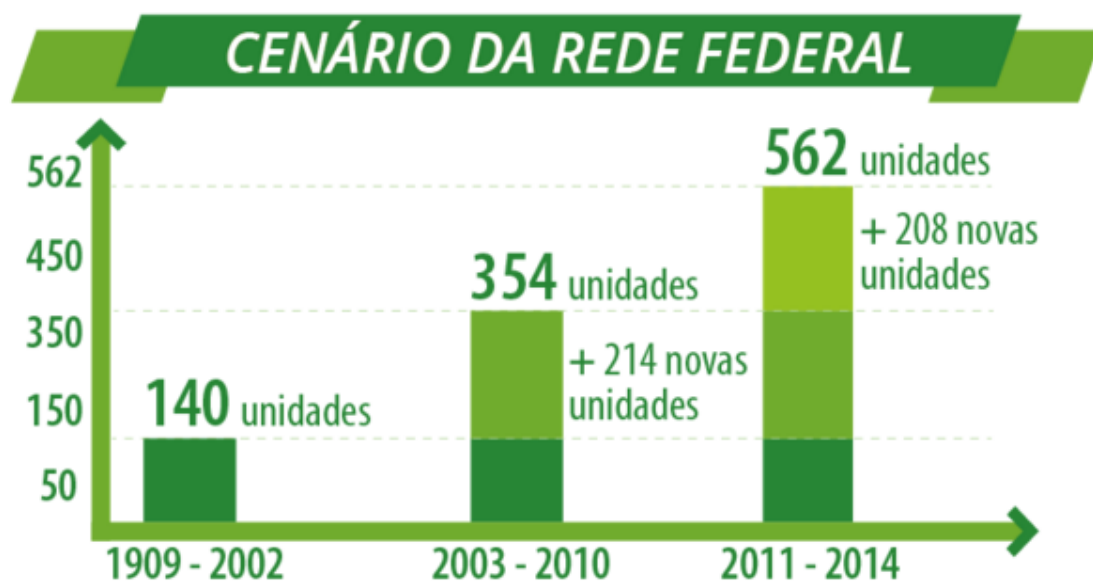


Fonte: MEC, 2014, p 06.

Considerando a figura 6, acima, percebe-se a expansão da Rede ocorrida até o final do ano de 2010. A rede federal tinha 140 instituições até o ano de 2002, e com o programa de expansão, a rede ganhou 214 novas unidades entre os anos de 2005 a 2010, totalizando-se uma soma de 354 instituições até o final de 2010.

Já entre os anos de 2011 até 2014, a rede federal experimentou uma nova expansão, ganhando em seu quadro um aumento de 208 novas unidades, chegando ao final de 2014 com um total de 562 unidades em todo o país, conforme gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Expansão da rede federal até o ano de 2014.



Fonte: Revista Brasileira de Geografia econômica.³

Em síntese e levando em consideração as informações do portal da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica – MEC (2018), podemos resumir a expansão da Rede Federal em períodos, da seguinte forma: De 1909 a 2002, foram construídas e instaladas 140 escolas técnicas no Brasil. Entre os anos de 2003 e 2016, foram construídas 500 novas unidades correspondentes ao plano nacional de expansão da EPT, totalizando assim 644 campi funcionando sob administração do Ministério da Educação.

São, portanto, 38 Institutos Federais espalhados em todos os estados da federação, com um total de 644 campi oferecendo cursos de qualificação, ensino médio integrado, cursos superiores de tecnologia e licenciaturas. No entanto, nem toda a estrutura de antigos CEFET's passaram a se constituir IF's, pois por motivos específicos, algumas instituições mantem-se CEFET'S. De fato, a Rede ainda é formada por instituições que não aderiram aos Institutos Federais, mas que também tem oferta de educação profissional em todos os níveis. Sendo a rede composta por dois CEFET's, e 25 escolas vinculadas a Universidades, e ainda, o Colégio Pedro II e uma Universidade Tecnológica (MEC, 2018). A rede Federal de educação profissional e tecnológica, ficou organizado com as seguintes instituições:

- IF's - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia;

³ Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2434>.

- CEFET's - Centros Federais de Educação Tecnológica;
- Colégio Pedro II;
- ET's - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais; e
- UTFP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

A divisão geográfica das instituições da rede federal de educação profissional e tecnológica, podem ser melhor compreendidas através da figura 7, a seguir.

Figura 7 – Distribuição das 644 unidades da Rede Federal em 2018.



Fonte: Portal da rede Federal de educação profissional, científica e tecnológica – MEC (2018)⁴

Conforme verifica-se na figura acima, percebe-se que toda a expansão da rede federal se deu na intenção de ampliar o atendimento da rede no máximo de localidades possíveis, principalmente interiorizando a oferta de educação profissional e tecnológica.

⁴ Disponível em: <http://redefederal.mec.gov.br/instituicoes>.

CAPITULO II

A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO

2 A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO

Curso técnico, ou formação profissional técnica de nível médio, é um tipo de educação que tem por finalidade proporcionar ao aluno os conhecimentos, saberes e as competências necessárias ao desenvolvimento do exercício profissional. É um ensino baseado nos fundamentos científicos-tecnológicos, sócio históricos e culturais. O estudante que consegue concluir com êxito o curso técnico, recebe ao final do curso um diploma de técnico de nível médio (BRASIL, 2012).

Fazendo-se uma análise a partir da seção IV-A, e dos artigos 36-A ao 36-D da lei nº 9.394 de 1996, lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), pode-se compreender como é organizado e desenvolvido os cursos técnicos. Podem ser desenvolvidos em formatos distintos:

1) de forma articulada integrada, destinando-se aqueles que já tenha concluído o ensino fundamental, com uma única matrícula na instituição, cumprindo as exigências de formação do ensino profissional técnico de nível médio e ao mesmo tempo, cumprindo as exigências do próprio ensino médio.

2) de forma articulada concomitante, que é destinado a estudantes que já estejam cursando o ensino médio, fazendo-se matrículas diferentes em cada curso, podendo ser: a) na mesma instituição; b) em instituições diferentes; e c) em instituições de ensino diferentes, mas mediante acordos de intercomplementaridade, destinando-se ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

3) e por fim, tem-se esta oferta no formato subsequente, destinado a quem já concluiu o ensino médio (BRASIL, 1996).

O ensino técnico, embora organizado em lei e estruturado em nosso país, enfrenta alguns problemas, pois ao relacionarmos os itens: educação, instituição de ensino e sociedade; inevitavelmente encontramos questões conflitantes, entre tais questões encontramos a evasão escolar, que está presente em todos os níveis e modalidade de ensino, perpassando desde a educação básica à educação superior. Fazendo-se presente também no ensino técnico (BRASIL, 2014).

De acordo com Freitas (2007), o estudo da evasão escolar hoje em dia já não é mais uma mera formalidade, e sim uma exigência, pois é uma realidade com a qual convivemos no nosso cotidiano, porém os programas que foram lançados até o momento não foram capazes de solucionar tal problema.

A evasão é um conceito que ainda não tem unanimidade na comunidade acadêmica, mas todos consideram como um problema relevante. Para Silva (2013, p 62) “consideraram-se evadidos os alunos que frequentaram, por algum período, a Instituição pesquisada e depois deixaram de comparecer à escola, sem fornecer uma explicação para a unidade de ensino”. Outra definição de evasão entende este problema “como a saída definitiva do aluno de seu curso de origem, sem concluí-lo.” (ANDIFES, 1996, p. 25). Para Klein (2008) in Diniz (2015) “A evasão ocorre quando o aluno matriculado em determinada série, em determinado ano letivo, não renova sua matrícula para o ano seguinte, independentemente se foi aprovado ou retido” (KLEIN, 2008 apud DINIZ, 2008 p 20).

Já para Dore e Lüscher (2011), o termo evasão é associado a situações bem mais amplas como, por exemplo: “a retenção e repetência do aluno na escola, a saída do aluno da instituição, a saída do aluno do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de ensino, o abandono da escola e posterior retorno”.

De acordo com Rumberger (2004), a evasão, entretanto, é muito difícil de ser explicada, pois muitos fatores podem influenciar na sua ocorrência.

Neste trabalho, aborda-se a evasão escolar como um problema real que efetivamente vem se manifestando nos cursos técnicos do IFPI, no campus de Parnaíba (Instituição colocada em análise), e que existe a necessidade da construção de uma solução ou de algo que vise o controle dos efeitos dessa problemática. Sobre este problema, evidencia-se que a evasão “não é um problema restrito apenas a algumas escolas, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro” (QUEIROZ, 2011. p. 02).

Sobre o modo como o Brasil encara a situação da evasão; Portela (2013) afirma que os estudos levantados sobre a evasão escolar em nosso país ainda são muito tímidos quando se compara com a realidade de outros países desenvolvidos como EUA - Estados Unidos da América e Austrália, que criaram setores responsáveis especificamente para esta temática.

O ensino médio técnico embora seja o formato de educação que esteja em ampla expansão com um significativo aumento do número de vagas ofertadas nos últimos anos; enfrenta um desafio. Tem-se a constatação de que o número de abandono tem sido bastante expressivo como, por exemplo, uma pesquisa do Governo Federal em 2009 que constatou que em certos casos a taxa de abandono nos cursos técnicos de nível médio passa de 75%; e essa realidade é bem pior quando verificado no período noturno (SILVA; PELISSARI; STEIMBACH, 2012).

Sobre o Instituto Federal do Piauí, Rosa (2017) afirma que “A Rede federal, em 2008, deu vida a um projeto (Lei nº 11.892) – trata-se dos institutos federais. E, neste mesmo ano, o Piauí foi contemplado com a criação do IFPI - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Piauí”. Dessa forma, foi a partir de 2008, que o governo trouxe para os estados a criação e implantação dos institutos federais; e assim foi também no Piauí, chegando à instalação do campus de Parnaíba ainda em 2008. E não se trata de apenas mais uma instituição de ensino na cidade de Parnaíba, pois, “O IFPI tem grande importância para o estado do Piauí através da oferta de formação profissional e tecnológica, principalmente de cursos técnicos; vem colaborando tanto para o desenvolvimento econômico regional quanto para o desenvolvimento profissional, científico e tecnológico da população” (ROSA, 2017).

O IFPI, campus Parnaíba, é, portanto, uma instituição federal que se destaca pela oferta de cursos técnicos. No entanto, assim como diversas outras instituições, existe um grave problema que persiste em se manter na trajetória educacional desta instituição – a evasão escolar. E o fato é que só é possível encontrar soluções para este problema, através do desenvolvimento de estudos que realmente se disponham a desvendar as causas da evasão (Rumberger, 2004 apud Dore, Lüscher, 2011).

Embora se admita que possam existir muitos trabalhos de pesquisa abordando a temática da evasão, devemos ter o cuidado de compreender que o fenômeno da evasão, nas especificidades da educação técnica, é um assunto que precisa de maiores esclarecimentos. De fato, a maioria das abordagens deixou essa importante área da educação de lado, ou nos piores dos casos, fica literalmente em esquecimento. Rosemary Dore (2013), que é atualmente a pesquisadora brasileira mais destacada sobre o estudo da evasão em cursos técnicos, afirma, juntamente com Sales e Castro, que existe “a escassez de estudos sobre a evasão nos cursos técnicos de nível médio, em especial, na Rede Federal de educação profissional”

(SALES; CASTRO; DORE, 2013). Eis, portanto, que o ensino técnico ficou desfavorecido enquanto campo de investigação do fenômeno da evasão escolar.

Pode até parecer um assunto já esgotado, mas na verdade o que existem na literatura brasileira são pesquisas que em quase sua totalidade, focam a evasão escolar na educação básica (ensino fundamental e médio) ou no ensino superior. Nessa perspectiva, o ensino técnico, acaba que ficando em segundo, terceiro ou quarto plano, ou em plano algum; restando assim, uma ausência de informações sobre o fenômeno da evasão nesta modalidade de ensino.

O certo é que a educação técnica ofertada pelo IFPI-campus Parnaíba, embora disponha de toda estrutura de profissionais concursados, efetivos e capacitados e ainda disponha de toda estrutura material própria da rede federal; segue numa triste realidade, que é tão presente nas escolas brasileiras, a evasão escolar. E embora, essa seja uma realidade antiga nos cursos técnicos oferecidos por esta instituição, pouco se sabe sobre esse fenômeno, uma vez que a maioria das pesquisas sobre evasão, conforme mencionado anteriormente, não contemplou a realidade dos cursos de formação técnica.

De acordo com Dore e Luscher (2011) pode-se compreender que em relação à formação técnica de nível médio, não existem pesquisas e nem mesmo informações, sistematizadas sobre a problemática da evasão escolar; um bom exemplo disso, para que possamos dimensionar a situação, é que em uma pesquisa realizada através da base de dados da Faculdade de Educação da universidade Federal de Minas Gerais não foi encontrada nenhuma pesquisa sobre a evasão na educação técnica. O mais impressionante é que esta base de dados citada contém 100% das revistas científicas publicadas em nosso país, na área de educação, e por incrível que pareça não contém nenhum trabalho desenvolvido sistematicamente destinado à temática da evasão nos cursos técnicos.

Neste caso, fica claro que a falta de informações concretas e a ausência de estudos que conceituem e dê precisão na análise da evasão; deixam as instituições alheias a sua própria realidade. E este cenário de desconhecimento de sua própria situação é bastante preocupante para a educação, uma vez que dificulta a tomada de decisões e principalmente a elaboração de estratégias destinadas a barrar o efeito desta problemática. É um processo de ação e reação que segue da seguinte forma: a falta de informações e de conceitos geram imprecisões, e que por sua vez geram incapacidade de mudanças efetivas. Isso é apenas uma ilustração de como a evasão

necessita de estudos aprofundados na área dos cursos técnicos. Dore e Lüscher (2011) afirmam ainda que, por conta da multiplicidade de situações que podem ser consideradas como evasão escolar, a “maior parte dos pesquisadores conclui que ainda permanece uma grande defasagem de conhecimentos a respeito do assunto e que os problemas nessa área ainda não foram resolvidos” (DORE; LÜSCHER, 2011).

2.1 Fatores e causas da evasão escolar

Desvendar os fatores e as causas da evasão escolar é necessário, no entanto, esta não é uma tarefa fácil; conforme Dore e Lüscher (2011), identificar as possíveis causas da evasão escolar é algo extremamente difícil porque a evasão é influenciada por diversos fatores. A evasão presente nos cursos técnicos ofertados pelo IFPI, na cidade de Parnaíba, tem que ser investigada; levando-se em consideração todos os fatores e causas que podem estar relacionados tanto ao estudante, quanto à família, à escola, à comunidade em que vive e até mesmo ao professor. Pois são diversos os motivos, causas e fatores que se associam a realidade da evasão.

“preferência pelo ensino médio regular; falta de vocação ou gosto pela área; falta de motivação, interesse ou compromisso com o curso. Também são apontados fatores referentes ao processo de ensino aprendizagem: dificuldade nas disciplinas e reprovação. Outros fatores estão relacionados ao contexto individual ou familiar dos alunos: dificuldades financeiras e familiares; afastamento da família; problemas de saúde (pessoal ou familiar); gravidez; uso de drogas. Também são destacados fatores ligados a trabalho: ingresso no mercado de trabalho e incompatibilidade do horário de trabalho e estudo. Estes últimos fatores podem estar relacionados à situação socioeconômica individual ou familiar, que exige, muitas vezes, a entrada precoce dos jovens no mundo do trabalho. Quanto aos fatores relacionados ao contexto institucional das escolas, encontram-se: a baixa qualidade do ensino fundamental, o distanciamento cultural entre escola e vida bem como a inadequação dos programas de estágio. Os fatores referentes ao contexto escolar quase não são citados nos citados estudos, preponderando os fatores pessoais, familiares e socioeconômicos”.(SALES; CASTRO; DORE, 2013).

Já na concepção de Ferreira (2011) as principais causas para a evasão podem ser agrupadas em quatro grupos centrais: o social que tem a ver com questões de horários, a incompatibilidade de conciliar trabalho com escola e as relações com a sociedade, violência, entre outros. Os pais também formam um outro grupo que pode influenciar para a evasão, pois o desinteresse no cuidado com a vida escolar do filho pode gerar desmotivação pelos estudos. O próprio aluno, também pode ser

considerado o centro causador de evasão, pois o estudante desinteressado e desmotivado facilmente abandona a vida escolar. E por fim, o autor destaca que a escola pode ser decisiva para a permanência ou saída do estudante, sendo central para a evasão do aluno quando: - passa a não ser mais atrativa; autoritária; ou tem em seu quadro professores despreparados. Portanto, quando a escola é colocada em pauta diante da problemática; a preparação dos professores é vista como decisiva.

Em estudo desenvolvido pelo MEC (Ministério da educação) sobre as experiências em instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica; as causas elencadas para a evasão incidem sobre:

1. Acesso às instituições;
2. dificuldades de relacionamento do estudante (seja com professores, diretores e colegas de sala);
3. condição e fatores socioeconômicos;
4. frustração de expectativas em relação ao curso;
5. fatores intra escolares (currículo, horários e carga horária dos cursos);
6. motivação, interesse ou compromisso com o curso;
7. inserção do estudante no mundo produtivo, em particular a necessidade de trabalhar;
8. modelo de ensino escolar e suas valorações;
9. problemas de aprendizagem ou dificuldades nas disciplinas;
10. repetência ou desempenho acadêmico insuficiente;
11. distância entre o currículo teórico do curso técnico e o conhecimento prático requerido na vida real;
12. inadequação dos programas de estágio;
13. práticas pedagógicas;
14. perfil do corpo docente;
15. excesso de matérias/disciplinas por período do curso;
16. exigência dos professores;
17. características estruturais da escola;
18. enfraquecimento dos vínculos com a escola;
19. comportamento e atitudes do estudante perante a vida escolar;
20. formação precária no ensino fundamental e/ou médio;
21. e resistência às leis da educação profissional e às perspectivas de seus alunos. (BRASIL, p 17-18, 2014).

Constata-se que dos 21 itens elencados como possíveis causas para a evasão escolar nas instituições ofertantes de formação profissional da rede federal, verifica-se que uma quantidade significativa de itens está relacionada à prática docente, destacando-se os itens 2, 9, 12, 13, 14 e 16; outros problemas estão relacionados a falta de base educacional que barram o aluno em seu desempenho. E assim, são vários as causas e fatores.

2.1.1 principais fatores e causas da evasão escolar no IFPI

O Instituto Federal do Piauí publicou no ano de 2016 um documento denominado “Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para Superação da Evasão e Retenção do IFPI” (IFPI, 2016); em que foi feito um diagnóstico qualitativo e também quantitativo sobre a situação da evasão escolar em todo o IFPI, de uma forma geral. O diagnóstico é feito em todos os níveis e modalidades de ensino ofertado. No entanto, a abordagem não trata sobre cada um dos campi em especificidade, faz apenas, como já citado, uma abordagem geral, colocando em pauta um diagnóstico referente a todos os campi juntos. Dentre as abordagens do diagnóstico, foi encontrado uma que trata sobre os principais pontos elencados como motivadores para a ocorrência da evasão escolar nos cursos técnicos. As principais causas e fatores são colocados em três categorias: os fatores externos, individuais e internos. E embora se tenha feito uma abordagem generalista, não permitindo a análise das especificidades de cada campi, mas acredita-se que tal documento ajuda a dimensionar sobre os fatores que têm levado os estudantes desta instituição de ensino a abandonarem seus cursos técnicos, e principalmente, o documento pode ser considerado um pontapé inicial para que todos os campi se norteiem, buscando fazer seu próprio diagnóstico e suas próprias propostas de intervenção. O plano certamente, também auxilia no desenvolvimento deste estudo, pois de antemão já traz algumas noções sobre o problema da evasão na educação profissional no IFPI, permitindo uma visão geral do problema.

FATORES EXTERNOS:

Considerou-se como fatores externos para efeito do plano estratégico desenvolvido pelo IFPI, entre outras coisas, o contexto econômico e social, as questões relacionadas a oportunidade de emprego para os egressos e ainda aos aspectos relacionados a imagem social do curso, e assim diretamente relacionados as questões inerentes à futura profissão.

Nos fatores externos foram elencados primeiramente aqueles de caráter econômico e social:

- A distância entre a localização do IFPI e a residência do aluno;
- O prolongamento causado pelas greves;
- A dificuldade de transporte para o IFPI;
- A Vulnerabilidade social, cultural e econômica do estudante na instituição;

- A necessidade de cuidar de filhos.

Também é diagnosticado como correspondente aos fatores externos, a expectativa profissional dos alunos, que envolve os pensamentos sobre como serão as oportunidades de emprego e a valorização de seu curso logo após findá-los. Nisso, tem-se:

- A baixa demanda de trabalho na área;
- A desvalorização da profissão pela sociedade; e,
- A falta de perspectiva profissional.

E no mesmo sentido tem-se como fator externo da evasão do ensino técnico do IFPI a questão das oportunidades de trabalho para os egressos do curso:

- A falta de perspectiva profissional.

Em síntese, o diagnóstico institucional revela que os fatores externos têm se constituído em problemas de caráter econômico e social; a perspectivas dos alunos em relação a carreira técnica e por fim, o diagnóstico revela ainda que um outro problema está diretamente relacionado a preocupação com relação as oportunidades de trabalho.

FATORES INDIVIDUAIS:

- Os fatores de caráter Individual, são aqueles diretamente relacionados a individualidade do próprio estudante.

Adaptação à vida acadêmica é um grupo de aspectos que se constitui como fatores que têm levados os alunos a desistirem, isso da seguinte forma:

- A falta de hábito de estudo;
- As dificuldades de adaptação à educação profissional;
- As Dificuldades de adaptação à vida acadêmica;
- As Dificuldade de adaptação do estudante à metodologia do curso; e
- Indisponibilidade de tempo

Capacidade e habilidade para o estudo – Esse é outro grupo de fatores diretamente relacionados a individualidade do aluno; é a capacidade de aprendizagem e habilidade para o desenvolvimento dos estudos, que envolve 4 aspectos:

- A dificuldade de aprendizagem;
- A necessidade de trabalhar;
- A falta de hábito de estudar; e

- A dificuldade de acompanhamento do curso devido ao longo tempo de afastamento do sistema formal de ensino.

Outros motivos que de acordo com o diagnóstico são marcantes para a decisão de permanecer ou abandonar o curso técnico no Instituto federal do Piauí leva em conta alguns pontos que foram elencados pelos próprios estudantes como a compatibilidade entre a vida acadêmica e as exigências do mundo do trabalho, a descoberta de novos interesses ou novo processo de seleção, questões sobre o encanto ou motivação com o curso escolhido, a escolha precoce da profissão, Informação a respeito do curso ou ainda sobre questões de ordem pessoal ou familiar, ou ainda em alguns casos a qualidade de formação escolar anterior, em que o aluno se depara com uma qualidade de ensino no IFPI bem superior àquela que recebeu na escola anterior e, por isso, gerando uma dificuldade em acompanhar os estudos na nova instituição. Com relação a esses aspectos, segue os motivos elencados pelos estudantes como marcantes para a evasão:

- Dificuldade em conciliar estudo e trabalho;
- Necessidade de trabalhar;
- Falta de apoio da empresa em que trabalha;
- Preferência por cursos superiores;
- Busca por outras escolas consideradas de fácil aprovação;
- Mudança de interesse profissional ou pessoal;
- Ingresso em outro curso;
- Falta de motivação;
- Desinteresse pelo curso;
- O curso não correspondeu às expectativas;
- Falta de identificação com o curso;
- Desestímulo com a área de formação;
- Imaturidade própria da idade;
- Falta de pontualidade dos estudantes;
- Falta de assiduidade dos estudantes;
- Falta de conhecimento sobre a área escolhida;
- Problemas pessoais e familiares;
- Falta de dedicação aos estudos; e,
- Deficiência nos conhecimentos relativos à educação básica.

FATORES INTERNOS:

Os aspectos internos estão relacionados aos fatores ligados imediatamente ao contexto da instituição, no caso o Instituto Federal do Piauí. “Os fatores internos estão relacionados à infraestrutura, ao currículo, à gestão administrativa e didático-pedagógica da instituição, bem como outros fatores que desmotivam e conduzem o aluno a evadir-se do curso” (IFPI, p 17, 2016).

Entre os fatores relacionados à instituição encontra-se as questões sobre a atualização, a estrutura e a flexibilidade curricular, os pontos diagnosticados foram:

- O déficit na estrutura de apoio ao funcionamento do curso;
- A inadequação da duração do curso;
- O excesso de disciplinas no período letivo;
- A complexidade dos conteúdos abordados nos cursos técnicos; e,
- A desatualização e descontextualização dos cursos da realidade local e regional.

Em segundo lugar, foi elencado no diagnóstico que a escolha precoce da profissão é um dos pontos que mais tem levados os estudantes a largarem o percurso educacional:

- A imaturidade própria da idade.

O terceiro grupo de fatores internos a instituição que são diagnosticados como propulsores para a evasão no ensino técnico são aqueles relacionados com a existência e abrangência dos programas institucionais, ou seja, é a realidade da instituição dar ou não algum tipo de auxílio para o percurso educacional dos alunos:

- A falta de incentivo financeiro que auxilie a manutenção do estudante;
- A indisponibilidade de merenda escolar;
- A falta de regularidade no pagamento das bolsas de assistência estudantil;
- A descontinuidade na oferta de bolsas (auxílios específicos);
- A insuficiência de recursos do programa de assistência estudantil.

Também foram destacados alguns fatores relacionados a gestão acadêmica do curso, envolvendo assim, questões de horários, ofertas de disciplinas, dificuldade com o modo em que é ofertada e realizada as aulas:

- A dificuldade de realização de aulas práticas;
- As dificuldades na realização do estágio curricular;
- O excesso de carga horária semanal;

- A dificuldade de realização de aulas práticas;
- A inadequação do horário de aulas integral (manhã e tarde).

Foram levantados também no diagnóstico questões ligadas a gestão administrativa e financeira da instituição:

- A alta rotatividade de docentes em algumas disciplinas;
- A falta de docentes em algumas disciplinas;
- A falta de assiduidade dos docentes.

Sobre a Infraestrutura física, material, tecnológica e de pessoal para o ensino foram encontrados alguns pontos apontados no diagnóstico como sendo fatores importantes para a evasão escolar:

- A falta de infraestrutura para atender às necessidades da permanência do estudante de período integral na escola;
- A falta de acervo bibliográfico;
- A falta infraestrutura para as aulas práticas;
- A falta infraestrutura nas salas de aulas;
- O excesso de alunos nas turmas.

E por fim, também foi diagnosticado que alguns fatores ligados às questões didático-pedagógicas, com a relação escola-família e ainda ligados a Inclusão social e respeito à diversidade são também significativos no ritmo de crescimento da evasão nos cursos técnicos do IFPI:

- A Complexidade dos currículos;
- O excesso de avaliações;
- O excesso de cobrança dos professores;
- Os problemas na metodologia de avaliação;
- As dificuldades na relação docente-estudante;
- A falta de projetos concatenados que aproximem a escola, a comunidade e a família dos estudantes;
- A falta de apoio da família no processo de ensino-aprendizagem; e,
- O desrespeito da comunidade escolar à diversidade e inclusão social.

2.2 Caminhos gerais para enfrentar a evasão escolar

O ministério da educação lançou em 2014, por meio da secretaria de educação profissional e tecnológica, o documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnologia. Que nada mais é que um plano de ação com algumas dimensões sobre o fenômeno da evasão escolar, retenção, a apresentação de medidas para o seu combate e ainda sobre a necessidade da capacitação dos servidores. Esse documento foi desenvolvido em torno da própria rede federal de educação profissional e tecnologia, envolvendo coletivamente as instituições da rede, sendo que cada uma delas colocaram em pauta neste documento seus diagnósticos sobre a evasão no ensino técnico, e indicando individualmente as causas e as medidas de combate que foram adotadas em suas especificidades. O documento traz como seu principal intuito, a consolidação de estratégias destinadas a intervenção e a superação tanto da evasão quanto da retenção, e ainda, o desenvolvimento de ações que possam auxiliar a ampliar a permanência dos alunos em sala de aula das instituições da rede federal. O referido documento acredita que os planos e estratégias para intervenção no ensino pode acontecer através de planejamento institucional em que cada instituição deve fazer seu próprio diagnóstico, após isso, partir para a implementação de políticas e ações que causem efetivamente intervenção no processo educativo (BRASIL, 2014).

Levando em consideração o documento citado acima, compreende-se que, construir informações e conhecimentos acerca da problemática da evasão, certamente será o passo inicial para estabelecer as devidas estratégias de enfrentamento deste problema que tanto afeta os cursos técnicos. Mas, para Martinho, Nunes e Minussi (2013, p. 3) é preciso ir bem além que constatar o problema, pois é imprescindível que seja realizado estudos sistemáticos sim, mas além disso, observar sinais de evasão iminente, desenvolvendo-se assim, estratégias que identifiquem precocemente os alunos vulneráveis à evasão. Pois isso irá “possibilitar a aplicação de ações proativas no sentido de reverter as intenções de abandono”.

Partindo-se do princípio de que só se pode enfrentar a evasão com uma base de informações concretas, faz-se urgente a necessidade de um diagnóstico do problema; mas, um diagnóstico que leve em conta todos os aspectos da realidade da instituição IFPI e daquela localidade na cidade de Parnaíba; isso, para que os

indivíduos que irão trabalhar futuramente com aquelas informações, possam se achar nelas. Pois, tratando-se de um tema já tão complexo, o ideal, para se ter mudanças a partir do engajamento e participação de todos, e que se obtenham informações o mais próximo possível da realidade dos elementos envolvidos no contexto. “A complexidade do processo de evasão demanda soluções também complexas, de difícil execução e que envolvem a participação de diversos agentes sociais” (DORE; LÜSCHER, 2011). Já em relação à participação da comunidade escolar, é possível afirmar, que mesmo após um completo diagnóstico da situação e da elaboração dos possíveis passos para enfrentar o problema, ainda sim, isso não seria suficiente, pois, seria necessário que o diagnóstico e as orientações fossem respaldados e legitimados pelo grupo, todo o grupo.

Por isso, todo e qualquer diagnóstico nesta temática tem que ser desenvolvido de forma bem coerente, precisa e com uma base de dados confiáveis sobre o problema, levando em consideração todos os aspectos daquela dada realidade; só assim, será possível despertar à participação da comunidade escolar e, sobretudo, os indivíduos poderão se identificar dentro deste diagnóstico. A partir daí se pode pensar no que fazer/planejar para combater a evasão.

Ainda de acordo com o documento orientador para a superação da evasão, desenvolvido pelo MEC (Ministério da educação) (BRASIL, 2014), algumas experiências vivenciadas pela própria rede federal, através de propostas de intervenção, têm contribuído significativamente para o enfrentamento do problema da evasão escolar no ensino técnico, embora nem sempre sejam formalizadas e publicadas no meio científico. Quando a pauta são as pesquisas destinadas a intervir na realidade do problema, a pesquisa-ação, encontram-se alguns exemplos como as iniciativas do IFTM, Instituto Federal do Triângulo Mineiro, e do IFSP, Instituto Federal de São Paulo. E embora haja diferenças em cada um dos projetos de pesquisa ou de intervenção e das especificidades de cada projeto, instituição, estrutura e funcionamento; em geral, os projetos que tentam combater a evasão escolar trazem entre seus objetivos:

- compreender a contenção da evasão escolar como uma política institucional necessária a melhoria da qualidade educativa;
- Estudar a evasão tendo em vista os diagnósticos resultantes como indicadores que configuram o quadro educacional da instituição a fim de redimensionar seus espaços de aprendizagem.
- mapear as causas e motivos que levaram os alunos a evadirem e propor ações de redução da taxa de evasão (BRASIL, p 17, 2014).

Ao fazer uma breve síntese sobre os objetivos supracitados, que foram identificados nas experiências da rede federal; percebe-se, que as instituições têm um interesse em conhecer os fatores e causas que mantêm a realidade da evasão; contudo, percebe-se também um interesse na “melhoria da qualidade educativa”, no ato de “redimensionar seus espaços de aprendizagem” e o mais importante: “propor ações de redução da taxa de evasão”.

E é neste sentido, que o Ministério da educação (BRASIL, p 17, 2014), afirma que baseado nas experiências da própria rede federal, as ações de intervenção incluem:

1. Acompanhamento dos alunos que estão na fase final do curso, na etapa de elaboração e entrega do relatório final de estágio, com o intuito de que estes consigam concluir o curso.
2. Acompanhamento em tempo real da frequência dos alunos no intuito de identificar os motivos das faltas;
3. Aproximação das famílias ao percurso escolar dos filhos nos casos dos cursos de ensino médio integrado ao técnico;
4. constituição e formação de equipe pedagógica para estabelecimento do trabalho de acompanhamento;
5. constituição e legitimação de conselhos escolares e colegiados de cursos para apoio/envolvimento dos diversos segmentos da comunidade escolar;
6. contato com os alunos com faltas consecutivas em duas semanas;
7. criação de uma planilha, por turma, de acompanhamento de faltas;
8. delineamento de ações acadêmico-institucionais que possibilitem aos candidatos conhecer a realidade do mercado de trabalho referente ao curso escolhido antes do processo seletivo/vestibular;
9. discussão sobre a possibilidade de ampliação do programa de assistência estudantil;
10. divulgação permanente dos cursos ofertados pela instituição junto à comunidade;
11. elaboração e revisão dos projetos pedagógicos de cursos de acordo com os perfis profissionais desejados e em consonância com os arranjos produtivos locais;
12. elevação dos índices de qualidade do ensino/aprendizagem por meio de aulas de nivelamento e monitorias, com especial atenção às unidades curriculares em que os alunos apresentam menor desempenho acadêmico;
13. levantamento do perfil do aluno ingressante e institucionalização de estratégias de identificação com o curso;
14. mapeamento das causas e motivos que levaram os estudantes a desistirem do curso, com propostas de intervenção para superar ou mitigar as situações geradoras de evasão nos cursos;
15. orientação das empresas contratantes de estagiários quanto à flexibilização do horário de trabalho dos estudantes trabalhadores;
16. realização de fóruns com diretores de ensino, coordenadores gerais de ensino e de cursos e equipes pedagógicas, tendo como temática central a questão da permanência e do sucesso escolar;
17. realização de reuniões com alunos em situação iminente de desistência do curso, para identificação do problema e estabelecimento de estratégias para que o aluno não abandone o curso;
18. realização de reuniões quinzenais com a participação efetiva dos professores, coordenadores de cursos, equipes pedagógicas, direção de ensino e apoio ao estudante, para discussão e verificação da situação de

cada turma, com vistas à análise da quantidade de alunos evadidos e à reavaliação permanente do trabalho pedagógico;

19. reestruturação do sistema acadêmico visando facilitar o acompanhamento em tempo real de toda movimentação acadêmica (transferências, trancamentos, evasão, desligamentos, certificação, em curso, integralização escolar, em fase escolar, estágio, notas e faltas);

20. e sensibilização e formação da coordenação de área e curso visando à construção de ações integradas.

Portanto, estas são as 20 ações identificadas pelo “documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica”, como sendo as propostas experienciais para o enfrentamento da evasão escolar. Apesar da causa maior ser o enfrentamento da evasão escolar, as ações percorrem caminhos um tanto distintos, pois tem-se desde ações com propostas de acompanhar a frequência de alunos (ações nº 2, 6 e 7) até propostas que envolvem formação e capacitação dos profissionais da educação (ações nº 4, 16, 18 e 20).

Baseado em muitos pontos elencados no documento, e na concepção de Freitas (p 16, 2007), a melhor maneira de começar o combate à evasão escolar é capacitando os professores, pois só assim, será possível desenvolver uma educação de qualidade que mantenha o aluno firme em sala de aula. Por que isso? Porque o professor é o elo e o canal entre a instituição e o aluno. O autor citado destaca ainda que, “o combate à evasão escolar começa com o fornecimento de uma educação de qualidade, com professores capacitados”.

Na mesma direção, Leite (2016) defende a ideia de que para o aluno obter sucesso no processo de aprendizagem é necessário que o professor receba uma capacitação adequada às necessidades do alunado.

Portanto, levando em consideração as relevantes informações do estudo feito pelo Ministério da educação (BRASIL, 2014) e ainda os pensamentos dos autores Leite (2016) e Freitas (2007), acredita-se que a capacitação docente seja inicialmente a melhor estratégia como proposta de intervenção para o ensino técnico.

2.2.1 Estratégias gerais para enfrentar a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI

Conforme já mencionado no item 2.1.1 deste trabalho, o IFPI lançou no ano de 2016 o Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para Superação da Evasão e Retenção do IFPI. O documento traz além do diagnóstico geral da instituição (que

foi apresentado também no item 2.1.1 deste trabalho) faz também o levantamento de algumas hipóteses que potencialmente pode ajudar a combater a evasão escolar.

As propostas e estratégias que o documento trouxe como possíveis passos de intervenção, utilizou-se tanto do diagnóstico qualitativo quanto do diagnóstico quantitativo, segundo foram apresentados anteriormente neste capítulo.

Acreditou-se que seria imprescindível a esta pesquisa compreender os resultados do documento supracitado, bem como as necessidades e as estratégias identificadas nele; principalmente porque nosso foco de pesquisa também é garantir a permanência e o êxito dos estudantes nos cursos ofertados pela instituição, dentre eles, primordialmente os cursos técnicos. E para isso foi preciso fazer uma análise histórica, para que somente assim se pudesse/possa manter um sistema atualizado e adequado, com vista a novos ajustes e ações.

As estratégias, adotadas no documento, foram desenvolvidos a partir da contribuição dos campi e Pró-Reitorias envolvidas com base em todo o diagnóstico do problema. Mantendo-se um sistema de avaliação e monitoramento das propostas de intervenção para que com o passar do tempo se pudesse/possa avaliar se cada proposição está sendo adotada e se traz bons resultados, porque é a partir dos resultados é que se pode reformular novas propostas e novas estratégias (IFPI, 2016).

O plano apresentou as estratégias de combate à evasão em três dimensões de fatores, da mesma forma que apresentou o diagnóstico: fatores externos, individuais e internos. Dentro de cada umas das três dimensões, o trabalho tratou dos aspectos pormenorizados.

ESTRATEGIAS SOBRE OS FATORES EXTERNOS AO IFPI:

Dentro dos fatores externos e sobre os aspectos da *conjuntura econômica e social*, se destacou o problema de transporte; e foram elencados como estratégias:

- O problema de transporte que é um dos aspectos que foi indicado pelos estudantes como um problema que tem levado a evasão. A estratégia que o documento indicou é que deve ocorrer a articulação da instituição, junto aos setores responsáveis pelo transporte público, e ainda a adoção de medidas de ampliação e melhoria de qualidade no serviço prestado.
- Outro ponto que foi indicado é que a instituição deveria buscar a articulação com o município através de parcerias no sentido de transportar os estudantes residentes em outros municípios ou localidades, como é o

caso de alunos que estudam em Parnaíba, mas que residem em cidades vizinhas como Luís Correia, Ilha Grande, Bom Princípio do Piauí entre outras cidades circunvizinhas.

- O plano também trouxe como estratégia para a conjuntura econômica e social, a ideia de que o IFPI deveria investir na organização da oferta do transporte escolar no ônibus coletivo da própria instituição, favorecendo e dando assim um auxílio quando possível, no problema.

O plano traz as estratégias para um outro conjunto de aspectos relacionados ainda aos fatores externos, mas que potencialmente tem contribuído para a realidade da evasão; trata-se dos aspectos relacionados a *expectativa profissional* que envolve a oportunidade de trabalho, mercado, a visão e a valorização da profissão, para esse conjunto de aspectos, as estratégias são:

- Que o IFPI deve buscar parcerias com os setores produtivos, principalmente para que tenha condições adequadas de encaminhar os estudantes para o desenvolvimento de estágios;
- A Intensificação das divulgações de informações sobre oportunidades de emprego e estágio;
- Outra estratégia com relação a expectativa profissional seria a Institucionalização de feiras das profissões com a intenção de mostrar o IFPI para a comunidade, divulgar os cursos, as possibilidades de atuação profissional, o espaço e o crescimento do mercado de trabalho. Isso para os cursos técnicos, seria uma forma de demonstrar para a comunidade escolar e externa o potencial que o estudante tem de crescer profissionalmente nos cursos que lhes são oferecidos.
- Desenvolver a Institucionalização de ações através de encontros, simpósios, mostras, workshops e outros, sobre a inovação tecnológica, empreendedorismo, cooperativismo e associativismo.
- Que o IFPI e seus campi devem investir na divulgação da instituição, e buscar junto com a comunidade divulgar seus processos seletivos, suas ofertas de cursos bem como o perfil profissional de conclusão e a profissão; podendo e devendo essa divulgação se dar também em escolas, ambientes de associações, empresas, lojas e sindicatos, por meio dos

mais variados formatos de divulgação, com vídeos institucionais, catálogo de cursos, palestras, feiras e outros.

- Fazer a estruturação institucional de observatórios do mundo do trabalho, que possibilitem à articulação e divulgação de oportunidades de estágio, e trabalho.

E essas foram as estratégias elencadas para a intervenção nos fatores externos de evasão nos cursos ofertados pelo IFPI, entre eles os cursos técnicos; observa-se que as pautas são voltadas principalmente para as questões de transporte, imagem institucional e questão de estágio e trabalho. Vale a pena ressaltar mais uma vez que as estratégias com foco nos fatores externos foram construídas levando em consideração os diagnósticos qualitativos e quantitativos com a opinião e respostas dos próprios estudantes. Ou seja, as estratégias são uma espécie de respostas a cada um dos principais problemas citados pelos estudantes.

ESTRATÉGIAS SOBRE OS FATORES INDIVIDUAIS:

As estratégias voltadas para os fatores individuais é uma forma da instituição tentar dar orientações e ajuda nos aspectos diretamente ligados a individualidade do aluno, mas que potencialmente podem acarretar no desinteresse do estudante pelo curso, e assim gerando a evasão. Assim, o plano estratégico iniciou as orientações versando sobre a *adaptação à vida acadêmica*:

- Que o IFPI deve promover as devidas orientações de estudos para melhorar o desempenho dos seus alunos por meio de um plano de estudos personalizado;
- Na intenção de incentivar o estudante a focar em seus estudos, a instituição deveria organizar bimestralmente seminários com temas que conscientize os alunos a incluírem os estudos em sua rotina, e ainda outras temáticas com assuntos relevantes;
- E também deveria promover reuniões periódicas com professores com a finalidade de avaliar e planejar ações e refletir sobre os resultados obtidos, a fim de acompanhar seus desempenhos.

As estratégias sobre os aspectos relacionados com a *capacidade de aprendizagem e habilidade de estudo* foram indicadas pelo plano da seguinte forma:

- Visando proporcionar uma melhor aprendizagem dos alunos, o IFPI deveria fazer a Instrumentalização de um sistema que possibilite o acompanhamento dos alunos em seus aspectos biopsicossocial e

pedagógico, de forma contínua que identifique as demandas dos estudantes;

- Outra importante estratégia é a sistematização das ações de suporte à aprendizagem, pois de acordo com o plano, é necessário garantir que a execução dessas ações ocorram com êxito, e para isso, poderia ser interessante a instauração de monitoria, curso de nivelamento, grupos de estudo, aulas de reforço para os estudantes, atendimento individual, dependência de disciplinas e recuperação paralela, e ainda, foi dado como necessário que ocorresse um trabalho de supervisão para monitoramento e diagnóstico da aprendizagem dos alunos.

Com relação aos fatores individuais relativo aos aspectos de *compatibilidade entre a vida acadêmica e as exigências do mundo do trabalho*, as estratégias estabelecidas foram duas:

- Que a instituição deveria adequar os formatos de ofertas de seus cursos às demandas regionais e às especificidades dos seus estudantes, e isso envolveria a questão de horário, grades curriculares, formas de avaliar, entre outras questões; e para isso, o adequado é utilizar-se de um mapeamento das dificuldades relacionadas à oferta dos cursos nos campi; e,
- O IFPI deve utilizar outra importante estratégia com relação a vida acadêmica dos estudantes, e neste caso, valendo bastante para alunos dos cursos técnicos, referindo-se aqui a priorização de metodologias que contemple atividades teórico-práticas no horário da aula. Para que não se tenha uma aula teórica demais, perdendo-se a prática, e nem vice-versa.

O plano trouxe também estratégias sobre a *motivação com o curso escolhido*, e sobre isso:

- Acredita-se que a motivação seja algo extremamente importante para o percurso educacional dos estudantes, e por isso, o IFPI, deveria criar um manual acadêmico do estudante contendo as principais instruções e orientações, facilitando a comunicação com o curso;
- O IFPI deveria também disponibilizar em seu site institucional todas as informações sobre seus cursos;

- Proporcionar aos docentes cursos de capacitação com temas de interesse e relevância, e;
- Acompanhar a frequência dos discentes e mapear as diferentes motivações que faz com que os alunos desistam de seus cursos.

Um outro problema identificado no diagnóstico foi a *escolha precoce da profissão*, e para vencer este desafio, a estratégia seria:

- O desenvolvimento de projetos junto às escolas municipais, principalmente nos casos de ensino técnico (estudantes do 9º ano), e isso deveria ocorrer antes da ocorrência do Exame Classificatório, no sentido de apresentar aos estudantes de forma antecipada o que de fato é a educação profissional, dando as devidas orientações profissionais e apresentando o perfil dos cursos.

A *qualidade de formação escolar anterior* foi um dos problemas elencados pelos alunos no diagnóstico, e de fato é um grande problema, pois ao iniciar os estudos em uma instituição federal de alto padrão de qualidade no ensino como é o caso do IFPI, e se a base do ensino desenvolvido com o aluno não for bem fundamentada, corre-se vários riscos, entre eles, o de o aluno não conseguir se desenvolver no seu percurso educacional e ficar “perdido”, e para isso, a estratégia estabelecida foi:

- O aprimoramento dos programas de auxílio aos alunos como é o caso de monitorias, grupos de estudo entre alunos, ou alunos e professores, aulas de reforço, programas de auxílio estudantil, atendimentos individualizados com os estudantes e/ou outros tipos de auxílios que possam contribuir com o desenvolvimento do aluno.

ESTRATEGIAS SOBRE OS FATORES INTERNOS AO IFPI:

Os fatores internos são aqueles aspectos que se referem diretamente a realidade da instituição, onde a instituição e sua conjuntura interferem na realidade da evasão. Isso envolve várias dimensões desde a questão de currículo, programas, gestão até as questões relativas a professores e estrutura institucional.

A *atualização, estrutura e flexibilidade curricular* se constitui como as primeiras questões estratégicas nos aspectos de fatores internos ao IFPI, e de fato é necessária enquanto estratégia, pois foi esse um dos pontos problemáticos pautados no diagnóstico e para isso dois pontos foram abordados:

- A promoção por parte do IFPI e de seus campi da prática de reuniões com sua gestão, servidores e sua comunidade com o intuito de analisar a eficiência e eficácia dos cursos ofertados, procurando assim melhorar a oferta de seus cursos;
- E a promoção da prática de reuniões nos campi, com a finalidade principal de colocar em pauta a adequação do projeto pedagógico de curso às metodologias de ensino e aos seguintes itens: avaliação, recursos didáticos, prática profissional, planos de ensino, matrizes curriculares para o mercado de trabalho, os pontos existentes no PPC e outros temas importantes para um bom desenvolvimento do ensino da instituição.

O segundo ponto destacado como aspecto relevante entre os fatores internos é a *existência e abrangência dos programas institucionais para o estudante*; isso está ligado aos programas de iniciação científica, programas de monitoria e outros que se disponha a auxiliar financeiramente o aluno, e que sirva como motivador da permanência do aluno, nesse sentido tem-se as seguintes estratégias:

- A primeira estratégia consiste na ampliação do número de bolsas que é ofertado em programas de assistência estudantil, estágio remunerado, pesquisa e extensão;
- Em seguida, garantir a continuidade e a rapidez no repasse financeiro às unidades de ensino, principalmente aqueles recursos destinados à assistência estudantil;
- O IFPI deveria ainda trabalhar no sentido de promover a divulgação ampla dos editais dos seus programas de assistência estudantil, com a finalidade de que todos os alunos tenham oportunidade de participarem de seus programas;
- O diagnóstico também revela que o refeitório deveria ter seu funcionamento em tempo integral nos campi, isso se constituindo como item importante na luta contra a evasão;
- E por fim, ainda enquanto programas institucionais, o diagnóstico revela como uma ação necessária em todos os campi, a criação de uma rotina nos campi que agilize o pagamento dos programas da assistência estudantil.

Em relação aos problemas diagnosticados quanto a *gestão acadêmica do curso* fora levantada 6 estratégias:

- O primeiro passo que o Instituto Federal do Piauí deveria promover como estratégia de gestão é a sistematização do processo de ensino-aprendizagem, em que o professor através de certos instrumentos garanta a eficácia no cumprimento das aulas, dias letivos, horários, aplicação e registro das avaliações.
- Promover a sistematização de processos que identifiquem e auxiliem aqueles alunos com dificuldades recorrentes de assiduidade ou pontualidade, bem como desenvolver os instrumentos adequados para isso;
- Atender, em os turnos, aqueles alunos que demonstrarem baixa frequência ou os casos de alto índice de reprovação, utilizando-se das equipes responsáveis.
- Formar e manter parcerias com entidades privadas e públicas com a finalidade de promover visitas técnicas e atividades práticas, isso envolveria diretamente a realidade dos cursos técnicos, que necessitam bastante da experiência prática;
- Proporcionar de forma rotineira o atendimento das coordenações dos cursos nos campi, isso com o intuito de que se possa atender, acompanhar os discentes e promover uma articulação com a Direção de Ensino, equipes pedagógicas e demais setores que necessitem desse contato; e,
- O IFPI deveria buscar, nessas estratégias, promover e manter a atualização e o aperfeiçoamento da base de dados estatísticos sobre a situação acadêmica dos seus estudantes, perfil socioeconômico e outras informações que possam ser consideradas pertinentes para o acompanhamento das ações e políticas educacionais.

O quarto ponto estratégico abordado pelo plano é sobre o aspecto da *Inclusão social e respeito à diversidade* que está diretamente relacionado a questão da postura da instituição em promover o respeito as diferenças e manter uma postura que faça o aluno se sentir parte da escola e não sujeito estranho naquela realidade:

- O IFPI deveria entre outras coisas, promover o compartilhamento de experiências, proporcionando a criação de projetos, seminários, palestras, com o intuito de fortalecer o discurso voltado ao respeito às diferenças.

Chega-se a um dos aspectos mais importantes entre os fatores internos, trata-se da *Infraestrutura física, material, tecnológica e de pessoal para o ensino*. Acredita-se que dependendo da estrutura institucional, a escola pode ter maior ou menor sucesso, pois, por exemplo, no caso dos cursos de ensino técnico, é bem verdade que a presença de laboratórios para o aluno colocar em prática as especificidades de seu curso pode dar uma maior ou menor motivação, principalmente porque o aluno tem nos laboratórios a oportunidade de colocar em prática seus conhecimentos, e assim ganhando mais confiança e intimidade com a área em que cursa. Outra questão estrutural é o caso das bibliotecas, uma instituição que tem uma biblioteca com o acervo adequado para o aluno obter os conhecimentos necessários para seu curso, isso certamente além de motivar, deixa o aluno mais engajado. E neste sentido, tem-se as seguintes estratégias:

- De acordo com o documento, o IFPI tem a missão de criar e desenvolver as devidas condições físicas, ambientais e materiais que facilitem aos alunos com deficiência, altas habilidades ou com mobilidade reduzida a capacidade de se desenvolverem no currículo institucional;
- Criar e manter uma política de aquisição e manutenção de acervo bibliográfico atualizado, bem como investir na otimização do espaço da biblioteca, permitindo tanto o estudo em grupo, como também o estudo individual; e,
- Criar, desenvolver e melhorar os espaços internos de convivência, permitindo aos estudantes terem maior comodidade nos espaços internos da instituição, desenvolvendo em continuidade as áreas de lazer, de estudo, complexo esportivo, restaurante e acesso à internet de qualidade.

O sexto aspecto dos fatores internos levantados no diagnóstico esteve voltado para as *questões didático-pedagógicas* do IFPI:

- Quanto as questões didático-pedagógico, o IFPI deveria criar instrumentos avaliativos e diagnósticos que subsidiem as ações e os programas, de forma que possam auxiliar no combate e controle a evasão e a retenção;
- Investir no desenvolvimento de ações que proporcionem aos professores a formação continuada e a complementação em programas de qualificação didático-pedagógica;

- Como numa instituição de ensino, não somente os professores estão diretamente ligados ao processo de ensino aprendizagem, o IFPI deveria desenvolver também com os demais servidores que, não sejam docentes, mas que estejam exercendo ação no processo de ensino, as ações de formação continuada e o acesso a programas de qualificação didático-pedagógica;
- Desenvolver no currículo escolar práticas que fortaleçam o ambiente escolar enquanto espaço acolhedor, colaborativo, estimulador da aprendizagem e inclusivo, colocando em pratica uma educação que seja inclusiva, crítica, significativa e formadora de cidadãos;
- Colocar em pratica a recuperação paralela e a progressão parcial instrumentalizada como forma de controle frente à retenção, reprovação e repetência. Visando assim, a constituição de mais uma ferramenta de apoio ao combate à evasão.

Os últimos aspectos dos fatores internos que foram elencados como estratégicos no combate à evasão está enraizado na *relação escola-família* que por sinal tem sido um assunto que está sendo cada vez mais colocado em pauta, pois hoje já não se admite que somente a escola seja responsável pela aprendizagem dos alunos, pelo contrário, o aluno aprende e se desenvolve numa construção conjunta que leva em conta a escola e a família. Neste sentido, foram estabelecidos 2 pontos estratégicos:

- De acordo com o plano estratégico, o IFPI tem a importante missão de definir as ações voltadas para a intervenção imediata, articulando tanto a família, como, caso necessário, a rede de proteção à criança e ao adolescente, no caso, o Conselho Tutelar;
- Desenvolver ações institucionais voltados para a criação de eventos que levem ao fortalecimento dos laços e da comunicação entre a família e a escola.

Essas foram as estratégias elencadas nos três níveis de fatores: internos, externos e individuais. São estratégias lançadas com base no diagnóstico institucional, e que o plano estratégico do IFPI aborda como estratégias a serem implantadas de forma geral nos campi da instituição. Vale ressaltar que é valido o intuito deste documento, mas que, no entanto, caberia/cabe a cada campi desenvolver seu próprio estudo para que consiga captar melhor suas próprias

especificidades. Neste ponto, evidencia-se mais uma vez, a importância deste trabalho de pesquisa como instrumento de (Re) conhecimento da realidade e das especificidades do campus de Parnaíba.

CAPITULO III IDENTIDADE INSTITUCIONAL

3 O CONTEXTO DO IFPI E DO CAMPUS PARNAIBA

Afim de construir uma melhor compreensão sobre o IFPI e seu campus de Parnaíba, enquanto objeto de estudo deste trabalho, fez-se imprescindível, elaborar uma contextualização histórica de sua existência e de suas principais transformações no contexto piauiense. Somente assim, tornar-se-á melhor o entendimento e a visualização de seu perfil e de sua identidade institucional, para que assim, seja possível visualizar quais ações seriam passíveis de serem desenvolvidas em sua realidade.

3.1 histórico e perfil do IFPI

O IFPI – instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Piauí constituiu-se como uma instituição de nomenclatura nova, que completou no ano de 2018 apenas 10 anos enquanto Instituto Federal; mas que na verdade carrega consigo a história de uma estrutura secular. É intrínseco a ela uma história de mais de 100 anos, iniciada no estado do Piauí como Colégio de Aprendizes Artífices em 1909. Tem sua Reitoria e sede localizada em Teresina, capital do estado do Piauí, e tem se estruturado na oferta de educação profissional e tecnológica.

É uma instituição federal mantida pelo Ministério da Educação, criada pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Uma instituição pluricurricular, multidisciplinar e multicampi. O IFPI oferece vários cursos, sendo sua referência o ensino médio nas modalidades integrado, concomitante e também subsequente; oferecendo também ensino superior em cursos de licenciatura; cursos superiores de tecnologia (cursos tecnólogos) e também cursos de pós-graduação na modalidade lato sensu e strictu sensu. Uma instituição preocupada com o desenvolvimento econômico local de cada cidade e região a que atende. Desta forma o IFPI

Busca contribuir para o desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços em articulação com os setores produtivos da sociedade local e regional. Promove a produção e a difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, na perspectiva do desenvolvimento social e econômico do Piauí e da região Nordeste do Brasil (IFPI, p 22, 2014).

O Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPI (2010) descreve a relevância da presença do Instituto Federal no estado do Piauí e para isso elenca algumas características socioeconômicas do estado; e, de acordo com este documento o estado se caracterizava (realidade retratada no ano de 2010) por uma fragilidade no seu desenvolvimento e em sua economia e isso era evidenciado por seus indicadores como, por exemplo, a renda *per capita* que até então era a mais baixa do país, e por conseguinte, era considerada uma das menores rendas *per capita* do mundo.

A economia do Piauí assenta-se na Indústria (química, têxtil, de bebidas), na agricultura (algodão, arroz, cana-de-açúcar, mandioca) e também na pecuária (IFPI, p35, 2010).

O estado do Piauí tem uma extrema necessidade em desenvolver conhecimento e novas tecnologias que sirvam principalmente para aproveitar e agregar valor aos produtos e subprodutos da economia local e regional. A presença do IF potencializa novas forças aos anseios pelo pleno desenvolvimento do estado, e em consideração ainda ao melhor aproveitamento da economia e do seu potencial de crescimento, como é o caso das riquezas naturais do qual o estado é referência: carnaúba, caju, a castanha e o mel; diante disso, é que o instituto federal no estado do Piauí assume certas responsabilidades sociais. Assim o seu PDI de 2010, destaca como linha de atuação e responsabilidade do Instituto Federal Do Piauí:

- a) produção e difusão de conhecimento necessário ao crescimento científico e social da região Nordeste, e, especificamente, do Estado do Piauí;
- b) participação ativa na sustentação do desenvolvimento do Estado e nas áreas geográficas adjacentes às de sua localização;
- c) reconhecimento, por parte da comunidade, em nível regional, da qualidade do Ensino que oferece;
- d) interação efetiva com a sociedade e preocupação com as questões sociais, através da implementação de programas e projetos para o desenvolvimento sustentável da região;
- e) suporte ao desenvolvimento das vocações regionais, através da implementação de pesquisas em áreas como carcinocultura, biodiesel e outras (IFPI, p35, 2010).

E uma de suas peculiaridades institucionais é a conjugação de modalidades e níveis distintos de cursos abrangidos em uma única instituição. É a convivência que há entre alunos de ensino médio, alunos do ensino superior e alunos de pós-graduação, uma mesclagem que permite a convivência de públicos de percursos educacionais diferenciados, sendo no caso o IFPI um grande polo educacional contemplando todos os níveis de ensino, e em praticamente todas as modalidades.

Sobre a amplitude de sua atuação, o PDI do IFPI (2010-2014), define que:

O IFPI, como instituição de educação básica, profissional e superior, com ação pluricurricular e multicampi, atua no desenvolvimento de programas e projetos de ensino, nos níveis básico, técnico, tecnológico, de pós-graduação, na pesquisa e na extensão, sob a forma de atividades presenciais e a distância, em todas as áreas do conhecimento. Através da formação e qualificação de profissionais, da pesquisa e da extensão, busca contribuir para o desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços em articulação com os setores produtivos da sociedade local e regional. Promove a produção e a difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, na perspectiva do desenvolvimento social e econômico do Piauí, da região Nordeste e do Brasil (IFPI, p 33, 2010).

O IFPI surge com uma proposta de se tornar uma instituição ofertante de uma educação de excelência, visando se destacar como instituição referência nacional na formação a que se propõe ofertar, neste sentido é substancial compreender sua missão.

A Missão do IFPI é promover uma educação de excelência, direcionada às demandas sociais, destacando-se como instituição de referência nacional na formação de cidadãos críticos e éticos, dotados de sólida base científica e humanística e comprometidos com intervenções transformadoras na sociedade e com o desenvolvimento sustentável (IFPI, p 12, 2010).

O início de sua história como EAAP - Escola de Aprendizes Artífices do Piauí. De acordo com o portal eletrônico oficial do Instituto Federal do Piauí (IFPI, 2018) a história do IF do Piauí começa no ano de 1909, com a implantação da escola de Aprendizes Artífices na capital do Piauí, Teresina; foi a decisão do então presidente Nilo Procópio Peçanha que resolveu criar uma rede nacional de escolas profissionais, colocando a presença destas escolas nas 20 capitais dos 20 estados brasileiros na época. Tudo isso foi possível através do Decreto nº 7.566 que foi instituído em 23 de setembro de 1909. A intenção era oferecer aos filhos dos mais desfavorecidos da fortuna e da riqueza, uma escola que pudesse dar a eles tanto o preparo de mão de obra através da formação técnica e intelectual, como também os dar a oportunidade de adquirir hábitos de trabalho, pois a preocupação não era só com a instrução; mas era também com o desenvolvimento de atividade e ações que os afastassem da ociosidade e consequentemente do crime. Portanto, e conforme já mencionado; para se conhecer a história do IFPI, é preciso reconhecer que esta é uma instituição centenária, e que nem sempre carregou consigo esta nomenclatura de Instituto Federal, sobretudo porque esta instituição é fruto de todo um processo de

transformação e passagens por nomenclaturas e momentos políticos e sociais ao longo da história.

Contudo, de acordo com o documento intitulado “Plano De Desenvolvimento Institucional – PDI vigente de 2010 a 2014” (IFPI, 2010); embora o decreto nº 7.566 estabelecesse em 1909 a instalação da escola de aprendizes artífices do Piauí, foi somente em 1910 que se deu de fato esta instalação, ressalta-se ainda que a escola do Piauí mesmo entrando em funcionamento 1 ano depois daquilo que foi estabelecido; foi uma das primeiras a ser instalada e posta em funcionamento.

Sendo em maio de 1910 o início do primeiro ano letivo desta escola. Os primeiros cursos que foram ofertados pela Escola de Aprendizes Artífices do Piauí foram os cursos de alfabetização e de desenho. Já como cursos profissionalizantes foram os de arte mecânica, marcenaria e sapataria.

De fato, a história do IFPI começou com a criação de Escola De Aprendizes Artífices Do Piauí, e essa escola perdurou de 1909 até 1937, funcionando inicialmente num prédio localizado na praça Aquidabã, que hoje em Teresina é a praça Pedro II; cabe ressaltar que a Escola de Aprendizes Artífices foi a primeira escola do estado do Piauí, de âmbito federal destinada a oferta do ensino profissional, e que inicialmente a estrutura administrativa era bem simples, haviam poucos professores referentes na área do ensino profissional e, sobretudo o ensino não era ofertado somente por professores, pois no mesmo papel, também tinha mestres, que eram pessoas de experiência reconhecidas na área pelo qual eram responsáveis por ensinar (IFPI, 2018).

Portanto, como primeira instituição de ensino profissional do Piauí, os primeiros cursos oferecidos na história do IFPI, foram: alfabetização, desenho, arte mecânica, marcenaria e sapataria.

Transformando-se em Liceu Industrial do Piauí. De 1937 a 1942, diante de um cenário de expansão econômica, algumas alterações ocorreram no formato de ensino da rede federal, pois com a vigência do estado novo, o governo federal tinha como meta a industrialização do país e a formação de operários para servir no campo industrial; e nesse intento, a Escola de Aprendizes Artífices do Piauí recebeu uma nova denominação, passando agora a ser constituída como Liceu Industrial Do Piauí. Compreende-se que tal denominação não foi à toa, pois foi um intento de intensificar a industrialização do país utilizando-se da rede de escolas profissionais como uma rede de formação de mão de obra de operários. O rumo dado pelo governo era no

sentido de industrializar os estados menos desenvolvidos, e neste sentido, cabia ao governo como contrapartida oferecer uma rede de formação de mão de obra.

Foi também nesse mesmo período que os Liceus Industriais que até então era pertencente ao Ministério da agricultura, indústria e comércio passaram a integrar o Ministério da educação e saúde pública, foi também enquanto Liceu Industrial do Piauí (1937 a 1942) que a instituição ganhou um terreno próprio concedido pela prefeitura municipal de Teresina, na época na praça da liberdade, que inclusive funciona atualmente a sede do Instituto Federal do Piauí (IFPI, 2010).

Escola Industrial de Teresina. De acordo com o portal do IFPI (IFPI, 2010), o período de 1942 a 1965 abrangeu a construção da terceira fase que transformou o Liceu em Escola Industrial de Teresina; tudo isso por conta da criação da lei orgânica do ensino industrial de 1942, que trouxe, entre outras coisas, uma divisão das escolas da rede federal, de modo que o ensino profissional ficou separado entre formação industrial e formação técnica.

A intenção era levar formação profissional com foco na indústria daqueles estados com carência de profissionais capacitados; isso para auxiliar na elevação industrial do estado, que até então era extremamente necessitado de mão de obra qualificada. Neste sentido, a escola do Piauí passou a se denominar Escola Industrial de Teresina e seus cursos tinham ênfase na área de metal-mecânica. Seguindo com esta nomenclatura até o ano de 1965, a proposta era formar mão de obra em duas escalas. Formação industrial destinada ao ensino de operários de nível ginásial, fornecendo trabalhadores para a indústria; e, de outro lado, formação técnica de trabalhadores de nível médio.

De forma geral pode ser entendido que as escolas industriais foram destinadas aos estados menos industrializados e desenvolvidos, como o Piauí. Isso justifica o porquê de Teresina ter sido uma das sedes das escolas industriais, exatamente pela intenção de suprir a necessidade do estado, e que assim, fortalecendo a industrialização, era um tipo de incentivo para que o estado se motivasse a se desenvolver. Na época era um estado sem desenvolvimento industrial e para auxiliar na industrialização, o Piauí foi contemplado com um ensino que se direcionava neste sentido.

Breve constituição como Escola Industrial federal do Piauí. Em 1965, a instituição recebeu em seu nome o termo “Federal” foi um período que se estendeu de 1965 a 1967, a instalação de um certo poder de regime federal nessas instituições

e com tal poder agregado em seus nomes, elas ganharam uma certa autonomia para criar e implantar cursos técnicos industriais, sendo os primeiros de nível técnico desse período, correspondentes ao nível médio, e foi nas áreas de técnico em edificações, agrimensura e eletromecânica.

Transformação em Escola Técnica Federal do Piauí. Em 1967, por conta das novas possibilidades de desenvolver cursos técnicos equivalentes a nível médio, e ainda por conta de estar agora sob o comando do Ministério da Educação, foi desencadeado um novo processo de alterações na conjuntura desta instituição, sendo agora promovida de Escola Industrial de Teresina à Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI).

Assim, a instituição mantinha a oferta anterior de cursos na área industrial; no entanto passou a oferecer cursos na área de serviços como administração, contabilidade, secretariado e estatística. E sobretudo foi também um período que possibilitou o ingresso de mulheres nos cursos ofertados por esta instituição, vale a pena ressaltar que até o ano de 1967 os cursos eram voltados para trabalhadores do sexo masculino, e que só a partir de 67 houve esta abertura para a participação do público feminino. Foi um período de grande expansão para a instituição entre os anos de 1967 a 1998, houve ampliação do número de cursos, que além de serem ofertados de forma noturna, passaram a ser ofertados também durante o dia, e também a ampliação do número de vagas para a instituição. Pode-se resumir este período com o fato de que o número de vagas quadruplicou em apenas dois anos.

Foi também enquanto Escola Técnica Federal do Piauí que no ano de 1986 foi construído e inaugurado a primeira unidade de ensino descentralizada (UNED) na cidade de Floriano, foi um momento de expansão tanto do número de vagas, do reconhecimento do ensino técnico, quanto da própria instituição em termos matérias e estruturais (IFPI, 2018).

Instalação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí. De acordo com o PDI do IFPI (2010), foi especificamente o ano de 1994 um período de acontecimentos significantes para a instituição. Primeiramente foi a implantação da sua primeira UNED – Unidade de Ensino Descentralizada na cidade de Floriano-PI. Possibilitado através da portaria MEC n 934 de 16 de junho de 1994 e publicado no DOU - Diário Oficial da União no dia 17 de junho de 1994.

De acordo com o PDI do IFPI (p 35, 2010), a implantação de UNED's a partir de 94, foi em consequência da implantação do Programa de Expansão e Melhoria do

Ensino Técnico, que possibilitou, entre outras coisas a implantação de UNED'S - Unidades de Ensino Descentralizadas que eram “assim denominadas à época, porque seriam instaladas em cidades do interior e estariam vinculadas às Escolas Técnicas Federais ou Centros Federais de Educação Tecnológica estabelecidos nas capitais”.

Em seguida, ainda em 94, houve autorização para a transformação da ETFPI – Escola Técnica Federal do Piauí em CEFET – Centro Federal De Educação Tecnológica Do Piauí, através da Lei nº 8.948 de 1994.

No entanto, embora a autorização para transformar-se em CEFET tenha sido em 1994, através de lei; somente em 1999, estabeleceu-se a portaria que autorizava de fato esta transformação, mais especificamente em março de 1999. Em um momento de grande demanda social de formação tanto de profissionais técnicos quanto de nível superior, e essa necessidade se dava principalmente pela expansão do avanço tecnológico e da necessidade do sistema produtivo; em resposta, a instituição finalmente recebe autorização para tornar-se oficialmente CEFETE-PI. E foi nesse período de 1999, que esta instituição de ensino realizou seu primeiro vestibular para o curso superior de Tecnologia em Informática, sendo especificamente no mês de julho de 1999, ofertando-se um total de 64 vagas distribuídas entre os turnos tarde e noite.

De acordo com o IFPI (2018) pode-se afirmar que esse período após a constituição efetiva do CEFET-PI em 1999, a instituição teve, portanto, grandes avanços entre os quais pode ser destacado que a instituição passou a receber autorização para o desenvolvimento de vestibulares com a oferta de cursos superiores de tecnologia na área de informática e ainda a ampliação de vagas.

Já em 2001, o CEFET-PI recebeu autorização para oferecer o primeiro curso na área de saúde – tecnólogo em radiologia.

No ano de 2002 a instituição passou a ofertar curso superior de licenciatura nas áreas de biologia, matemática, física e química. Foi também um momento de democracia, pois foi em 2004 que a instituição passou a desenvolver eleições para a disputa do cargo de Diretor Geral, sendo o primeiro diretor escolhido por eleições para mandato de 4 anos, o Senhor Francisco das Chagas Santana, o primeiro Diretor Geral escolhido por eleições diretas.

Do ano de 2001 em diante o CEFET contava com um total de 10 cursos, sendo eles: gestão de recursos humanos, alimentos, radiologia, geoprocessamento, gestão

ambiental, secretariado executivo, redes de comunicação, ciências imobiliárias, comércio exterior e análise de desenvolvimento de sistemas (antigo curso superior de tecnologia em informática; aperfeiçoado e com nova denominação). Foram cursos que ano a ano recebiam um número maior de pessoas interessadas, entre os motivos estava também o fato do estado do Piauí não conter outras instituições públicas que oferecessem cursos na área tecnológica (IFPI, 2010).

Ocorrido esse avanço no ano de 2004, elegendo seu primeiro diretor geral através de votos e de escolha direta; em que podiam votar neste momento tanto os discentes, docentes quanto os servidores administrativos, outro fato importante se deu no ano de 2006, em que houve uma grande reconfiguração do ensino do CEFET. Pois a partir desse ano a instituição passou a não mais oferecer o ensino médio simples, por questões de lei, pois esta modalidade de ensino passou a ser exclusivo dos estados. Neste momento o CEFET implantou o ensino técnico integrado ao ensino médio, oferecendo-se tanto na modalidade concomitante para quem iniciou ou já estava cursando o ensino médio, ou na modalidade subsequente para aqueles que já tivessem concluído o ensino médio e que tivessem interesse também na carreira técnica

Se até o ano de 2006 a instituição contava apenas com uma UNED – Unidade de Ensino Descentralizada. O ano de 2007 ficou marcado pela instalação de novas unidades, sendo em Parnaíba inaugurada em 2007 através da portaria do MEC - Ministério da Educação e Cultura nº 1.977 de 18 de dezembro de 2006, e ainda neste mesmo ano foi inaugurada também a unidade de Picos através da portaria do MEC 1976 de 18 de dezembro de 2006. Nas duas UNED's supracitadas foram ofertadas somente cursos técnicos até o ano de 2009. A partir daí foram implantados também os primeiros cursos superiores em ciências da natureza. E isso se justificava pela grande carência de professores na educação básica nesta área de ensino. Cabe ressaltar que foi ainda em 2007 que houve a implantação do PROEJA - Programa Nacional de Educação Profissional para Jovens e Adultos e também na estrutura do CEFETE houve a implantação dos cursos de pós-graduação lato sensu, na forma de especialização em diversas áreas do conhecimento.

O ano de 2007 ficou marcado pelo desenvolvimento da segunda fase de expansão da rede federal, e consequentemente pela ampliação de UNED's, segundo já mencionado, pelo interior do estado. Foi nesse momento que houve a autorização da construção de mais 6 UNED'S no estado do Piauí, destinada às cidades de:

Angical; Corrente; Paulistana; Piripiri; São Raimundo Nonato e Uruçuí. Portanto, o ano de 2007, fecha com um saldo de 1 CEFET instalado em Teresina, 1 UNED em Floriano, 2 UNED's inauguradas sendo 1 em Parnaíba e 1 em Picos, e mais 6 UNED's autorizadas a serem implantadas. Todo esse processo de expansão experimentado em 2007, foi ampliado em 2008, em que o CEFET-PI completou 99 anos estruturais de existência no estado do Piauí, oferecendo na época cursos técnicos e também cursos superiores nos formatos de bacharelado, de tecnologia e também cursos superiores de licenciatura.

O ano de 2008 foi marcado por diversos acontecimentos; foram diversas reformas e ampliações da unidade sede e também de algumas UNED's como Floriano, Picos, Parnaíba e Teresina. Outro importante fato ocorrido neste ano foi que a PMT – Prefeitura Municipal De Teresina repassou para o CEFET-PI, o CTT – Centro Tecnológico de Teresina; que após o repasse passou a se chamar Unidade de Ensino Descentralizada “Professor Marcilio Rangel” – UNED Teresina. E ainda em 2008, houve enfim a instalação de algumas UNED's que desde de 2007 estavam em processo de construção, sendo elas nos municípios de: Angical, Paulistana, Piripiri, São Raimundo Nonato, Corrente, Uruçuí. E houve ainda a implantação de cursos EAD na instituição.

O surgimento dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

De acordo com o IFPI (2018), foi em 2008 que o governo federal resolveu criar a Rede Federal de Educação profissional, Científica e Tecnológica, havendo junto com essa criação a consequente transformação de 38 unidades de CEFET's em todo país em IF's - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Foi através da lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que o CEFET-PI, junto com suas UNED's – Unidade de Ensino Descentralizada - e toda sua estrutura existente passaram a se constituir como IFPI. A lei nº 11.892 estabelece no seu artigo 6º as finalidades e características dos Institutos Federais. Segundo ela, o IFPI tem a importante missão de ofertar educação profissional e tecnológica para variados públicos, basicamente atendendo em todos os seus níveis e modalidades educacionais. Tendo um importante papel social, pois visa formar e qualificar cidadãos proporcionando aos seus estudantes uma formação profissional nos diversos setores econômicos; colocando em pauta principalmente o desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

A lei que deu origem ao IFPI agrega ainda um valor integrador entre a ciência e a sociedade; pois, coloca sobre a educação profissional e tecnológica a importante atribuição de empreender no sentido de uma educação integradora de qualidade. E neste sentido, o artigo 6º da lei supracitada também define como finalidade do IF colocar a pauta da EPT no sistema educacional como algo educativo e investigativo com vistas a prover soluções por meio da tecnologia que atendam às necessidades da sociedade moderna.

A promoção da integração e da verticalização da educação básica à educação profissional colocou sobre o IFPI o papel de otimizar tanto a infraestrutura física, quanto o quadro de servidores e seus demais recursos. Ou seja, de assumir o papel de se reestruturar para a oferta de um ensino que integre o ensino médio propedêutico ao ensino técnico.

O quarto ponto que define as finalidades do IFPI, trata-se da orientação da instituição no sentido de oferecer os cursos que melhor contribuam para o desenvolvimento e o fortalecimento de toda cadeia e arranjos de produção, sociais e culturais locais, e para isso, é papel fundamental do Instituto fazer um correto estudo e mapeamento da melhor forma de intervenção do IFPI no desenvolvimento socioeconômico local e regional.

Ainda de acordo com a referida lei, deve ser característica e também finalidade do Instituto Federal oferecer uma educação voltada para o desenvolvimento do espírito crítico e para a investigação empírica. E assim, o IF surge constituindo-se como um centro de excelência no oferecimento do ensino de ciências e de ciências aplicadas.

Além de constituir-se como centro de referência na oferta do ensino de ciências, a lei traz um outro ponto importante, o item VI do 6º artigo atribui ao IFPI a finalidade de qualificar a educação oferecida por ele como referência no apoio às instituições públicas, auxiliando assim outras instituições, e assim, tornando o IFPI um centro de referência enquanto oferta de ensino de ciências em instituições públicas, e para isso, preconiza para o Instituto o papel de oferecer capacitação técnica e o investimento na atualização pedagógica dos docentes da rede pública.

Outro papel que desenha as características do Instituto Federal do Piauí é o desenvolvimento de programas de extensão e a produção e a divulgação científica e tecnológica; isso quer dizer que o Instituto não é apenas uma referência e nem somente uma instituição com uma boa educação, mas sobretudo, a intenção é a

produção de novos conhecimentos e ainda a divulgação desse conhecimento, para que assim, se tenha a partir do IF, as contribuições com o mundo das ciências e com a comunidade em geral.

O oitavo ponto elencado na lei nº 11.892 caracteriza o IFPI como uma instituição própria para o estímulo da pesquisa aplicada, da produção da cultura, do empreendedorismo, e também o estímulo ao cooperativismo e ainda o desenvolvimento científico e tecnológico. Esta é uma instituição genuinamente relacionada com o desenvolvimento local e regional, tanto como ofertante de cursos que estimulem a produção do conhecimento, como estimulante ao crescimento econômico, dando estímulo para seus alunos pensarem criticamente na melhoria de suas vidas e da sociedade de uma forma geral.

E por fim, o Instituto também se caracteriza como uma instituição com finalidade de produção, desenvolvimento e transferência de tecnologias sociais, principalmente aquelas que se destinam a preservação do meio ambiente. Ou seja, a instituição se empenha para desenvolver tecnologias e sobretudo transferindo os benefícios destas para a comunidade.

A transformação de toda estrutura do CEFET-PI nesta nova instituição, não se deu somente por questões de nomenclatura, mas sim, uma nova proposta que tinha como intencionalidade atender aos anseios da população por educação, formação profissional e também visando o contexto econômico. Era a necessidade de uma instituição em rede federal que tivesse como proposta a conjugação dos mais diversos níveis e modalidades de educação. Mas a proposta não era apenas oferecer uma educação de qualidade na formação de trabalhadores e nem se resumia ao propósito de contribuir com a economia; mas sobretudo, o novo viés desta instituição era estar presente nas regiões interioranas do estado, passando a não se concentrar somente na capital. Possibilitando o alcance da rede federal de educação profissional e tecnológica em todas as grandes regiões, capitais e também nos interiores.

Em síntese, até o ano de 2009, de acordo com o PDI do IFPI (com vigência de 2010 a 2014) (IFPI, 2010); o Instituto Federal do Piauí chega a um total de 5 campi em funcionamento, sendo eles: Teresina Centro, Teresina Zona Sul, Floriano, Picos e Parnaíba. Neste momento, acreditou-se que fosse enriquecedor para a apresentação deste trabalho, desenvolver uma análise simples de como se dava a oferta de cursos pelo IFPI em cada um dos campi, exatamente 1 ano depois de se

constituir efetivamente como Instituto Federal. Ou seja, a situação apresentada a seguir, remonta a realidade do IFPI até o ano de 2009.

Neste período, o **campus Teresina Centro** tinha uma oferta que contemplava 6 modalidades de cursos, que perpassavam desde os cursos superiores de tecnologia até cursos de ensino técnico, chegando inclusive a atuar com o EJA – Ensino de Jovens e Adultos. A oferta na modalidade de cursos Superior de Tecnologia era num total de 7 cursos e nas seguintes áreas: Alimentos, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Geoprocessamento, Gestão Ambiental, Gestão de Recursos Humanos, Radiologia e Secretariado.

Os cursos de licenciatura ofertados eram 4, sendo de Biologia, Matemática, Física E Química. Já na modalidade de ensino superior no formato de bacharelado, o campus central ofertava um único curso que era Engenharia Mecânica. Já os cursos de formação profissional de nível técnico, este campus ofertava tanto na modalidade de técnico integrado como técnico subsequente, eram 5 cursos oferecidos de forma integrado, sendo Administração, Eletrônica, Eletrotécnica, Informática E Mecânica. E eram 10 cursos ofertados na modalidade técnico subsequente, eram eles: Administração, Artes Visuais, Contabilidade, Mecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Informática, Música, Refrigeração e Segurança do Trabalho. E por fim, o Campus Teresina Centro também ofertava curso EJA, e nesta modalidade eram ofertados 3 cursos: Edificações, Comércio e Manutenção de Computadores.

O **campus Teresina zona sul**, era o segundo funcionando na capital, Teresina, e diferentemente do campus Teresina centro, que oferecia cursos em basicamente todas os níveis e modalidades; aquele oferecia cursos apenas nas modalidades de cursos superiores de tecnologia e cursos de ensino técnico e também cursos EJA. Até o ano de 2009, o campus citado não oferecia nenhum curso de licenciatura, nem de bacharelado. Era apenas 1 curso oferecido como superior de tecnologia na área de gastronomia. Já os cursos técnicos, eram 4 oferecidos como técnico integrado, na área de Edificações, Cozinha, Saneamento e Vestuário. E 6 cursos ofertados na modalidade técnico subsequente, sendo, Edificações, Cozinha, Saneamento e Vestuário, Estradas e Panificação. Já no EJA, era apenas 1 curso ofertado na área Cozinha.

O **campus de Floriano**, até o ano de 2009, tinha uma oferta que contemplava cursos: superior de tecnologia, de licenciatura, e técnicos de nível médio, tanto na modalidade integrado como subsequente; e ainda cursos EJA. Deixando apenas de

ofertar os cursos superiores de bacharelado. Sendo ofertado neste campus: 1 curso superior de tecnologia na área de Análise e Desenvolvimento de Sistemas; 2 cursos de licenciatura, Biologia e Matemática; 3 cursos técnicos no formato integrado, Edificações, Eletromecânica e Informática; e 3 cursos técnicos no formato subsequente sendo, Edificações, Eletromecânica e Informática e no EJA eram ofertados 2 cursos: Eletromecânica e Informática.

O **campus de Picos** até o ano de 2009 não oferecia nenhum curso superior de tecnologia e também nenhum curso superior de bacharelado. Sua oferta era basicamente nos cursos de licenciaturas, técnicos e de EJA. Sendo sua oferta de licenciatura em 2 cursos: Química e Física. Os cursos técnicos na modalidade integrado eram 3, sendo Administração, Eletrotécnica e Informática. Sendo também 3 cursos na modalidade subsequente nas áreas de Administração, Eletrotécnica e Informática. E o EJA tinha 2 cursos ofertados, na área de Administração e Informática.

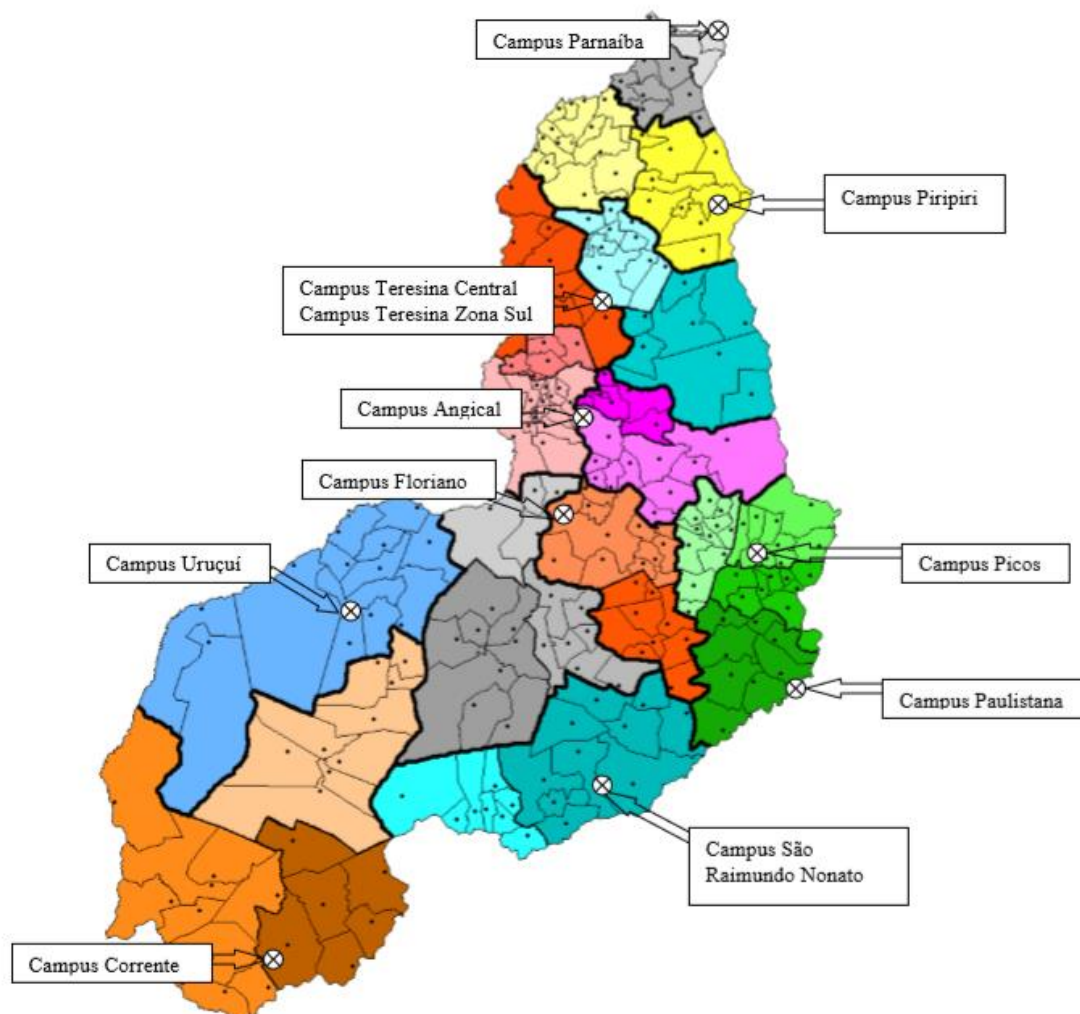
Por fim, o **campus de Parnaíba** no mesmo modo que o campus de Picos, não ofertava nenhum curso superior de tecnologia, assim como também não oferecia nenhum curso superior de bacharelado. Restringindo-se apenas a oferecer 2 cursos na área de licenciatura, nas áreas de Química e Física; oferta de 7 cursos na área técnica, sendo 3 cursos no formato técnico integrado nas áreas de Informática, Edificações e Eletrotécnica; e ainda, oferecendo 4 cursos na modalidade técnico subsequente nas áreas de Administração, Informática, Edificações e Eletrotécnica oferecendo ainda 1 curso EJA na área de Informática.

Portanto, “em dezembro de 2009, a instituição já possuía 5 (cinco) Campi em pleno funcionamento, assim localizados: dois campi em Teresina; um Campus em Floriano; um Campus em Parnaíba; um Campus em Picos.” (IFPI, p 34, 2010).

O Instituto chega ao ano de 2011 com um total de 11 (onze) campis em pleno exercício. Após a expansão das unidades do IFPI pelo interior do estado, e com a instalação de 6 (seis) novos campis, totalizou-se em 2011 um total de 11 unidades: Teresina Centro, Teresina Sul, Picos, Parnaíba, Floriano, Angical, Corrente, Paulistana, Piripiri, São Raimundo Nonato e Uruçuí.

A figura a seguir retrata a distribuição dos campis do IFPI até o ano de 2011. Observa-se que a distribuição perfaz uma estratégia de alcançar a maior área possível de atendimento. E sendo assim, os campis são distribuídos ao longo do estado da seguinte forma:

Figura 8 - Distribuição territorial dos Campi do IFPI em 2011.



Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPI, p 38, 2010.

No ano de 2013, mais especificamente no dia 30 de dezembro, foi firmada a portaria nº 1.291, que regulamentou o processo de expansão dos IF's, estabelecendo que este processo se estabeleceria e seria estruturado observando-se alguns objetivos, viabilidades, oportunidades e a própria estrutura do IFPI. A expansão dos Institutos seria regida a partir de então pela respectiva portaria, e as instituições podendo ser organizadas da seguinte forma:

- a) Campus, voltado ao exercício das atividades permanentes de ensino, pesquisa aplicada, inovação e extensão e ao atendimento das demandas específicas nesse âmbito, em sua área de abrangência territorial;
- b) Campus Avançado, vinculado administrativamente a um campus ou, em caráter excepcional, à Reitoria, e destinado ao desenvolvimento da educação profissional por meio de atividades de ensino e extensão circunscritas a áreas temáticas ou especializadas, prioritariamente por meio da oferta de cursos técnicos e de cursos de formação inicial e continuada;

- c) Polo de Inovação, destinado ao atendimento de demandas das cadeias produtivas por Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) e à formação profissional para os setores de base tecnológica;
- d) Polo de Educação a Distância, destinado à oferta de cursos de educação profissional e tecnológica na modalidade a distância, que poderá ser criado por meio de parceria com órgãos da administração pública, com o objetivo de expandir o atendimento às demandas por formação profissional em todo o território de abrangência do Instituto Federal;
- e) Centros de Referência, vinculados às suas respectivas Reitorias, para o desenvolvimento de planos, programas e projetos relacionados à educação profissional e tecnológica (IFPI, p15, 2014).

Em 2014, o IFPI, vivenciando o plano de expansão do Governo Federal, chega a este ano com uma grande estrutura institucional, contando agora com uma cobertura de ensino em 16 municípios piauienses. Mantendo uma estrutura com 1 reitoria, 1 centro de referência e mais um total de 17 campis; isso sem levar em consideração as unidades que estavam em implantação neste mesmo ano. O Instituto mantinha em Teresina 1 reitoria e 2 campis - Teresina Central e Teresina Zona Sul.

E seguindo a regulamentação da portaria nº 1.291 de 2013, que orienta a organização estrutural do IFPI, a instituição contava, ainda nesta época, com 1(um) Centro de Referência de Formação e Ensino a Distância, que ficava localizado no bairro Dirceu Arcoverde, também na cidade de Teresina; e, mais 15 campis espalhados por todo o estado da seguinte forma: Angical, Campo Maior, Cocal, Corrente, Floriano, Oeiras, Parnaíba, Paulistana, Pedro II, Picos, Piripiri, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Uruçuí, Valença do Piauí.

Ainda em 2014, estavam em “fase de implantação três Campus Avançados (José de Freitas, Pio IX e Teresina Dirceu) e um Centro de Referência em Programas e Projetos Especiais de Guadalupe” (IFPI, P 16, 2014).

Na verdade, até o ano de 2014, o Instituto havia se tornado uma instituição bastante estruturada e expandida ao longo do território estadual, mantendo suas unidades nas mais estratégicas regiões para a oferta de educação profissional e tecnológica.

Ora, supõe-se que, conforme já mencionado neste trabalho, o Piauí era um Estado com alta carência de educação, de formação e de meios que levassem as pessoas a participarem com maior intensidade das riquezas do Estado, e esse cenário foi visualizado pelo IFPI, e isso é o que justifica a presença dos IF's espalhados pelas regiões interioranas.

A estrutura do IFPI descrita acima, é melhor identificada na figura 9, a seguir:

Figura 9 - Distribuição territorial dos Campis do IFPI em 2014.

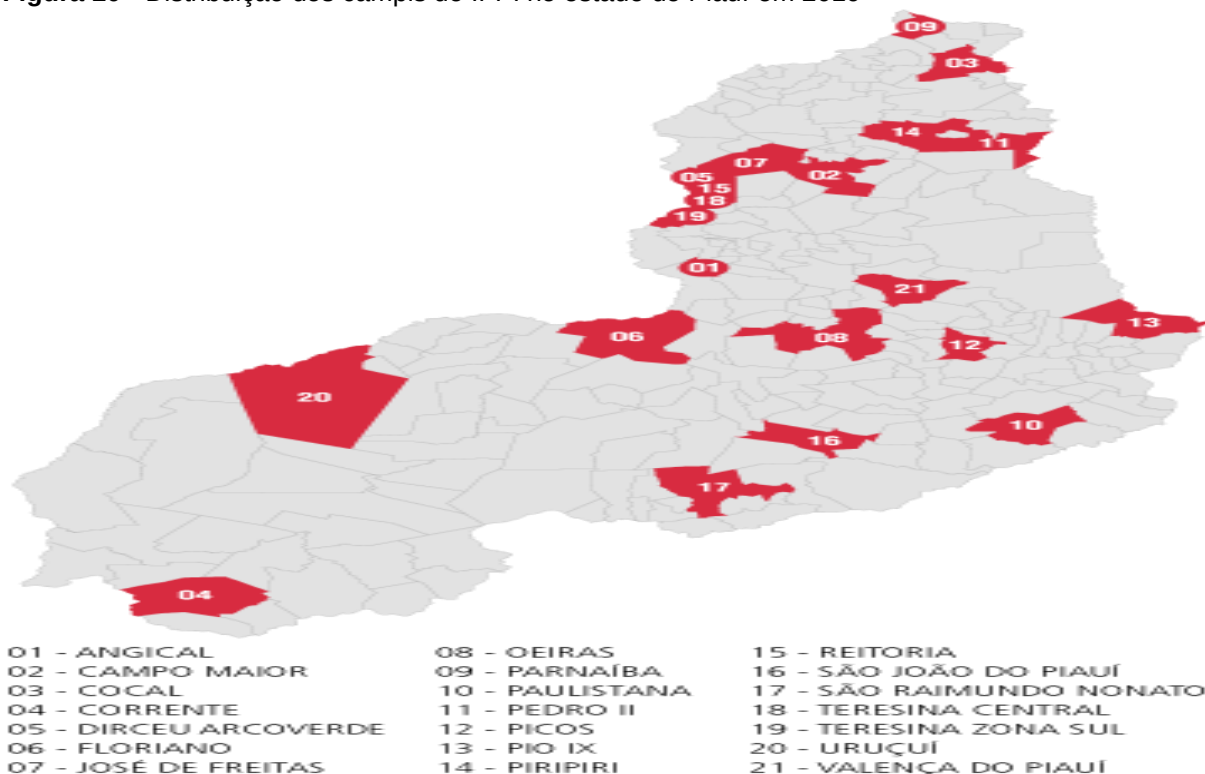


Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPI, p 16, 2014.

A figura acima projeta a divisão geográfica do Instituto Federal e também traz a forma como é colocada as suas unidades, é possível identificar a existência de alguns Campis avançados em que se tem um trabalho específico desenvolvido. E, além disso, também é colocado entre a cidade de Floriano Uruçuí, um centro de referência em programas e projetos também pertencente a estrutura do Instituto. Outro ponto importante a se falar, é que o Instituto ficou espalhado ao longo de todo o estado do Piauí com a intenção de ajudar a formar pessoas dessas localidades e desenvolver a economia local e regional, fortalecendo assim todo o estado. Nesse sentido é preciso reconhecer que cada campi do Instituto trabalha de uma forma diferente e com cursos diferentes; por exemplo, no campus de Parnaíba se trabalha com uma certa grade de cursos que certamente são diferentes dos cursos que são ofertados em Corrente; pois reconhece-se que são realidades locais diferentes e com realidades específicas com as potencialidades e riquezas daquela própria região.

Em 2019, o Instituto Federal do Piauí já conta com 21 unidades espalhadas ao longo do estado, passando nos últimos anos por uma completa ampliação estrutural, principalmente na oferta de vagas. Assim, o Instituto Federal do Piauí, chega a 2019 com a seguinte estrutura:

Figura 10 - Distribuição dos campi do IFPI no estado do Piauí em 2019



Fonte: IFPI (2019)

Uma instituição que cresceu não somente de tamanho, mas sobretudo em qualidade, tornando-se referência em qualidade educacional.

São comuns na realidade do instituto, notícias como está que foi divulgada online no Portal do IFPI, através de dados divulgados pelo INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: “Mais uma vez o Instituto Federal do Piauí se destacou nos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio. (...) - as médias do IFPI em todas as áreas (linguagens, humanas, redação, matemática e natureza) ficaram acima das médias nacionais” (IFPI, 2019).

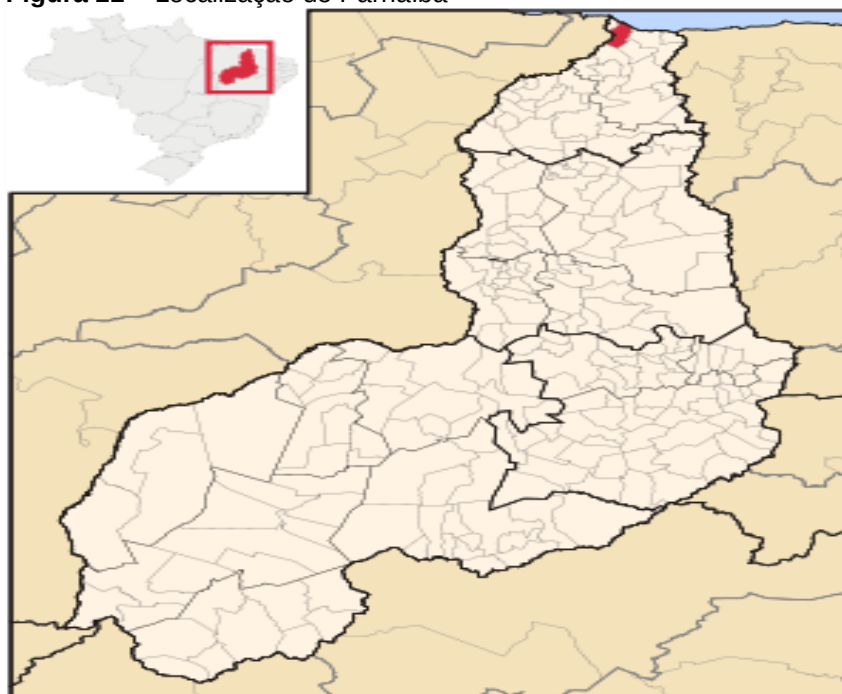
Além da instituição ser destaque a nível nacional, conforme notícia supracitada, os alunos da instituição vêm ano a ano acumulando medalhas de olimpíadas como por exemplo, OBMEP - Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Ainda de acordo com a notícia divulgada em 2019 no portal da instituição; o “Campus Teresina Central ficou com a melhor nota dentre as escolas

públicas piauienses, com média geral de 614,04. Além disso, das 10 escolas públicas piauienses com melhor desempenho, outras 5 são campi do Instituto Federal do Piauí” (IFPI, 2019).

3.2 O IFPI – Campus Parnaíba

Parnaíba é a segunda maior cidade do estado do Piauí, e também é a principal cidade de toda microrregião “litoral piauiense” e fica localizado ao norte do estado, compondo uma região conhecida como planície litorânea que é bastante conhecida pelo turismo, culinária e assim reconhecida ainda como capital do delta.

Figura 11 – Localização de Parnaíba



Fonte: Wikipédia, 2018⁵.

Fica localizada a 318 km da capital do estado, Teresina; e se destaca por suas exuberantes paisagens, praias, lagoas e pela beleza natural do seu ecossistema. Dentre os principais atrativos da cidade, destaca-se o porto das barcas, onde é localizado o antigo centro de exportação do comércio do século XX que hoje abriga museus, armazéns e locais de exposição de arte, peças, músicas e lojas de artesanatos em geral. E por ter uma localização estratégica, de olho no turismo e no potencial da região, o governo federal trouxe para o município um aeroporto

⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parna%C3%ADba>.

internacional servindo para o desenvolvimento do local e de porta de entrada para o turismo, recebendo milhares de pessoas não só do Piauí, mas do Maranhão e também do vizinho Ceará. Outro grande potencial é o delta do Parnaíba que é uma fonte de riqueza para Parnaíba, com uma área de 2.700 km² em média e conta com 75 ilhas e é o único delta de todo hemisfério sul. Sendo também um local estratégico para o turismo regional (IFPI, 2010).

De acordo com dados atualizados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (2018), a cidade de Parnaíba possui uma população de 152.653 pessoas. Além de muitos habitantes, a cidade recebe milhares de pessoas em viagens a turismo e a trabalho, em consequência disso, Parnaíba inaugurou no ano de 2014 seu primeiro shopping, o Parnaíba shopping, localizado numa das principais avenidas da cidade, avenida são Sebastião.

De acordo com o PDI institucional (IFPI, 2010) o campus de Parnaíba, conforme já mencionado, surgiu através de um processo institucional de interiorização. Isso, antes de se constituir como IFPI, ainda enquanto CEFET-PI, a instituição iniciou esse processo de interiorização, dando o pontapé inicial na cidade de Floriano e posteriormente chegando as cidades de Picos e finalmente Parnaíba no ano de 2007. Os objetivos desse processo de interiorização era:

- a) oportunizar o acesso aos cursos de ensino médio, prioritariamente integrado ao ensino profissionalizante e superior;
- b) difundir a tecnologia no interior do Estado, permitindo a adoção e o desenvolvimento de novos processos de produção e de transformação;
- c) oportunizar desenvolvimento com sustentabilidade, às regiões em que os Campi foram instalados, em razão da possibilidade de implantação de parques tecnológicos, facilitada pela existência de recursos humanos habilitados para operá-los;
- d) estimular o não-deslocamento da população estudantil para outras regiões, em decorrência da falta de instituições adequadas ao prosseguimento nos estudos;
- e) estimular o crescimento e o progresso das cidades onde foram instalados os Campi;
- f) possibilitar satisfação e melhoria do nível de qualidade de vida da população daquelas regiões abrangidas pelos Campi (IFPI, p 35, 2010).

Utilizando-se de toda estrutura já existente no anteriores CEFET's e a partir daí pensando em ampliar a rede, foi assim que surgiu a possibilidade de o IFPI idealizar as UNED's – Unidades Educacionais Descentralizada. Era uma forma do ensino que era ofertado pelo CEFET, sair da capital e se descentralizar para atender também aos interiores do estado, isso seguindo os preceitos do que postulava as

etapas de expansão da rede federal. Pois presenciava-se no país um período de desenvolvimento econômico e estrutural, e tinha-se por parte do governo o ideário de que os interiores dos estados necessitavam receber uma contrapartida governamental face as possibilidades de crescimento que vivenciava a economia do Brasil naquele momento.

Essas políticas com vista a expansão da rede chegaram à realidade do estado do Piauí, em que através dessas políticas, e através do CEFET-PI; autorizou-se a criação de UNED's ao longo da região interiorana do estado, e nesta perspectiva a cidade de Parnaíba foi beneficiada por este processo.

O contexto durante o período de criação do campus de Parnaíba demonstrava uma população carente por escolarização e que buscavam oportunidades de crescimento, tudo isso diante de uma cidade que desfrutava de potenciais recursos, tanto naturais através do turismo, quanto da agricultura; ainda também pelo fator populacional, pois a cidade de Parnaíba se constitui como a segunda maior cidade do estado, em termo populacional. No entanto o que se percebia era a ausência de políticas por parte do governo Federal que introduzisse meios com vista a profissionalização da população desta região. Sendo, portanto, Parnaíba uma cidade atrativa para o processo de expansão da rede federal.

Portanto, os fatores que delimitaram a cidade de Parnaíba como uma das regiões a receberem um dos campi do instituto, foram: o fato da população de Parnaíba ser a segunda maior população do estado, o fato dessa região contar com uma gama de riquezas e potenciais para desenvolvimento econômico nos aspectos locais, regionais e até nacional, e, sem deixar de mencionar, que Parnaíba, foi o início da colonização do Piauí, sendo uma cidade historicamente destinada a desenvolver atividades econômicas. Estava vivenciando uma intensa demanda por formação e qualificação profissional. Mas que até aquele momento estava de fora da estrutura educacional que o CEFET oferecia.

Foi quando, a partir das etapas de expansão da rede federal, no ano de 2006, a instituição CEFET resolve autorizar a implantação de uma unidade de educação descentralizada, as UNED's, com a intenção de trazer para a cidade de Parnaíba os cursos que melhor ajudassem a população no desenvolvimento da economia local, regional e que ajudasse a suprir a demanda por educação.

Embora autorizado em 2006, a implantação desta unidade se deu apenas em 2007 e com a inauguração e funcionamento efetivo da UNED Parnaíba somente em 2008.

Figura 12 – IFPI campus Parnaíba – entrada.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2019.

A instalação desta unidade na cidade pode se resumir da seguinte forma: uma estrutura federal trazendo para a cidade os cursos que inicialmente se tinham apenas em cidades distantes.

Em 2019, o IFPI - campus Parnaíba é uma instituição referência na oferta de educação profissional e tecnológica, se destacando principalmente na oferta de ensino técnico. No contexto atual, a instituição oferta:

- 2 cursos superiores de licenciatura: Física e Química;
- 1 curso superior de tecnologia em Processos gerenciais;
- 3 cursos de ensino técnico integrado: Edificações, eletrotécnica e Informática; e,
- 4 cursos técnico concomitante/subsequente: Administração, Edificações, eletrotécnica e Informática.

Figura 13 – IFPI campus Parnaíba – Jardim principal.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2019.

Por fim, pode-se afirmar que esta instituição tem grande relevância na cidade de Parnaíba, pois além de sua forte presença enquanto órgão federal, tem ofertado anualmente bastante mão de obra qualificada para o comércio e para a região, assim como também tem ofertado um número cada vez maior de vagas. A referência da instituição como de qualidade elevada, faz com que a mesma não consiga atender toda a demanda de pessoas interessadas em estudar nela, principalmente na realidade do ensino técnico, fato que justifica a realização anual e semestral de processos seletivos; uma vez que o número de interessados é bem superior ao número de vagas ofertadas. Fato que ajuda a entender a relevância desta instituição na cidade é que; até o início do ano de 2019, o IFPI - Campus Parnaíba (de acordo com informações do setor de controle acadêmico e do “Qacademico⁶”) atendia a mais de mil alunos. O número de alunos atendidos pela instituição eram exatos 1.039 estudantes regularmente matriculados.

⁶ Sistema institucional – “portal acadêmico”, que controla todos os dados dos estudantes, e servi ao próprio estudante como sistema de mediação para os processos de notas, de comunicação e informações sobre o curso e a instituição.

CAPITULO IV DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO

4 DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO DA EVASÃO TÉCNICA DO IFPI - PARNAÍBA

4.1 Diagnóstico Quantitativo/ Índice de evasão

Esta é uma análise preliminar sobre a evasão no ensino técnico do Instituto Federal - Campus Parnaíba; e desta forma o trabalho identificou ser necessário delimitar o período de tempo a ser analisado em 5 anos. Assim, o período recaiu sobre os anos de 2013 a 2017. E para deixar a pesquisa mais clara, colocou-se em pauta o histórico de ingresso de alunos, o número de alunos evadidos por cada curso e por ano, e assim obtendo-se o índice de evasão.

Portanto, acredita-se que a melhor maneira de se conhecer a situação da evasão escolar no ensino técnico do IFPI - campus Parnaíba é fazendo inicialmente uma análise histórica quantitativa sobre o número de ingressantes e o número de alunos evadidos. Pois, antes de tudo é imprescindível saber com exatidão a intensidade do problema. Para isso é interessante fazer nesta análise, um acompanhamento de cada ano, de 2013 a 2017, colocando em pauta a relação entre a quantidade de alunos que ingressam anualmente nos cursos técnicos da instituição e a quantidade de evasões em cada um dos referidos anos e em cada um dos cursos.

Essas informações foram possíveis de serem adquiridas através da própria instituição. O campus de Parnaíba tem em sua estrutura organizacional o setor de controle acadêmico, que é responsável por todas as informações relacionadas as matrículas dos alunos, por isso, foi uma fonte estratégica para a obtenção dos dados para esta pesquisa. Neste setor, tem-se todas as informações quantitativas sobre o número de alunos que ingressam, que permanecem, que saem; bem como todas as informações que nos auxiliaram a construir o índice de evasão anual dos cursos.

Certamente, para conseguirmos uma visão mais ampla sobre o problema, foi necessário conhecer algumas especificidades institucionais, como por exemplo, a quantidade de vagas que o campus de Parnaíba tem ofertado para a comunidade, os cursos que oferecem mais e menos vagas, e como se deu esse processo no período de 2013 a 2017.

Quadro 2 - Histórico de ingresso de alunos 2013 a 2017

QUANTIDADE DE ALUNOS INGRESSANTES POR CURSO/ANO									
CURSO	2013. 1	2014. 1	2014. 2	2015. 1	2015. 2	2016. 1	2016. 2	2017. 1	2017. 2
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	31	34		40		40		40	
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	30	32		31		33		39	
Técnico Integrado ao Médio em Informática	31	34		33		40		40	
Técnico Concomitante/Subsequente em Administração	40	38	40	40	46	40	38	50	41
Técnico Concomitante/Subsequente em Edificações	40	40		40		40		41	
Técnico Concomitante/Subsequente em Eletrotécnica	40	40		40		40		40	
Técnico Concomitante/Subsequente em Informática		37		38		40		40	40

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O histórico de alunos ingressantes no ensino técnico, feito através do quadro 2, revela que ao longo de 5 anos, o IFPI – Campus Parnaíba recebeu exatos 1.497 novos alunos.

Também é possível identificar que a oferta de vagas é maior na modalidade técnico Concomitante/Subsequente, onde ao longo de todo período foi ofertado 969 vagas, ao contrário da modalidade técnico Integrado ao Médio, que ofertou 528 vagas. Ainda é possível fazer uma outra inferência acerca do histórico; o IFPI – Parnaíba, tem abertura de novas turmas tanto no início, quanto no meio do ano, por exemplo, o ano de 2014, temos turmas 2014.1 e 2014.2, conforme é observado no quadro acima. No entanto, ao longo destes 5 anos, apenas o curso de Técnico Concomitante/Subsequente em Administração, ofereceu a abertura de turmas no meio do ano. Além de ser uma curiosidade, pode ser o tema de uma outra pesquisa, a identificação do porquê a instituição escolher apenas este curso para abertura de turma no meio dos últimos anos.

Contudo, feito a análise histórica dos ingressantes dos cursos técnicos da instituição, e de posse destas informações. Coube neste momento, e ainda por meio das informações obtidas no setor de controle acadêmico, construir o histórico de

evasão dos cursos técnicos; isso, levando em consideração o período a que tomamos por análise temporal.

4.1.1 Histórico quantitativo de evasão dos cursos técnicos do campus Parnaíba

Para tornar possível um melhor dimensionamento sobre os aspectos da evasão na educação profissional técnica de nível médio da instituição analisada, colocou-se em pauta os números da evasão de cada curso e por cada ano, no período de 2013 a 2017.

Quadro 3 - Evasão por curso no período de 2013 a 2017.

QUANTIDADE DE ALUNOS EVADIDOS POR CURSO/ANO IFPI - PARNAÍBA									
CURSO	2013. 1	2014. 1	2014. 2	2015. 1	2015. 2	2016. 1	2016. 2	2017. 1	2017. 2
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	27	15		2					
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	28	11		6				1	
Técnico Integrado ao Médio em Informática	9	10		13					
Técnico Concomitante/Subseq uente em Administração	17	17	11	23	3		10	7	3
Técnico Concomitante/Subseq uente em Edificações	21	17	7	26		1		26	1
Técnico Concomitante/Subseq uente em Eletrotécnica	16	28	10	16				7	6
Técnico Concomitante/Subseq uente em Informática		23	4	24			1	20	6

Fonte: desenvolvido pelo autor.

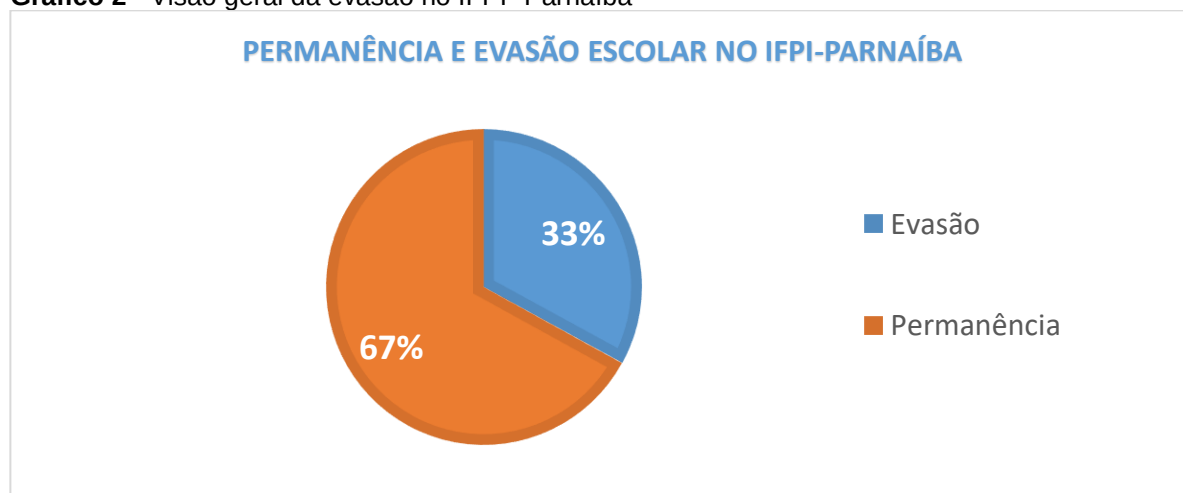
No período de 2013 a 2017, foram exatas 473 vagas abandonadas. Uma média de 94 alunos por ano abandonaram seu percurso educacional na formação técnica.

4.1.2 Índice Geral de evasão do ensino técnico do Campus Parnaíba

Em síntese, quando colocamos em pauta qual o formato de ensino técnico possui o maior número de evadidos, podemos fazer algumas inferências: o ensino técnico integrado teve 122 alunos evadidos. Já o formato técnico concomitante/subsequente teve quase o triplo de evasões, totalizando 351 alunos desistentes. Contata-se que o formato concomitante/Subsequente oferece quase o dobro de vagas que o técnico integrado; mas que, no entanto, o mesmo tem o número de evasão 3 (três) vezes maior do que o integrado.

Para melhor identificar e conhecer o problema, faz-se necessário fazer uma comparação geral sobre a correspondência em porcentagem do número de permanência e de evasão na instituição. Isso, dá-nos uma visão geral da situação, chegando-se ao índice geral. Para isso, foi preciso envolver todos os formatos de ensino técnico; tanto os integrados, concomitantes como também os subsequentes, utilizando-se o total de ingressantes do período - 1.497 alunos – e calcular quantos por cento desse valor total corresponderia ao número de alunos evadidos - 473 alunos. O gráfico a seguir revela, portanto, o índice geral de evasão dos cursos técnicos do Campus Parnaíba.

Gráfico 2 - Visão geral da evasão no IFPI -Parnaíba



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Chega-se ao momento em que é possível conhecer o índice geral de evasão dos cursos técnicos do Campus de Parnaíba. Tem-se a constatação de que dos 1.497 novos alunos que a instituição recebeu no período de 5 anos, contando-se de 2013 a

2017, houve evasão de 33% dos estudantes, revelando-se um total de 473 alunos desistentes.

O gráfico 2, permite a inferência de que a situação do IFPI - Parnaíba é bem delicada, pois basicamente 1/3 dos alunos que ingressam nesta instituição, acabam que não concluindo o curso. Os dados elencados até aqui permitem fazer uma triste comparação de que a cada 3 alunos, 1 vai desistir do curso.

4.1.3 Índice de evasão específico dos cursos técnicos do IF – Parnaíba

Após a possibilidade de se conhecer o índice geral da evasão, acreditou-se na necessidade de estabelecer o índice individual de cada curso. Isso é possível da seguinte forma: ao acompanhar o número de alunos ingressantes (quadro 2) e o número de alunos evadidos (quadro 3), pôde-se, portanto, obter o índice de evasão de cada curso. Somou-se a quantidade de alunos ingressantes, e a essa quantidade X atribuiu-lhe o valor de 100%, e fez-se o cálculo da porcentagem - da quantidade de alunos evadidos Y em cima dos 100% do valor de ingressantes. Fazendo-se assim uma regra de 3 simples. Obteve-se:

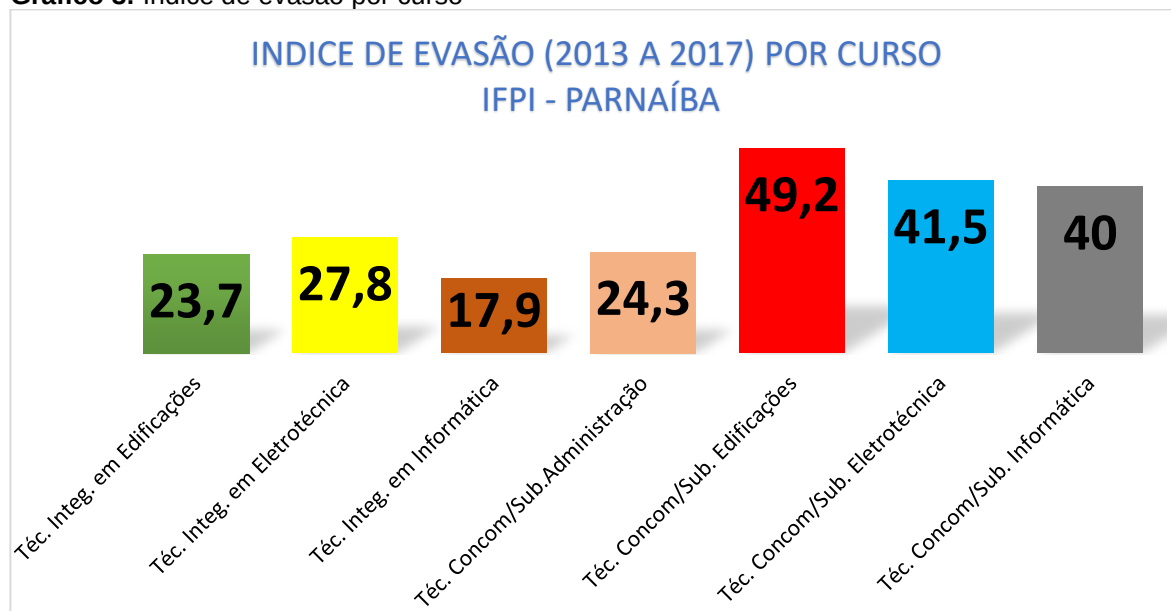
Quadro 4 - Índice de evasão dos cursos técnicos

ÍNDICE DE EVASÃO - INGRESSANTES X EVADIDOS POR CURSO/ ÚLTIMOS 5 ANOS (2013 A 2017) NO IFPI - PARNAÍBA			
CURSO	INGRESSANTES	EVADIDOS	ÍNDICE DE EVASÃO %
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	185	44	23,7
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	165	46	27,8
Técnico Integrado ao Médio em Informática	178	32	17,9
Técnico Concomitante/Subsequente em Administração	373	91	24,3
Técnico Concomitante/Subsequente em Edificações	201	99	49,2
Técnico Concomitante/Subsequente em Eletrotécnica	200	83	41,5
Técnico Concomitante/Subsequente em Informática	195	78	40

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Chegando-se ao índice geral de evasão de cada curso, pôde-se identificar quais cursos tem o maior e menor índice de evasão, bem como, a análise permitiu também a compreensão de qual modalidade de ensino continha os maiores índices de evasão.

Gráfico 3: Índice de evasão por curso



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

De acordo com as informações obtidas através do Controle acadêmico, bem como, através das inferências obtidas neste estudo, pode-se constituir o seguinte diagnóstico: os quadros, os gráficos e sobretudo o gráfico 3, demonstra-nos como ocorre o fenômeno da evasão de forma mais detalhada. É possível identificar inicialmente que:

1. O número geral de evasão, somando-se todos os cursos e todos os formatos de cursos técnicos, correspondem a 33% da quantidade de alunos que ingressaram no período em análise.
2. Já o número geral de permanência corresponde a 67% dos ingressos.
3. Entre o formato de educação técnica integral e o formato subsequente/concomitante, a evasão ocorreu com mais intensidade nos cursos técnicos concomitante/subsequente.
4. A variação do índice de evasão é bem expressiva, passando de 17,9% (Técnico integrado em informática) até os 49,2 % (Técnico concomitante/subsequente em edificações).

5. Identificou-se que o curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente teve um índice de evasão de 49,2%, ou seja, dos 201 alunos que ingressaram de 2013 a 2017, 99 alunos abandonaram o curso.

CAPITULO V

DIAGNÓSTICO QUALITATIVO

5 DIAGNÓSTICO QUALITATIVO DA EVASÃO TÉCNICA DO IFPI-PARNAÍBA

5.1 Concepção dos alunos

A pesquisa desenvolveu a aplicação de questionários com uma amostra de 20 alunos do curso técnico identificado como aquele de maior índice de evasão; sendo assim, foi aplicado questionário como os alunos do curso técnico subsequente em edificações noturno.

Ao longo da leitura deste trabalho, com o intuito maior de preservar a identidade dos alunos, será atribuído pseudônimos a cada um dos participantes, não sendo, portanto, identificado os nomes verdadeiros, sendo atribuído para cada um deles o termo “Aluno” seguido pela sequência correspondente de 1 a 20. Como são 20 alunos, o primeiro recebendo o termo “aluno 1”, o segundo “aluno 2” e assim por diante.

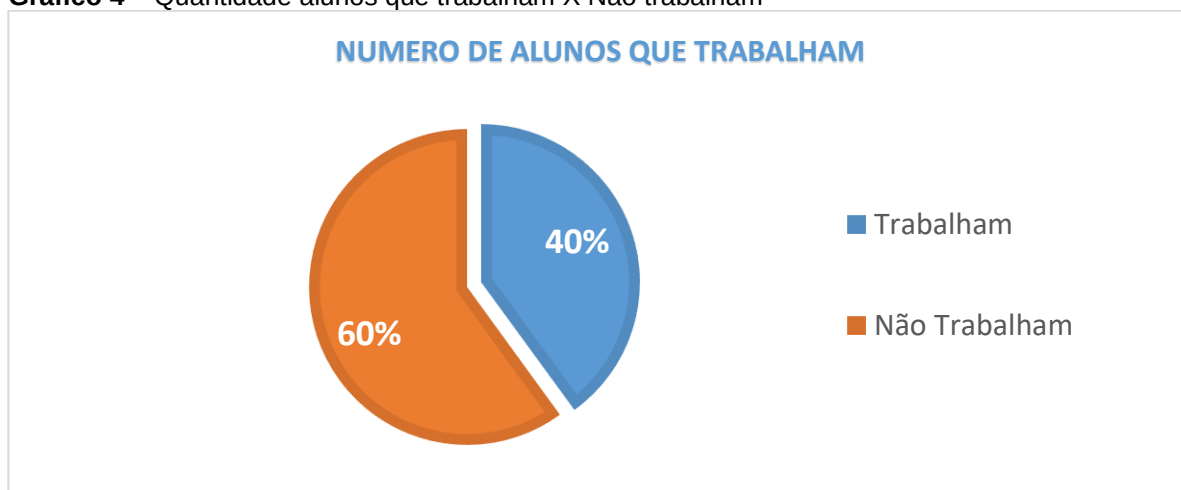
Antes de construirmos um diagnóstico baseado nas concepções dos alunos acerca do problema, acreditou-se ser necessário identificar o perfil dos alunos e o levantamento de outras informações importantes.

5.1.1 Perfil dos Alunos respondentes da pesquisa

TRABALHAM OU NÃO? - A primeira pergunta do questionário foi sobre o fato do aluno trabalhar ou não, nisso constatou-se a seguinte realidade. Baseado nos questionários, apenas 8 alunos trabalham, sendo que 12 alunos no atual momento da pesquisa não desenvolviam nenhuma atividade empregatícia.

Há no próprio espaço institucional um discurso muito comum de que os alunos de cursos técnico noturno eram geralmente trabalhadores com uma vida bastante atarefada e “sem tempo” e que tinham apenas a noite pra estudar, e que, exatamente por isso era um público já propenso pra evasão. Mas o resultado mostrou, que ao contrário, chega-se a ter uma quantidade até maior de alunos que ainda não trabalham.

Gráfico 4 – Quantidade alunos que trabalham X Não trabalham

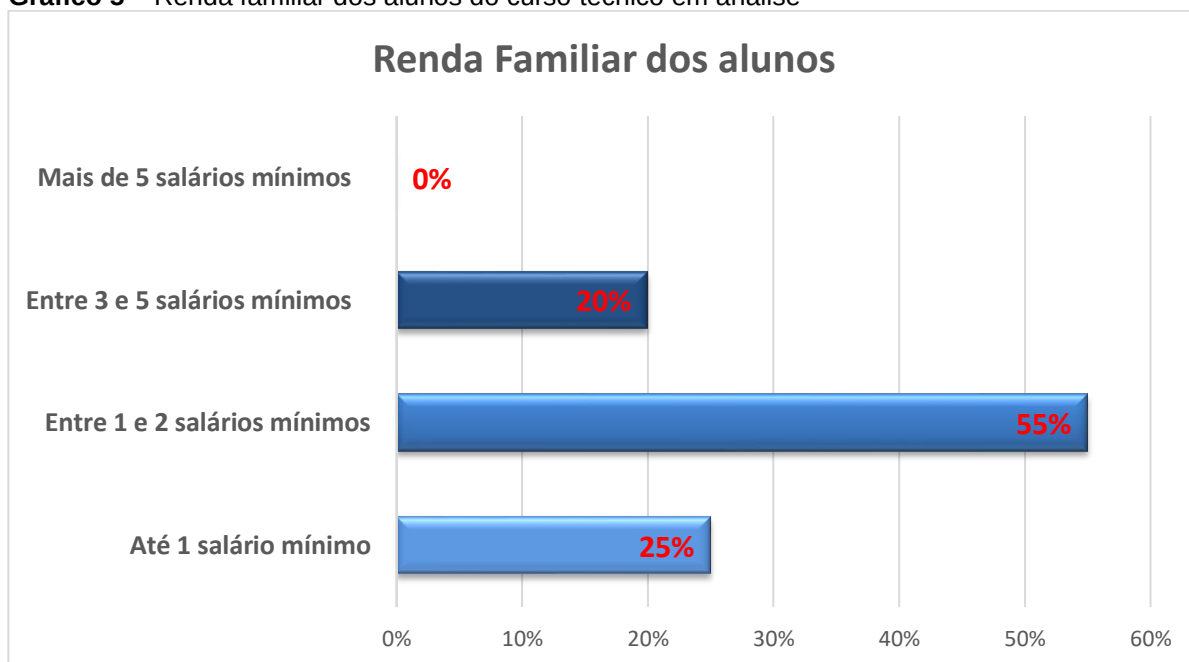


Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Dos 20 alunos, detectou-se que 60% desenvolviam alguma atividade empregatícia e outros 40% não exerciam nenhuma atividade de trabalho.

PERFIL FINANCEIRO - Outro quesito investigado foi o perfil financeiro familiar, onde foi solicitado que revelassem a renda familiar, sendo dado 4 alternativas: a) Até um salário mínimo; b) Entre um e dois salários mínimos; c) Entre três e cinco salários mínimos e d) Mais de cinco salários.

Gráfico 5 – Renda familiar dos alunos do curso técnico em análise



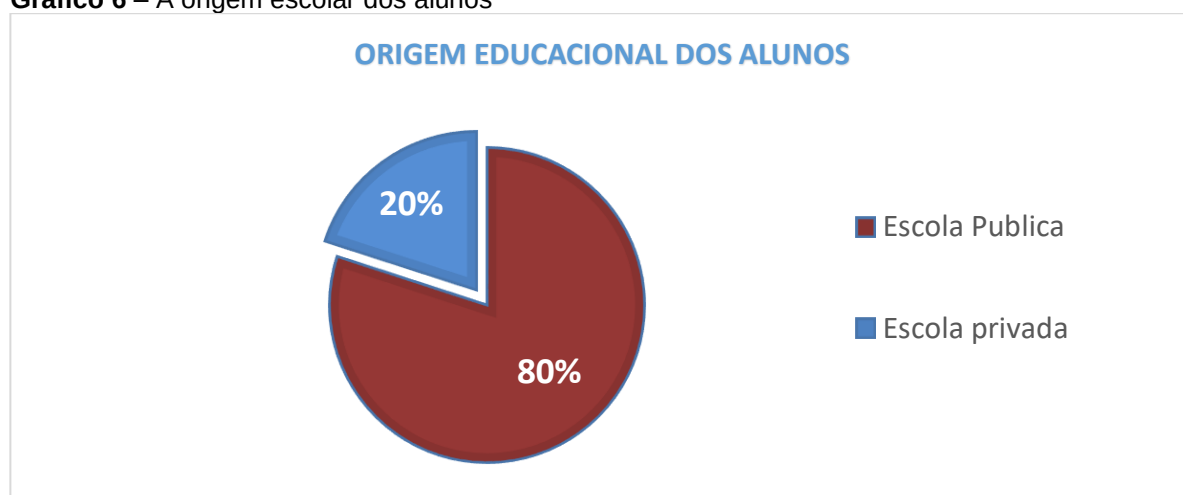
Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Dos 20 alunos, foi identificado que 5 tem uma renda familiar de até um salário mínimo, 11 alunos (a maioria) tem uma renda familiar de 1 a 2 Salários mínimos e 4

alunos fazem parte de uma renda familiar de 3 a 5 salários mínimos. Percebe-se que a turma é composta por um perfil financeiro bem variado.

ORIGEM ESCOLAR - A terceira parte do questionário foi destinado a analisar a origem estudantil de cada alunos, acreditou-se ser interessante analisar se os alunos vêm de escola pública ou privada para auxiliar no tratamento do perfil dos alunos.

Gráfico 6 – A origem escolar dos alunos



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O diagnóstico aponta que 80% dos estudantes do curso técnico em edificações noturno é de origem da escola pública, isso correspondendo a 16 alunos, sendo apenas 4 ou 20% de origem de escola privada, conforme gráfico 6 acima.

O QUE MOTIVOU O ALUNO A QUERER O CURSO? - A quarta investigação elencada no questionário foi “o que levou você a escolher o curso técnico que você está fazendo?” e para isso foi dado algumas alternativas, bem como, a opção de acrescentar um comentário, caso nenhuma das alternativas dadas correspondessem ao que o aluno quisesse relatar, vejamos as alternativas: a) Vontade de adquirir novos conhecimentos; b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho; c) Influencia dos pais, e amigos; d) Porque era o Menos concorrido; e) Porque já atua na área; f) Para dar continuidade aos estudos g) Para preencher tempo vazio e h) Outros/motivo: _____.

Quadro 5 – O que leva os alunos do ensino técnico a escolherem o curso.

O que levou você a escolher o curso técnico que você está fazendo?	
Aluno 1	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos

Aluno 2	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 3	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 4	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho. H) Outros motivos: “é uma área que me chamou atenção para atuar nela” (aluno 4, 2018).
Aluno 5	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 6	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 7	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 8	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 9	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 10	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 11	a) Vontade de adquirir novos Conhecimentos e - e) Porque já atua na área
Aluno 12	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 13	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos; b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho; c) Influencia dos pais, e amigos; e) Porque já atua na área; f) Para dar continuidade aos estudos
Aluno 14	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 15	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 16	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 17	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 18	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 19	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 20	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho

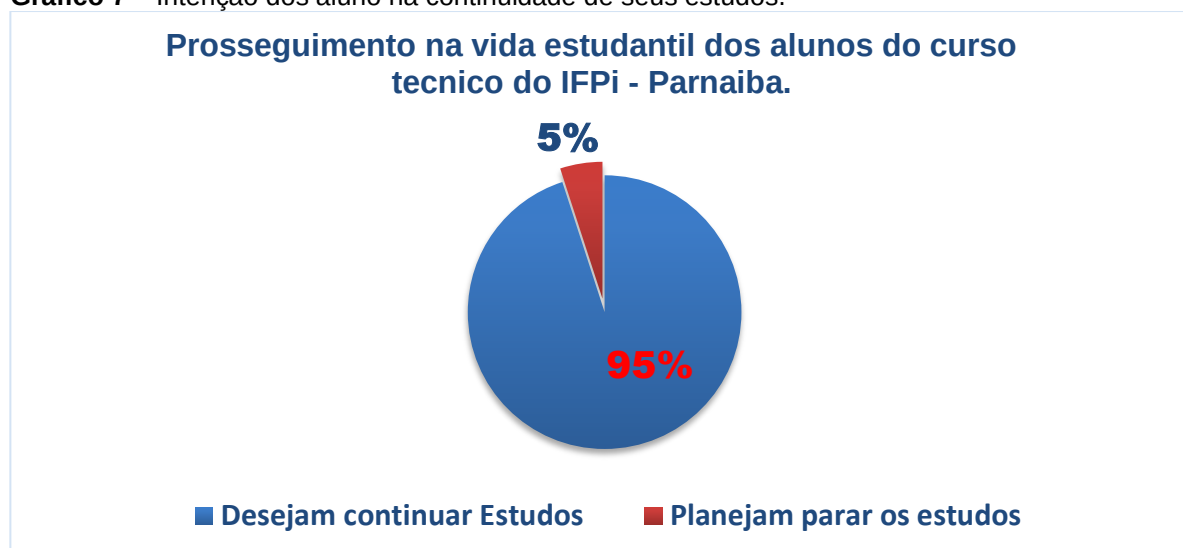
Fonte: Desenvolvido pelos autores

Dos 20 alunos, 15 alegaram que um dos motivos de terem escolhido o curso é a qualificação para conseguir emprego. Ou seja 75% dos alunos visavam ao mercado de trabalho na hora de terem escolhido o curso técnico. Isso quer dizer que uma das maiores motivação dos alunos de ensino técnico, tirados por essa análise, é a qualificação para o mercado de trabalho. Tem-se na instituição a falácia de que o aluno que faz o ensino técnico é aquele que de alguma forma veem nesse formato de ensino um meio rápido de ingressar no mercado de trabalho a médio/curto prazo.

Apenas 4 alunos entraram com a intenção primária de adquirir novos conhecimentos, e destaca-se nessa perspectiva o relato do aluno 4, destacada no quadro acima, que entre outras coisas, além de se motivar pela busca de novos conhecimentos teve ainda como motivação a curiosidade e desejo pela área escolhida, pois “é uma área que me chamou atenção para atuar nela” (aluno 4).

Continuidade dos estudos. Foi perguntado aos alunos nos questionários se eles pretendiam continuar os estudos após concluir o curso. A intenção era abordar se os alunos viam no curso técnico uma etapa final de seus estudos, ou se estavam ali, mas pretendiam prosseguir. De acordo com o gráfico a seguir foi possível obter esta resposta:

Gráfico 7 – Intenção dos alunos na continuidade de seus estudos.

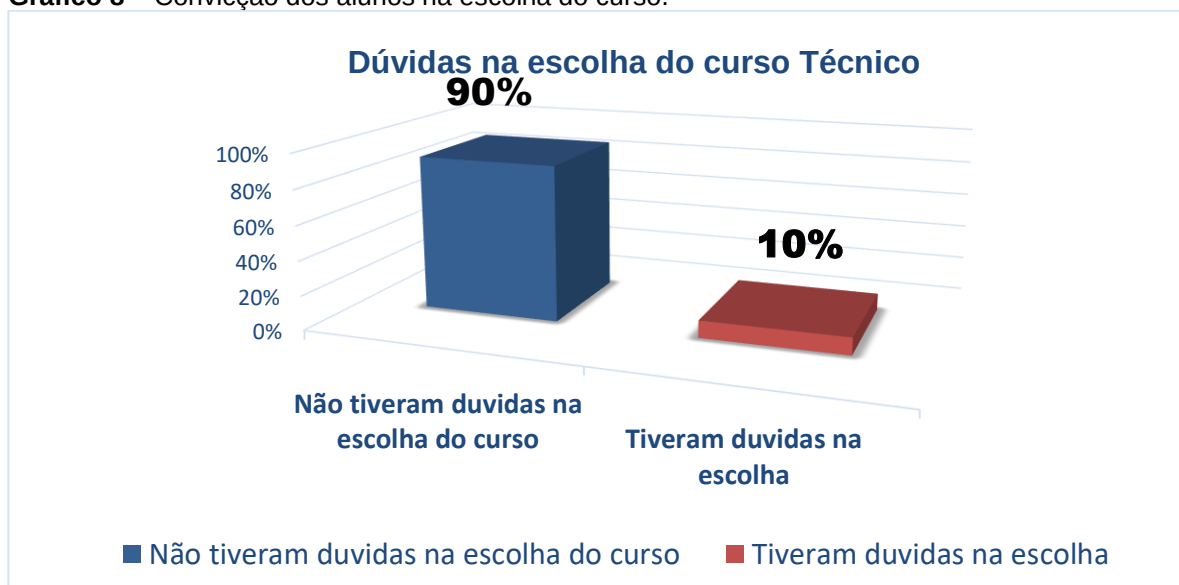


Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Foi possível averiguar que dos 20 alunos respondentes, 95% dos alunos fazem o curso técnico mas desejam prosseguir os estudos após concluírem o curso, e apenas 1 aluno, correspondendo a 5%, afirmou que tinha a intenção de parar os estudos após a conclusão do ensino técnico.

Incerteza/dúvidas sobre a escolha do curso. Existe uma suspeita, inclusive corriqueiramente levantada pelos servidores do campus Parnaíba, de que muitas vezes o aluno ingressa no ensino técnico por não ter conseguido entrar no ensino superior, e como uma segunda opção escolhe a formação técnica. No intuito de se analisar como se deu a escolha do curso, fez-se a seguinte indagação no questionário: “no momento de escolher este curso, você teve dúvida, entre este e outro curso?”. Foi possível alcançar o seguinte resultado, conforme gráfico 8:

Gráfico 8 – Convicção dos alunos na escolha do curso.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Os questionários revelam que apenas 10% dos alunos estiveram em uma situação de indecisão entre o curso técnico e outro curso, revelando que o aluno iniciou o curso de formação técnica sem uma convicção. Mas a ideia de que os cursos técnicos são um tipo de segunda opção para quem não adentrou em um curso superior é derrubada pela comprovação de que a maioria dos alunos, 90 %, não tiveram dúvidas na escolha do curso técnico, ou seja, escolheram o curso por convicção e por vontade de cursá-lo.

5.1.2 Satisfação dos alunos com o curso técnico

Um dos pontos mais importantes na investigação dos questionários foi a identificação da satisfação dos alunos quanto ao curso técnico em que frequentavam. Pelo fato do curso ter sido identificado com o maior índice de evasão entre os cursos técnicos do campus Parnaíba, pareceu-se muito conveniente questionar se os alunos estavam satisfeitos, e caso não estivessem apontassem o porquê da insatisfação. Nisto gerou-se no questionário a seguinte questão:

7- VOCÊ ESTA SATISFEITO COM O CURSO?

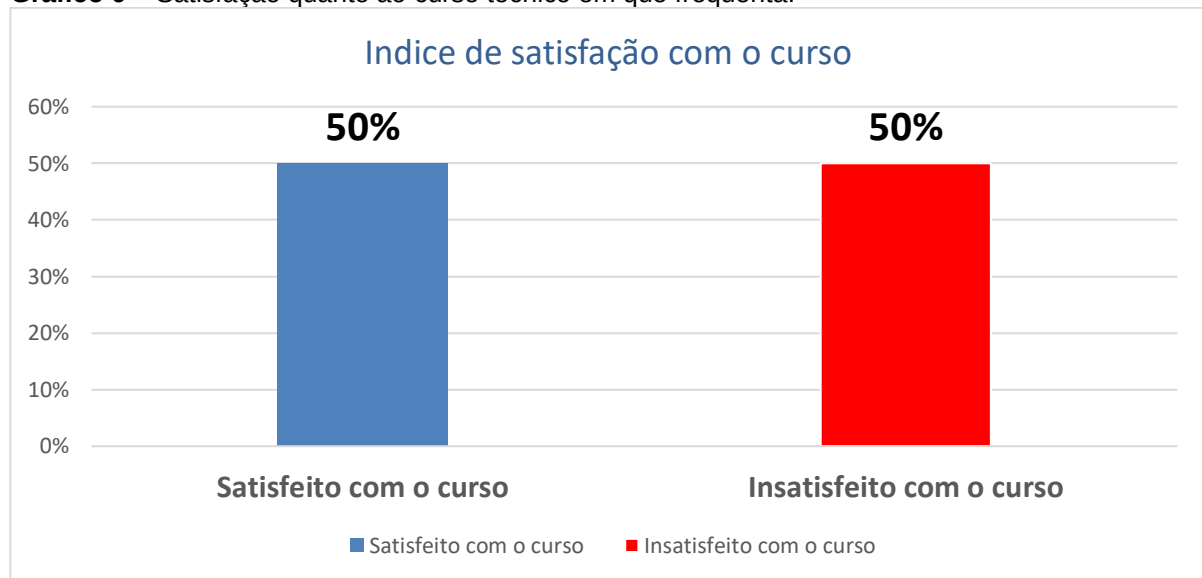
A-Sim () B-Não (), se esta for a resposta, responda porquê?

- a) () Estrutura / conteúdo do curso do curso não atende as minhas expectativas
- b) () Falta de infra estrutura
- c) () distancia da instituição e dificuldade de acesso (transporte, locomoção)
- d) () professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam

- e) () Não satisfação com o meu rendimento escolar
f) () Horários – incompatibilidade do horário do curso com o horário de outras atividades
g) () Outros _____
(ROSA e AQUINO, 2018)

Vale ressaltar, que embora a questão apontasse algumas possíveis causas, o questionário deixou o aluno à vontade para colocar outros pontos em pauta, isso está representado na alternativa G da questão, onde deu a liberdade ao aluno de colocar sua ideia, caso nenhuma das alternativas se identificasse com a sugestão do aluno. Neste sentido o gráfico a seguir demonstra a satisfação/insatisfação dos alunos quanto ao curso.

Gráfico 9 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Quanto a satisfação com o curso, pôde-se compreender que metade da turma, 50%, sentiam-se satisfeitos com o curso técnico; enquanto exatamente a outra metade, também 50%, estavam insatisfeitos com o desenvolvimento do curso. Conforme exemplificado acima, a questão além de perguntar sobre a satisfação ou não, houve também a preocupação em elencar algumas hipóteses de problemáticas. Sendo assim, aqueles alunos que responderam que estavam satisfeitos, encerrava-se aí a questão 7, já para aqueles que marcassem que estavam insatisfeitos, tinha uma segunda etapa para responder a questão, tendo que analisar ainda os itens de A à G, sendo esta uma questão que deixou o aluno livre para se identificar com algumas das possíveis hipóteses de insatisfação, e se nenhuma das hipóteses

respondessem as suas expectativas, eles ficavam livres para marcarem a alternativa “g) () Outros “ que deu a possibilidade e liberdade para responderem o que bem lhes conviessem.

Insatisfações relatadas pelos alunos. O índice de 50% dos alunos que responderam que estavam insatisfeitos com o curso, foram levados a responderem o porquê da insatisfação.

Quadro 6 – Insatisfações apontadas pelos alunos do curso técnico (Sub, Edificações noturno)

Motivos de Insatisfação com o curso:	
MOTIVOS:	ANÁLISE:
a) Estrutura / conteúdo do curso do curso não atende as minhas expectativas	4 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
b) Falta de infra estrutura	3 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
c) distancia da instituição e dificuldade de acesso (transporte, locomoção)	Nenhum aluno apontou esse item.
d) professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam	5 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
e) Não satisfação com o meu rendimento escolar	Nenhum aluno apontou esse item.
f) Horários – incompatibilidade do horário do curso com o horário de outras atividades	Nenhum aluno apontou esse item.
g) Outros _____	Nenhum aluno apontou esse item.

Fonte: Desenvolvido pelos autores

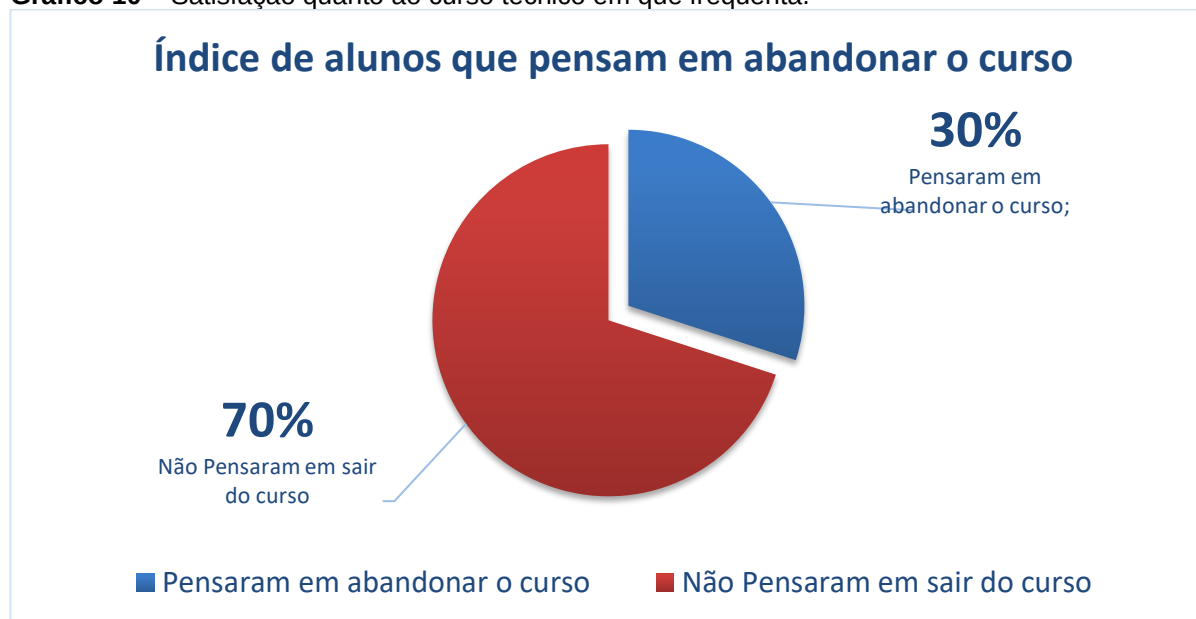
Dentre os motivos de insatisfação com o curso, conforme quadro acima, destaca-se o item “professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam”; em que a maioria dos alunos que se sentiam insatisfeitos apontaram que sentiam dificuldades com as aulas desenvolvidas por alguns professores. Outros pontos de insatisfação estão ligados aos conteúdos desenvolvidos no curso, por não atenderem as expectativas de alguns alunos e por fim, a falta de infraestrutura também causou insatisfação em parte dos alunos.

5.1.3 Os alunos pensam em deixar o curso técnico?

Esse foi um outro ponto fundamental do trabalho, pois logo após a etapa de compreender a satisfação/insatisfação dos alunos e principalmente de saber os

motivos; foi considerado importante tentar compreender se os alunos pensavam em sair do curso, imprescindivelmente após o resultado da análise anterior que revelou que 50% dos alunos respondentes deste estudo estavam insatisfeitos com o curso. No questionário, colocou-se em pauta uma questão bem simples: “VOCÊ JÁ PENSOU EM ABANDONAR O CURSO TÉCNICO?” (ROSA e AQUINO, 2019).

Gráfico 10 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.



Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

Esses dados são importante para se ter uma dimensão precisa sobre o problema da evasão escolar, pois cabe ressaltar que o curso em análise (Técnico subsequente em edificações noturno) obteve um índice de 49,2% de evasão (conforme diagnóstico quantitativo compreendido no capítulo IV deste trabalho) e mesmo assim, com quase metade da turma já tendo evadido; a outra metade restante da turma teve uma porcentagem de 30% dos alunos que pensavam ou pensara em abandonar o curso.

Se de um lado, constatou-se que praticamente metade da turma já havia saído sem concluir o curso e na outra metade remanescente, um terço pensava em sair; então, se antes de perder mais alunos, fosse possível eleger um principal responsável para assumir o papel de tentar reverter a situação, quem seria? sabe-se que a todos pertence a responsabilidade de agir no combate à evasão, mas a quem seria atribuído o papel principal nesta batalha?

O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PARA QUE A EVASÃO ESCOLAR NÃO ACONTEÇA, NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS. Essa foi a temática desenvolvida na

questão 9 do questionário. Tendo em vista que a evasão tem se constituído como problema significativo no curso em análise, procurou-se questionar com os alunos a quem eles atribuíam a responsabilidade de ser o principal responsável no combate à evasão. Mais uma vez o questionário além de dar algumas indicações de possíveis respostas, deixou o aluno com a possibilidade de agregar uma nova resposta, caso nenhuma das alternativas suprissem sua opinião. Ressalta-se ainda que os alunos podiam marcar mais de uma alternativa, caso quisessem. Sendo assim, foi colocado a sua disposição: A) A instituição de ensino; B) A família do estudante; C) O próprio estudante; D) Professores e alternativa E) outros_____.

Quadro 7 – O principal responsável no combate à evasão, na concepção dos alunos.

EM SUA OPINIÃO, QUEM É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PARA QUE A EVASÃO ESCOLAR NÃO ACONTEÇA?	
Aluno 1	A) A instituição de ensino
Aluno 2	A) A instituição de ensino
Aluno 3	C) O próprio estudante
Aluno 4	B) A família do estudante
Aluno 5	D) Professores
Aluno 6	A) A instituição de ensino; C) O próprio estudante
Aluno 7	A) A instituição de ensino
Aluno 8	C) O próprio estudante
Aluno 9	D) Professores
Aluno 10	D) Professores
Aluno 11	B) A família do estudante; C) O próprio estudante
Aluno 12	D) Professores
Aluno 13	D) Professores
Aluno 14	D) Professores
Aluno 15	C) O próprio estudante
Aluno 16	E) outros: aluno respondeu que “as dificuldades”.
Aluno 17	A) A instituição de ensino
Aluno 18	A) A instituição de ensino; D) Professores
Aluno 19	C) O próprio estudante
Aluno 20	C) O próprio estudante

Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

O quadro acima traz, portanto, a resposta dos alunos sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça, e é interessante que seja mensurado o que mais se destaca nas respostas:

- 8 alunos marcaram que *o próprio estudante* é o principal responsável;
- 7 alunos acreditam que *os professores* sejam os principais agentes para que a evasão não aconteça;

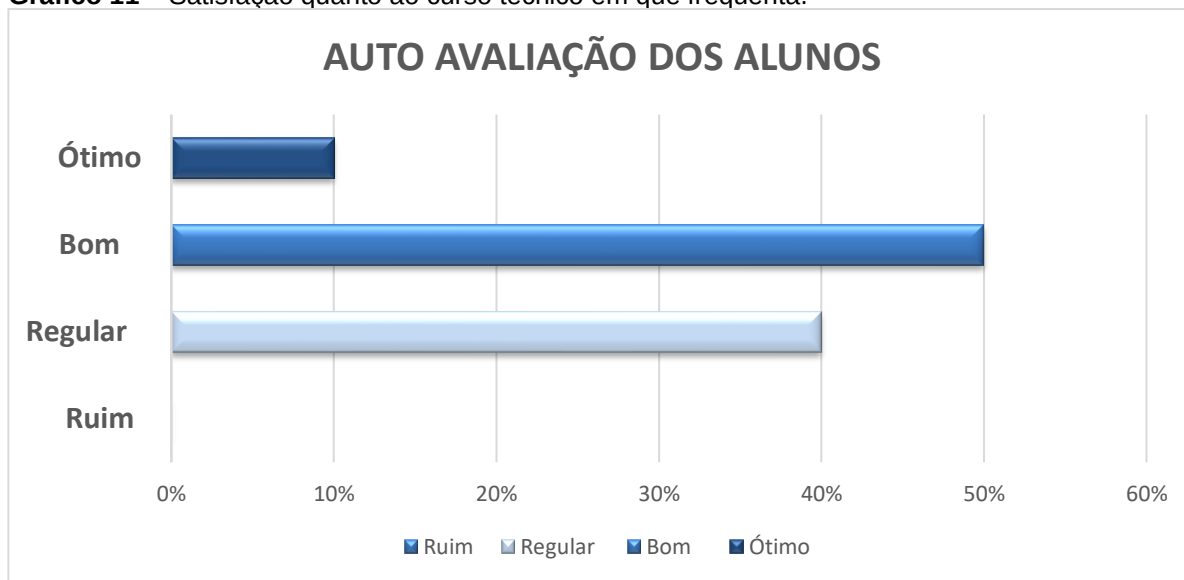
- 5 alunos colocaram a *instituição* como principal responsável;
- 2 alunos acreditam ser a *família do estudante*, a responsável primária;
- 1 alunos marcou a alternativa “E) outros”, pois acredita em outro agente como principal responsável, no caso: “as dificuldades.”

Cabe neste momento fazer uma importante observação, se for colocado em pauta, as duas categorias mais votadas pelos estudantes, revela-se que os principais agentes para que a evasão escolar não aconteça está dentro da própria sala de aula; em primeiro lugar o próprio aluno, e em seguida os professores.

5.1.4 como os alunos avaliam a si, aos professores e as ações dos professores:

AUTO AVALIAÇÃO DOS ALUNOS. A questão “10- COMO VOCE SE AVALIA COMO ALUNO?” e para isso solicitou-se que o aluno desse a si próprio um dos seguintes conceitos: Ruim; regular; bom ou Ótimo. Teve-se a intenção de fazer o aluno desenvolver um autodiagnóstico, uma oportunidade para o aluno expor como ele avaliava sua postura diante do curso técnico, assim, obteve-se o seguinte resultado, conforme gráfico 11:

Gráfico 11 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.

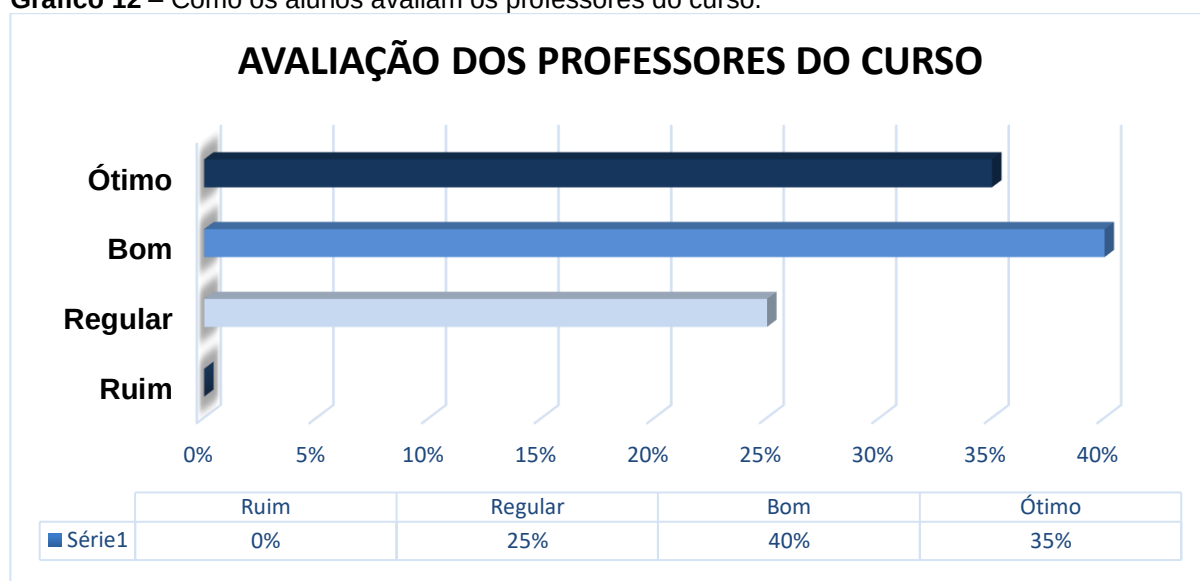


Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

Conforme gráfico acima, a metade, 50%, dos alunos respondentes se consideravam alunos bons, enquanto 40% se consideravam regulares e 10% se consideravam ótimos alunos. Nesta aplicação ninguém se considerou um aluno ruim.

COMO OS ALUNOS AVALIAM OS PROFESSORES DO CURSO. Acredita-se que além de saber as concepções dos alunos sobre si mesmo, também seria interessante compreender as suas percepções sobre como avaliam seus professores; pelo fato do questionário estar sendo uma das ferramentas de diagnóstico, foi imprescindível analisar as especificidades, inclusive nessa percepção avaliativa.

Gráfico 12 – Como os alunos avaliam os professores do curso.

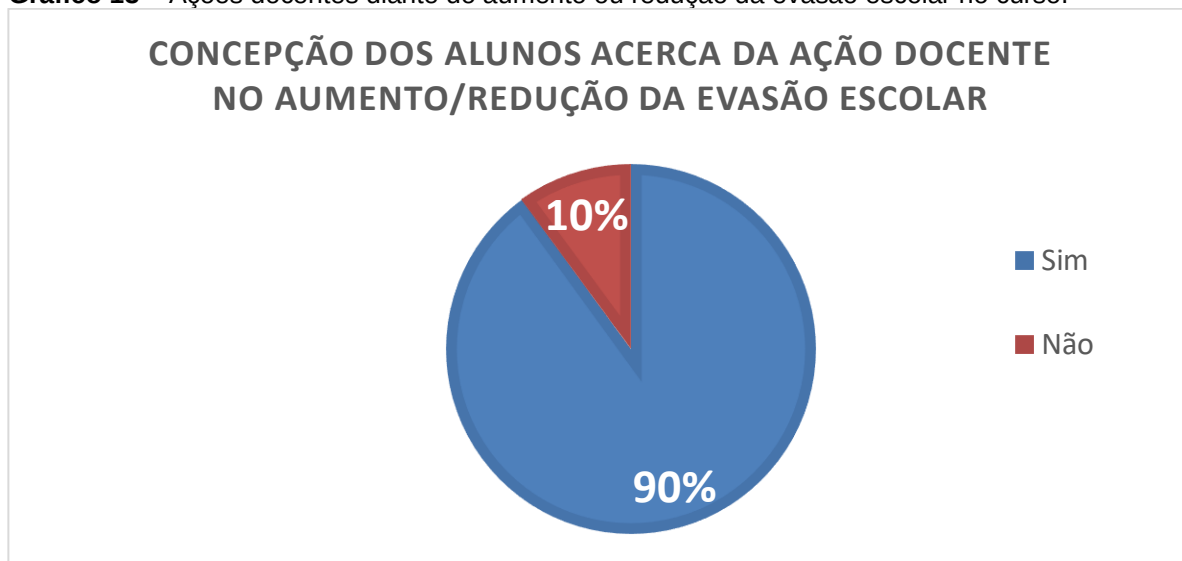


Fonte: Desenvolvido pelos autores; Rosa e Aquino, 2018.

Quanto aos professores, nenhum aluno considerou os professores ruins; 25% acredita que os professores são regulares; 40 % dos consideram os professores bons e 35 % acredita que os professores são ótimos.

AS AÇÕES DOS PROFESSORES DIANTE DO CENÁRIO DA EVASÃO ESCOLAR. Por fim, nesta perspectiva avaliativa dos alunos acerca dos papéis deles próprios e do que consideram sobre os professores, fez-se uma pergunta sobre a concepção deles de acreditarem ou não sobre as ações dos professores do curso aumentarem ou diminuir o índice da evasão; porque compreende-se que na sala de aula há uma intensa relação entre dois agentes: alunos e professores; pretendeu-se analisar se os alunos reconhecem o papel do professor em combater a evasão escolar, e assim, se acreditam ou não que as ações docentes fazem alguma diferença no cenário.

Gráfico 13 – Ações docentes diante do aumento ou redução da evasão escolar no curso.



Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

Para 90% dos estudantes, a ação dos professores faz a diferença na realidade da evasão escolar. Isso demonstrou que para os estudantes o professor é um dos agentes que podem influenciar na evasão, tanto para elevar como para diminuir.

5.1.5 Principais Fatores da evasão no(s) curso(s) técnico do campus Parnaíba

Conforme apêndice B deste trabalho, foi indagado aos alunos no questionário - questão 13 - a seguinte pauta “na sua opinião qual/ quais o(s) principal(is) motivo(s) que tem levado os alunos a evadirem-se do curso técnico que você faz parte?”. A indagação teve a intenção de levar os próprios alunos a participarem na construção do diagnóstico do problema, e enquanto sujeitos diretamente envolvidos no problema, pudessem elencar os principais fatores que em suas concepções seriam os mais alarmantes na realidade da evasão escolar no campus Parnaíba, e mais especificamente no curso em que estudam.

Quadro 8 - Principais fatores da evasão, na concepção dos alunos.

Na sua opinião qual/ quais o(s) principal(is) motivo(s) que tem levado os alunos a evadirem-se do curso técnico que você faz parte?	
Aluno 1	A falta de tempo.
Aluno 2	Locomoção; falta de emprego; o tempo para muitos etc.
Aluno 3	Por não conseguir aprender o conteúdo, e por muitos ter trabalho.
Aluno 4	O fato de haver bastante influência de pessoas de fora.
Aluno 5	Eu acho que a metodologia dos professores acaba afastando um pouco os alunos. tem muita teoria e pouca prática. A falta de auxílio financeiro também afasta o aluno. A falta de acompanhamento dos alunos que pensam em sair.

Aluno 6	Dificuldades para chegar até a instituição; má relacionamento com os professores, alguns assuntos difíceis de aprender e até mesmo falta de estímulo.
Aluno 7	Aulas muito difíceis; falta de ligações da aula com a prática a falta de tempo para reforço de assuntos que os alunos não entendem; aulas muito presas dentro da sala.
Aluno 8	Dificuldade no transporte e questões familiares e de trabalho
Aluno 9	A falta de projetos e de aulas mais práticas, a gente acaba perdendo o encanto pelo curso porque fica muito preso nas aulas teóricas. O curso também é muito pesado e não tem monitoria para a gente.
Aluno 10	Eu acredito que o que tem feito os alunos saírem do curso é a falta de prática e também a falta de prática em laboratório e também de aula mais interessante o curso fica chato e sem sentido ai os alunos saem.
Aluno 11	Falta de interesse ou por não ser o esperado
Aluno 12	A locomoção até a instituição, condições financeiras, conciliar trabalho e estudos.
Aluno 13	Estímulo dos professores para que os alunos gostam mais das matérias e se descubram profissionalmente.
Aluno 14	O excesso de conteúdo e a pouca prática; A metodologia dos docentes que cobram muito conteúdo e não ajudam a colocar em prática o conteúdo. A falta de aplicação do que a gente aprende na sala. A falta de um bom laboratório com estrutura.
Aluno 15	01 o próprio estudante 02 a família 03 professores 04 a instituição
Aluno 16	A falta de compromisso da parte dos alunos e professores.
Aluno 17	A falta de qualificação no ensino público.
Aluno 18	Em alguns casos os alunos pensam que terá mais prática do que teoria e logo no início isto não é tão visto, além de muitos não se simpatizarem com os professores.
Aluno 19	O motivo é de conseguir o emprego de forma rápida, e profissional!
Aluno 20	Acho que muito é por conta da distância, e às vezes por causa da dificuldade.

Fonte: Desenvolvido pelos autores

As respostas dos alunos conforme quadro 8 acima, evidenciaram alguns pontos em comuns; assim, na análise das respostas percebe-se que alguns pontos chamam mais atenção que outros. Em síntese, observa-se que entre os fatores identificados pelos alunos, os pontos centrais e mais destacados, são identificados na seguinte sequência:

1. Professores
2. Aulas práticas
3. Transporte
4. Falta de tempo

Primeiramente os indicadores apontados pelos alunos e relacionados aos professores estão elencados principalmente nos relatos dos alunos 5, 6, 13, 14, 15 e 16 onde os fatores indicados vão desde as metodologias utilizadas, apontadas como um possível motivo que afasta os alunos; até a falta de estímulo por parte dos professores para com os alunos.

Em segundo lugar e que também chamou bastante atenção na análise das respostas foram os relatos dos discentes sobre o excesso de teoria e a ausência de prática. Nisso, na concepção dos alunos 5, 7, 9, 10, 14 e 18 prevalecem os problemas em relação à prática que vão desde a pouca existência de aulas práticas até o relato de alunos mencionando o excesso teórico que se tornaria um fator desestimulante.

Outro ponto em destaque é a questão de Transportes que foi levantada como um importante fator que vem causando evasão escolar; nisso os alunos 2, 6, 8 e 12 relataram a questão do transporte e de forma geral à locomoção até a instituição, como algo que vem impedindo que os alunos permaneçam cumprindo fielmente sua presença no curso.

A falta de tempo também é levantada como um importante fator que vai desde a impossibilidade de conciliar trabalho com o curso até mesmo a falta de tempo envolvendo o curso e as demais área da vida do estudante, não permitindo que o aluno permaneça e continue no curso.

Alguns alunos apontaram ainda outros fatores como, por exemplo, a falta de recursos financeiros para dar o apoio à permanência do aluno e também a falta de acompanhamento e de monitoria que auxiliassem os alunos com dificuldade na disciplina a compreenderem melhor o assunto e assim pudessem ter o melhor envolvimento com os assuntos abordados no curso.

O que se percebeu é que na concepção dos alunos, o que mais chama a atenção deles é o papel do professor, que até então na visão de alguns alunos, os docentes estão se utilizando de uma metodologia que afasta e que deixa alguns alunos sem conseguir acompanhar o ensino dado em sala, e ainda foi apontado que ainda é pouco o compromisso de alguns em motivar os estudantes.

É importante aproveitar o ensejo do relato dos alunos para acrescentar o pensamento de que o professor verdadeiramente é um agente de transformação e tem o poder não de acabar com a evasão, porque esta certamente é uma missão muito longe do alcance do professor sozinho; mas de auxiliar no combate direto aos índices de evasão, visto que este é um agente que lida diretamente com os alunos, e

tem lá seu grau de influência na permanência ou desistência do aluno. Prova disso é que grande parte dos alunos, responderam autonomamente que acreditam que alguns fatores que levam o aluno a abandonar o curso está diretamente ligado ao professor.

5.2 Concepção dos professores

Este trabalho estabeleceu como concepções estratégicas para o combate da evasão, a opinião dos professores. A opinião destes profissionais, foram coletadas através de entrevista, gravadas em áudio; feita em 7 perguntas (conforme apêndice c), em que o respondente ficou à vontade para responder o que quisesse, inclusive, para não responder alguma questão, caso assim o quisesse. Os participantes desta etapa, foram, para efeito das respostas, nomeados de acordo com o cargo, receberam um codinome, por exemplo: Professor 1, professor 2, professor 3 e assim por diante.

5.2.1 Concepção dos professores sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba

Foram entrevistados 10 professores. A primeira pauta da entrevista feita estava preocupada em saber se os docentes consideravam que a evasão era algo que se constituía como um problema “de fato” e o porquê deles consideram o sim ou o não, então nesta abordagem se colocou a questão número 1 com o seguinte contexto: “Em sua opinião, a evasão vem se constituindo um problema no IFPI – Parnaíba? porque?”. As respostas dadas pelos 10 professores foram as seguintes:

Sim. A evasão é um problema hoje no instituto, devido aos anseios que o instituto tem em relação a parte de você dar oportunidade aos alunos... de dar oportunidade para as pessoas da comunidade; e quando entram de 40 alunos, nós temos uma evasão de 40%, 30% e isso gera um problema, principalmente na parte financeira, porque nós arrecadamos menos por causa disso, e também pela visão do campus em relação a parte de não estar sendo proporcionado uma assistência melhor para esses alunos. (PROFESSOR 1, 2019).

Eu acredito que sim, por alguns fatores que desencadeiam essa evasão. (PROFESSOR 2, 2019).

Na minha opinião a evasão é um problema, aqui no instituto de Parnaíba. Porque a nossa contrapartida para a sociedade é a formação de mão de obra e a partir do momento em que acontece a evasão e aqui no instituto a maioria

dos cursos são cursos voltados para a grande demanda de mercado, eu acho que isso se torna um problema por vários fatores como a desvalorização da imagem do Instituto Federal que a nível nacional tem uma imagem forte e eu não consigo imaginar essa imagem forte aqui. E também a questão de não atendimento das demandas sociais que, as demandas sociais além de a gente falar do aluno carente, no caso aqui do Instituto, a gente também fala das demandas profissionais que vem do mercado. Então, eu acho que a evasão é um problema neste sentido, no instituto. (PROFESSOR 3, 2019).

Eu acho que já foi um problema porque a gente já identificou agora temos fatores que a gente tem que trabalhar para poder ter o êxito né? Na evasão. Essa evasão ela muda conforme sua modalidade. Hoje o ensino médio integrado ao técnico tem uma evasão menor que 5%. No subsequente concomitante ele é um pouco maior porque são pessoas já de idade e procuram o curso técnico como alternativa e que às vezes acabam saindo, mas para mim hoje no instituto federal de Parnaíba já não é um problema. Eu vejo que a gente já mapeou. Eu acredito que a gente esteja aqui reduzindo a nossa evasão em nosso Campus; devagar, mas creio que sim. (PROFESSOR 4, 2019).

Eu acredito que sim porque o Instituto Federal ele é uma escola diferente das outras e por ser diferente das outras o nosso corpo docente e por ser diferente ele precisa de uma atenção diferente também e aí a evasão se torna um problema porque os cursos...é... Deixam os cursos na metade do caminho e a gente não consegue promover para comunidade o resultado que a gente espera o que é ter mais educandos e profissionais do mercado de trabalho na minha área no caso eletrotécnica e a gente percebe que isso é muito por conta da falta de consciência que eles têm principalmente no ensino médio de buscar o emprego mesmo e de correr porque eles acham que o mercado de trabalho ainda está um pouco distante e eles querem brincar, enquanto que à noite a gente recebe um outro estilo de aluno que dá mais valor do curso. Porque sabe que eu que vai aprender aqui na instituição vai dar resultados com mais oportunidades profissionais no mercado da cidade não só de Parnaíba como também da Região Norte do Estado. (PROFESSOR 5, 2019).

Sim, nas minhas disciplinas, pelo menos 2 a 3 alunos eles desistem do curso todo semestre. Agora, o motivo por quê, eu nunca fui atrás de olhar, observar; eu já ouvi alguns relatos da parte dos setores que faz a avaliação, que as vezes é dificuldade mesmo de acesso dos alunos, a continuar e a frequentar a escola, né? (PROFESSOR 6, 2019).

É... a questão da evasão é uma temática muito importante para todo o processo de gestão de uma instituição. Não só aqui no instituto federal do Piauí – campus Parnaíba, mas em todas as instituições, porque os fatores que influenciam essa evasão eles estão muito variados, ele tem um aspecto realmente que diz respeito ao próprio aluno. Ne? É por algumas situações os alunos precisam as vezes parar o curso, evadir o curso, e... muitas outras vezes, é por questões, é por alguma questão de gestão ou alguma coisa da instituição, na qual o aluno não se identifica; é... eu percebo que existe, sim, a evasão, é considerável a nossa evasão aqui no instituto. É... e logicamente as instituições hoje estudam como reduzir essa evasão, desenvolver estratégias para perceber de que maneira isso aí pode ser minimizado, mas é notório que sempre haverá evasão; a questão é: como reduzir essa evasão, no campus, no caso. (PROFESSOR 7, 2019).

Bom, eu vou dar a visão do curso que eu tô mais ligada que é o curso técnico em administração e o curso de processos gerenciais. Eu não acho que evasão é muito grande principalmente comparado com os cursos de física e química que são superiores, a evasão é muito maior. Então não é que não

exista evasão. A turma... A primeira turma agora, que é do quinto modulo, ela entrou com 40 alunos e vai estar formando 30. Então não é uma taxa de evasão grande só que eu ouço falar que nos demais cursos a taxa de evasão é muito grande. Então o porquê? Ah! Eu acho que tem que ter uma pesquisa com essas pessoas porque que está tendo evasão? Porque dos nossos, esses 10 aí que saíram dessa turma específica, é... Ou a pessoa desistiu e não quer mais o curso e não se identificou com o curso e alguns que não estão formando agora me procuraram porque eu também sou coordenador de curso e me procuraram; e aí eu pergunto: o que está acontecendo? Ah! Eu fui transferido. Ah! Não tô mais morando em Parnaíba. Ah! Eu fui pra outra... meu emprego mudou de horário. Então, são fatores que não tem nem como você tentar convencer a pessoa. Você fala: você vai parar de trabalhar para estudar? Não tem como. Então, a evasão em nosso curso tem mais a ver com isso, né? Então eu não acho que é grande por essa explicação que eu dei. O porquê da evasão que não é tão alta que a gente tem, tem muito relacionado a isso que estou lidando com adultos também. Pessoal que trabalha, que tá no mercado... Um foi para Teresina aí ele falou na maior tristeza: tive que ir... trancar o curso porque fui para Teresina. Aí, vou falar para ele: não, você não vai para Teresina! Como que eu tento convencer o cara a não ir trabalhar? Não tem como né? Então são motivos assim. Não é uma evasão feito preguiça, não quero mais estudar. porque acho que é diferente do ensino médio, técnico ou outro. certo? então o nosso curso graças a Deus tá bem equilibrado. (PROFESSOR 8, 2019).

Sim... nós sentimos muito esse problema da evasão aqui no campus de Parnaíba. E, eu sei que não é só nós aqui do campus de Parnaíba. nós vimos aí que é geral né! A maioria dos Campus tem esse tipo de problema e que cada um tem... Tenta mitigar várias ações aqui, também nós também fazemos isso, temos setores que procuram entrar em contato com a família, mas está muito incipiente ainda, está muito no início e essas ações são ações que não ficam... elas não ficam em arquivos para se dar continuidade; então às vezes a gestão faz e aí não dá para o segmento na outra gestão, então agora que tem uma comissão que está estudando, eu acho que nós teremos um trabalho mais técnico e aí nós iremos ter realmente ideias e ver o que se pode fazer para melhorar o mínimo ou diminuir essa evasão (PROFESSOR 9, 2019).

Eu acho que evasão é um problema geral, não só da nossa instituição, e enfim, os motivos são diversos, né? É um problema porque... primeiro, olhando pelo lado da produtividade, de eficiência pública, quanto menos alunos na sala de aula, maior é o gasto por aluno. Então, a gestão pública tem que ter um número elevado de alunos para poder utilizar de forma eficiente o recurso e também porque quanto mais alunos, mais o IFPI alcança a missão dele, que é formar novos profissionais; enfim, então, eu acho que esse é um problema que eu acho que tem que ser observado, né? Por conta da eficiência pública. (PROFESSOR 10, 2019).

A evasão está sendo um problema no campus Parnaíba?

Sim, com base nas respostas dos professores, eles consideraram que a evasão escolar está estabelecida como um problema. E para os docentes esse problema se constitui como algo possível de ser minimizado. Dos 10 professores de educação técnica, apenas 2 deles não acreditam ser um problema para o IF - Parnaíba a questão da evasão; já outros 8 professores argumentaram que seja sim um

problema, e estes revelaram motivos como, por exemplo, prejuízo à imagem institucional, a ineficiência dos recursos, e ainda a falta de efetividade da proposta de ofertar à comunidade mão de obra qualificada, entre outros argumentos.

5.2.2 Concepção dos professores sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba

A segunda indagação abordada na entrevista com os docentes, foi sobre os principais fatores, de que eles tinham conhecimento e que eles acreditassem sobre os causadores da atual situação de evasão nos cursos técnicos. Isso, através do seguinte contexto: “Em sua opinião quais são os principais fatores que levam a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI - Parnaíba? “.

Bom... Um dos principais fatores que eu acho em relação a parte da evasão, ele está relacionado com quando o aluno vem, qual curso ele vai fazer; as vezes ele vai fazer, por exemplo, na minha área; ele vem fazer um curso de informática, mas quando ele vem fazer o curso de informática, ele não sabe que o nosso curso é desenvolvimento de softwares, então ele vai pagar muitas disciplinas de matemática, de logica. Então isso faz com que ele não se adapte aquele curso. Né? Então, o curso de eletro, de edificações... Então, as vezes o não conhecimento do curso, ele gera uma evasão, porque ele vem fazer um curso que na verdade não é o que ele esperava. Outro fator que eu também posso colocar a evasão é a questão do transporte; é um dos principais problemas que nós temos hoje; que o campus é muito longe do centro da cidade, aí a questão do transporte, nós só temos um ônibus, num é?... Aí o ônibus quebra, às vezes o ônibus atrasa, as vezes tem a questão da chuva, então o transporte também é um dos maiores fatores que nós temos em relação a evasão. Eu acho que esses são os principais, é a parte da falta de conhecimento do curso e a questão do transporte também é um dos maiores problemas que nós temos aqui. (PROFESSOR 1, 2019).

Então desses fatores especificamente dos cursos técnicos eu acho que uma delas é a questão do transporte, em relação a vinda dos alunos por alegarem que instituição é uma instituição que fica um pouco afastada da cidade, eu acho que outro fator é a falta de identidade com o curso que faz com que os alunos possam evadir, acredito também que a questão didática dos professores também é um fator que leva os alunos a evadirem, por quê? Por que não se identificam com o curso. O papel do professor é muito importante nesse momento, de identidade com o curso, então se não houver o exercício correto da atividade docente para com o curso e numa aderência com os alunos, assim como também um relacionamento interpessoal benéfico; porque infelizmente alguns colegas ainda são um pouco rudes ou grosseiros com os alunos, então esses fatores, eles são fatores que eu acredito que fazem com que os alunos tenham evasão no curso técnico, né? (PROFESSOR 2, 2019).

Como principais fatores eu diria que seriam alguns pontos de infraestrutura, é um problema já crônico, já conhecido, de difícil solução nossa... a questão do transporte, ne?! O instituto está numa posição muito afastada da cidade,

ainda não houve uma... A urbanização que chega até a gente é muito lenta e é muito pouca, né! E o nosso transporte para os nossos alunos é muito complicado, é só em horários específicos, depende de... As pessoas que fazem o transporte...depende muito do humor delas. A gente tem muitos problemas relacionados a transporte. Mas eu também vejo outros problemas estruturais importantes, como por exemplo, a gente tem muitas dificuldades com as chuvas e já teve até casos de suspensão de aulas, de para atividades por excesso de chuvas, problemas de equipamentos elétricos que a gente utiliza. Então são problemas estruturais graves, né! E que são de uma solução difícil, a gente entende que é muito caro pra fazer tudo isso. Mas são fatores importantes que levam a evasão, principalmente o transporte escolar. Como segundo fator principal, eu acho que também a falta de valorização dos cursos técnicos perante a sociedade em relação aos cursos superiores, ele também é um fator muito importante que é inclusive de difícil solução. (PROFESSOR 3, 2019).

Bom. Nós nunca... Assim, a última pesquisa que nós tivemos aqui foi em 2010, que tive contato de ler. Foi o transporte, né? E a distância do IFPI para os pontos de acesso. Mas no meu ponto de vista continua sendo o transporte público que a gente não tem e o segundo seria a própria dificuldade do aluno para com o curso. Eu acho que são os dois pontos mais fortes que temos aqui (PROFESSOR 4, 2019).

Na minha opinião, é que é a distância. Esse é o primeiro problema. O Instituto Federal daqui não foi criado em uma local que seja fácil para todos então precisa se ter uma logística maior que ensina a prefeituras nessa logística e Aqui Nós atendemos Alunos de Camurupim, Buriti, Joaquim Pires eu acho que é... Essas cidades da região, Luís Correia, Buriti. Temos alunos de todas as cidades aqui da região norte, até Cocal, que tem Instituto Federal mas que tem alunos de lá que vem daquilo Distrito Federal, eu tenho alunos aqui de Camocim que há mais de 100 km de distância vem para cá para o Instituto Federal estudar que é de outra cidade, então, esses alunos têm uma dificuldade muito grande de vir e eu acredito também que há outros problemas como a questão mesmo social, eu acho que esses alunos não creio que eles têm capacidade, aliás não tem auto estima de que faça com que eles pensem que podem fazer um curso técnico e que podem se ter uma mudança de vida só estudando, eles não têm essa visão muito por questões culturais mesmo, sociais locais em que eles não creem que podem ser melhores do que são e outro fator também que eu acho, o curso no ensino médio ele é um pouco mais complexo para os estudantes que chegam aos Institutos Federais e nós temos no ensino público... e Nós atendemos a alunos que vem de escolas públicas com uma base muito fraca e para eles terem o entendimento técnico que requer uma lógica é um raciocínio lógico, um conhecimento matemático, é complicado também porque eles tem que se superar para conseguir ultrapassar as barreiras que sempre os limitou no ensino público estadual naquele estado Piauí, então de pesquisa revela os alunos no começo eles acabam desistindo vírgula eles acham que é muito difícil que não conseguem vivo então a gente precisa tornar isso acessível a esses alunos e outro problema também é que os alunos... Eles também têm muitas aulas aqui no instituto federal. Eu acho que quando eles saem da escola pública com apenas oito aulas ou disciplina, um turno só de aula. Porque agora chegam aqui e encontram 19, 20 disciplinas isso também algo fora do comum para eles. Então precisa ter uma cultura de correr atrás, de superar barreiras e nem toda pessoa carente possui; é algo que se precisar ensinar a eles aqui para que eles não se evadam. para que não saiam do instituto federal antes por falta de conhecimento. (PROFESSOR 5, 2019).

Eu acho que...tem vários momentos de evasão, tem no início, no meio e no final do curso, né? Na minha opinião, quando é no início do curso, dá mais essa dificuldade deles acompanharem o curso, tanto pela questão de locomoção, de chegar ao campus, e também do nível das disciplinas, a gente

ta usando o nível correto, mas a questão é que a educação básica não está suficiente para eles acompanhar. Então, eles chegam, passam no vestibular, ingressam, mas aí na verdade, nessa seleção, por serem chamado na segunda, terceira, quarta chamada; eles dizem que são capazes, que passaram...são capazes, na verdade são todos capazes, mas eles sentem o baque muito grande porque eles as vezes passam na terceira chamada, então passaram num nível bem mais abaixo e por causa dessa dificuldade, as vezes desistem por isso. E no final do curso, eu acredito que é por conta, as vezes, do curso técnico, as vezes não se identificarem, eles escolhem muito novos o curso, então eles não se identificam, as vezes atrapalha até o rendimento das outras disciplinas do ensino médio mesmo. (PROFESSOR 6, 2019).

Olha, recentemente; ano passado nós tivemos uma pesquisa e com nossos alunos que participaram, não foi só dos cursos técnicos, mas também das demais demandas que nós temos aqui na instituição e os fatores que levam a evasão são inúmeras, desde que mudança de família para outro local, dificuldade de acesso do aluno, dificuldade de nivelamento desse aluno, na disciplina de corrente, é dificuldade do grau de exigência adotado na instituição, questão de metodologia, identificação ou não com o método realmente que a instituição adota; então os fatores são inúmeros, inúmeros e inúmeros. Mas um fator realmente preponderante é a dificuldade do aluno de conseguir levando em consideração o curso técnico. É esse nivelamento, de sentir também pelo fator de pertencimento, o aluno se sentir e se adequar a nossa cultura institucional a como a instituição trabalha e em cima disso tem o interesse de permanecer na instituição, nós estamos falando aqui de jovens, né? E esses jovens, muitas das vezes a gente observa que tem jovens que estudam aqui, que estudam em outras escolas também, isso é evidenciado, e isso é um fator também que influencia a evasão, porque o aluno está estudando aqui e está estudando em uma outra instituição, e isso daí é... Tem um impacto realmente no aproveitamento do aluno, então os fatores são inúmeros. Eles mesmo, no ato que a gente fez a pesquisa, eles por serem jovens, eles são muito... A avaliação deles sobre o porquê que talvez fossem influenciar a evasão, eles são muito, muito, eles consideram muito o que está acontecendo hoje; influência hoje, o que aconteceu algum tipo de dificuldade no relacionamento com o professor, eles citam aquela causa. Eles citam por exemplo, uma dificuldade de não ter laboratório, eles citam isso. Essa questão de infraestrutura e etc... Para dar suporte na área técnica. Então isso foi alguns dos pontos evidenciados nessa pesquisa que a gente verificou. (PROFESSOR 7, 2019).

Eu acho que tem aí... Vendo o curso de administração que é o curso que eu também dou aula. Que também não tem uma evasão tão grande quanto os outros, mas quando tem e evasão o que que eu percebo; muita gente formou, que aí vai fazer o subsequente. Aí não tem nada pra fazer: ah! Eu vou fazer o curso técnico lá no IFPI. Aí fica com preguiça de estudar, normalmente quem desiste são essas pessoas que não estão se dedicando. Eu já tive aluno que: how! Você vai ser aprovado por falta. E ela: ah! Professora, não tem problema não. Você ver que a pessoa não tá interessada ela tá ali enquanto não tem outra coisa pra fazer né? Mas é que eu tô falando também não tem uma evasão muito grande e muita gente por outro lado... Tem alunos nossos do técnico que fizeram o técnico e ficaram no superior e ficamos nos 2 durante 1 ano. ficava no IFPI o dia inteiro por que dava importância para os dois. Então eu vejo um pouco de da pessoa fazer porque o pai mandou e como é técnico né? Não é... Não depende disso para sua formação só, ele já está formado no concomitante. Então, o que eu percebo é isso nesse sentido (PROFESSOR 8, 2019).

É exatamente como eu disse, nós não temos dados ainda técnicos. Então o que eu falo é da minha percepção que eu percebo... A minha percepção como professora, então essa área de edificações o que eu percebo é que a

maioria dos alunos, tem turmas né, por turma, tem turmas que são muito antenados e realmente tem interesse no curso, no caso, o curso que eu misturo aula, que é edificações, então quando eles tem essa empatia com o curso fica tudo mais fácil e eles realmente querem aprender e a gente consegue passar todo o conteúdo. Tem turmas que os alunos não tem nenhuma empatia com o curso, vieram para fazer o segundo grau e aí são obrigados, na ideia deles, a ter um curso técnico, no caso edificações. Então fica muito difícil passar o conteúdo e se conversar porque eles não tem nenhum interesse de continuar nessa área, por isso eu acho que também na minha opinião um dos motivos da evasão é que eles chegam com uma escolaridade muito baixa e com problemas; então eles têm dificuldades de em certas disciplinas acompanhar, e isso também é um dos fatores que na minha opinião levam a evasão (PROFESSOR 9, 2019).

Bom são muitos fatores, né? Vão desde fatores familiares, às vezes, o aluno tem que trabalhar, não consegue conciliar o trabalho com estudo. Tem os fatores físicos, por exemplo o IFPI é distante da cidade então precisa de ônibus, transporte escolar. Às vezes falta o aluno porque não tem como vir por conta dessa distância, tem a questão de desinteresse. Às vezes o aluno entra no curso, mas não se identifica; às vezes ele faz só por fazer. Só por fazer mesmo Ou porque o pai mandou. Enfim, não tem interesse e nem identificação com o curso e outra coisa também que eu tenho visto; eu acho que é a ampla oferta de curso, ou seja, é a concorrência. Então, por exemplo, o aluno passa aqui para o curso técnico e ele é chamado para o ENEM ou em outro curso superior por exemplo, então ele vai. Ele sai daqui para fazer outro curso. Então também existe isso. Essa evasão por concorrência. Por conta da grande oferta, enfim esses são alguns fatores e Com certeza devem existir outros. (PROFESSOR 10, 2019).

Portanto, na concepção dos professores os fatores que mais chamam a atenção é a questão do transporte que dificulta e desestimula a ida do estudante para a instituição. A questão do conhecimento e da própria identidade do curso é algo que também chama a atenção, pois os estudantes estariam entrando na instituição e, posteriormente, com a percepção de que o curso seria algo diferente do que esperavam, optam pela saída. E por fim, um outro ponto bastante destacado é a questão do professor, seja por questões de didática, metodologia ou até do relacionamento ruim com os estudantes. Com menor intensidade, mas também foram citados outros fatores, como infraestrutura, ausência de laboratórios adequados, entre outros.

5.2.3 concepções dos professores sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Bom...pra diminuir a evasão, um dos principais fatores está relacionado ao transporte; melhorar a questão do transporte para o aluno, seria um dos principais fatores para melhorar a evasão aqui do campus. Outro principal fator também é a questão da informação dos cursos que nós temos aqui no instituto, informar na verdade o que é um curso de edificações, o que é que o aluno vai

estudar e como é que ele vai sair para o mercado de trabalho; assim com também no de informática, assim como o de eletrotécnica e outros cursos que nós temos no campus. Então, a principal ideia é a informação, principalmente na hora do aluno entrar no classificatório, ele saber realmente qual é o curso que ele está fazendo, essa é uma das minhas principais ideias. E eu acredito sim. (PROFESSOR 1, 2019).

Diminuir a evasão? Sim. Eu acredito, já começa dessa própria contrapartida que eu falei. Né?! Melhorar as linhas de transporte para a instituição. Alguns professores tem que melhorar sua didática em sala de aula, para que os alunos possam ter empenho pelo curso, possam ter identificação pelo curso, e daí ter uma afinidade com o curso, para continuarem. Eu acho que nós poderíamos aumentar as bolsas, que são ajuda financeira para estudantes, porque nós temos uma demanda de estudantes muito carentes, então as vezes, eles deixam de vir para a instituição, que arrumam emprego e por conta de necessitarem desse valor financeiro, eles acabam deixando. Ne?! O próprio curso para irem trabalhar, por conta do próprio nível social, mesmo. É muito complicado. (PROFESSOR 2, 2019).

É possível diminuir a evasão? Sim, é possível. De que forma? As formas...primeiro infraestrutura, a gente sabe que é basicamente investir e melhorar, né?! Vencer essa barreira das dificuldades de transporte na cidade, vencer essa barreira do preconceito em relação aos cursos técnicos, não são cursos menores no sentido de ter menos valor. Eles atendem as necessidades diferentes, mas o curso técnico se ele passe por um processo de valorização, eu acredito que ele seria muito mais... frequentado. Teria bem menos evasão. É muito comum nas turmas, por exemplo, introdutórias aqui, a gente ter uma queda de metade da turma no primeiro período. Certo?! Então, você ter metade dos alunos do primeiro pro segundo período, enquanto a gente vai aqui no próprio instituto, a gente vai pro curso superior, a evasão não chega a 20%; e chega a 50% de evasão nos cursos técnicos. Mas somente 20% de evasão nos cursos superiores. Porque a nossa sociedade ela enxerga o curso técnico como algo menor. E isso é muito ruim para a imagem do instituto. E poderia ser uma forma de diminuir essa evasão o investimento em demonstrar a qualidade e a necessidade da formação técnica; que não é porque você é técnico que você ganha menos ou porque você é técnico, você tem menos oportunidades. (PROFESSOR 3, 2019).

É... no meu ponto de vista, é possível sim. Com uma estrutura melhor do município, mas em contrapartida nossa aqui do instituto, levar mais informações para os nossos alunos ingressantes, né? verificar a necessidade do mercado e ficar sempre atualizando nossos projetos de curso. com esse projeto atualizado, com a pesquisa de mercado, com a infraestrutura do município, do estado e o governo federal; a gente pode ter um êxito maior. (PROFESSOR 4, 2019).

Eu acho que é possível sim, e precisa ter uma ação de todos, na verdade, de todos os servidores aqui do instituto federal, porque ela depende não só da infraestrutura dessa questão da logística como depende também nas pessoas darem suporte a esses alunos carentes que tem problemas sociais, daí psicólogos virgula assistencial que precisa estar ali trabalhando com eles virgula tem alunos que tem uma base fraca e professores precisam ter um olhar um pouco mais atento a esse tipo de problemática tem que identificar essas dificuldades e tentar sabê-las. Então eu acho que vai muito do perfil dos servidores com um todo do instituto federal para diminuir a evasão (PROFESSOR 5, 2019).

Eu acredito que é possível, uma das ações seria essa... Melhorar o sistema de ingresso, de forma com que faça com que o sistema de ingresso mostre realmente a realidade do que eles vão enfrentar aqui, né? E essa seria uma

ideia, seria o sistema de ingresso, e a outra, as vezes a gente tem o suporte durante o período, durante o ano, para motivar eles nas disciplinas técnicas, mas as vezes a gente acaba por questões até políticas, aí de corte de verbas, a gente não consegue dar toda a motivação e a estrutura a eles para eles se motivarem no curso. E as vezes até desistem do curso, e vai atrapalhando outras disciplinas. (PROFESSOR 6, 2019).

Olha, inicialmente sim, considero que é possível, como eu te falei, a questão é identificar as estratégias para fazer isso aí, uma forma dessas estratégias, é a melhoria e a nossa aproximação com o aluno; tanto o professor como o gestor da instituição, quanto os professores e os técnicos, e a equipe; instituição e equipe, prestando um tipo de assistência aos alunos, não por ter o setor de assistência, ele é o responsável por isso, mas é a instituição como um todo. Os colaboradores da instituição teriam desses suportes, de conversar, de interagir com o aluno pra saber as causas que levam; as vezes é um problema, por exemplo, familiar, que tem alguém da família que está doente, e esse aluno se desmotiva e influencia no rendimento escolar dele, e por consequência ele começa a tirar as notas indevidas nas disciplinas e aí por não conseguir acompanhar, ele abandona o curso. Os fatores são inúmeros, então, eu acredito sim que é possível; a interação da equipe, voltando a falar, pode fazer essa diminuição da evasão, a equipe como um todo; do docente a gestão institucional. (PROFESSOR 7, 2019).

Sim. Pois é. A gente tá falando muito no Foco e não é uma evasão grande, mas existe. Né? Eu já vi..., mas tem pouca em nosso curso, mas em outros cursos eu já ouvi falar que a questão da distância que é uma verdade. Né? Ela dificulta muito o pessoal vir. Eu já vi gente desistir. Porque mora em outra cidade e não tem como vir. Né? Então eu acho que eu que pode diminuir essa questão de organizar o transporte para o campus. Né? E aí eu acho que envolveria de repente a prefeitura, colocando uma linha de ônibus que passe aqui. E o que mais para eu dar ideia de diminuir? Pior que eu acho que tem mais é em outros cursos técnicos com maior número de evasão. Né? O que eu sei dos nossos, que reclamam é da distância, mas nunca vi alguém falar que: ah! Vou parar de fazer o curso porque é longe. O outro pode ter essa..., mas eu acho mais que é por desânimo mesmo deles. Mas ajudaria muito isso. Essa questão do... Já que não tem como mudar a distância... Que é longe e isso nós não vamos mudar nunca. Porque não tem como, mas... A instituição, a direção buscar na prefeitura ter linhas de ônibus e outra coisa também que eu tô vendo que pode pesar muito, é a questão de segurança, principalmente, à noite. O pessoal saindo daqui e sendo assaltado. Ainda não vi aluno, mas já vi funcionários que foram assaltados, ou seja, isso gera um medo que acaba dificultando. Né? Então, eu acho que se as ideias para tentar melhorar com a experiência que eu tenho, com a experiência que a gente tem. (PROFESSOR 8, 2019).

Essa é meio difícil, é bem difícil porque eu acho que para se trabalhar essa evasão, você tem que ter dados concretos né! Tem que fazer levantamentos e Estudos que essa comissão agora de permanência e êxito está tentando fazer. Então temos que ter um diagnóstico que realmente está acontecendo, nós não podemos achar... Então enquanto nós estamos achando, eu acho que fica difícil de se ter um trabalho muito efetiva em cima disso, primeiro nós temos que ter um diagnóstico... Um diagnóstico e saber exatamente o que e os motivos da evasão para depois podermos trabalhar e combater o problema, né! Então nós temos que ter ideia do que está acarretando a evasão, é isso que nós achamos, mas aqui nós não temos exatamente todos os dados em relação a isso. Se acredito que é possível diminuir? Sim, acredito que é possível diminuir, embora os fatores também tem muitos fatores externos ao IFPI, no caso, o mercado de trabalho, quando eles não veem um mercado de trabalho atrativo, Então por que continuar naquele curso técnico? Aqui o técnico na nossa região não é muito valorizado, é outro dos motivos também... Porque que eu vou perder tempo fazendo um curso técnico se depois eu não

vou ter o mercado atrativo? Então isso daí também vai muito tipo... Fora não é só intra, mas também é extra e fora do IFPI; nós temos problemas de mercado de trabalho, da aceitação do técnico, em relação ao salário do técnico, principalmente do técnico em edificações que a minha área, eu posso bem falar isso. Então de uma turma às vezes 1, 2, 3, 4 conseguem uma profissão... Uma colocação no mercado de trabalho, os outros não, então isso também deixa muito a desejar (PROFESSOR 9, 2019).

Bom eu acho que sim, é possível. E eu até conjugo com meus alunos a gente já fez a pesquisa. Buscando identificar alguma forma de combater a evasão e a gente viu que uma forma é prestar mais atenção aluno. Então o IFPI tem que criar um mecanismo como processo, uma rotina que permita que toda equipe acompanhe o aluno; por que o aluno antes de evadir completamente ele dá sinais de que vai evadir. Então ele começa a faltar com bastante frequência ou aquele aluno que tem um desempenho muito inferior. Às vezes o aluno dá sinais de que vai evadir. Então aí entra o trabalho do coordenador do curso, a equipe pedagógica para acompanhar... Chegar perto do aluno, perguntar o que está acontecendo e o que pode ser feito. Outra coisa também que eu percebi e esse ano até que foi menos, mas em outros anos foi bem alto; é o número de alunos que se matriculam e nunca frequentam. Então às vezes o curso começa com 40 alunos matriculados, mas na hora da aula só tinha 30, no início das aulas, ou seja, esses alunos evadiram antes de começar as aulas. Pegaram uma vaga de um aluno que gostaria de fazer e se matricularam e não vieram a frequentar as aulas. Então na nossa área a gente está controlando isso, então, por exemplo, esse ano só cinco alunos não compareceram de 40, só tem 35. Então... E depois de 15 dias corridos a gente pediu para cancelar a matrícula e a gente pede para chamar novos alunos da lista de espera para frequentar o curso. Então já entraram 2, por exemplo. Infelizmente, às vezes, não consegue preencher tudo porque o pessoal já arrumou outra coisa, enfim, mas é uma ação que combate à evasão. Porque... Porque, se é uma turma de 40 então vamos manter uma turma de 40. Então se o aluno nem chegou a frequentar ou seja foi uma evasão logo bem no início, então cancela a matrícula e chama outros alunos para ver se consegue manter o número elevado de alunos logo no início. Então é uma ação que eu acho que seria eficaz para combater a evasão a curto prazo. E aí tem outras coisas que são incontornáveis, existem fatores controlados pela gente, e fatores incontornados, então às vezes uma questão familiar não tem como a gente controlar. Agora se é uma questão do próprio Instituto tem como a gente tomar uma decisão e agir (PROFESSOR 10, 2019).

Nesta etapa, em que a intenção era saber se o professor acreditava ou não na possibilidade de diminuir a evasão do campus e ainda saber dele quais ações eram necessárias; pôde-se observar, que todos, 100% dos professores entrevistados, acreditavam que fosse possível sim diminuir a evasão. Já em relação as ações necessárias, de uma forma geral, os docentes pontuaram em maior quantidade a questão do transporte. Em seguida, muitos apontaram a questão de se trabalhar as informações do curso, dando aos alunos todas as informações sobre o curso técnico em que vão cursar, para que não haja surpresas futuras. Outros docentes apontaram ainda que a ação necessária seria a aproximação dos servidores aos alunos, dando aos discentes o apoio para que estes permaneçam no curso. O “professor 10”, por sua vez, apresentou uma ideia bem diferente e ao mesmo tempo muito interessante, seria o caso, de evitar o desperdício de vagas nos cursos técnicos, de forma que logo

nos primeiros dias de aula, ao observar que uma certa quantidade de vagas, embora com alunos matriculados, mas que esses alunos não frequentam de fato; e neste caso, fazer logo uma segunda chamada para a ocupação destas vagas. Um outro professor apontou que o problema pode estar relacionado ao próprio professor, e que a ação necessária seria o professor reavaliar sua didática e que procurasse melhorá-la, além de indicar que a instituição, no caso o IFPI-Parnaíba, deveria ver a possibilidade de ampliar a questão das bolsas de auxílio aos estudantes.

5.2.4 Concepção dos professores sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Este momento da entrevista dos professores, teve-se a intenção de deixá-los a vontade para expressar suas ideias e concepções sobre a quem eles atribuíam essa grande responsabilidade de ser o principal agente para que a evasão não acontecesse, ou pelo menos, que não se torne um problema agravado, isso na realidade do campus de Parnaíba. Os professores tiveram a liberdade explícita de poder marcar uma ou mais alternativas, e caso quisessem, poderiam apontar ainda outros agentes. A questão foi tratada da seguinte forma: “Em sua opinião, quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça? porque?” e foi dado as seguintes alternativas: “a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____”.

Mas, sobretudo, a importância era que eles colocassem o porquê de sua escolha. Que justificassem.

Bom... O primeiro responsável que eu acho é a instituição de ensino. Porque que é a instituição de ensino? Porque nós deveríamos informar melhor o que nós temos para a comunidade, e para os alunos, então, informar realmente como é que funcionam os cursos técnicos, o quê que os alunos tem que estudar; quando o aluno se formar, (informar) qual é o mercado que esse cara vai trabalhar. Por que as vezes o aluno sai daqui... o egresso de determinado curso, e o cara não sabe nem onde é que vai trabalhar, o cara se formou em eletrotécnica, mas ele não sabe nem onde é que vai trabalhar: ah! Eu vou ter que trabalhar é na Eletrobrás? Não! Ele não sabe onde é que vai trabalhar. Então é dos principais responsáveis é a instituição; segundo, o próprio aluno, porque o aluno tem que se informar e saber realmente o que é que ele quer, num é?! Então esses é os dois problemas... Os dois responsáveis: a instituição e o aluno. O professor fica por último, porque na verdade o professor, ele passa os seus conhecimentos relacionados ao curso. As vezes ele passa esse conhecimento, mas as vezes ele não investiga porque que o aluno não gosta daquele determinado curso, então o professor fica por último. Mas o principal problema que eu acho, está na instituição e no aluno. (PROFESSOR 1, 2019).

Quem são os responsáveis para que a evasão escolar não aconteça? Todos! A instituição de ensino pra tentar fazer essa articulação, nós temos o ônibus que passa, mas o ônibus não atinge uma totalidade dos alunos, então. Assim, entendeu?! Fazer assim com que os próprios órgãos municipais pudessem viabilizar mais linhas de transporte para a instituição. A família do estudante, porque quando nós temos famílias desestruturadas, nós temos algumas circunstâncias que o estudante para o curso porque não tem condição de manter a escolaridade e com um nível de problematização que tem em casa, né? Aí tem caso na instituição que comprovam isso. O próprio estudante porque não se identifica, então ele é responsável pela própria evasão dele, por alguns fatores como eu já falei antes, de dificuldade de vir na escola e na instituição, ou dificuldade de ter absorção do conteúdo do professor pela didática dele ou pelo relacionamento humano ruim que ele tem. E o próprio professor como eu disse, ele também contribui porque a pessoa que vai fazer esse elo entre instituição e aluno e as vezes não tem um bom papel, e isso desmotiva o aluno e faz com que o aluno, ele evada (PROFESSOR 2, 2019).

Essa pergunta apesar de querer...me induz a escolher um deles, né?! Mas eu não consigo ver como um só; eu acho muito... Vamos dizer assim, é ser muito leviano...você descrever só um como o principal responsável; porque o compartilhamento de responsabilidades em relação a essa evasão são muitos fatores indistintos; por exemplo, a instituição de ensino, como eu falei anteriormente, que ela deve prover de estrutura e então seria importante ela com fator de grande responsabilidade oferecer a infraestrutura necessária. Sobre o próprio a própria desvalorização do curso técnico em relação ao superior, isso tem muito a ver com a família. Os pais muitas vezes ensinam para os filhos que eles precisam fazer um curso superior em detrimento de um curso técnico. Muitos alunos meus, por exemplo, alegam que: ah! Professor, quando eu fazia o curso técnico com você, era mais difícil, era mais puxado, trazia mais conteúdo e trazia mais conhecimento que o curso superior que eu fiz em uma instituição de ensino superior. A do próprio estudante, como responsável disso. Mas eu coloco principalmente a instituição de ensino, a família e o professor; porque dependendo de como é conduzido a aula, a pessoa estimula a evasão do aluno. Ne?! O uso da avaliação como método de retaliação. Dizer: olha, se vocês não estudarem, vocês vão se dar mal na prova. O uso da prova e dos métodos de avaliação como métodos de ameaça aos alunos, como métodos de convencimento dos alunos aos estudos, muitas vezes leva a uma ação contrária, de rejeição, e esse também já foi um dos motivos há algum tempo atrás de termos grande evasão aqui. Então eu colocaria mis esses pontos. O próprio estudante é muito difícil. Os estudantes que evadem pela questão própria do estudante são casos pontuais, a gente não vê como caso generalizado, então se eu fosse dizer o grande mal da evasão como um todo; é mais é essas questões da sociedade, desvalorização do técnico, então – a família do estudante – a infraestrutura, no nosso caso, os transportes e os nossos problemas estruturais aqui do prédio, que é uma questão de gestão e a questão do professor que utiliza os mecanismos de avaliação, que utiliza a sua prática de ensino como forma de retaliação, como forma de descontar aquele sentimento reprimido: ah! Eu tive um professor “casca grossa” aí eu vou ser “casca grossa” também. E isso leva os alunos a evasão, esses são os principais pontos que eu vejo (PROFESSOR 3, 2019).

Eu acredito que a maior dificuldade seja a família do estudante. No meu ponto de vista seria a família do estudante. Porque a decisão é sempre do estudante mesmo com a instituição te dando todos os... Todos os parâmetros e preenchendo todas as necessidades, a decisão sempre vai ser dos estudantes, então eu acredito que a família seria o mais importante aqui neste item 4 (PROFESSOR 4, 2019).

Eu acredito que não há o principal, porque nós trabalhamos com alunos carentes que tem muitos problemas, então não tem como a gente dizer que é um problema social, que é de onde ele veio, porque ele está inserido numa problemática muito grande, então para a gente contornar todos os problemas seria muito difícil. O que eu acho é que cada um deve ter ciência de sua parte para poder diminuir esse problema, eu como professor tô fazendo a minha parte que é tentar ajudar os alunos, eu acredito que cada um tem sua função aqui dentro da instituição e eu acho que se todos fizerem a sua parte a evasão vai diminuir bastante. (PROFESSOR 5, 2019).

Eu acho que todo mundo está envolvido; agora a gente precisa saber a responsabilidade de cada um na sua devida posição. Sempre vai haver alguém responsável por alguma posição. Então eu acho que todo mundo está sempre envolvido. Mas aí, alguém vai estar responsável por alguma situação em algum momento. Todo mundo está envolvido. Todo mundo tem que estar envolvido, só que alguém vai estar envolvido em um momento, o outro vai estar envolvido em um outro momento; todo... Quem participa do processo está envolvido. (PROFESSOR 6, 2019).

Bom, nós temos aqui alguns itens, eu considero a instituição...ela é responsável sim, porque a instituição ela tem que ter esse ouvir do aluno, ela tem que verificar como o aluno percebe a instituição, esse perceber da instituição é importante. Nós temos um desafio no instituto federal, por nós oferecermos várias modalidades, cada uma dessas modalidades tem uma necessidade específica, então os alunos do curso técnico eles tem uma necessidade específica que não é o mesmo da graduação, e eu não sei se a instituição está muito ciente dessas necessidades. Ne? Então, a primeira coisa é esse diagnóstico para se verificar que necessidades são essas. Então eu considero sim, a instituição, como sendo a responsável, também, agora principal eu vejo que não existe um principal; existe uma coletividade, a sensibilidade da instituição em perceber os problemas que os alunos estão passando, a sensibilização do aluno para poder ter o interesse de permanecer, você vê que a importância que tem aquela educação pra ele e logicamente a instituição vai entrar com esse processo de sensibilização. Ver também o próprio professor que está diretamente com o aluno, para ser esse elo, realmente, entre o que está acontecendo com o aluno e fazendo com que as aulas sejam mais dinâmicas, tendo bastante atividades práticas. O instituto federal era antigamente enquanto CEFET uma instituição que tinha atividades práticas, e o aluno mantinha... Nós sabíamos fazer isso, o aluno escolhia o CEFET porque saía daqui sabendo fazer algo; me questiono se as metodologias adotadas atualmente permitem isso, né? Então se isso daí não é um fator de evasão. O próprio estudante, que já mencionei, a família como incentivadora desse processo. Então, é... Levando em consideração tudo isso aqui, eu vejo um fator que eu acrescentaria que está relacionado ao professor, mas também muito relacionado a instituição, que é o fator metodológico, de como essas aulas são ministradas, que ambientes, que laboratórios esses alunos têm, em termos de infraestruturas; para que ele possa realmente se auto motivar, ou seja, que possa permanecer e não pensem, em mais que as dificuldades apareçam, ele não opte pela opção de evadir. Ah! Eu vou lutar, eu vou, eu quero isso. Então, eu acho que falta esse lado mais de aproximação mesmo, de identificação dessas realidades. Existe já no instituto federal do Piauí, como um todo, inúmeros, vamos dizer assim, iniciativas para fazer essa redução, ne? E o que a gente percebe em nossos encontros sobre evadidos, assim, pessoas que estão trabalhando nisso, é que não é só um fator, são vários fatores, é coletivo isso daqui. Não existe um mais importante ou um menos importante, é o conjunto que vai fazer com que aja a retenção desses alunos. (PROFESSOR 7, 2019).

Eu acho que, lógico, que a instituição de ensino ela tem uma influência sim na questão motivadora de tá levando a sério dos professores em si. Mas eu acho que tem muito a ver com o próprio estudante e a família. Eu acho que

tá muito ligada à isso, a impressão que eu tenho, mas por intuição do que uma pesquisa em si, mas se... Eu já tive alunos que moravam em outra cidade. Muito bom. Que morava em uma cidade aqui perto, Buriti dos Lopes, aí a aluna, vinha duas alunas e dizia assim: professora a gente não veio na aula ontem porque a prefeitura não teve ônibus porque estava em greve. Ai o próprio IFPI não manda ônibus. Aí vem com aquele papo. E a colega dela na mesma turma e na mesma cidade vinha sem problema nenhum: ah! Professora, dei um jeito de pegar carona, porque eu tenho que vim porque isso é importante pra mim. Não posso ficar faltando de aula não. E as outras queriam que eu desse a presença eu falava: eu não vou dar presença. Tanto é que foram reprovadas e voltaram depois e fizeram e cursaram de novo, porque foram reprovados por falta então eu vejo que tem a ver com essa questão do próprio interesse do próprio estudante. O quê que a instituição pode fazer. Dar um apoio até psicológico de repente, mas se família do próprio estudante não tem aquele... Aquela motivação, eu acho que tem uma influência muito grande e é difícil você trabalhar em cima disso (PROFESSOR 8, 2019).

Então... Eu acho que todos esses atores aqui contribuem para diminuir evasão. A instituição preparando e melhorando o tipo de ensino, tentando melhorar porque às vezes também o nosso ensino tem que está tentando se atualizar, mudar as metodologias, temos que atualizar e acompanhar também o aluno... O quê que ele busca? Aqui no IFPI, né?! E o IFPI tem que dar todo esse apoio. Nós também precisamos estar dando junto com o IFPI todo esse apoio. À família do Estudante para cobrar e dar a ele esse interesse, porque às vezes estudante adolescente e às vezes não tem um objetivo e aí tem também outras atividades e a família tem que dar esse suporte. O estudante porque quando ele quer realmente é bem interessante, é bem diferente quando o estudante não quer nem o ensino e nem o curso técnico e o professor tentando ver toda essa deficiência e ver esses problemas ele deve ir procurando, novas metodologias, procurando passar esse conteúdo de maneira que o aluno se interessa. Porque nós também temos esse papel, e outros que eu também acho que é o mercado de trabalho que tem que tá dando valorização ao técnico; um mercado de trabalho que está meio estagnado que dê mais oportunidades. Eu acho que isso ajudaria muito também a diminuir a evasão escolar (PROFESSOR 9, 2019).

Quem é o principal responsável? Eu acho assim, que seriam todos mesmo. Por conta que os fatores que causam evasão são variados; então não tem como atribuir a responsabilidade a apenas a uma pessoa. Então existem coisas que envolve a família, existem coisas que envolvem o professor, o coordenador. Então são todos. A depender do caso. Cada caso deve ser tratado de forma personalizada (PROFESSOR 10, 2019).

A maioria dos professores, no caso 70%, responderam que acreditam que todos os elementos são diretamente responsáveis e que não haveria um principal. Que todos tem suas responsabilidades específicas. Os outros 30% acreditavam que os principais elementos responsáveis para que a evasão não ocorra no ensino técnico do IFPI-Parnaíba, seriam a instituição, a família, e os professores “porque

dependendo de como é conduzido a aula, a pessoa estimula a evasão do aluno” (PROFESSOR 3, 2019).

Além disso, um dos professores entrevistados afirmou que acrescentaria um outro elemento como uma preocupação: “eu vejo um fator que eu acrescentaria que está relacionado ao professor, mas também muito relacionado a instituição, que é o fator metodológico, de como essas aulas são ministradas, que ambientes, que laboratórios esses alunos têm, em termos de infraestruturas; para que ele possa realmente se automotivar, ou seja, que possa permanecer e não pensem, em mais que as dificuldades apareçam, ele não opte pela opção de evadir” (PROFESSOR 7, 2019).

5.2.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Nesta questão da entrevista teve-se o intuito de colocar o professor num momento de autoavaliação, em que refletisse, e que baseado em sua experiência em sala de aula, pudesse explicar o porquê que as ações do professor fazem ou não diferença para aumentar ou diminuir a evasão escolar dentro do IFPI – Parnaíba. As respostas foram as seguintes:

Sim. As ações dos professores, ele pode diminuir como pode aumentar a evasão. Como é que um professor aumenta a evasão? Quando ele não se importa com o aluno em si, e começa a passar conteúdos e passar... Sem se importar que o aluno tem dificuldades de aprendizagem, ele não se preocupa, ele não muda seu método, não muda sua didática; então isso faz com que o aluno não aprenda e no final ele saia do curso. E ele poderia também diminuir. Como? Mudando suas práticas. Então se nós temos uma turma diversificada, de 20 alunos, onde 10 alunos têm dificuldades, ele tem que mudar sua metodologia e sua didática para tentar passar seu conhecimento para esses alunos que tem dificuldade. Então, ele pode tanto diminuir, quanto aumentar a evasão (PROFESSOR 1, 2019).

Acredito que fazem toda a diferença para ambos os lados, tanto para o aumento como a diminuição, porque? Porque se não forem docentes que tenham um bom exercício da docência, no tocante a ministrar uma aula, vindo ministrar a aula, porque tem docentes que faltam muito, então, isso desestimula o aluno vir pra cá e não ter aula. Docentes que possam ter um relacionamento humano mais aderente com o convívio dos alunos, uma boa aula no conteúdo, uma boa didática, clara, objetiva, que eles possam entender, então os dois lados contribuem, se isso for bom o aluno não vai evadir, se isso for ruim ele vai evadir. Então, tem um estudioso da área de pedagogia que ele diz o seguinte: quando a sala de aula vai bem todo resto vai bem ou quase tudo vai bem. Eu acredito muito nisso. Então se a sala de aula vai bem, com esse relacionamento do professor vai fazer diferença sim,

de forma positiva. E se for negativa faz diferença de forma negativa... Ai ele vai-se embora (PROFESSOR 2, 2019).

Eu acredito que os professores fazem diferença para aumentar ou diminuir a evasão porque o ponto de contato com o aluno é o professor, e o professor além de mostrar o conteúdo do qual ele é pago pra ensinar, ele tem alguns papéis muito sutis que não estão no papel escrito, não estão nas regras de contratos de professor; ele é motivador, ele pode ser um motivador ou desmotivador. O professor acaba sendo muitas vezes, quando as turmas são mais jovens, ele acaba sendo meio que um pai, meio que uma referência...pai é muito, mas assim, ele acaba sendo uma referência de postura na sociedade, de postura em relação a enfrentar os problemas. Então os nossos defeitos e as nossas virtudes passam a frente para nossos alunos. Eles observam isso. Eu no isso, como professor. Então, se o professor, ele atrai os alunos para a instituição, ele motiva os alunos para continuarem mesmo com as dificuldades, são pontos que diminuem a evasão escolar. Eu acho que não é determinante, que so com isso você consiga acabar coma evasão escolar, mas eu acho que...esse ponto pode ainda atrair aí, uma fatia de alunos que evadem o curso, para que eles permaneçam estudando (PROFESSOR 3, 2019).

Eu acredito que não só os professores como toda a... Todos os servidores. Mas os professores geralmente eles estão na primeira linha de contato com os alunos, com os ingressantes, né? Mas eu acredito que eles podem contribuir sim com a permanência do aluno, buscando a identificação de cada aluno, com essa identificação das dificuldades e contornando com a metodologia aplicada na sala de aula e essa metodologia ela está sempre sendo reciclada. Não pode ser só uma metodologia para a turma toda, mas sim, uma metodologia identificada por aluno; alunos com deficiência, alunos normais, alunos de várias classes sociais... Você saber trabalhar criando uma metodologia ativa, mais diversificada dentro da turma. Né? (PROFESSOR 4, 2019).

Sim. Com certeza. Eu acho que nós temos um corpo docente muito capacitado, pessoas com mestrado, doutorado em suas áreas, também são totalmente capaz de tornar a aula fácil, acessível ou dificultar, eu acho que vai muito de como o professor quer tornar a sua disciplina para o aluno. A dificuldade maior é só a questão da quantidade de alunos para cada professor, eu acho que o professor precisa conhecer mais do aluno, precisa estar mais perto do aluno pra que ele possa encontrar os problemas daquele aluno e torne aquela disciplina que antes estava difícil; uma disciplina um pouco mais acessível para esse aluno (PROFESSOR 5, 2019).

Acredito. Acredito porque eu sou professor e eu faço, as vezes eu mesmo compro matérias, inclusive nessa aula que eu estou aqui agora eu comprei alguns materiais com meu dinheiro para poder motivar os alunos. Então eu acredito sim, que as ações fazem motivar e diminuir a evasão. Porque motivação faz vencer qualquer barreira, e diminuir a evasão com certeza. Eu acho a motivação vencer qualquer barreira (PROFESSOR 6, 2019).

Com certeza, o professor está lá com o aluno, conversando com ele. Vendo o aluno diariamente. A gente pode perceber algumas mudanças no rendimento do aluno, não só quantitativamente, mas também na parte qualitativa; muitas das vezes o que acontece é: o que fazer com essas informações? Eu acho que existe sim um sistema, um processo interno de acompanhamento do aluno, tanto na parte quanti como na parte quali, precisa de uma comunicação mais efetiva em relação a isso. Se o aluno, por exemplo, ele vai no setor de assistência e foi identificado algum tipo de orientação específica, no caso o professor teria que ser comunicado nesse processo, e vice-versa. O professor identifica alguma dificuldade do aluno, comportamental ou mesmo de aprendizado, ele teria que ter autonomia de

apresentar isso para o setor e ter o feedback do setor, não só apresentar o grau de dificuldade, então o professor com certeza seria esse elo principal entra a realidade do aluno e as condutas que podem ter dentro da instituição no ato que repasse essas informações para a pessoa que tenha competência para resolve-las (PROFESSOR 7, 2019).

Eu acho que faz e não sei e não tem como eu provar isso. Mas o que que acontece no nosso eixo, a gente, e aí eu falando assim fica até parecendo que os outros eixos não fazem isso. Nem sei como que funciona. Mas a gente tem uma coisa dentro do eixo de gestão de negócios que é não deixar o aluno sem aula. Aluno pode ficar sem ela? Pode. Numa situação que aconteceu um pouco antes que não deu nem pra gente trocar, mas ontem mesmo a professora Fabiana mandou mensagem 7:00 horas da noite: gente, eu tô com problema e não vou dar aula as 20 horas, mas alguém pode substituir? Eu podia. Eu falei, eu posso. Ou seja, em menos de uma hora a gente resolveu. Tem um grupo dentro do WhatsApp só pra isso. Pra fazer essas trocas pra não ter... Então nosso foco é o aluno não ficar sem aula. Eu, ano passado, fiquei afastada de licença por um tempo. A professora Jalva agora também. Então, aí fica difícil, um mês a professora não vem. Então fica difícil você cobrir tudos. Mas eu chego a fazer escala como coordenadora, escala, do dia que não tem aula e quem que pode vir e substituir o professor e o professor vai se candidatando e acaba antecipando aula e o aluno não fica desmotivado porque ele vê que existe um envolvimento dos professores para que aquela aula aconteça e que se o professor está envolvido. Porque eu como aluno não vou estar? E isso acaba motivando... Isso acaba motivando. Então essa postura do professor e a postura até em não... Em ser rígido; como eu tava contando aí do caso das alunas: ah! Professora me dá presença, que a prefeitura não mandou carro. Não! Que a minha relação não é com a prefeitura. Então você que tem que se... Dar um jeito e vir porque aqui não é fácil. E se você não se dedicar você não passa. Isso da visão do aluno, assim, estou me formando num lugar que é muito sério então ao invés dele chegar no mercado e falar assim: ah! Lá no IFPI pode ir lá você nem precisa ir na aula você passa. Ah! Naquele IFPI se você não for na aula e vice não estudar você não passa. Ou seja, eu tenho orgulho de ter estudado lá. Então, essa postura pra mim vem muito da postura que eles veem do professor. E o nosso eixo tem esse envolvimento muito grande. É justificar falta... Tem que ter um documento pra justificar. Ah! Vou conversar com o professor. Você pode até conversar com professor, mas pelo que eu vejo ninguém da falta ou dá presença se o aluno não tá. Então cria uma seriedade que o aluno, que influencia o aluno. Então acho que é o porquê isso, diminui nesse sentido assim. Do envolvimento (PROFESSOR 8, 2019).

Bom... Fazem! Todos esses atores fazem diferença neste momento, e o professor também. É como eu disse, toda instituição, os pais, os alunos, os professores, pois quando os professores têm mais sensibilidade, porque cada turma ela tem um perfil diferente, mesmo dentro de turmas...tem turmas que tem mais alunos interessados, tem turmas que só diferentes que conversam mais; então quando o professor tem essa sensibilidade de verificar o perfil da turma, de tentar trabalhar metodologias que eles consigam alcançar e que às vezes que tem mais dificuldades, tem turmas que tem alunos que alcançam mais rápido o conteúdo, então o professor faça diferença aí nesse momento, eu acho que nós podemos, quando ele tenta procurar compreender a sensibilidade para ver os problemas fora da classe, o que é que está acontecendo? E que procurar ajudar, eu acho que faz a diferença nessa hora (PROFESSOR 9, 2019).

Eu acho que sim. Com certeza, o professor ele pode contribuir para o aumento ou para a diminuição. Então se o professor tem uma aula mais interessante, uma metodologia interessante; enfim, ou até mesmo um bom relacionamento interpessoal de forma agradável e amistoso eu acredito que

o aluno vai se interessar em ficar mais, vai gostar de vir a aula. Agora se o professor tem um relacionamento ruim, de inimizade com os alunos, eu acredito que o aluno vai tender a não querer ir para ala. Então pra quê que eu vou sair de casa pra ver uma pessoa que eu não gosto? Pra assistir a uma aula chata, que não me interessa?! Então acredito que isso contribui sim. Infelizmente às vezes pode acontecer de um professor criar conflito com aluno; apesar de ser bem difícil. Mas eu acredito que sim com aulas mais interessantes, o aluno tende a ficar mais tempo. Questão de rendimento também né? Às vezes alunos não acompanha o assunto, se o professor passar trabalho e fizerem um acompanhamento mais específico também pode ajudar (PROFESSOR 10, 2019).

Em síntese, 100% dos professores acreditavam que as ações docentes poderiam sim aumentar ou diminuir a evasão; alguns argumentaram que quando o professor se dispõe a estar acompanhando a realidade do aluno, ou mantendo um bom relacionamento com o aluno, afirmam que isso pode auxiliar a manter o aluno em sala de aula. No entanto, alguns entrevistados também acreditavam, que quando os professores não mantêm um bom relacionamento com os discentes e não tem uma sensibilidade em relação as dificuldades de seus alunos, isso pesaria bastante para que a ação do professor contribuísse para o aumento da evasão.

5.2.6 Concepção dos professores sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Foi colocado essa questão na entrevista com a finalidade de buscar na experiência do docente, quais as observações dele sobre as dificuldades que afetavam os alunos do ensino técnico, e qual destas dificuldades poderia estar acarretando a evasão. Nisto, obteve-se as seguintes respostas:

Bom, uma das dificuldades relatadas pelos alunos; primeiro é quando ele entra no curso e ele não conhece o curso, num é?! Então eles relatam que tem dificuldades, que não era aquilo que ele queria, que é muito pesado, que ele pensava que iria trabalhar com X e está trabalhando é com Y. Então essa é a principal dificuldade que ele tem quando ele entra. Com o decorrer do curso, outra dificuldade que ele tem, está relacionado com o transporte, porque nós temos um problema muito grande de transporte, os alunos são carentes, não tem transporte para vir. Então, um outro problema que nós temos é o transporte e isso contribui muito para a evasão, principalmente o transporte; que contribui para a evasão e a parte do aluno que não se adapta ao curso, que não gostou daquele curso ele também vai sair e vai ter uma evasão naquele curso em que ele não se adaptou. Mas a principal de maior impacto é o transporte..., mas é porque fica muito relativo, porque quando você entra no curso, 10%, 15% a 20% tem evasão, né? E com o decorrer e a dificuldade no transporte, você tem mais uns 10% dessa evasão... Então, ficaria nivelado, mais ou menos nivelado; entre a evasão em relação ao

transporte e o curso em si, no caso o conhecimento do curso (PROFESSOR 1, 2019).

Uma delas é o transporte, que as vezes é complicado, né?! Porque? Porque as vezes a rota do ônibus não passa próximo a onde eles moram, então fica difícil. Outra dificuldade, é as vezes ter que trabalhar para ajudar a família e aí deixam a instituição e em alguns casos, é porque eles passam em outros cursos, em outras instituições e vão cursar um curso superior; que as vezes é... Eles têm mais aderência e aí, eles...evadem. E também por conta da questão própria...tem aluno que acham difíceis algumas disciplinas, acham difíceis a metodologia do professor, não se afina, não tem uma aderência e acaba trocando por outro curso; o fato também da afinidade, ne?! Mas, eu acho que o transporte, pela localização nossa. O transporte é um fator ainda bem preponderante. Eu vejo muita reclamação em relação ao transporte. E é inclusive, quando a gente, por exemplo, quando a gente promove eles irem assistir palestras em outro lugar, e se não tem transporte pra eles virem pra cá, eles não conseguem ir daqui para a palestra. Porque as vezes moram em Cajueiro da Praia, Chaval e o ônibus deles passa aqui; então, se não vier, entendeu?! É complicado, e nos próprios pontos mais distantes da cidade. A rota do ônibus não passa próximo, então pra eles ainda fica difícil chegar até esse ponto de rota, então...assim... pra nós esse “calcanhar de Aquiles” aqui ainda muito grande é o transporte (PROFESSOR 2, 2019).

Certo. Relatadas pelos alunos, ou seja, que eles dizem pra gente...eu percebo nos meus alunos uma dificuldade em hábitos de estudo, então grande parte dos alunos que entram aqui nas minhas salas, por exemplo, eles são alunos que vieram de realidades escolares muito fraco ou quase nenhum. Então, ou eles não estudavam nas suas escolas, as vezes não tinham aulas de certos conhecimentos... Não eram incentivados a estudar, não tinham esse habito, e quando pegam uma realidade de instituto federal e ela é muito exigente, ela é muito focada ao nível de mercado, ela exige o que o mercado precisa...os alunos tomam um choque e ai eles se sentem pressionados, no sentido de: ah! Eu tenho que estudar. Ah! Eu não vou dar conta. Chega até a se tornar um processo de ansiedade. Então, eu noto que as maiores dificuldades relatadas pelos alunos é aquela: professor, eu não estou conseguindo acompanhar a matéria. E isso vem de uma observação minha, da dificuldade do habito de estudar fora do âmbito de sala de aula. Os alunos acreditam que é só vir pra sala de aula, prestar atenção na aula e ir embora e tudo ficar certo. E não é assim que funciona a maioria dos nossos casos de estudo; então eu vejo como a dificuldade de ter o habito de estudar, achar que o curso é muito difícil como umas das dificuldades que contribui para a evasão, apesar de não ser os problemas maiores de evasão. Outros fatores que eu vejo, é que muitos alunos vêm de cidades distantes, e ai nesse processo de vir de cidades distantes, da dificuldade de transporte se aliam também as suas realidades de deslocamento. Eu tenho o caso de um aluno nessa própria semana que não está comparecendo as minhas aulas porque está fazendo um plantão no trabalho e nesses plantões do trabalho ele não consegue se deslocar até o instituto, porque ele trabalha numa cidade a mais de 100 KM (quilômetros) de distância. Então é muito complicado tanto a questão do deslocamento, eles reclamam disso, eles demonstram muito, e eles também demonstram muito sobre a dificuldade de acompanhar o curso pelas dificuldades deles anterior de não ter hábitos de estudo... Ou o termo - aos hábitos de estudo. Né?! (PROFESSOR 3, 2019).

Conversando com alguns alunos... No caso eu estou mais próximo do curso de edificações. Ne? Mas, é um curso fácil, não é um curso difícil. Mas a maior dificuldade eles encontram é adaptação do conhecimento anterior ao instituto e à medida que eles vão cursando eles têm essa dificuldade em adquirir esse conhecimento; por algum problema de base ou de formação. Aqui eu não sei cabe a questão do transporte que são um dos relatos da maioria... É a dificuldade de se vim. Hoje nós temos muitos alunos do Burity,

de Luís Correia, incrível que esses alunos mesmo sendo pouco a evasão deles ainda é menor do que o dos próprios Parnaibanos; se você for medir por município eles conseguem evadir menos, por quê? Porque o ônibus que sai do município deles deixa aqui na porta e buscam aqui na porta. E o nosso alunado que mora na cidade não consegue ter um transporte de qualidade para estar aqui. Eu acredito que sejam esses dois pontos os mais fortes: a dificuldade do curso de assimilar o conhecimento do curso, a falta de conhecimento e o transporte público. Mas, o que chama mais atenção hoje é o transporte... Dos alunos que moram na cidade é o transporte (PROFESSOR 4, 2019).

Eu acho que o maior fator que eu vejo que causa a evasão aqui é o desconhecimento do curso, eu acho que eles entram aqui muito... Os alunos que se evadem, na maior quantidade, eu vejo que eles entram aqui muito pelo nome da instituição, muito pela infraestrutura que nós possuímos que é diferente das outras escolas estaduais. Mas eles quando se veem desafiados pelas quantidades de disciplinas, pelas disciplinas técnicas e também pelas próprias disciplinas da base comum em que eles veem mudança no perfil dos professores: professores de matemática que cobram muito mais, professores de português, de geografia que às vezes nunca nem tiveram essa disciplina. Então é um desafio que eles precisam contornar desta instrução portanto se eles não tiverem preparados para essa mudança eles não conseguem acompanhar o curso eles não comentam conseguem ficar na instituição e que eles, como falei, eles acham que aqui é outro mundo, outro mundo mesmo, e eles precisam estar cientes que aqui é diferente mesmo e que eles precisam se auto desafiar ter uma confiança para poder crescer dentro da instituição (PROFESSOR 5, 2019).

Eu acho que é o ensino básico, eles vêm com o ensino básico bem carente, bem deficiente. Então eles sentem muita dificuldade em muitas disciplinas, aí não é só nas técnicas, entendeu?! Acho que é como é a preparação desses meninos para chegarem até aqui. É...porque a gente tem aqui alunos do ensino médio integrado, do subsequente que já terminaram, e estão fazendo aqui na escola o técnico, tem o concomitante que fazem o ensino médio em outro lugar e que fazem o técnico junto; e tem superior, eu ministro não no superior, mas nas outras duas categorias, então, tem...todos que eu ministro aula eles tem o ensino básico como uma premissa para auxiliar na disciplina técnica, que é a que eu ministro. E o ensino básico é um dos principais fatores que eu vejo como dificuldades pra eles. Eles acompanham. então, a gente tem que fazer muita revisão para eles conseguirem acompanhar o conteúdo. Pra evasão, eu não tenho como dizer se é a principal porque eu não conheço todas as situações de evasão, mas no meu ver, o que eu vejo de dificuldade é essa, então eu posso dizer que é essa. Hoje eu não sei, eu não conheço nenhum estudo de motivo de evasão; esse ano eu não vi nenhum estudo da área: o aluno daqui ele tem evasão por A, B, C e D... então a A é isso, o ensino básico, então eu não posso dizer que isso é o principal, no meu ver eu acho que a maior dificuldade é essa, e aí eles reprovam e saem, e eu acho que desmotiva bastante. Eu acho que o acesso ao campus, tem muitos alunos da região e de outras cidades, e as vezes eles faltam aulas constantemente porque o ônibus não veio, quebrou ou não foi disponibilizado; então geralmente quando eles faltam é por causa disso (PROFESSOR 6, 2019).

Olha, há pouco tempo atrás, um item muito identificado e que tinha uma força muito grande era a questão do transporte, ainda é um problema, mas com certeza ele era muito mais evidenciado antes. Eu vejo agora como fator realmente a questão de transformar a nossa educação em uma atividade mais prática, de vivências...entendeu? Sair um pouquinho dessa situação muito teórica e transformar esse conhecimento em algo que o aluno se sente algo participante desse processo, então eu considero que a metodologia que é adotada pode intensificar; em termo de infraestrutura, um bom laboratório,

e isso pode influenciar para a retenção, os alunos eles tem sim dificuldades de nivelamento, então esse nivelamento tanto em matemática, português e em outras áreas... Eles têm. E outro fator, é o ambiente... Estabelecer a cultura de um ambiente propício de aprendizado contínuo, que esses alunos possam realmente se dirigirem a biblioteca, não só para terem acesso a internet, mas que eles possam sentar lá e buscar esse conhecimento, nos livros e nas pesquisas que eles podem fazer lá. Então criar realmente uma parte cultural da aprendizagem, hoje a gente observa que é importante na educação empreendedora, fazer com que os alunos busquem esse conhecimento, dê mais autonomia para eles buscar, ensinar a eles a fazerem essa busca. Será que nós estamos usando essa metodologia para fazer com que os alunos realmente sejam esse centro do processo da educação? Mas para que ele seja também corresponsável pelo aprendizado dele. Então, essa maturidade; ele entra muito pela parte geralmente da cultura, de trabalhar e sensibilizar esse aluno para ele aproveitar essa oportunidade que ele está tendo. Eu acho que ainda o nosso aluno, ainda está tipo, alguns vem porque tem que fazer o curso técnico, outros vem talvez por obrigação... Não sei... De um responsável. Enfim, mas o importante é que a gente tente enquanto instituição traze-lo para próximo da gente, no sentido de identificar as dificuldades que ele tem, trabalhar muito a parte prática, ter um laboratório onde eles possam realmente ampliar seus conhecimentos e colocar esses conhecimentos em prática. Um dos fatores que mais contribuem para a evasão? Eu acho que eu vou muito na questão metodológica, eu acho que a questão metodológica ela é importante; e a metodológica, quando eu falo, é tanto na sala de aula do professor, quanto ao ambiente que possibilite essas atividades práticas a esses alunos, então se tu faz uma metodologia, tu possibilita a esse aluno ele saber fazer aquilo que você tá falando, eu acho que você atrai esse aluno e mantém ele um pouco mais, mas para isso a instituição precisa ter uma infraestrutura condizendo para essa realidade. Então é muito complicado, tem a parte de infraestrutura e tem também o lado do professor em si, né? E de metodologia, é um conjunto (PROFESSOR 7, 2019).

Pois é. O nosso curso não é tanto. E aí fica difícil... Quais são as maiores dificuldades relatadas pelos alunos? Olha o que eu vejo eles reclamando muito é a questão do transporte, a dificuldade no acesso, mas também ninguém nunca chegou para mim e falou: vou parar de estudar por causa disso. Não é um fator. Os fatores que eu vi dessa evasão, que mesmo não sendo alta ela existe, é a questão do interesse de cada um, de: o curso; não quer mais fazer esse curso, porque não é essa área que eu quero seguir! Ou: arrumei emprego. Então, são coisas muito específicas. Específicas. E qual dessas dificuldades é... Nossa fica difícil aqui porque, eu sinceramente não consigo... Tô tentando lembrar algum caso de aluno que... A maioria dos que eu tenho acesso e que vem me pedir pra trancar o curso. É assim: professora, pode trancar o curso. Mas eu vou voltar. Já vão trancando falando que vão voltar, mas que o motivo que eles estão trancando normalmente é esta coisa de transferência que eu tava falando, questão de trabalho mas que já tem uns três, quatro que já realmente já voltaram...Então eu estou achando difícil de responder qual dessas contribui. Porque o maior foco aqui é a que eu ouço é distância, mas também nunca ninguém parou por causa da distância. Então seria, mas ter o meio de transporte eu acho que motivaria sim na melhoria e diminuiria de repente essa intensidade (PROFESSOR 8, 2019).

É como eu digo, eu acho que o que acompanha assim dos alunos, mas não são dados precisos, então assim o que na minha opinião, viu, algumas coisas que contribuem eu acho que às vezes é o problema do transporte aqui, a distância, o problema de transporte até do município, da cidade de Parnaíba, também porque nós temos alunos de outros municípios; então o transporte é problemático né! Pessoas de municípios aqui próximos de Ilha Grande, de Buriti dos Lopes, de Bom Princípio e até de Chaval. Então esse nosso

problema de transporte escolar também acarreta muito... Ele ajuda muito nesse problema da evasão. Outra também que eu acho que é a baixa escolaridade de quando ele chegam aqui, porque quando eles encontram disciplinas técnicas que precisam de maior embasamento e aí quando... Eles também têm dificuldade e a terceira na minha opinião chama-se mercado de trabalho, porque eu ainda bato, porque o perfil de trabalho na região ainda não valoriza o salário do trabalho dos técnicos e o fato de não ter vagas logo que eles se formam, então tudo isso leva um pouco de desânimo em relação a tudo isso, em relação a estudar para ser técnico, um futuro técnico nessas áreas que nós oferecemos aqui no IFPI. E dessas três que apontei eu acho que... Eles não vêm preparado para o curso técnico, que eu acho que a maioria dos alunos veem no IFPI uma boa escola..., mas para alcançar o segundo grau, a ideia deles quando eles chegam aqui... A maioria deles... Somente querem o segundo grau, então eles não têm ainda esse conhecimento do curso técnico, e como o mercado de trabalho não é atrativo; então por isso eles não tem tanto conhecimento. Então se o mercado não oferece vagas, então as pessoas não falam que se empregaram quando terminaram o curso aqui... A maioria né! São poucos ainda. Então essa falta de atração do mercado de trabalho e leva essa falta de conhecimento e a falta de conhecimento e esta falta de vontade de estudar mais um pouco para ter um curso técnico. Então eles chegam muitos jovens chegam com 15, 14, 13 anos, viu, não tem ideia do mercado de trabalho, não tem ideia ainda sobre sua carreira; pensando apenas em fazer o Enem e conseguir uma universidade e aí como não tem um atrativo no mercado de trabalho para ser um técnico paralelo a isso; então eles não tem essa ânsia de concluir o curso técnico (PROFESSOR 9, 2019).

Quais são as maiores dificuldades? Bom eu acho assim, que pelo menos na minha área, eles não têm muito problema de dificuldade com matérias, com os assuntos. Né? Nosso curso é mais leve, não tem tantas matérias de cálculos. Enfim, as maiores dificuldades mesmo são por questões financeiras, na minha opinião. Ou seja, e a área financeira, envolve deslocamento, alimentação, as vezes tem que trabalhar, não pode mais estudar. Entendeu? Então eu acho que essa dificuldade financeira envolve todos esses aspectos e contribui bastante. É porque são alunos pobres, a maioria são muito humildes. Então o IFPI é longe dos meios de transporte, a alimentação e não tem refeitório pra todo mundo, é limitado e tudo isso contribui de alguma forma. Não tem bolsa pra todo mundo, auxílio financeira, enfim; tudo isso contribui. Eu acredito que o aluno que recebe uma bolsa do POLAE⁷ ele tende a ficar mais; à evasão tende a ser mínima. Se tivesse um refeitório pra todo mundo como era antigamente. Né? Liberado pra todo mundo, a evasão também seria bem menor. Que aí o aluno pode sair do trabalho e vir direto para o IFPI e jantar aqui, isso já ajuda, por exemplo (PROFESSOR 10, 2019).

Na concepção docente, as principais dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI – Parnaíba estão centradas em quatro eixos principais: Primeiro é a questão da falta de conhecimento do curso e da não identificação com o mesmo; em segundo eixo vem a falta de base, ou seja, a ausência de conhecimentos mínimos para dar sequência aos estudos na educação técnica – refletindo-se numa baixa escolaridade que impede que o aluno consiga desenvolver com autonomia os

⁷ POLAE – é uma bolsa de auxílio financeiro de valores variados dado mensalmente a estudantes considerados, após análise e entrevistas, em situação de vulnerabilidade social.

conhecimentos do curso técnico; o terceiro eixo seria a questão do transporte, pois para os professores é algo que ainda chama a atenção dos alunos enquanto dificuldade; e, um quarto eixo seria a questão da metodologia dos professores, que pode tanto dar estímulos quanto gerar a desmotivação, e ainda conforme a concepção de um dos entrevistados, quando se aborda uma boa metodologia “eu acho que você atrai esse aluno e mantém ele um pouco mais, (...)” (PROFESSOR 7, 2019).

Outras questões foram também levantadas como, por exemplo, a questão financeira, em que um dos professores fez inclusive uma ressalva sobre a possibilidade de bolsas: “eu acredito que o aluno que recebe uma bolsa do POLAE ele tende a ficar mais; à evasão tende a ser mínima. se tivesse um refeitório pra todo mundo como era antigamente. Né? liberado pra todo mundo, a evasão também seria bem menor. que aí o aluno pode sair do trabalho e vir direto para o IFPI e jantar aqui, isso já ajuda, por exemplo” (PROFESSOR 10, 2019).

5.3 Concepção da equipe de coordenação pedagógica

O setor de coordenação pedagógica é fundamental para o estabelecimento de qualquer estratégia de combate à evasão, bem como é também fundamental para o desenvolvimento de qualquer ação na área do ensino técnico, pois é o setor onde são estudados os currículos e montados todas as ações de ensino da instituição.

5.3.1 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

Assim, sendo, esta pesquisa buscou fazer as mesmas indagações feitas aos professores; e assim sendo, a primeira questão trabalhada na entrevista, foi saber se os servidores deste setor consideravam a evasão escolar como sendo ou não um problema nos cursos do ensino técnico ofertado pela instituição.

Sim. A evasão no ensino público tem múltiplos fatores, dentre eles a questão de os alunos terem estudado em escolas sem boa estrutura, onde o ensino fundamental é precário, das dificuldades dos alunos com as disciplinas que envolvem cálculos matemáticos etc. No IFPI, não é diferente, porém com algumas particularidades. O IFPI oferece uma boa estrutura como escola e tem excelentes profissionais, porém os alunos sem boa base do fundamental

encontram dificuldades com o grande número de disciplinas, especialmente com disciplina técnicas, muitas vezes esses alunos não tem afinidade com o curso que escolheram, ou nem tiveram a oportunidade de escolher o que gostariam de cursar. Os professores esperam alunos preparados para receber o conteúdo a ser ministrado conforme a série e curso, contudo percebem que muitos alunos não estão preparados para tais conteúdos, e os alunos se sentem impotentes diante das complexidades, e aí existe um choque de realidade e um grande desafio a ser superado. Além disso existem outros fatores como dificuldades com transporte, visto que os Institutos em sua maioria se localizam distante da área central da cidade. (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Sim, é um problema. É um desafio para todos nos profissionais da educação. E são vários os fatores e nós não temos condições de dizer é um fator “x”. Aqui em nosso campus local, a gente pode até determinar algumas questões que favorecem, mas envolvem um todo né? Envolve tudo...a política, a economia, questões sociais, entendeu? Tudo, tudo e é bem amplo. E não tem exatamente um fator em si, agora. Nós aqui do campus Parnaíba talvez pela peculiaridade daqui do local nós não estamos no centro da cidade, estamos afastados, questões de transporte e tudo mais, eu acho que ela favorece até mais, entendeu? Mas eu acho que a questão é bem centrada na questão que o aluno hoje ele não é e não tem incentivo para os estudos. Eu acho que a grande questão é que ele não tem um incentivo para o estudo. O aluno não sabe para que estuda. Ele não sabe para quê está estudando, então, ele não tem incentivo nenhum para estudar, ele não tem motivação para o estudo. Eu acho que talvez este seja um fator determinante, falta motivação para o estudo. Não tem perspectiva, então isso contribui grandemente para a situação da evasão (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Pra mim já foi um problema maior, na verdade está é diminuindo. Na época das greves a nossa evasão era bem maior. Ai nesses últimos 2 anos nos percebemos que a evasão tem diminuído. Onde é que ela ainda está ocorrendo de maneira mais assim, concentrada? É no ensino superior. As vezes o aluno está fazendo um curso, está fazendo só porque tem uma nota mínima e já quer entrar num curso superior, na hora que ele consegue o curso que ele quer ou um curso em que ele se identifica mais, porque muitos vem aqui fazer química e física e não tem muito conhecimento de ciências exatas; ai quando eles se deparam com a reprovação maciça nas disciplinas, eles começam a buscar outra coisa, porque eles vão ver que eles vão fazer, não vão conseguir concluir ou não vão conseguir trabalhar na área porque não consegue entender (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Dos 3 servidores entrevistados da coordenação pedagógica, 2 argumentam que é um problema sim; 1 servidor acredita que a evasão já foi um problema maior, principalmente quando se coloca em pauta momentos de greve.

5.3.2 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

Quais são os fatores que a coordenação pedagógica acredita que são os principais implicadores para a ocorrência da evasão no ensino técnico? As respostas foram as seguintes:

Base escolar precária, deficiência na formação de profissionais, vulnerabilidade social, organização da instituição, falta de articulação entre docentes, técnicos e gestão, falta de afinidade com o curso escolhido (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Bom, a gente hoje temos uma... Nos cursos técnicos especificamente; bom, no caso nosso aqui, a gente tem um certo acompanhamento, e é o seguinte, hoje com, já há um bom tempo com a questão do ENEM, o SISU, como acessos a universidade, de certa forma abriu um leque maior para o nível superior, né? Então assim, o aluno quando ele vem pra cá para o curso de ensino médio ele pensa: não, eu vou ficar por aqui, se eu não arrumar nenhum emprego e não entrar em nenhuma universidade eu vou ficando por aqui. E a medida que isso ocorre que ele vai encontrando, que ele é chamado nas universidades, nas faculdades; na segunda, na terceira, na quarta e quinta chamadas por aí, aí ele vai e deixa o curso, porque é próprio para fazer isso, pra ele deixar o curso em função disso. E é isso, Bom... Com o advento do Enem e do SISU para a entrada no ensino superior; o que que ocorre? Houve uma certa digamos assim, creio que, uma certa desvalorização para o ensino médio técnico. Porque é a forma até mais rápida de você entrar no mercado de trabalho. Mas o aluno de uma certa forma...mas isso quando o trabalho existe, aí quando o aluno vem pra cá porque ele não conseguiu entrar na universidade. Mas assim, a medida do possível que ele vai encontrando um trabalho; que possa ter uma vaga em uma universidade, uma faculdade que chame ele na segunda, terceira, quarta, nas “n”s chamadas que tem por aí. Aí se ele vai fazer um curso superior, evidentemente ele vai preferir fazer um curso superior, então o curso de nível médio técnico ele precisa ter uma reestruturação para que chame mais a atenção dos jovens para o ensino médio técnico porque ele vem num primeiro momento, fica aqui 6 meses até um ano, mas na maioria das vezes ele termina não concluindo porque ele termina entrando numa dificuldade ou já entra encontra um trabalho e aí ele se sente completamente desmotivado a continuar aquele estudo no ensino. Basicamente no meu ponto de vista passa por estas questões, devem ter outras questões também, mas eu vejo mais por aí. Que ele ficou. O ensino médio ficou...é... perdido no meio dessa questão toda, né? Os alunos optam pelo superior (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Assim... Nos cursos técnicos mesmo, o que eu tenho observado nos alunos é ou porque trabalham ou porque conseguiram passar pro ensino superior; então, eles desistem do técnico que não está, né? naquele momento da vida deles, não está sendo interessante para eles. Os que permanecem é porque a maioria já está no mercado de trabalho e desejam investir ali naquela área (PEDAGÓGICO 3, 2019).

De acordo com os entrevistados do setor de coordenação pedagógica os principais motivos que tem levado a ocorrência da evasão no ensino técnico da instituição são problemas que vão desde a fragilidade na base escolar do aluno, até a falta de atração do ensino técnico, que às vezes leva o aluno a não ter mais afinidade ou até mesmo a trocá-lo por um curso superior. Foi apontado ainda a falta de articulação de professores, técnicos e da própria gestão.

5.3.3 concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Sim. Com atitudes de estímulo e motivação, por meio de aulas práticas em laboratório, reforço para as disciplinas que causam altos índices de reprovação, entre outros. Melhorando a relação professor aluno. Articulação dos setores de ensino em prol das atividades e eventos que visem auxiliar os discentes. Investimentos na formação continuada dos profissionais do ensino (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Olha, é um desafio, mas tudo é possível, não tem nada que não possa reverter. Não tem um mal que não possa tornar-se bom ou como também um bom que não possa tornar-se melhor. Agora o que precisa é criar um novo atrativo para esse curso para esses jovens para que ele vir e que ele possa permanecer, e é o que a gente ainda não encontrou esse atrativo; mas que tá faltando esse atrativo, tá faltando esse atrativo para que o aluno além dele chegar aqui ele permaneça. E essa é uma boa pergunta, e seu eu dissesse que teria essa resposta...seria, eu acho que, no meu entendimento eu acho que a gente tem que fazer experimentos novos e nós não temos algo que possa dizer: olha vai fazer isso aqui e vai ficar. Porque o modelo que se está colocando e a forma como ele é colocado, ele não tem atrativo. Eu acho que a gente tem que ter alguma modificação, né? Para que dê vantagem ao aluno, para que dê vantagem a esse egresso, quando ele sair daqui com o ensino técnico de nível médio. Que ele possa ter a inserção no mercado de trabalho, que ele possa vislumbrar um futuro promissor na vida dele, na carreira dele, para que ele possa encarar o ensino médio como uma profissão digna, compatível e tudo mais. Para que ele possa crescer e se desenvolver. Então, eu acho assim, que deve ter uma nova reestruturação e um chamamento aí, algo que possa motivá-lo de fato e de direito. Não temos essa caixinha de surpresa, para mostrar exatamente o que é. Eu acho que nós temos que fazer experimentos neste sentido para que tenha uma nova visão. Da forma que tá é que não pode continuar. Porque o aluno vem e o curso deixa muito a desejar (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Possível eu acredito que sim, mas acredito assim... que isso perpassa por muitas coisas, o cuidado maior do professor, de conhecer ali aquele aluno, de não achar que porque ele é adulto está tudo pronto e ele tem que se virar; porque a relação do professor com o aluno é muito importante porque quando o aluno gosta do professor e quando o professor faz o aluno perceber o quanto aquele curso é importante não só como profissão mas também para sua vida, aquele aluno permanece. Outros fatores também que tem que ser modificados é que nós estamos numa situação que não é privilegiada, a nossa distância dos outros lugares é grande, a gente não tem uma rede de transportes que realmente supra as nossas necessidades, o que faz com que esse aluno gaste muito. Por exemplo, vamos dizer que as vezes o professor não vem, aí o aluno vai passar aí a tarde todinha até chegar o ônibus do município dele, por exemplo, Luís Correia ou Buriti dos Lopes; as vezes ele vai pagar um taxi e de toda forma que você imaginar é contramão. Os alunos que permanecem aqui, o pátio é quente, não é um local assim realmente agradável de se ficar, quando a gente fica lá fora assim sem ar-condicionado a gente percebe, o aluno também não pode ficar na sala de aula gastando ar-condicionado indefinidamente. Então, são vários fatores, o aluno chega aqui porque precisa, mas as vezes ele não consegue ficar porque não tem mesmo condições financeiras. É muito trabalho que as vezes exigem xerox, exige que o aluno digite e as vezes ele não tem

computador; enfim, são várias situações que o aluno tem o seu motivo. Mas a evasão diminuir mesmo a gente sabe o cenário nacional que a gente e no momento a gente não tem expectativas de que aumente os recursos, então o único potencial que a gente tem para melhorar aqui pelo que eu percebo, é o potencial humano, é o potencial de a gente fazer parcerias, para que esse curso realmente aconteça, e esse potencial do próprio professor e também da própria equipe técnica; tentar amparar melhor esse aluno para que ele se sintam bem, para que ele se sintam motivado e de repente até empreender seu próprio negócio nessas áreas e que aqui cá estão (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Todos os servidores da equipe de coordenação pedagógica entrevistados, acreditavam que era possível sim diminuir a evasão escolar do ensino técnico e para isso fizeram algumas sugestões: mais aulas práticas em laboratórios, melhor articulação entre os setores, investimentos em capacitação para os profissionais do ensino, desenvolver estratégias para tornar o ensino e o próprio curso mais atrativo e outro ponto sugerido está relacionado a sensibilidade e de um maior cuidado por parte do professor para com seus alunos, “porque a relação do professor com o aluno é muito importante porque quando o aluno gosta do professor e quando o professor faz o aluno perceber o quanto aquele curso é importante não só como profissão, mas também para sua vida, aquele aluno permanece” (PEDAGÓGICO 3, 2019).

5.3.4 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre o principal responsável para que a evasão na aconteça?

Assim como na entrevista dos professores, foi pautado nesta etapa da entrevista uma pergunta com o intuito de saber as concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre a quem eles atribuíam a grande responsabilidade de ser o principal agente para que a evasão não acontecesse, ou que não ocorresse em alto número. A questão foi tratada da seguinte forma: “Em sua opinião, quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça? porque?”.

Para responder a questão foi dado as seguintes alternativas: “a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____”. Deixou-se a opção de marcar qualquer das alternativas ou de nomear um elemento novo; mas sobretudo, a importância era que eles colocassem o porquê de sua escolha. E que também justificassem.

Todos os autores são imprescindíveis, cada um com sua atuação específica na vida do aluno. A família, investir na educação e escolaridade da criança, iniciando-a desde a pré-escola, não deve terceirizar a educação dos filhos,

é a base, é onde tudo se inicia. A instituição tem a responsabilidade promover o desenvolvimento do discente como cidadão crítico e atuante na sociedade. O estudante assumir a responsabilidade com seu próprio aprendizado e construir sua história de vida escolar com dedicação aos estudos e ser consciente do seu papel. E o professor tem um papel bastante amplo, muito mais que transmitir os conhecimentos, deve incentivar, motivar o alunos a ir construindo conhecimento individual ou coletivamente (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Olha...eu não diria que nós temos um principal responsável. Eu não diria. Todos citados são responsáveis diretamente. O aluno, claro, também é responsável, a escola é responsável. O professor é responsável. Todo mundo é responsável diretamente. Eu acho que quando as partes elas se unem, elas podem encontrar um denominador comum, dizer exatamente quem é o principal responsável eu não sei. Porque tem toda uma estrutura... A política, o governo, os fatores, né? Até mesmo as questões que a gente não consegue aqui dentro da escola identificar. Ultrapassa nosso... O aluno pode deixar de frequentar a escola por fatores que não incluía nada daquilo que a gente já comentou: da escola ser afastada do centro, deter problema de transporte e tudo mais. É uma questão complexa, eu acho que aí envolve todos os setores, a família, a escola...o professor...a gestão da escola, e essa equipe multidisciplinar que a gente faz parte, evidentemente (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Olha, eu não consigo entender educação se não for um elo, então eu não consigo responder nenhuma destas alternativas porque pra mim a educação é um elo e passa pela instituição, passa pela família, passa pelo estudante, pelo professor, pela valorização da própria sociedade com respeito aquele curso; então aqui não tem nenhum que se diga: olha, o principal fator é esse bem aqui. Eu posso dizer o principal fator pro aluno permanecer e nunca vai ser só um. Para mim o principal fator para o aluno permanecer é porque ele gosta da instituição e ele gosta do curso. Agora, porque que ele gosta? Pode ser pelo professor, pode ser porque ele entende a matéria, pode ser pelo status social ali daquele curso. Então para mim seria (entre as alternativas dadas) "outro" responder o outro. Porque nenhum deles aqui consegue ser o responsável principal por isso aqui, pela evasão (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Conforme respostas, a equipe de coordenação pedagógica não associa a responsabilidade a um único elemento; mas acreditam que a evasão escolar só possa ser combatida apenas com o trabalho de um conjunto de elementos.

5.3.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Sim. Adequação de metodologias, compromisso com a formação continuada, processos de avaliação adequados são exemplo de ações que fazem a diferença (PEDAGÓGICO 1, 2019).

De uma certa forma que na pergunta anterior a gente poderia até ter dito alguma coisa neste sentido...a escola ela pode ter todo o aparato, a nossa ele tem muitos, falta alguns ainda inclusive; tem o serviço social, tem o serviço odontológico, o serviço médico, serviço de saúde. Essas coisas todas. As salas climatizadas, temos o refeitório, mesmo não atendendo a

contento, mas tem tudo isso aí. Mas a aprendizagem de fato e de direito, ela só acontece em sala de aula. Lá na sala de aula neste sentido, o professor tem um papel importantíssimo e fundamental na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. É lá na sala de aula. Então todo o aparato que se tem para propiciar uma boa educação, uma boa formação dos alunos, ela não será suficiente se o professor em sala de aula não estiver a altura, a capacidade, a formação suficientemente capaz para transformar o conhecimento em ensino de verdade que transforme a vida daquele aluno (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Para mim, faz diferença só em 100% (risos). Olah gente, o papel do professor é muito importante, porque hoje em dia a gente vive num mundo muito assim de várias e múltiplas oportunidades. Tipo: há! Você não me quer aqui não? Você não me aceita como eu sou, aqui não? Você não me valoriza? Pois a escola bem ali me valoriza! Bem em outro lugar ali me valoriza! Bem ali estão me dando opções! Então eu acredito só que é 100%; eu vejo pelos alunos, pois os alunos que tem um bom relacionamento com os professores e que conseguiram participar de algum projeto, que se sentem vistos, que se sentem apreciados; eles não querem nem sair daqui eles querem passar o dia aqui, eles falam bem do instituto, eles têm perspectiva de futuro profissional. Então para mim, a diferença é só 100%. Faz toda a diferença um professor que se importa, um professor que vê aquele aluno. Porque nos enquanto equipe técnica, procuramos ver esse aluno – e não está nem sendo perguntado aqui, mas no conselho de classe e em outros momentos, nós tentamos fazer o aluno ver seu professor, e tentar que esse aluno se aproxime do professor e que o professor se aproxime do aluno. Essa é a nossa parte aqui e eu acredito que faz toda a diferença (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Para os entrevistados as ações dos professores fazem diferença tanto para o aumento quanto para a diminuição da evasão, e nisso, os entrevistados elencaram pontos que acreditavam fazer diferença na permanência do aluno, como por exemplo: adequação de metodologias, processos avaliativos adequados e principalmente a posição do professor quanto a valorização do aluno. Para um dos entrevistados é tamanha a responsabilidade do professor nesse aumento ou diminuição de evasão, pois “a aprendizagem de fato e de direito, ela só acontece em sala de aula. Lá na sala de aula neste sentido, o professor tem um papel importantíssimo” (PEDAGÓGICO 2, 2019).

5.3.6 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Acredito que são múltiplos fatores, como: Falta de base, cumprimento de horários de trabalho, problemas com transporte, dificuldades de aprendizagem, falta de motivação, enfim, uma junção de fatores externos e internos. Não existe um fator único (PEDAGÓGICO 1, 2019).

A gente poderia relatar um monte de coisas, ne? É... Primeiro que o próprio mercado de trabalho não absorve exatamente esses jovens de hoje, eles saem daqui também...alguns, claro, tem sucesso, evidentemente, mas o próprio mercado de trabalho não absorve tanto esses jovens. Então assim, eles não encontram uma perspectiva de crescimento profissional, crescimento, digamos assim, até mesmo o crescimento intelectual, e isso de uma certa forma, vai contribuir, e quando ele não tem uma motivação suficiente que a escola não cria um espaço e um ambiente satisfatório para a verdadeira aprendizagem para esses alunos, ele não tem, digamos assim, como dar sua contrapartida, que é o seu interesse por aquele estudo também. Então ele vai ficando desmotivado e vai se distanciando e o que ocorre no fracasso escolar e por consequentemente na evasão do aluno. Então assim, deveria... Tem esses aspectos. Aqui no nosso campus particularmente, tem como já coloquei, nós temos um aspecto que é um problema que está centrado que é a questão de transporte, por ser afastado do centro, não tem uma... O poder público não deu essa contrapartida. Mesmo depois de 10 anos, como já colocado aqui não tem um sistema de transporte eficiente. O problema aqui do transporte contribui grandemente, enormemente com a questão da evasão dos alunos, e por outro lado, eu digo... A própria instituição mesma, a gente enquanto instituição; a gente ainda não conseguiu efetivamente colocar cursos ou transformar esses cursos numa, digamos assim, uma espécie de movimento em que os alunos cheguem, fiquem aqui, entre na escola, permaneçam na escola e saiam com o êxito devido para ser um profissional, um cidadão. Porque a escola não é só para dar uma profissão, ela trabalha, tenta trabalhar o indivíduo como um todo. Então assim, a questão estrutural, esses fatores externos que envolve política, economia, como já coloquei; os fatores mais locais, como a questão de transporte, mas também a própria instituição ainda; ela não tem ainda, embora com a sua estrutura que ela tem, que é para estar, mas ainda não atende a contento para fazer com que esses cursos se tornem, digamos assim, uma verdadeira vitrine para estes alunos. Não é ainda suficiente para que chame a atenção dos alunos. Como já coloquei, são fatores diversos. Mas eu diria que é a falta de organização da instituição enquanto um todo, da educação como um todo. Fazer com que esse curso de fato seja motivador para esses alunos, eu acho que está faltando essa questão de fazer com que essa clientela que chega aqui ela possa encontrar um ambiente, um espaço, pessoas, dentro de sua própria formação, algo que dê sentido para sua vida, que seja que transforme isso em algo que seja valorizado e que tenha significado pra ele, na sua vida pessoal e profissional como um todo. Não exatamente identificar, mas no meu ponto de vista, é isso, eu acho que tem que ter esses cursos tem que se transformar em algo que seja atrativo, que ainda não são (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Assim! As maiores dificuldade que eu vejo são: a distância para o instituto, que é muito grande. Dos cursos da noite é porque os alunos trabalham, eles as vezes acabam desistindo porque num primeiro momento, nos primeiros dias o patrão deixa eles saírem cedo. Mas do meio por fim, ele já tem que sair de lá as 7 horas (referindo-se às 19hs) e não tem como chegar aqui as 8 horas. Eles acabam tendo que fazer uma decisão muito difícil, ou pela capacitação ou pela subsistência. Outra questão também que está se tornando crucial, é a nossa redondeza que está ficando muito perigosa, à noite aqui questão de assaltos. Já teve até homicídio e tudo. O aluno ele tem que pensar muito se ele quer estudar a nossa política, que a gente tem aqui ne? a política do aluno. Que ajuda financeiramente esse aluno mais carente, ela não é suficiente, aí quando esse aluno chega aqui atrasado, porque ele trabalhou muito, ou porque mora longe, às vezes, em outro município. As vezes ele não tem nem dinheiro pra botar a gasolina ne? Quando ele depende de gasolina, aí quando ele chega aqui que o professor diz: te vira! E no dia que ele falta o outro colega de classe também não diz: olha fulano o professor passou aquilo e aquilo outro. Ele se senti totalmente desmotivado pra vim. Acho que falta essa união com os professores e a própria condição

de vida mesmo do aluno que atrapalha muito. Ele trabalha o dia todo, ele está aqui de noite. Que horas que ele vai fazer o trabalho dele? Que o professor passou pra casa ou projeto. É muito difícil, é por isso que a gente sabe que quando a gente tem as condições ideais, financeiras e familiares, o natural é esse aluno prosperar, mas quando a gente não tem essa condição ideal é difícil. Porque o aluno vai ter que lutar contra o sono, ele vai ter que acordar 4hs da madrugada para estudar, porque já vi alguns alunos que fazem isso. As vezes o ambiente na casa dele é muito barulhento, e ele não consegue; e a gente só pode desejar que um dia esse aluno consiga remar contra a maré, que é tão difícil e que ele consiga um futuro melhor para ele. Então... Para mim é difícil dizer só um fator, mas o fator que pra mim prepondera mais, é isso bem aí, financeiro, ele não tem condição de permanecer, e depois ele chega aqui, e alguém diz: você aí ter que se virar! Eu não to nem aí se você aprendeu ou não! Você vai ter que se virar! Não é dado opções, não é dado apoio para esse aluno que fez um péssimo ensino fundamental. Entrou aqui mesmo, as vezes, no “mamãe mandou”, “vou marcar essa daqui” e quando ele chega aqui ele vê que não adianta ele marcar a questão que ele vai reprovar e é isso (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Na concepção dos entrevistados da coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos, alguns problemas foram elencados com maior intensidade como no caso da falta de base escolar, em que os alunos chegam ao ensino técnico sem os conhecimentos mínimos necessários; o transporte é um outro fator preponderante, também apareceu elencado na fala dos entrevistados a questão do mercado de trabalho que ainda permanece muito fraco na absorção dos profissionais formados no campus de Parnaíba.

A conciliação de horários também é um problema, principalmente para os alunos de cursos técnicos noturno que geralmente são pessoas que desempenham atividades profissionais durante o dia. E para um dos entrevistados, uma das maiores dificuldades relatadas pelos alunos foi a falta de atenção, sensibilidade e união do professor, pois na concepção do entrevistado, muitos alunos tem problemas familiares, financeiros, entre outros; “aí quando ele chega aqui que o professor diz: te vira! E no dia que ele falta o outro colega de classe também não diz: olha fulano o professor passou aquilo e aquilo outro. Ele se senti totalmente desmotivado pra vim. Acho que falta essa união com os professores” (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Foi perguntado ainda na entrevista, qual das dificuldades elencadas por eles contribuiria com maior intensidade para a evasão; neste quesito, todos demonstraram dificuldade em eleger apenas um como principal, no entanto, três fatores foram evidentes nos relatos: Base educacional dos alunos, transporte escolar e questões relacionadas a metodologia e didática dos professores.

5.4 Concepção da equipe de assistência estudantil

5.4.1 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

Bom. A evasão ela sempre é um problema, primeiro porque existem recursos que estão sendo investidos numa instituição de ensino e que não estão atendendo ao seu propósito, é a primeira preocupação do governo é essa. E está se constituindo sim um problema no IFPI porque existe a evasão, se a evasão é um problema, é um problema de política pública e ela existe no ifpi e vem se constituindo sim como um problema em nossa realidade e em nosso contexto institucional (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Eu penso que evasão vem sim se constituindo como um problema no Instituto Federal do Piauí, e eu penso que evasão juntamente com a retenção e o abandono escolar se constituem como um grande problema. Porque tem caráter multifacetado e quando a gente faz a leitura da literatura sobre o tema de forma técnica, agente como técnico consegue visualizar que as causas são múltiplas né! Então as causas da evasão escolar são múltiplas, e aí sim eu acredito que a evasão, sim, se constitui como um grande problema do Instituto Federal, ... Que o Instituto Federal atravessa como um grande problema (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Em síntese, a equipe de assistência estudantil, formada por assistentes sociais, acreditava que a evasão nos cursos técnicos era de fato um problema para o IFPI Parnaíba, e acreditavam ainda que o problema se constituía principalmente pela questão dos investimento em vagas não ocupadas, porque “existem recursos que estão sendo investidos numa instituição de ensino e que não estão atendendo ao seu propósito” (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019). O Fato de alguns alunos não concluírem o curso, faz com que o papel institucional não tenha o êxito em sua missão que é formar aquele número X de vagas ofertadas. Ainda de acordo com os entrevistados, o problema no campus de Parnaíba, constituía-se em problema grave e de caráter multifacetado.

5.4.2 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

Os fatores são múltiplos, de diversas ordens. Os fatores podem ser de motivação pessoal do próprio estudante; quando há uma perda de interesse, pelo curso, pelo perfil, mudança de um curso, abandono de um curso para ingressar em um outro e assim receber uma outra formação; podem estar envolvidos aí também fatores de ordem institucional, fatores internos que promovem essa evasão. Podem também existir fatores externos ao IFPI, difíceis para o IFPI administrar... Para a instituição administradora; que são aqueles que dizem respeito a história de vida do estudante, a sua trajetória escolar, de onde esse estudante veio, se ele é proveniente da educação

básica, de qual escola ele estudou, de quais deficiências ele traz desse processo e também da família de onde ele vem... De qual família, qual o ambiente social que ele vem, nesse ambiente e nesse meio existem estímulos para... Para a sua vida acadêmica? Ou não? Porque não são fatores isolados que vão promover a evasão, então a gente precisa analisar a evasão nas suas múltiplas faces, e esses fatores geralmente estão articulados, eles não existem apenas um, mas é um conjunto que vai influenciar, é um conjunto, é bem complexo. Existem também questões de ordem, como eu já falei, depende do estudante, da família, da instituição e da sua infraestrutura, da forma que ela se organiza e organiza seu processo pedagógico, seu projeto pedagógico, e como ela organiza o seu processo de ensino e aprendizagem; a influência que os professores vão ter sobre os alunos em sala de aula e outros serviços também dentro da instituição e a questão do meio em que o estudante vive também interfere, sua realidade socioeconômica também interfere. Ta?! (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Você perguntou quais são os principais fatores que levam a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI. Bem. Na minha opinião... O meu processo de trabalho ele é voltado para toda a demanda estudantil, porém, o nosso recorte ultimamente nesses últimos tempos, a gente.... O nosso acompanhamento e os nossos atendimentos, eles foram prioritariamente voltados para o ensino médio. Então assim, claro que como eu falei anteriormente o meu processo de trabalho ele é voltado para toda a demanda estudantil, mas como se trata de um público onde a maioria são menores de idade a gente prioriza e quando eu digo a gente eu digo o serviço social, prioriza os atendimentos e acompanhamentos aos estudantes do Ensino Médio, mas isso não quer dizer que o curso superior e os cursos técnicos estejam de fora. Não! Não é isso. É só questão de a gente priorizar mesmo esse público, bem... Como a tua pesquisa ela tem um recorte voltado para o ensino técnico, né! para os cursos técnicos. Eu penso, e aqui eu vou levar a experiência do que eu já vivenciei né, com os estudantes do ensino médio, eu penso também que seja também que os problemas do ensino médio sejam também os problemas dos cursos técnicos. Eu penso então que os principais fatores, né Horácio, que eu penso que levam o estudante a descontinuar, eu vou dizer assim, os estudos no Instituto Federal eu penso que seja a questão da distância, não é? Pois o nosso Campus ele está situado numa região que não nos favorece, além disso, além da questão geográfica, eu vou dizer assim, nós temos um sistema de transporte altamente deficitário. Então eu penso que o nosso grande problema está nessa questão da acessibilidade, não é? O acesso do estudante até o Instituto Federal Campus Parnaíba é esse um dos. O outro ponto que eu penso que faz com que o estudante não continue os seus estudos seja a questão da quantidade de disciplinas né!, pois os cursos técnicos eles têm, eu diria assim, que é a profundidade dos estudos, a dificuldade que alguns estudantes têm de concluir porque a maioria vem do ensino público e eu penso aí que isso aí acaba se... É um grande problema porque a maioria vem do ensino público e quando chega no instituto federal né... Se depara com aquela quantidade de disciplinas e são disciplinas técnicas que requer muito estudo, muito engajamento e eu penso também que seja um dos motivos. O outro motivo talvez seja a questão assim... A questão do aluno não se identificar com a área, pensa que vai estudar uma determinada área e, no entanto, o curso é voltado para uma outra realidade, vou dizer assim. Então eu pensei em elencar os três fatores né!... Para evasão. E isso estou trazendo a realidade, como eu te falei anteriormente, dentro do que eu já presenciei no ensino médio e eu acredito que seja uma dificuldade não só do médio, mas que esteja também voltado para os cursos técnicos (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Os principais fatores identificados pela equipe de assistência estudantil giram em torno da não identificação dos alunos com o curso; do processo de troca de curso quando o aluno resolve abandonar o curso técnico para fazer, por exemplo, um curso superior. Também chama a atenção, a abordagem dos entrevistados sobre a deficiência da base escolar do estudante ao ingressar no curso técnico, a questão do transporte e da distância do campus Parnaíba; e também foi elencado como fator de evasão, o relacionamento dos professores com os alunos e a quantidade de disciplinas.

5.4.3 Concepções da equipe de assistência estudantil sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Bom... Eu acredito que nós temos como diminuir, sim! Melhorando a infraestrutura no instituto, melhorando a qualidade do processo educacional ofertado, promovendo incentivos para que o estudante logre êxito, incentivos, premiações e a melhoria da autoestima do estudante, do interesse dele pelo curso. Desde o momento em que ele é convidado a ingressar na instituição, de quando ele fica conhecendo quais são os cursos ofertados; para que ele ingresse na instituição tendo realmente essa identificação e essa afinidade com sua área de formação... Então, é um conjunto de ações mesmo que vai diminuir essa evasão e que vão promover o êxito dos estudantes que a aqui ingressam, depende muito... Mas acredito que é possível diminuir sim, na minha opinião são essas necessidades, um conjunto de ações, tanto de incentivo, quando de melhoria dos serviços ofertados no IFPI, é isso que me lembro agora. Então, assim, o que eu penso, o que podemos fazer é isso, melhorar as nossas condições físicas, a forma de como ministrar essa aula, esses cursos, será que são atrativos para esses estudantes? Como é que se organiza esse processo de ensino aprendizagem? É acessível? Considera as inúmeras particularidades dos estudantes e as suas inúmeras dificuldades de aprendizagem? Tudo isso influencia e são esses os aspectos que nós podemos estar trabalhando para melhorar o processo, já nas questões pessoais do estudante, infelizmente a gente não tem como alcançar esses aspectos mais subjetivos; mas esses aspectos objetivos que levam a evasão nós podemos sim sempre estar melhorando (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Aqui na sua terceira questão, você pergunta se a gente acredita ser possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI no Campus Parnaíba, e eu acredito que sim, claro que a gente deve considerar os aspectos subjetivos, né! Que estão imbricados nesse processo de descontinuidade né! E aí quanto aos aspectos subjetivos, eu acredito que a gente não consiga alcançar e vou dizer assim... Uma meta de 100% dos estudantes e que concluam seus estudos. Mas sim, eu acredito que é possível sim a gente diminui as taxas de evasão. E aí você pergunta que na sua opinião... Quais são as ações que são necessárias para diminuir a evasão. Eu penso, Horácio, que nós temos hoje a política de assistência estudantil e ela tem sido um instrumento, que eu vou dizer assim, garantidor para permanência do Estudante e essa política ela é de alcance para todos os estudantes... Eu acredito que com os benefícios, que com o refeitório, com o acesso a

biblioteca, ao material didático... Hoje a gente já... Contamos com uma equipe multidisciplinar, com a presença da médica e equipe de odontologia, então eu acredito que esse serviços acabam que convidando, eu vou dizer assim, o estudante a permanecer no ambiente acadêmico. Então a própria política ela tem sido um instrumento que nos garante, eu vou dizer assim, o acesso e permanência e também o êxito do estudante. Então quando você pergunta se a gente acredita, em que eu acredito, ser possível diminuir a evasão, eu acredito que sim, mas a gente precisa avançar né, avançar, por exemplo... E o que você me sugere que a gente dê ideias né. A minha sugestão já que a gente já tem a política, como eu falei anteriormente, ... A minha sugestão é que houvesse mais diálogo dos professores para com os estudantes. Eu acho que essa ponte né, essa forma dialogada dos professores com os estudantes, eu penso que seria também um caminho, eu vou dizer assim, para a permanência do Estudante no ambiente acadêmico. Então quando você me diz para eu sugerir eu penso que seria isso né, equipe de coordenadores tá trabalhando com os professores daqueles cursos, tá fomentando uma roda de conversa com os estudantes, onde a gente possa estar ouvindo esses estudantes com suas demandas. Enfim, eu penso que isso seria uma saída para gente estar diminuindo os índices e também uma outra sugestão... É tá revendo as metodologias aplicadas em sala de aula, levando em consideração que o nosso público, mais uma vez eu repito, mais uma vez eu ressalto, ... Nosso público ele é eminentemente um público das camadas populares; ele é um público que vem, sua maioria, das escolas públicas e a gente sabe que as escolas públicas elas deixam a desejar nesse quesito. Então eu penso que aí seria algumas alternativas para a gente estar diminuindo esse índice (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Em síntese, toda a equipe de assistência estudantil acreditava ser possível diminuir a evasão nos cursos técnicos; já em relação às ações necessárias, os entrevistados afirmaram que seria preciso: melhorar o processo de ensino-aprendizagem; elevar a autoestima dos alunos em relação ao curso; melhorar a forma de como são ministradas as aulas; melhorar o contato dos professores com os alunos; desenvolver atividades para ouvir as demandas dos alunos e ainda rever as metodologias utilizadas em sala de aula para reconhecer as verdadeiras necessidades dos alunos.

Um entrevistado ressaltou que: “a minha sugestão é que houvesse mais diálogo dos professores para com os estudantes. Eu acho que essa ponte né, essa forma dialogada dos professores com os estudantes, eu penso que seria também um caminho, eu vou dizer assim, para a permanência do Estudante no ambiente acadêmico” (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

5.4.4 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Todos são importantes pra evitar a evasão, ta! Todos são importantes pra combater a evasão. A instituição de ensino, como já coloquei bastante e enfatizei, com um papel da instituição de ensino e a forma como ela se organiza, os serviços ofertados, a qualidade do processo educacional, a infraestrutura. A família do estudante também é importante, principalmente quando são mais jovens, mais adolescentes, eles precisam de um melhor acompanhamento em casa, um acompanhamento que motive e que oriente sobre a importância dos estudos. A motivação do próprio estudante de estudar e se organizar, de manter uma rotina de estudos, também influencia bastante e é responsável pelo êxito. O estudante não perde quando a instituição melhora a qualidade do serviço que ela oferta. A gente não tá dizendo que o estudante não tenha responsabilidade, ele também tem uma grande responsabilidade de manter uma rotina de estudos, também é cobrado dele e exigido que ele participe desse processo; então assim, o processo de ensino-aprendizagem não é unilateral, ele é bilateral, ele tem vários aspectos. Tem o professor que ensina, tem a instituição com toda a sua estrutura e o próprio estudante aí exercendo seu papel, estão todos são importantes... Estudantes, professores, instituição, família (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

A quarta questão você... Você pergunta quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça. Aí você elenca alguns atores e eu penso que todos esses atores eles estão inter-relacionados né, eles se relacionam. Eu não tenho, como por exemplo, te dizer que é o principal responsável seja a instituição de ensino; veja... se a instituição de ensino tem suas metodologias, as metodologias são aplicadas da melhor forma... Nós temos professores altamente gabaritados com doutorados e mestrados, mas se o estudante não for engajado, então nada disso funciona. Mas se a gente tem um estudante altamente engajado e é um estudante que realmente tá na Instituição porque quer, porque deseja né; quer ter ascensão social e por aí vai. Mas se ele não tiver uma família que o apoie, provavelmente esse estudante pode ser convidado a desistir do percurso acadêmico né, tem aí também a figura do professor. Então assim... Eu não consigo visualizar nessa questão, somente um ator, eu penso que todos né, para que o sucesso escolar aconteça é necessário que todos esses atores que você elencou aqui no seu questionário... Eles sejam... todos sejam protagonistas na Instituição juntamente com a figura do professor né; que seja uma relação totalmente

aberta, onde o estudante ele se veja realmente como protagonista daquele processo de ensino-aprendizagem, onde o professor dialogue com a família, onde a instituição dê subsídios para que o estudante realmente possa estar alcançando né... Êxito. Enfim então, eu penso que eu não elencaria nenhum. Eu penso que todos esses atores aqui eles se relacionam. Então se um deles falhar provavelmente a chance de o estudante evadir vai ser muito, eu não sei se eu te respondi corretamente mas é o que eu penso, eu penso que esses quatro atores aqui eles se relacionam, tá bom (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

A questão ofereceu como resposta as seguintes alternativas: “a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____”. Deixou-se a opção de marcar qualquer das alternativas ou de nomear um elemento novo; sobretudo, a importância era que eles após escolherem, pudessem descrever o porquê de sua escolha.

Conforme respostas, os entrevistados responderam com unanimidade que todos os elementos elencados seriam responsáveis. Que todos os elementos seriam importantes e que se inter-relacionavam. No entanto, foram destacados, com maior ênfase, dois elementos: a instituição que deve oferecer uma estrutura adequada, com subsídios para uma educação de qualidade e o professor que deve desenvolver metodologias que coloquem o aluno como protagonista no processo de aprendizagem.

5.4.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? Porque?

Sim! Faz diferença, professores podem marcar a vida, a história e a memória das pessoas, quando eles são figuras que representam... Figuras motivadores, pessoas que acabam servindo de referência na história de vida daquela pessoa, né? E quando os professores procuram ministrar uma aula mais atrativa, mais dinâmica que oferece para o estudante esse interesse pelos estudos, isso facilita muito o processo, eu acredito que possa sim ter um impacto na vida desses estudantes, e também não só o trabalho do docente na sala de aula, mas fora da sala de aula também; quando ele desenvolve projetos, projetos voltados também para essa atenção ao estudante, seja na área de formação dele, ele fazendo um projeto de extensão, envolvendo os estudante sem uma determinada área para que eles possam desenvolver tecnologia, pesquisa voltadas para as demandas da comunidade ou da própria instituição e dos próprios estudantes... Eu acredito que as ações dos professores quando é comprometida sempre serão benéficas nesse processo educacional e consequentemente vai combater a evasão dentro daqueles aspectos objetivos que envolvem as causas da evasão (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

A quinta questão você me pergunta se eu acredito que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar, e eu acredito que o professor é a porta de entrada do estudante, é a porta de entrada... Porque que veja, se o estudante ele não tem um retorno e nem um feedback do professor, se o estudante ele não se sente realmente engajado dentro de sala de aula pelo professor, e o professor ele tem aquela autoridade, vou dizer assim, né... Eu acredito que... Eu acredito que se o professor não tiver essa postura; de estar acompanhando realmente os estudantes e de estar sendo parceiro, vou dizer assim, está sendo e está colocando uma metodologia realmente que atenda às demandas estudantis, eu penso que esse estudante ele pode sim... Ele pode sim deixar a instituição. Eu penso que o professor é chave, eu vou dizer assim, eu penso que o professor ele tem um papel fundamental. Fundamental! Eu digo isso porque nós temos casos de estudantes do ensino médio que deixaram o Instituto Federal por questões de relacionamento professor-aluno, infelizmente, eu tive contato com esses estudantes; mais uma vez eu ressalto, que foram estudantes do ensino médio e infelizmente foi assim. Então o professor ele tem sim essa autoridade de estar sendo parceiro, de estar sendo... Está se colocando e tá sendo empático para com aluno. Enfim eu acho que sim (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Os dois participantes da entrevista acreditavam verdadeiramente que as ações dos professores fazem diferença no aumento ou diminuição da evasão do ensino técnico. O primeiro, acreditava que quando o professor se dedica a oferecer uma aula com metodologia mais dinâmica e mais atrativa, que isso facilitaria muito o processo de aprendizagem dos alunos, e destacou que é importante não só o comprometimento em sala de aula, mas também fora dela, através de projetos e afirmou ainda acreditar que: “as ações dos professores quando é comprometida sempre serão benéficas nesse processo educacional e consequentemente vai combater a evasão dentro daqueles aspectos objetivos que envolvem as causas da evasão” (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Já o segundo entrevistado esclareceu que se o professor não engaja e nem se faz presente para o aluno, e ainda, se o professor não desenvolver uma metodologia que atenda as demandas do aluno, este tende a abandonar o curso; afirma ainda que já houve casos em que o aluno abandonou os estudos no IFPI Parnaíba em decorrência de mal relacionamento com professor. “eu penso que o professor é chave, eu vou dizer assim, eu penso que o professor ele tem um papel fundamental” (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

5.4.6 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Dos cursos técnicos em geral...bom, as dificuldades que nós identificamos, observamos que os estudantes as vezes não tem acesso aos equipamentos necessários para o curso... É o acesso a um computador com internet, e isso dificulta muito principalmente em cursos na área de informática... Mas não somente; isso afeta outras áreas também. Então a gente percebe que existem questões socioeconômicas, financeiras, questões que dizem respeito a família, o perfil das famílias desses estudantes, tem um impacto, e também é um fator que dificulta a permanência e o êxito dele dentro desses cursos. Além dessa dificuldade do acesso ao computador, até mesmo a permanência do estudante na instituição, estudantes que vem de outras cidade e que precisam se manter na cidade para estudar, então... Envolve uma série de necessidades, financeiras, para se manter no curso, são essas dificuldades que eu verifico com maior frequência, que eu acompanho os estudantes nesse sentido, mas não somente essas; os estudantes também tem dificuldades de aprendizagem, dificuldades emocionais, dificuldades na sua percepção como estudante, muitos a gente percebe uma autoestima baixa, e não se sentem capazes, então isso dificulta o processo educacional. Além disso, a falta de hábitos de estudos, de rotinas de estudo, que eles trazem de outras escolas, de onde vieram; então... Dificuldades por não terem conhecimentos anteriores que não favorecem a aprendizagem dos conteúdos atuais ministrados, então, são várias dificuldades, e não existe uma que pese mais do que outras, então eu acredito que esse conjunto de dificuldades são um convite para o estudante evadir (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

A sexta questão você me pergunta quais são as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos do IFPI... Bom... No meu cotidiano profissional, a gente vai atendendo todas as demandas, mas como eu já te disse anteriormente a nossa prioridade ainda é o ensino médio; não que os demais não seja importante, não é isso. Mas enfim em épocas de reavaliação do benefício permanente que é um benefício previsto na política e eu já citei a política (política educacional de assistência estudantil do IFPI) como instrumento garantidor da permanência do estudante, é um dos instrumentos, eu vou dizer assim, eu penso que em épocas de reavaliação quando a gente tem um contato mais aproximado com os estudante; as maiores dificuldades que eles relatam é a questão de... Como é que eu te

diria... É a questão financeira né! Alguns relatam que as famílias moram... Muitos né! Vem estudar aqui em Parnaíba deixando sua família de origem em outras cidades e eles têm que custear com aluguel. Enfim, então eu penso que, tá atrelado a uma das maiores dificuldades, além da questão da acessibilidade né, como eu já havia falado anteriormente e nós temos aí a questão financeira. E também muitos deixam o Instituto Federal por conta do mercado de trabalho, deixam o curso para ingressar no mercado de trabalho. Talvez seja também um dos recortes, eu vou dizer assim, da evasão; um dos vieses, eu vou dizer assim (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

As maiores dificuldades elencadas foram em geral: acesso aos instrumentos de estudos; dificuldade com a base educacional e dificuldades de aprendizagem; autoestima baixo em relação ao curso; falta de hábitos de estudo; questões financeiras e familiares e abandono de curso para ingressar no mercado de trabalho.

Quanto a pergunta sobre quais dos fatores influenciava com maior impacto para a evasão, ambos os entrevistados não apontaram um item específico, apenas evidenciaram que todos os fatores elencados eram significativos para a decisão da evasão, conforme resposta a seguir: “não existe uma que pese mais do que outras, então eu acredito que esse conjunto de dificuldades são um convite para o estudante evadir” (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

5.5 Concepção da Coordenação de curso técnico

5.5.1 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

No curso técnico em edificações, no integrado a evasão é bem... Tem um índice bem baixo, mas no concomitante subsequente é que a gente identifica o maior índice de evasão, e o problema que eu vejo é que existe um certo desperdício de recurso, pois quando o professore está em sala de aula E toda a estrutura do campus ela está disponível para 40 alunos por turma; então se você não tem esses 40 alunos por turma, você está acarretando um desperdício de recursos, porque toda a estrutura está funcionando para 40 alunos por turma e não estamos tendo este número. Isso no concomitante subsequente, no integrado (ensino técnico integrado) não, por exemplo, nós temos agora uma turma de primeiro ano integrado com 46 alunos; a turma de segundo ano tem 42 alunos e só a turma de terceiro ano que veio a ficar com 34 alunos, ou seja, menos de 40. Mas essas evasões até o terceiro ano, ela é decorrente da própria base do aluno, que eles não têm capacidade de acompanhar e acabam no meio do caminho desistindo, eles não conseguem acompanhar ao ponto de terem êxito no seu termino de serie e ele acaba pedindo para sair, ou transferência para outra escola (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação de curso técnico acreditava que a evasão era sim um problema e afirmou que tal problema se constituía em desperdício de recursos, uma vez que a instituição investia/investe em um número de vagas X e não conseguia formar aquele número de alunos. Portanto, nesta perspectiva, o problema ocorre da seguinte forma: se existe um planejamento para atender a 40 alunos e no final a instituição acabaria, por exemplo, com 20 alunos; isso refletiria o desperdício de recursos institucionais.

5.5.2 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

Bom, no integrado, o que se observa, é o que eu falei, o aluno não tem uma base boa, então ele fica retido, e quando ele fica retido no primeiro ano, aí ele vai e repete e nisso quando ele chega no segundo ano, ele fica retido novamente, então ele não tem uma base boa, que subsidie ele acompanhar sem retenção. Então acaba que ele com uma segunda retenção ele pede para ir para outra escola. Então a principal causa que eu vejo é a falta da base de alguns alunos que vem para o instituto e não conseguem acompanhar o conteúdo, né? Por que as vezes um conteúdo precisa de uma base que eles não vêm trazendo em seu conhecimento (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

O principal fator apontado foi a ausência de base educacional. A falta de base educacional, no caso, trata-se da deficiência no nível de conhecimentos mínimos com que o estudante chega até os cursos técnicos do IFPI. A coordenação acreditava que o aluno acaba não conseguindo acompanhar a nova trajetória educacional.

5.5.3 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Bom... O que eu tenho visto que tem sido feito é a tentativa através de monitorias e através de nivelamento tipo PRAEI⁸ que são bem validos, no integrado tem funcionado bastante, mas não tem PRAEI no curso técnico concomitante subsequente que é como eu falei que é onde está o maior índice de evasão, no concomitante subsequente; então, fica complicado o PRAEI no concomitante subsequente, já que ele não contempla disciplinas

⁸ O PRAEI (Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante) é um programa do Instituto Federal do Piauí que tem como intuito acolher o aluno ingressante no Ensino Médio Integrado nas suas dificuldades de aprendizagem; é um tipo de monitoria que ajuda aos alunos com dificuldades a terem uma espécie de reforço escolar.

de base, as disciplinas do concomitante subsequente são todas disciplinas técnicas específicas, que pressupõe que o aluno já tem uma base, que pressupõe que o aluno já concluiu o ensino médio em alguma instituição e que ele já tenha essa base, mas o que ocorre é que ele não tem. Mas o que eu vejo como maior fator, na minha opinião, que tem maior impacto na questão dos alunos do concomitante subsequente que é no turno da noite, é a questão do problema de transporte, né? A localização do campus que faz com que os alunos se sintam desmotivados a vir pra assistir as aulas. O aluno começa, ele vem no início, e depois ele começa a faltar, até que ele desiste por completo. Do turno da noite o transporte é o que mais chama a atenção entre os problemas porque eu acredito que seja mais precário a questão do transporte a noite, e talvez esse seja o maior motivo de evasão dos cursos técnicos da noite, concomitante subsequente (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação entrevistada fez uma análise de que entre os cursos técnicos do IFPI – Parnaíba, o maior índice de evasão estava na modalidade concomitante/subsequente, e abordou uma ideia que supostamente tem funcionado na realidade do ensino técnico integrado que é o PRAEI (Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante), um programa que oferece através de monitorias, um reforço escolar para aqueles alunos que passam por dificuldades na aprendizagem ou que chegaram ao IFPI com dificuldades em seu percurso educacional.

No entanto, o entrevistado também afirmou que este programa não é colocado à disposição do ensino técnico concomitante/subsequente porque esta modalidade de ensino não contempla as disciplinas de base acolhidas pelo PRAEI, já que as disciplinas do ensino técnico concomitante/subsequente são todas disciplinas essencialmente técnicas.

Mas a fala da coordenação assumiu que mesmo sendo desenvolvida apenas disciplinas técnicas no concomitante/subsequente, a ausência de concretude nos conhecimentos da formação básica, afetavam o desenvolvimento das disciplinas do ensino técnico. Ficou a ideia de que seria interessante também a implantação de “um tipo de PRAEI” para auxiliar nessa ausência de base educacional com que os alunos chegam aos cursos técnicos do Campus de Parnaíba.

Houve ainda o esclarecimento de que a questão do transporte ainda seria o problema mais preponderante dentre os que a coordenação poderia listar. Portanto, na concepção desta, a evasão poderia diminuir desde que fossem trabalhados esses dois pontos: a falta de base do aluno para desenvolver o curso técnico e a questão do transporte.

5.5.4 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Bom. Aqui eu vejo que eu consideraria dois agentes que estão listados. A instituição de ensino e o professor. Esses dois são importantíssimo, mas a questão do transporte não está listado, transporte adequado, transporte rotineiro e que atenda as demandas das localidades vizinhas como Buriti dos Lopes, Luís Correia, Ilha Grande, Araioses; então, no que tivesse esse transporte público adequado trazendo esses estudantes para estudarem aqui a noite, a gente vai poder ter uma melhora nessa questão da evasão (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A questão ofereceu e deu à coordenação como respostas possíveis, as seguintes alternativas: “a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____”. Foi explicado que poder-se-ia marcar qualquer das alternativas ou nomear um elemento novo; e tinha apenas que explicar o porquê de sua escolha.

Assim, a coordenação escolheu dois agentes da lista e resolveu elencar um outro elemento; portanto os 3 elementos mencionados foram: a instituição de ensino, o professor e o transporte. Não houve a explicação do porquê da escolha desses elementos. Mas explicou que somente quando houver um transporte adequado, rotineiro e que atenda as localidades vizinhas é que haveria uma melhora nos índices de evasão pois, “no que tivesse esse transporte público adequado trazendo esses estudantes para estudarem aqui a noite, a gente vai poder ter uma melhora nessa questão da evasão” (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

5.5.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Sim, eu acredito que tem grande participação da responsabilidade do professor. Se o professor ele é assíduo, se ele dá as suas aulas, mantendo uma sequência lógica, de forma que o aluno possa acompanhar, o aluno se sente estimulado e vem participar das aulas; agora quando acontece inassiduidade ou aulas com conteúdo que não tenha um raciocínio lógico ou uma sequência lógica de aula para a aula, então o aluno se desmotiva e as vezes ele deixa de vir por causa disso. Porque que eu tô falando dessa questão de raciocínio lógico de aula pra aula? É o professor fazer aquele plano de disciplina adequado que a sua disciplina tenha seus conteúdos ministrados de forma sequente, com uma lógica sequente que o aluno possa acompanhar como se fosse um fio da meada, ne? Partindo do início até o

fim, seguindo uma sequência lógica e motivadora e que atraia o aluno para a sala de aula (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

Sim. A coordenação de curso técnico acreditava na influência dos professores para o aumento ou diminuição da evasão nos cursos técnicos; afirmou que o professor estimula os alunos a permanecerem em sala de aula à medida que são assíduos e que mantém uma metodologia coerente e com uma sequência lógica de suas aulas. Segundo a coordenação, o efeito contrário também ocorre, pois “quando acontece inassiduidade ou aulas com conteúdo que não tenha um raciocínio lógico ou uma sequência lógica de aula para a aula, então o aluno se desmotiva e as vezes ele deixa de vir por causa disso. (...)” (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

5.5.6 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Bom. Como eu sou coordenadora, e os processos de trancamento de cursos passam pelas minhas mãos, então quando a maioria dos processos que são protocolados para o trancamento de cursos são processos que tratam da não possibilidade do aluno vir e comparecer a escola por causa do não atendimento de transporte na sua localidade, e outros fatores que eles justificam no trancamento é a questão de estarem em outros cursos, cursos superiores no mesmo horário ou mesmo, ter conseguido um trabalho no mesmo horário e que impede o comparecimento deles as aulas. Mas quando o aluno evade e não apresenta nenhuma justificativa para essa evasão fica mais complicado da gente achar ou supor o porquê que ele evadiu; aí é o caso, de realmente ser feito uma pesquisa junto a esses alunos para saber por quais razões eles vieram a evadir. Em se tratando do turno da noite, é o transporte o maior causador da evasão, e em se tratando do turno da manhã, que é o integrado oferecido no turno da manhã... Em se tratando do turno da manhã o motivo vem a ser o não acompanhamento por falta de base desse aluno para acompanhar os conteúdos ministrados (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

Quanto as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI – Parnaíba, a coordenação entrevistada informou que as maiores causas do aluno não comparecer mais ao curso estava relacionado principalmente a: questão de transporte; questões de troca de curso, quando, por exemplo, o aluno resolve sair do curso técnico para frequentar um curso superior; incompatibilidade de horários entre o curso técnico e o emprego e por fim, ressaltou ainda o problema de base

educacional do aluno. E, foi perguntado sobre qual entre os problemas elencados seria àquele que maior influência para a ocorrência da evasão no ensino técnico; e, respondendo a esta questão a coordenação relatou que existiriam duas realidades: o turno da noite; o principal problema seria a questão do transporte, e, no turno manhã a principal problemática é a falta de base de conhecimento para que o aluno conseguisse acompanhar o curso técnico.

CAPITULO VI

INTERVENÇÃO

6 AÇÕES DE INTERVENÇÃO PARA SUPERAÇÃO DA EVASÃO

Embora o trabalho também se dispusesse a encontrar um diagnóstico e a desenvolver uma retrospectiva da educação profissional e tecnológica afim de uma melhor compreensão sobre o tema; cabe ressaltar que o principal motivo que justificou esse trabalho foi a busca de elencar possíveis passos para intervir na problemática. A busca foi por ações que pudessem dar a instituição um norte para diminuir a evasão escolar e assim possibilitando uma efetiva intervenção na situação. Isso levando em consideração que, de acordo com Jucá et al (p 127, 2018), “como forma de possibilitar a permanência e êxito de todos os estudantes a instituição deve buscar meios de auxiliá-los. Identificando a raiz desses problemas, a instituição poderá buscar melhorias pontuais no ensino-aprendizagem”. Isso quer dizer que a instituição deve buscar os meios possíveis para manter seus alunos em sala de aula, é responsabilidade intrínseca a escola o alcance desse objetivo.

E assim, na busca da compreensão das ações necessárias para enfrentar a evasão, foi preciso ir além dos questionários e entrevistas, e de todo estudo desenvolvido nesta pesquisa; foi necessário levar em considerações ainda as experiências já vivenciadas pela instituição no sentido de combate à evasão, evidenciando o que a instituição já tinha feito ou estava fazendo. Isso para que o trabalho não desenvolvesse propostas redundantes ou ideias já em uso. Tudo isso deu fundamentos suficientes para se enveredar pelo caminho das propostas, da ação e da mudança.

Neste capítulo – intervenção, partiu-se inicialmente em busca sobre o que a instituição já havia desenvolvido, de suas experiências com a temática e dos principais acontecimentos diante do problema. Sobretudo, buscando compreender as contribuições advindas das ações anteriores, procurando também identificar e fortalecer ideias através desse processo.

6.1 Experiências, ações e estudos anteriores sobre evasão no IFPI Parnaíba

Esta etapa foi desenvolvida, pontuando-se as ocorrências ano a ano:

Em 2014 – Um estudo sobre o campus Parnaíba e a situação da evasão no ensino técnico. A autora Guedelha (2014), que também é servidora do campus, lançou um trabalho abordando o IFPI - campus Parnaíba destacando alguns aspectos sobre evasão, retenção e êxito. Primeiro, a pesquisadora fez uma contextualização do IF - Parnaíba, incluindo uma abordagem sobre a evasão e os fatores que levam a essa realidade.

Algumas considerações fazem-se importante para quem busca conhecer a realidade da instituição. De acordo com a pesquisadora Guedelha (2014) os IF's se constituem como uma importante rede de atendimento às necessidades e demandas dos trabalhadores, e é uma instituição que conta com investimentos e recursos federais e que estão se espalhando por todo o país visando o desenvolvimento das diversas regiões do Brasil, visando ainda o crescimento econômico e profissional da população, servindo como um marco atuante inclusive em áreas marcadas pela exclusão e desigualdades social.

Levando em consideração as afirmações da autora, o campus de Parnaíba iniciou seu funcionamento e suas atividades com três cursos técnicos; sendo ofertados o curso técnico em edificações, técnico em eletrotécnica e técnico em informática. No entanto evidencia-se que esses cursos foram escolhidos por serem cursos tradicionalmente ofertados pelos IF's, mas que na verdade não existiam uma relação direta com a economia da região, outro ponto crítico que é destacado pela autora é que o campus de Parnaíba nunca se preocupou em fazer pesquisas que revelassem a relação entre a oferta de seus cursos com o perfil produtivo de sua localidade, e sobretudo; o campus até então, segundo a autora, não teve a preocupação de identificar entre outros aspectos o problema da retenção, da repetência, da conclusão dos cursos e da situação dos alunos egressos após finalizarem seus cursos, bem como sobre a realidade da evasão escolar.

Mesmo sendo uma instituição mantida com recursos federais contendo toda uma estrutura financeira, de pessoal e de gestão, é certo que o IFPI - Parnaíba também sofre com a realidade da evasão escolar; e neste sentido Guedelha (2014) abordou o acórdão número 506 lançado no ano de 2013 que foi na verdade um

documento que trouxe recomendações à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação (MEC) que colocou em pauta um conjunto de recomendações para os Institutos Federais, tratando da temática da evasão na rede federal de educação, que entre outras coisas, recomendou-se que as instituições fizessem o levantamento de dados com identificação daqueles alunos que mostrassem maior probabilidade de evadirem-se, e ainda que as instituições deveriam desenvolver metas e indicadores sobre a retenção e a evasão e que os IF's deveriam ainda garantir que houvesse profissionais para a realização do acompanhamento social e escolar de seus alunos. Essas são algumas das recomendações trazidas pelo documento (BRASIL - TCU,2013).

Ainda na fala da autora, considera-se necessário garantir as devidas condições de permanência e êxito para os alunos dos institutos. E ainda sobre o documento supracitado, a autora afirmou que ele é importante pelo fato de apontar algumas estratégias de enfrentamento da evasão; primeiramente uma possível estratégia seria identificar aqueles alunos suscetíveis a evadir e isso deveria ser construído a partir de instrumentos que possibilitassem a instituição prevenir e monitorar a situação desses estudantes, e esse monitoramento levaria em conta as várias modalidades de cursos, inclusive os técnicos.

Um outro ponto que deve ser enfatizado em relação às estratégias, é a recomendação de se colocar em foco ações relacionados à assistência estudantil para o enfrentamento da evasão, e dessa forma sendo necessário a disponibilização de profissionais da própria instituição para desempenharem um acompanhamento escolar e social dos seus alunos, sendo uma das formas de acompanhamento o reforço escolar, se possível. São esses os pontos necessários para se analisar uma solução do problema no contexto escolar do campus de Parnaíba, segundo os estudos de Guedelha (2014).

Falando-se das experiências do IFPI e seus campi, quanto ao enfrentamento da evasão. Percebe-se que alguns passos foram dados, pois levando em consideração o acordo de 2013, conforme mencionado anteriormente, o Instituto Federal implantou no ano de 2014 o Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante (PRAEI) com a importante missão de proporcionar aulas de monitoria nas matérias de português, matemática, física e química; que supostamente seriam/são as disciplinas em que os alunos sentem maior dificuldade, isso como uma forma de melhorar a base de conhecimento dos alunos. Visto que muitos chegam

com uma base educacional deficitária, somente havendo esse nivelamento dos conhecimentos necessários é que se poderia dar ao estudante as condições para que este prossiga de forma exitosa no seu percurso educacional nos cursos ofertados pelo IFPI.

Guedelho (2014) informa ainda no seu trabalho que a primeira coisa que foi desenvolvido após a iniciação do PRAEI foi a investigação do perfil dos estudantes que estavam ingressando no IFPI; pois a intenção era conhecer a realidade dos alunos através dos aspectos voltados para a aprendizagem, buscou-se assim identificar os aspectos da história de vida dos alunos e qual a visão de cada um deles em relação a percepção acerca do IFPI.

O programa PRAEI foi aplicado inicialmente em cursos ligados a educação profissional técnica de nível médio, nos cursos técnicos de edificações, eletrotécnica e informática, sendo inicialmente aplicado 98 questionários para se compreender e acompanhar os estudantes ingressantes.

Nos questionários foram investigadas as dificuldades de aprendizagem, em que se constatou que os sujeitos apresentavam respostas semelhantes prevalecendo a ênfase com relação aos problemas de memorização, concentração e falta de conhecimento anterior; ainda na pesquisa, destacou-se também a dificuldade em relação as disciplinas que envolviam cálculo e raciocínio lógico, como é o caso da matemática.

Em toda a pesquisa os alunos apontaram uma estratégia que facilitaria o seu ensino, no caso, a maioria indicou que aprendiam melhor com as aulas práticas. A autora aproveitou o trabalho, e fez a denúncia de que existia/existe um discurso que era/é persistente entre os professores da instituição de que o maior interesse do estudante que entra num curso técnico integrado seria visando apenas a obtenção do ensino médio e não necessariamente buscando a formação técnica.

No entanto, contrariamente ao discurso supracitado, a pesquisa revelou que a maioria dos estudantes declararam que a motivação principal em fazer o curso técnico integrado era por conta da identificação profissional com a área técnica, ou seja, para o efeito dessa pesquisa o que foi observado foi que a maior motivação para o estudante ingressar nos cursos técnicos do IFPI era/é a identificação com a área escolhida.

A pesquisa ainda revelou que no geral, os estudantes tinham uma impressão boa da instituição e avaliavam que o IFPI realmente era uma instituição de qualidade

e que ao longo de sua carreira estudantil eles acreditavam que obteriam sucesso escolar e também profissional devido a estrutura e qualidade do instituto, mesmo relatando que havia uma série de dificuldades na realidade institucional.

A autora buscou levantar dados sobre os primeiros cursos ofertados pela instituição sendo cursos técnicos, onde a mesma desenvolveu um quadro demonstrando os números iniciais referentes à matrícula, evasão escolar e os fatores de retenção e ainda o índice de conclusão em cada um dos cursos. O que permitiu a autora identificar que os índices de evasão estavam bem mais elevados que a média nacional, isso afetando diretamente o índice de conclusão dos cursos técnicos ofertados na cidade de Parnaíba, pois enquanto a média nacional de conclusão chegava a 46,8%, as primeiras turmas do IFPI no ano de 2007 atingiu índices muito inferior chegando, no caso do curso técnico em eletrotécnica do campus de Parnaíba, a apenas 10% de conclusão.

A autora fez ainda um levantamento junto aos estudantes no ano de 2014, tentando identificar quais eram então as principais dificuldades apresentados pelos alunos da instituição, onde ela pôde identificar que as dificuldades na aprendizagem estavam diretamente relacionadas a notas baixas e ainda a questão da falta e dificuldade de acesso ao campus. Eram fatores relevantes que aumentaram a probabilidade da ocorrência da evasão escolar. Dando a possibilidade de se constatar que inicialmente existia uma insegurança por parte dos estudantes ingressantes pelo fato do instituto ter uma localização distal, numa região isolada e de difícil acesso e ainda a questão do currículo que mantinha um alto nível de complexidade e que poderia inclusive levar o aluno a fracassar em seu percurso educacional.

Quadro 9 - Situação dos estudantes das primeiras turmas de ensino médio integrado ao técnico

TURMA	MATRÍCULAS	EVASÃO	RETENÇÃO	CONCLUSÃO
Edificações (2007.1)	43	67%	7%	26%
Edificações (2008.1)	47	36%	11%	53%
Eletrotécnica (2007.1)	48	77%	13%	10%
Eletrotécnica (2008.1)	45	69%	15%	16%
Informática (2007.1)	50	54%	2%	44%
Informática (2008.1)	42	40%	10%	50%

Fonte: Guedelha (2014).

Portanto, conforme levantado por Guedelha (2014), a situação no IFPI já era bem preocupante no início de suas atividades, principalmente quando se coloca em análise a situação de um curso Técnico (eletrotécnica, turma do ano de 2007.1) ter um índice de conclusão de apenas 10%; isso gerando uma inquietação sobre o que

poderia estar afetando o curso e quais as motivações de ter tão poucos concluintes. Entre muitos questionamentos, certamente, há de se questionar: porque o aluno não quis ir até o final do curso? Ou será que ele quis e não conseguiu por motivos maiores que sua vontade? O que de fato poderia se afirmar é que é um grande prejuízo para a instituição abrir a oferta de um curso, e que por fim, 90% da turma resolve sair. E apenas 10% dos alunos conseguirem concluir o curso técnico.

Quadro 10 - Dificuldades que podem ser fatores de desistência do curso na opinião dos estudantes

FATORES	EDIFICAÇÕES	ELETROTÉCNICA	INFORMÁTICA	TOTAL DE RESPOSTAS
Falta de confiança no IFPI	03	0	01	04
Desinteresse pelos estudos	02	0	01	03
Falta de identificação com o curso	06	06	02	14
Dificuldade em conciliar estudo e trabalho	02	02	03	07
Problemas de adaptação	02	01	07	10
Dificuldades de aprendizagem somado a notas baixas e reprovação	13	16	14	43
Dificuldade no deslocamento até o IFPI	13	14	12	39

Fonte: Guedelha (2014).

Além das dificuldades elencadas no quadro 10, cabe ainda ressaltar um outro fato, conforme já citado, a autora em breve momento do seu trabalho, destacou o fato de que os cursos do IFPI – Parnaíba são ofertados de forma que sua escolha se deram mais por uma questão cultural da instituição (pois não passaram necessariamente por um estudo que identificasse adequadamente os cursos próprios para essa região do litoral piauiense) do que por uma questão estratégica; identificando que também seria necessário que houvesse o despertar para que se investigasse quais os cursos que melhor responderiam as necessidades da estrutura econômica e educacional da região, para que só assim, se garantisse verdadeiramente uma educação de qualidade e excelência para a região.

Pontos relevantes da experiência desse trabalho que contribuíram para esta pesquisa e que podem contribuir para o enfrentamento da evasão no campus de Parnaíba:

- Compreensão acerca do Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante (PRAEI) para a permanência e auxílio ao aluno;
- Análise do índice de evasão dos primeiros cursos técnicos ofertados no campus;
- Análise dos principais fatores para a evasão elencadas pelos alunos dos cursos técnicos.

Em 2018 – Palestra sobre a EPT e sobre a atual situação da evasão no campus Parnaíba. Mais especificamente no dia 17 de julho de 2018, a instituição realizou uma importante discussão sobre as nuances, atualidades e problemas da educação profissional, através de uma Mesa Redonda com a temática "*O Ensino Profissional no IFPI-Campus Parnaíba: História, desafios e perspectivas*" e entre os assuntos tratados, houve uma palestra propriamente sobre o problema da evasão escolar no ensino técnico do campus Parnaíba.

A equipe de docentes responsáveis pela organização do evento, ciente de que o autor deste trabalho era também pesquisador da área de Educação profissional e tecnológica, bem como do fenômeno da evasão escolar na EPT; fizeram o convite para que este referido autor palestrassem no evento (conforme certificado no anexo C), sendo o convite direcionado para a colocação de pauta das abordagens atuais da educação profissional, bem como seus desafios e suas perspectivas; e assim envolvendo todo o problema da evasão.

Nesse evento compareceram alunos, servidores e ainda a direção institucional. Iniciou-se a palestra fazendo uma retrospectiva e análise sobre a essência da educação profissional, que embora muitos acreditassem que a EPT formasse diretamente para o mercado de trabalho por meio do emprego, na verdade ela vai muito além. Foi esclarecido que a educação profissional e tecnológica formava/forma para o exercício da vida. Foi abordado pelo palestrante que desde o início o homem aprendia e repassava suas técnicas na intenção de manter a sobrevivência da espécie.

Figura 14 – Palestra sobre evasão escolar.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2019.

A palestra foi marcada por explicações e importantes discussões acerca do papel da EPT para o desenvolvimento humano. Em momentos como esse, acredita-se ser necessário fazer explicações sobre o fato do ensino técnico não poder focar excessivamente na parte técnica, mas oferecer uma educação que consiga dar ao estudante a formação específica para desenvolver o exercício profissional, mas sobretudo há a necessidade de uma educação geral, capaz de formar um cidadão crítico e responsável numa sociedade que sofre com tantas transformações e numa velocidade imensa. O esclarecimento foi de que a necessidade urgente era por uma correta equalização entre a formação geral e a formação específica. Este palestrante colocou ainda em pauta, um dos grandes problemas que envolve o ensino técnico que é a falta de estudos e de maiores informações acerca da formação profissional de nível médio; pois muito se fala sobre a evasão na educação básica e no ensino superior, mas tem-se de certa forma ignorado a evasão no ensino técnico. A palestra foi encerrada com um momento de reflexão, em que o público presente teve a oportunidade de indagar algumas questões, fazerem perguntas ou de questionarem.

O autor falou sobre sua pesquisa de mestrado que até então ainda estava em andamento, mas embora não tivesse resultados totalmente concreto, alguns pontos

puderam ser elencados, como por exemplo, alguns caminhos estratégicos identificados. É o caso da capacitação docente, o uso de novas metodologias, a questão da melhoria do transporte escolar, a importância de a instituição procurar acompanhar a situação dos alunos em suas dificuldades, entre outras questões que foram pontuadas e esmiuçadas.

Foi colocado em pauta os números da evasão atualizados no ano ainda de 2018. Momento em que foi posta a grave situação dos institutos federais do Nordeste estarem vivenciando elevados índices de evasão, sendo que o IFPI e seus campi estavam entre os 4 Institutos com as piores taxas de evasão, nisso sendo evidenciado ainda o estudo sobre os cursos técnicos que estavam sendo desenvolvido no campus de Parnaíba, em que alguns cursos chegavam a ter em média 50% de evasão. Foi tematizado ainda algumas questões que poderiam servir como ação de enfrentamento do problema; como por exemplo, foi destacado a capacitação docente como sendo um meio eficaz, porque reconhecidamente por todos os participantes da pesquisa, o professor seria o elo diretamente ligado ao aluno.

E assim a palestra encerrou-se.

Ressalta-se com grande importância, que foi nesta ocasião que a Direção de Ensino convidou o autor e palestrante a fazer parte de uma comissão destinada a estudos de permanência e êxito; comissão que se destinaria a fazer estudos e proposições para a instituição. Isso, visto que a palestra se embasava e se pautava num estudo próprio sobre evasão escolar; caso em que posteriormente saiu a portaria oficializando tal convite e nomeação (conforme anexo B).

Pontos relevantes da palestra e importantes para esta pesquisa e para o enfrentamento da evasão no campus de Parnaíba:

- Reflexão sobre o problema da evasão nas especificidades do IFPI – Parnaíba;
- Apresentação de alguns dados sobre o problema da evasão no campus, ajudando a comunidade escolar a se identificar diante do problema;
- Apresentação de algumas propostas preliminares para o enfrentamento da evasão.

Em 2018 – Instalação da Comissão Local de Permanência e êxito. Foi um dos grandes passos que o IFPI – Parnaíba deu no sentido de agregar o campus ao *Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para Superação da Evasão e*

Retenção do IFPI (2016), com o intuito de desenvolver ações de monitoramento e sistematização com a comissão geral. Inicialmente a comissão foi montada através de uma portaria em 10 de maio de 2018, no entanto após o convite da direção para que o presente autor também compusesse cadeira na comissão, foi sancionada nova portaria (conforme anexo B).

A comissão reúne membros da Gestão, professores, técnicos administrativos e pesquisadores da área de evasão, ou seja, é um aglomerado que reúne os diversos pontos de vista da comunidade escolar e recebe assim uma riqueza de contribuições. A comissão desenvolveu entre novembro/dezembro de 2018 um questionário eletrônico com os alunos do IFPI - Parnaíba, no entanto, até a metade do ano de 2019 ainda não tinha sido alcançado nenhum diagnóstico e nenhuma sintetização dos resultados. Isso, principalmente por conta da complexidade de se trabalhar um tema tão extenso, fez com que o trabalho da comissão se demore a aparecer. Entende-se que somente quando os resultados estiverem sido analisados, e, serem enviados para a comissão de Teresina, para que esta, enquanto comissão geral possa embasar as decisões em relação as metas e estratégias do plano estratégico institucional de ações de permanência e êxito do campus de Parnaíba; é que o campus finalmente poderá elaborar e colocar em pratica suas primeiras estratégias de ação.

Portanto, pelo fato de ainda ser uma criação recente no campus de Parnaíba; até a metade do ano de 2019, a comissão local de permanência e êxito, ainda não tinha nenhuma ação/proposta concreta de enfrentamento da evasão no campus. Mas a expectativa era/é que até o ano de 2020 fosse possível desenvolver os resultados dos questionários aplicados, e, levar essa realidade para a comissão geral em Teresina, e que após isso, fosse/seja estabelecido metas e proposições que auxiliem o campus e a gestão no enfrentamento deste problema.

Espera-se também que este trabalho juntamente com os resultados alcançados e as ações recomendadas, possam auxiliar o trabalho da referida comissão.

Pontos relevantes da comissão para esta pesquisa e para o enfrentamento da evasão no campus de Parnaíba:

- A comissão é a representação da política institucional de permanência e êxito dos estudantes dentro do campus de Parnaíba, sendo um canal de investigação da evasão e fortalecimento para o êxito dos estudantes;
- A aplicação de questionários feito pela comissão local, quando for possível obter seus resultados, serão de grande contribuição, pois será mais um instrumento para auxiliar na identificação da situação da evasão no campus, e sobretudo, um instrumento para fundamentar as decisões da gestão;
- Desenvolve discussões sobre estratégias Institucionais de ações de Permanência e êxito;
- A comissão constituiu-se como importante aliada para esta dissertação, para a pesquisa, bem como para a aplicação do produto educacional a que resultou este trabalho e suas orientações.

Ainda em 2018 – Publicação em livro de uma análise sobre elementos de controle de evasão no campus de Parnaíba. No dia 13 de dezembro de 2018, no auditório da instituição foi desencadeado mais uma importante ação no sentido de conhecer a realidade da evasão escolar no campus; bem como refletir sobre novas propostas para controlar a situação do problema. O livro foi lançado durante evento científico com o tema “*I encontro de produção científica*” ocorrido no campus nos dias 12, 13 e 14 de dezembro. Contudo, o dia 13/12/2018 foi dedicado ao lançamento oficial do livro que trouxe como tema a “*gestão estratégica de pessoas*”⁹ em comemoração ao encerramento do curso de especialização ofertado no IFPI - Parnaíba e conseqüentemente o livro teve a contribuição dos alunos que foram os respectivos escritores. Foi neste dia, que além do lançamento do livro, cada um dos escritores pudera fazer a exposição de seu trabalho, dando uma maior importância ao evento, que além de lançar novos conhecimentos fazia também um momento de palestras e discussões. Destaca-se neste momento que o autor deste trabalho era um dos escritores do livro lançado no evento; na ocasião, conforme ilustra a figura 15, a seguir, este autor apresentou seu trabalho intitulado “*o empreendedorismo e a inovação como ferramentas de controle da evasão*” (ROSA e LEITE, 2018).

⁹ O livro está disponível em versão online e gratuita no site: <https://www.editorafi.org/488gestao>.

Figura 15 – Apresentação dos resultados sobre evasão, destacados no livro.



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019.

Destaca-se aqui a relevância e alguns tópicos imprescindíveis que foram elencados no trabalho contido no livro e também pontos que foram despertados durante a exposição deste autor. O trabalho foi desenvolvido com a intenção de buscar novos elementos e novas ferramentas para enfrentar a evasão escolar dentro do contexto do IFPI, campus Parnaíba; reconheceu-se inicialmente que a evasão é um problema geral que está em todos os lugares do país, mas que, no entanto, precisa ser enfrentado. O trabalho buscou compreender como a gestão institucional poderia promover nos alunos a tão necessária motivação para continuarem em seus cursos, e para isso acreditou-se que utilizando o empreendedorismo e a inovação nas ações institucionais, seria, portanto, possível auxiliar nesse enfrentamento.

O autor e sua orientadora (ROSA e LEITE, 2018) evidenciaram que o empreendedorismo poderia estar perfeitamente associado às ações educacionais. Desenvolveu-se ainda um conceito próprio para a evasão escolar e ressaltou que o ato empreendedor seria na verdade necessário para toda as instituições que queiram trazer seus alunos para um ensino mais interessante, ativo e significativo para o crescer educativo.

Demonstrou-se com base em alguns autores que a rede federal passava por uma situação preocupante, pois em alguns casos, menos de 40% dos alunos conseguiam chegar a conclusão do curso; principalmente quando se falava do ensino técnico, em que a saída de alunos era uma situação ainda mais frequente.

No livro, Rosa e Leite (2018) desenvolveram um conceito próprio de empreendedorismo aplicando-se ao contexto da educação, onde para eles o empreendedorismo poderia/pode ser utilizado tanto pela gestão, como pelos professores em sala de aula, como também pelos demais agentes responsáveis pelo planejamento e execução das atividades pedagógicas. E ainda foi defendido no livro e na exposição que o empreendedorismo se faz e se caracteriza no desenvolvimento de uma educação com atividades que tenham como ponto de partida, aproveitar aquilo que já é disponível na instituição; incorporando com ações de motivação e de atitudes proativas e significativas que tornem o ensino mais atrativo e motivador. a outra indicação que este autor trouxe para a pesquisa é de se utilizar também as ações da inovação no processo de ensino-aprendizagem, que na concepção deste é uma forma diferenciada de trazer o novo para dentro da escola, tornando as atividades novas ou melhoradas ao ponto de se configurarem como algo novo. Para tanto os autores destacaram que as duas ferramentas juntas conseguiriam trazer para a instituição uma educação motivadora e certamente mais atrativa. O que seria essencial para fazer com que os alunos pensassem em permanecerem em seus cursos e principalmente para que estes se sentissem mais atraído pelo curso que faziam/fazem.

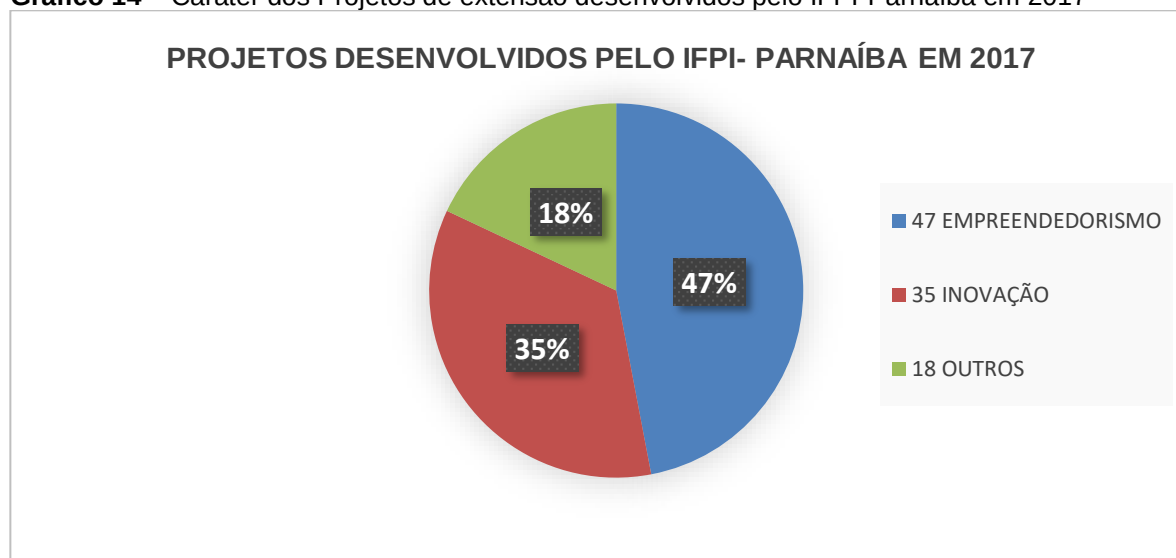
No trabalho os autores Rosa e Leite (2018) também buscaram comprovar que as duas ferramentas elencadas tinham verdadeiramente o poder de combater a evasão e para isso trouxeram no desenvolvimento de seu estudo o tópico 3.3 com a temática “uma experiência de sucesso do uso da inovação e do empreendedorismo como ferramenta de enfrentamento da evasão escolar” em que trouxeram o relato de experiência desenvolvida numa escola do estado de São Paulo, onde uma professora desenvolveu um projeto a partir da união do empreendedorismo e da inovação como bases do projeto. Retratou-se a situação de um curso técnico com alto índice de evasão, em que os alunos rapidamente perdiam o interesse e acabavam por sair do curso. No caso a professora desenvolveu um projeto com as ferramentas supracitadas e tornou o ensino mais ativo e bem mais interessante, onde finalmente os estudantes se sentiam parte do processo.

O autor e também expositor do trabalho demonstrou os resultados da pesquisa durante sua exposição oral, em que foi possível obter algumas conclusões como, por exemplo, o fato de que essas duas ferramentas se utilizadas no combate à evasão tem-se verdadeiramente bons resultados, que realmente funcionam, conforme apresentado na experiência do item 3.3 do trabalho contido no livro.

Para embasar o estudo publicado no livro, fez-se uma análise da atual situação do campus de Parnaíba, em relação ao uso destas ferramentas em sua prática de ensino, e para isso fez-se uma classificação de todos os projetos de extensão desenvolvidos no ano de 2017 (ano tomado como base) para compreender se de alguma forma a instituição vinha ou não se utilizando de tais ferramentas. O que foi possível concluir, de acordo com as conclusões do estudo, que o empreendedorismo e a inovação estavam/estão sim presentes na prática de ensino e já faziam parte do IFPI - campus Parnaíba, mas que, no entanto, foi aconselhado que essas ferramentas fossem e continuassem sendo utilizadas com consciência e cuidado.

Após a análise obteve-se como resultado os números demonstrados no gráfico 14, a seguir:

Gráfico 14 – Caráter dos Projetos de extensão desenvolvidos pelo IFPI-Parnaíba em 2017



Fonte: Rosa e Leite (2018).

Por fim, pôde-se inferir que o trabalho teve sua relevância evidenciada na temática a que se dispôs a pesquisa, onde uma das intenções foi a de prestar auxílio para que o IFPI – Parnaíba apoiando-o na reflexão acerca de ferramentas no combate à evasão escolar. Nisso o capítulo do livro escrito por este autor, recomendou que

a gestão institucional do IFPI – Campus Parnaíba, através de seus diretores e equipe, possam acessar e levar em consideração os resultados e as informações contidas nesta pesquisa. Pois este trabalho auxiliará a compreensão de que a instituição tem o potencial de desenvolver uma educação que empreenda e inove, tornando o processo educacional algo atraente para o aluno através de metodologias novas, dinâmicas, ensino proativo dentro e fora de sala de aula, com aproveitamento de todos os recursos educacionais disponíveis (ROSA e LEITE, p 321, 2018).

Pontos relevantes deste trabalho para a presente pesquisa e para o enfrentamento da evasão no campus de Parnaíba:

- Análise e comprovação da ideia de que empreendedorismo e a inovação podem ser ferramentas eficientes no combate à evasão;
- Trouxe para a gestão do campus a ideia de novas ferramentas para se combater a evasão;
- Reflexão sobre o problema da evasão;
- Instigação ao desenvolvimento de metodologias ativas e com integralização dos alunos nas atividades, tornando o ensino algo mais ativo.

Apresentado as ações desenvolvidas ou em desenvolvimento acerca da evasão escolar no campus de Parnaíba, chega-se ao momento crucial desta pesquisa; de apresentar as propostas elencadas pelas peças centrais do problema: alunos, professores, coordenação pedagógica, equipe de assistência estudantil e coordenador de curso.

6.2 Proposta para o combate à evasão e fortalecimento do ensino técnico no campus Parnaíba

6.2.1 Proposta dos alunos

Levando em consideração a concepção dos alunos, a pesquisa chegou ao momento das proposições; seguindo no sentido de compreender o que os alunos acreditavam que a instituição deveria fazer para mudar a realidade da evasão. Acredita-se ser este o caminho para mudar essa situação, visto que os alunos são os sujeitos que convivem diretamente com a realidade do problema e nada mais adequado do que os próprios sujeitos fazerem as sugestões. Certamente, ao compreender as ações necessárias para manter o aluno em sala de aula, têm-se aí

o passo inicial para fortalecer o ensino técnico. É tentar compreender na concepção dos próprios alunos, o que eles acreditam ser necessário para combater à evasão. Para isso, o questionário trouxe duas questões, a 14 e a questão 15. Sendo que na questão 14 este trabalho trouxe a seguinte indagação: “o que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso? Apresente propostas”.

Como incentivar os alunos do IFPI - Parnaíba a permanecerem no curso técnico? No quadro a seguir consta as respostas dos alunos em relação ao que foi indagado na questão.

Quadro 11 – O que o IFPI Parnaíba deve fazer pra incentivar os alunos a permanecerem.

O que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso? apresente propostas.	
Aluno 1	Oferecer oportunidades de estágio
Aluno 2	Mais práticas nas aulas, e visitas técnicas.
Aluno 3	Mostrar os benefícios da conclusão do curso. Como: empregos.
Aluno 4	Oferecendo melhores condições de ensino, por parte de alguns professores. E uma melhor estrutura e cobertura.
Aluno 5	Fazer reuniões para os professores darem mais aulas práticas e o IFPI fazer algum trabalho para acompanhar e dar algum apoio para os alunos que pensam em sair e também os professores ajudarem mais os alunos com dificuldades nos assuntos.
Aluno 6	Mas palestras, mais aulas práticas.
Aluno 7	Professores marcar reforço com os alunos em alguns dias na semana no contraturno e a instituição e os professores incentivar mais o aluno a permanecer. Fazer projetos para professores saber quem são os alunos que podem sair e pensar em fazer alguma coisa.
Aluno 8	Auxiliar no transporte, ampliar as opções de turno para alguns cursos.
Aluno 9	Professores planejar e fazer mais aulas de práticas porque o aluno quer aprender a fazer as coisas do dia-a-dia com mais aula de campo, com mais visita técnica e com mais aulas que a gente possa praticar nossa futura profissão.
Aluno 10	Desenvolver mas aulas de prática, trazer para sala mas sobre o profissional, tornar as aulas mais dinâmicas e colocar o aluno ainda mais no campo de obra para gente conhecer mas nossa futura profissão.
Aluno 11	No meu ponto de vista nada, porque quando o aluno quer estudar ele enfrenta todos os desafios.
Aluno 12	Investimento em aulas práticas, viagens, novos cursos, Laboratórios com materiais que ajudem/beneficiem a todos.

Aluno 13	Criar mais atividades práticas para despertar o interesse e o gosto dos alunos pela escola.
Aluno 14	Dar mais oportunidade dos alunos irem a Campo colocar em prática o conhecimento. Professores avaliarem mais os conhecimentos práticos e não focar só em teoria. Qualificar sempre e sempre os docentes para eles dar aulas atualizadas e melhores.
Aluno 15	01 fazer mais visitas técnicas. 02 proporcionar melhores estruturas para os alunos.
Aluno 16	Cursos FIT, cursos práticos.
Aluno 17	Buscar novas propostas para o curso e um laboratório Digno.
Aluno 18	Trazer mais a teoria aliada à prática.
Aluno 19	Aplicar nos cursos técnicos mais práticas, eventos técnicos é TC.
Aluno 20	Projetos que agradem os alunos.

Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

Verifica-se com as respostas dos 20 alunos respondentes, que o ponto mais abordado está diretamente relacionado com o professor; trata-se das aulas práticas. Pois dos 20 alunos; 10 recomendaram que a intervenção necessária para que o aluno permanecesse em sala de aula era que o professor desenvolvesse uma quantidade maior de aulas práticas, visto que alguns alegaram que aulas demasiadamente teóricas acabam desestimulando os estudantes a permanecerem no curso.

Importante observar que os relatos dos alunos são bem consistentes e coerentes apontando geralmente para o mesmo sentido; primeiramente como já fora abordado acima, a questão da metodologia dos professores, em que foi indicado a questão de que os alunos solicitavam mais aulas práticas; pois, desejavam ter uma maior proximidade com a profissão que iriam desenvolver futuramente, ao mesmo tempo muitos alunos apontaram também a necessidade de mais visitas técnicas. Outros alunos questionaram que os professores deveriam dar um acompanhamento ou fornecer um trabalho de monitoria para aqueles alunos que apresentavam dificuldades. Outros pontos também foram levantados pelos alunos como, por exemplo, a questão de transporte e os turnos dos cursos, pois para alguns alunos, conforme quadro acima, seria interessante a oferta de cursos em outros horários. Contudo vale também ressaltar a existência de um relato, no caso o aluno 11, que afirmou que não haveria necessidade de nenhuma alteração na Instituição, pois o responsável unicamente por evitar a evasão seria o próprio aluno.

Em síntese, levando em conta os pontos mais elencados pelos alunos, eles reivindicaram:

- Que os professores desenvolvessem um ensino com mais aulas práticas;
- Que os professores e a instituição desenvolvessem um acompanhamento em forma de monitoria destinado a apoiar o processo e aprendizagem daqueles alunos com dificuldades;
- Melhoria no transporte;
- Ampliação de visitas técnicas para que os alunos tivessem mais contato com a área de atuação;
- E outras questões: Estágios e palestras.

Como o IFPI – Parnaíba deve combater a evasão? A questão 15 trouxe uma abordagem mais direta ao aluno, levando-o a refletir sobre o que eles acreditavam que o IFPI - Campus Parnaíba deveria fazer para combater diretamente a evasão escolar. Embora trilhasse no mesmo sentido da questão anterior, mas a questão agora já não tratou mais minimamente do que o aluno acreditava ser o mais adequado para incentivá-lo a permanecer nos cursos técnicos; contudo, o questionamento agora era sobre o que ele, enquanto aluno do curso, acreditava que a instituição deveria fazer para encarar diretamente a evasão escolar. Sendo assim, na questão 15 (“na sua opinião, como a instituição deve combater a evasão escolar?”) obteve-se as seguintes respostas, conforme quadro a seguir:

Quadro 12 – Propostas dos alunos para que o campus Parnaíba combata a evasão escolar.

Como a instituição deve combater a evasão escolar?	
Aluno 1	Incentivando os alunos com mais atividades práticas e proporcionando mais visitas técnicas.
Aluno 2	Investir mais nas aulas práticas e teoria meio a meio etc.
Aluno 3	Não respondeu.
Aluno 4	Participando ativamente na vida escolar dos alunos, através de projetos entre outros.
Aluno 5	Fazendo reuniões regulares com os professores. Fazendo com que as aulas tenham mais práticas. Dando auxílio financeiro para os alunos.
Aluno 6	Conversando com os alunos, proporcionando mais visitas técnicas.

Aluno 7	Fazer integração entre os cursos técnicos, desenvolver mais condição para as visitas técnicas e aumentar os estágios.
Aluno 8	Conscientização dos alunos e professores.
Aluno 9	Colocar monitoria para ajudar a gente. e planejar atividades para que a gente pratique e aprenda nas obras.
Aluno 10	Investindo em um bom laboratório para edificações. Desenvolvendo mais projetos para os alunos participarem. Aulas, mas motivadores e com experiências novas.
Aluno 11	Melhorando a infraestrutura.
Aluno 12	Investindo em mais monitorias.
Aluno 13	Gerando competições que incentivem os alunos a busca do conhecimento.
Aluno 14	O IFPI tem que se preocupar em oferecer um bom laboratório com as coisas necessárias e qualificar sempre os professores para dar aulas atuais e melhores.
Aluno 15	01 repassando ao aluno em forma de palestras e conversas pessoais individuais.
Aluno 16	Com iniciativa de projeto de bolsa estudantil e oferta de trabalho.
Aluno 17	Melhorando a infraestrutura.
Aluno 18	Divulgar os cursos, trabalhar com palestras e incentivos. no caso de adolescentes conversar com os pais.
Aluno 19	Distribuir mais informações concretas é bom para mudar professores.
Aluno 20	Com palestras, conversas.

Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2019.

A questão número 15 e as respectivas respostas dadas pelos alunos, têm uma grande contribuição para a pesquisa, pelo fato de trazer a concepção deles sobre o que acreditavam que fosse necessário se fazer diretamente para combater a evasão escolar. Ressalta-se que as respostas evidenciaram pontos em comuns; alguns pontos foram bastante elencados em suas falas, e isso demonstrou ser uma necessidade real e ainda facilitou o entendimento sobre as mudanças que os mesmos almejavam.

São seis os pontos centrais elencados pelos estudantes como estratégicos para a intervenção no ensino técnico do IFPI - Parnaíba:

1. Mais aulas práticas;
2. Capacitação docente;

3. Laboratórios com equipamentos e materiais necessários;
4. Palestras e conversas motivadoras;
5. Implantação de Monitoria para alunos que demonstrarem dificuldades;
6. Oferta de estágio/trabalho.

A primeira e mais destacada pauta abordada pelos alunos como intervenção necessária foi a mudança em relação ao formato das aulas; pois grande parte dos alunos reivindicaram em suas respostas o desenvolvimento de mais aulas práticas durante o curso. Como é possível verificar no relato dos alunos 1, 2, 5, 6, 7 e 9 que buscavam/buscam através da prática, aulas mais significativas e uma maior proximidade do curso com as perspectivas da ação que seria futuramente desenvolvida na área profissional.

O segundo ponto, e que considerou-se para efeito deste trabalho o mais importante; exatamente porque vem sendo ao longo das respostas dos alunos um ponto muito citado por eles, é que uma das necessidades para que houvesse/haja de fato uma significativa intervenção no problema seria em relação à capacitação docente; pois segundo grande parte dos alunos entrevistados seria necessário que o professor usasse uma metodologia mais ativa, mais interessante e mais atraente para os alunos. Ou seja, os sujeitos que estavam fazendo o curso e conviviam diretamente com a realidade da evasão, identificaram que seria necessário que houvesse capacitação docente, nesse sentido, como uma forma de intervir diretamente no problema da evasão.

Outro ponto também levantado foi a questão da infraestrutura dos laboratórios; pois segundo alguns alunos (10, 11, 14 e 12) para se desenvolver bem o curso e ter uma base de conhecimento mais significativo seria necessário o uso de um laboratório com toda a estrutura e equipamentos necessários.

O quarto ponto de intervenção definida pelos alunos foi o desenvolvimento de palestras e conversas. Parte dos alunos acreditavam que seria necessário a instituição colocar em prática palestras rotineiras, bem como conversas com aqueles alunos que demonstrassem possibilidade de evadir-se. Conforme quadro acima, alguns estudantes acreditavam que essa poderia ser uma forma de convencer o aluno a não mais abandonar o curso e assim fazendo-o sentir-se motivado, auxiliado e assim continuar no curso.

A quinta estratégia de intervenção que foi identificada, foi a necessidade de implantação de monitoria, pois segundo os alunos 9 e 12 seria necessário que houvesse um acompanhamento da instituição em forma de monitoria para aqueles alunos que sentissem dificuldades. Certamente é uma solicitação justa, uma vez que o quê os alunos buscavam era ter a oportunidade de um melhor acompanhamento enquanto encontravam-se com dificuldades em alguma disciplina. Seria uma estratégia boa e provavelmente de baixo custo e que poderia auxiliar bastante os alunos que pensassem em desistir por conta de não conseguirem acompanhar certas temáticas.

Um outro ponto tem a ver com a questão financeira do estudante; alguns alunos identificaram a necessidade de haver mais estágio e oportunidades de trabalho. Ou seja, acreditavam que a instituição deveria buscar dar mais oportunidade para que os alunos se desenvolvessem financeiramente, principalmente aqueles alunos que não têm/tinham uma renda fixa, uma renda que o permitisse estar todos os dias frequentando a sala de aula; tanto por questão de locomoção, de transporte e de uma forma geral, financeira.

Por fim, alguns alunos também definiram que o IFPI - Parnaíba deveria desenvolver estratégias no sentido de: ofertar bolsa estudantil para o ensino técnico em geral; desenvolver projetos na área do ensino; contribuir com algum auxílio financeiro e até mesmo conforme o aluno 13 ressaltou, que a instituição deveria oferecer competições que levasse os alunos a desafiarem seus próprios conhecimentos.

6.2.2 Propostas dos professores

A sétima questão da entrevista aplicada aos professores trouxe um dos mais importantes questionamentos, pois baseado em sua experiência em sala de aula, e no convívio com os alunos e com a realidade da evasão escolar, perguntou-se aos professores: “O que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso técnico? Apresente propostas. ” E assim, obteve-se as seguintes respostas:

Bom, o principal foco da instituição em relação a parte da evasão, que eu acho, está relacionado com o que eu já falei anteriormente: passar o conhecimento do que é o curso, o que os alunos irão estudar e quando ele sair, o que é que ele tem no mercado de trabalho para ele poder trabalhar naquela área; então o curso técnico, ele é um curso para você colocar as pessoas no mercado de trabalho, e não é um curso pra você colocar ele em

faculdade, pra fazer concurso, tem gente que entra pra fazer concurso, e na verdade o curso técnico ele é para o mercado de trabalho; pra ele (aluno) ser principalmente empreendedor. Então o curso...o incentivo que a instituição tem que dar, é nisso. É o que? É ele ser um cara que faça o curso de eletrotécnica, o curso de informática ou o curso de edificações, mas ele saiba que ele pode ser um empreendedor ou ele pode trabalhar em outras áreas no mercado de trabalho, ou então para outras empresas. Então essa é a principal motivação dos alunos, que é: Vou terminar o curso, e eu vou ter mercado para eu poder trabalhar. E uma outra forma, pra você incentivar, está relacionado com uma parte que eu já bati várias vezes na tecla, que é o transporte. A melhoria do transporte, né? É o conforto em relação ao aluno seria o transporte; eu acho que melhoraria muito a questão da evasão, o principal é a parte do conhecimento do aluno e do mercado de trabalho em relação a esses cursos (cursos técnicos) sabendo que ele vai entrar e vai ter vaga para ele poder trabalhar e o segundo para ele se manter dentro do curso é o transporte, ele ter um transporte de qualidade, ter um transporte para ele poder se sentir mais motivado para sair de casa e vir para o instituto (PROFESSOR 1, 2019).

Eu acho que no tocante a instituição, seria tentar promover como governo municipal, mais linhas de ônibus. A contrapartida também, poderia tentar viabilizar mais bolsas, que eles ganham na instituição como a POLAE, que incentiva eles terem um valor pra ajudar no custeio deles e não ter que sair pra trabalhar. Eu acho que a instituição, nesse tocante, pode ajudar, nesses dois fatores; colocando... Já tem ônibus, mas promover mais linhas através do próprio governo municipal, tentando articular para que a gente tenha mais vinda de transporte público pra cá. E as bolsas, para que eles não deixem de estudar para ir trabalhar por conta de uma ajuda financeira. Eu acho que esses dois fatores são...a instituição no tocante aí ela poderia fazer (PROFESSOR 2, 2019).

O que é que poderia ser feito para motivar o aluno a permanecer no curso técnico?! É... Observando algumas características dos nossos cursos técnicos, grande parte das execuções do curso técnico são a noite e o público da noite que vem ao curso técnico, na grande maioria tem atividades diurnas, alguns trabalham, outros fazem ensino médio em outras escolas...e... O nosso curso, ele tem a característica de curso técnico, ele tem uma duração não tão longa, é geralmente 1 ano e meio ou 2 anos, mas o nosso curso ele visa formar um profissional muito completo, mas em detrimento de tempo de estudo para nossos alunos. Então, observando essa realidade de que os nossos alunos na sua grande maioria têm outras atividades além do curso técnico, os nossos alunos têm uma grande dificuldade em ter tempo para o estudo. Certo?! O tempo para o estudo. E aí, como é que a gente vencer essa barreira? Uma opção seria cursos com carga horaria menores para que se tivesse tempo para o aluno estar no instituto trabalhando ou que no curso, durante as disciplinas...as ementas das disciplinas nossas, por exemplo, são enormes, são muito difíceis a sua administração para explicar o conteúdo para os alunos. Então, o professor para vencer a essas ementas e explicar todo o curso, ele tem que acelerar o ritmo de curso e os alunos não conseguem acompanhar, porque não tem um tempo para fazer as atividades...pra ir no seu próprio ritmo de estudo. Por causa dessas necessidades, um dos incentivos para permanecer no curso, seria um ritmo mais lento, seja pelas ementas ou alteração nos planos de curso para que as ementas sejam mais simples, até para que o conteúdo seja menor, para que ele seja de um ensino mais efetivo; e uma cobrança menor aos alunos, mas em compensação, um curso que seja completo na sua construção. Ele não precisa ser de grande carga teórica, ele precisa ser muito bem executado; de fácil execução do professor em relação ao aluno, que facilitasse a assimilação do aluno. Outra proposta, mas essa é uma proposta que já é clara e que a gente sabe que não é fácil de resolver é: precisamos melhorar nossa infraestrutura em transportes e ponto final, porque

isso daí como já disse, é um problema antigo e que vai permanecer enquanto a gente não resolver vai ser sempre um grande motivo de evasão no nosso campus; e talvez uma política de propaganda dos benefícios do curso técnico... O que de bom o curso técnico tem para oferecer... Que oportunidades o curso técnico oferece?!...porque valeria a pena fazer um curso de 2 anos técnico em vez de fazer um superior de 5 anos?!... De no mínimo 3 anos até 5 anos. Então, porque que a gente faria um curso de 1 ano e meio a 2 anos, que tem uma rápida finalização e uma preparação para o mercado em detrimento de um curso de 4, 5 anos que você vai ter uma visão mais completa, mais teórica e científica da coisa? Mas que em compensação a dificuldade de absorção pelo mercado é maior. Ou no caso, o tempo de retorno do nosso aluno até ao mercado é maior...entrega ao mercado. Essas são algumas sugestões. A gente precisa vender melhor a nossa imagem no sentido de vender o curso técnico, eu acredito que a própria instituição não valoriza bastante nos seus funcionários...os funcionários não valorizam o bastante o curso técnico. É muito comum aqui na instituição a valorização dos alunos porque passam no ENEM, mas a não valorização dos alunos porque arrumou um trabalho. A gente forma alunos para que arrumem trabalho na área de estudos que eles escolheram de formação profissional... Tem ensino médio? Tem. Mas é formação profissional. O instituto é uma instituição de formação profissional, e aí, quando a gente vê ações e méritos dados simplesmente para questões de ENEM, exatamente proporcionando ao curso superior, a gente sabota a própria instituição. Porque os alunos deveriam fortalecer a imagem dos cursos técnicos, cursos profissionais; e não fortalecer a imagem dos cursos de ensino médio. Quem tem que fortalecer a imagem do ensino médio é a escola estadual que não tem ensino profissional, é a escola municipal que não tem ensino profissional, é a escolar particular que não tem ensino profissionalizante. Então, eu acho que neste sentido nós nos sabotamos enquanto instituto federal, o nosso próprio grupo de servidores, de pessoas que trabalham no instituto não trabalhamos nessa imagem, nesse fortalecimento; deveríamos trabalhar mais nessa ideia. (PROFESSOR 3, 2019).

É... Sobre a permanência deles a gente já fez algumas intervenções nas prefeituras de alguns municípios. Parnaíba foi a principal, chegamos a ir na câmara dos vereadores participar de uma audiência pública; mas as dificuldades impostas pela atual cooperativa em ter uma linha de hora em hora foi... É o mais difícil. Né? Mas nós temos aqui um ônibus que circula, mas mesmo assim ainda não atende a 100% por conta dos gastos. O nosso orçamento aí cada vez está menor para a educação. Acredito que melhorando o transporte, melhorando a infraestrutura, melhorando a informação pra esse aluno ingressante e ele saber identificar o curso e a partir dessa identificação ele cursar e se identificar com o curso; essa interação entre alunos e escola e entre professor e aluno... Acredito que a gente chega a melhorar mais a nossa permanência do aluno aqui na instituição. (PROFESSOR 4, 2019).

Eu na verdade tenho uma proposta para esse ano, de acessibilidade mesmo. Eu acho que os professores podem fazer diferentes tipos avaliações eu acho que quando você torna e diversifica a avaliação você torna acessível para diferentes tipos de sabedorias que os alunos vivem. Às vezes o aluno é muito bom na prática, mas é ruim na teoria. Você avalia ele com base no que ele é bom, no que ele está buscando. Você consegue ter uma avaliação um pouco mais acessível para esses alunos. (PROFESSOR 5, 2019).

Ficar sempre atento a cada aluno, conhecer as dificuldades deles, e veem novamente naqueles setores responsável em cada situação e tentar resolver a situação pontualmente. Então, não existe uma solução geral, genérica, não existe uma solução genérica, reconhecendo cara a cara; e aí, claro, coma experiencia de 3 ou 5 anos que seja, dá pra traçar uma estratégia genérica

que vá atenuando até mesmo porque os casos são muito parecidos, mas de início eu acho que a solução seria essa, fazer mesmo um trabalho de tijolinho mesmo, de um a um até que se tenha uma forma geral, um estudo estatístico mesmo que é a principalolutivo, né? Para eles permanecerem aqui. (PROFESSOR 6, 2019).

Olha, é a técnica da repetição...repetição...repetição, da razão do porque eles estão aqui, seria o principal motivo, dele não esquecer que eles estão aqui com essa oportunidade, eles tem que ter essa oportunidade, porque se nós conseguirmos fazer essa sensibilização do aluno; do aluno e do professor também, e do professor para que ele consiga perceber essas diferenças, ou seja, do aprendizado dos alunos. E do aluno, apara saber que ele é responsável pelo aprendizado dele. O aluno tem que ser o centro desse aprendizado, então ele tem que saber disso. Saber e ter atitude para saber transformar isso em algo que ele possa gerar esse resultado de aprendizado. Então, não só jogar a responsabilidade para essa pessoa, aquela pessoa; mas responsabilizar o aluno, sensibilizar, fazer um trabalho de sensibilização com o aluno. Qual é a responsabilidade?! Não vai ser o pai dele, não vai ser a escola, não vai ser o professor; ele tem que ver que ele é o centro desse processo. Afinal de contas ele está fazendo um curso técnico, ele já vai, logicamente, pensando na possibilidade de fazer um curso superior. Já bem próximo de se chegar ao curso superior, então ele está nessa fase de amadurecimento de que caminho ele vai percorrer. (PROFESSOR 7, 2019).

O que pode fazer a instituição? Vou ficar no ônibus... No transporte... Não deixa eu ver mais alguma coisa. Eu acho que ajuda muito essa questão de visita técnica. E aí o ruim do curso noturno que é difícil até o horário porque quem é do turno noturno trabalha durante o dia, né? Mas eles se motivam muito por essa questão de visita técnica e a gente tá tendo muita dificuldade por questão financeira, né? Ultimamente para conseguir, dentro da Cidade nem tanto, mas fora da cidade tem porque tem que ter ajuda de custo e tal e não consegue pra todo mundo. Então, o quê que se pode fazer mais? É permanecer... Eu vejo muito isso de ta unindo a questão da prática, ne? Da teoria com a prática e a forma de unir essa teoria com a prática, mas explicita pra mim é a visita técnica, ajudaria (PROFESSOR 8, 2019).

Olha, eu já disse aqui que eu acho que o problema não é só a instituição, mas a parte da instituição, o que ela pode fazer? É o que ela está fazendo agora, que é a tentativa de um trabalho permanente de acompanhamento de evasão, então essa comissão de permanência e êxito deveria ser permanente no Campus, e não só numa gestão, mas em todas as gestões e ter isso tudo aqui... Esse trabalho ser acompanhado. E aí então quando nós tivermos dados específicos e ações concretas e objetivas em cima desse problema; o que é instituição pode fazer é isso aí. É primeiro diagnosticar as causas da evasão e depois então procurar... Trabalhar esses problemas. O que é da instituição e também o que é fora, porque o transporte escolar é muito... A gestões tem ido procurar os gestores do município para resolver esse problema do transporte escolar... Os ônibus aqui também da Instituição, eles trabalham e fazem rota para ajudar e dirimir esse problema, mas tem outros problemas, então ne?! Que a instituição pode depois que ela tiver um diagnóstico correto, poder trabalhar junto aos pais, junto às áreas de psicólogos e assistentes sociais, trabalhar as famílias; porque tem muitos alunos que têm famílias com problemas em casa, com problemas familiares muito sérios, então essa parte aí a gente tem competência e temos servidores com as competências necessárias para poder trabalhar esses problemas relacionados a familiares, e também os professores com capacitação de novas metodologias e para nós podermos diversificar nosso ensino e melhorar nosso ensino... Porque a informação muda muito hoje em dia e é muita informação, então nós também temos que acompanhar essas mudanças... E aí passar o nosso conteúdo da melhor maneira possível (PROFESSOR 9, 2019).

Bom... Aí, eu acho que a ideia do processo que a gente fez, num trabalho, é uma boa ideia. Ou seja, estabelecer no IFPI um processo para combater isso e focar mais, porque todo mundo sabe que tem que combater, mas ninguém tem a responsabilidade por isso. Entendeu? Tá solto. Ah! A evasão tem que combater. Mas, e aí? Quem vai combater? Como é que a gente faz? Então a gente pensou num processo para fazer isso. Eu acho que se fosse realmente implantado; é uma coisa que poderia realmente contribuir. O aumento de bolsas eu acho que ajudaria bastante apesar de ser algo bastante custoso, eu sei que não vai ter renda para tudo isso; ampliar o refeitório, a oferta de comida e de alimentação para os alunos. Com certeza ajudaria bastante. Melhorar o transporte, porque o transporte daqui é muito ruim ainda. Eu acho que no IFPI ainda falta.... Melhorou bastante por conta da quadra, mas eu acho que ainda falta espaços de lazer e convivência entre os alunos, apesar de o IFPI já ter uma quadra funcionando, e tem alguns equipamentos, aí, de xadrez. Enfim, mas eu acho que poderia ter mais coisas que melhora, até o aluno ficar aqui no campus, de ser prazeroso. Ele vem para o campus e fica por aqui. Não precisa voltar para casa, sei lá... Ele pode ficar aqui fazendo outras atividades, talvez no laboratório de informática, disponível para eles usarem para fazer trabalhos. Às vezes esse aluno não tem computador em casa e hoje em dia tudo depende... Às vezes, a gente passa um trabalho que o aluno precisa fazer uma pesquisa na internet e às vezes ele não tem onde fazer isso. Então, se talvez, disponibilizasse equipamentos para os alunos fazer aqui... Ficar esse tempo aqui na escola. Talvez ajudaria também. Pronto! Eu acho que isso já contribuiria (PROFESSOR 10, 2019).

Sintetizando as propostas dos professores:

Professor 1:

- Trabalho de disseminação de informações sobre os cursos técnicos, com foco nos alunos ingressantes;
- Melhoria do transporte escolar.

Professor 2:

- Melhoria do transporte escolar;
- Disponibilidade de bolsas de estudo para os alunos dos cursos técnicos, independente da modalidade.

Professor 3:

- Redução da carga horária do curso;
- ritmo mais ameno das etapas do curso para que o aluno pudesse vivenciar melhor cada etapa;
- melhoria do transporte escolar;
- política de propagandas e divulgação dos cursos técnicos do IFPI; e,
- valorização interna dos cursos técnicos.

Professor 4:

- Melhoria do transporte escolar;
- Melhoria da infraestrutura;
- Melhoria na disseminação de informações sobre o curso.

Professor 5:

- Capacitação docente para implantação de avaliações com acessibilidade para que o professor reconheça os diferentes tipos de saberes, e inclua melhor o aluno (Capacitação docente).

Professor 6:

- A instituição dar atenção individualizada para cada aluno; e,
- procurar reconhecer as dificuldades deles.

Professor 7:

- Investir na sensibilização do aluno e do professor para:
- Professor reconhecer os diferentes tipos de aprendizagens (Capacitação docente).
- O aluno reconhecer a importância de fazer o curso técnico.

Professor 8:

- Melhoria do transporte escolar;
- Ampliar visitas técnicas; e,
- Professores desenvolverem mais aulas práticas (Capacitação docente).

Professor 9:

- Instituição deve procurar diagnosticar o problema da evasão;
- A comissão de permanência e êxito deve ser permanente, independente da gestão;
- Investimento em capacitação docente; e,
- Acompanhamento do aluno e suas dificuldades.

Professor 10:

- Aumento de bolsas de estudos;
- Ampliar refeitório e ofertas de alimentação para estudantes;
- Melhoria do transporte escolar;
- Criação de espaços de lazer e convivência para os alunos; e,
- O laboratório de informática deve ficar aberto o tempo todo para que os alunos possam ficar fazendo seus trabalhos.

Ao analisar as propostas dos professores é possível encontrar alguns pontos em comuns, e que se destacam na fala de muitos: Primeiramente, a melhoria do transporte escolar; em seguida, a disseminação de informações sobre os cursos técnicos, sobretudo para os ingressantes. E o terceiro ponto mais elencado, está relacionado aos próprios docentes, é a capacitação docente, tanto para que o docente desenvolva mais aulas práticas, como desenvolva metodologias mais acessíveis, inclusivas e acompanhe melhor seus alunos.

6.2.3 Propostas da equipe de coordenação pedagógica

Ações conjuntas da coordenação e gestão, como: Acolher e acompanhar o processo, buscando envolver a todos: Investir na divulgação da instituição e seus cursos, com suas características e previsão para o mercado de trabalho, promovendo encontros, palestras discussões sobre as oportunidades da área. Divulgar as vantagens e oportunidades dos cursos técnicos aos alunos que desejam ser inseridos no mercado de trabalho ou cursar uma faculdade. Parcerias com empresas e outras instituições e gestores, buscando estágios, remunerados ou não, a fim de auxiliar no início da vida profissional dos alunos veteranos e egressos. Fortalecer os programas de apoio ao estudante e melhorar a satisfação dos alunos. Levar o IFPI às escolas e comunidade e trazer as escolas e comunidade ao IFPI por meio de projetos, cursos, eventos, com a finalidade de construir uma imagem do IFPI junto às escolas como uma instituição atuante na comunidade que oferece ensino de qualidade e abre portas, portas para o mercado de trabalho (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Bom...primeiro eu acho que além do seu trabalho que você já vem fazendo, é mostrar para a comunidade de Parnaíba o que é o instituto, o que são esses cursos na verdade, o que os alunos podem fazer com esses cursos de verdade. Entendeu? Não é só mostrar o perfil do curso, é mostrar a realidade desses cursos, do que eles trabalham, do que eles podem transformar na vida deles, na comunidade deles. Porque se aquilo que ele está vendo se ele não vê que modifica a vida, que não modifica a sua comunidade; como que ele pode ter algum interesse? Então, é mostrar qual é o impacto que esses cursos têm e vai ter na vida dele e na comunidade em que ele está inserido. Aí vai ter um novo impacto, e a gente ta longe disso ainda. Porque a gente se desprende, a gente não consegue sair dos muros da escola (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Assim! Eu acredito que a gente tem que trabalhar muito a parte humana da nossa instituição. Principalmente porque nos cursos técnicos eles não são mais crianças. Eles são pessoas de 20, 30, 40 e 50 anos, pessoas que estão aqui porque querem. Ne? Então não acontece na sala de aula essa questão da indisciplina. Uma vez eu vi o professor falando assim: olha, o único que queria alguma coisa era o fulano. Porque que a pessoa vai dizer que só fulano quer alguma coisa? Foi porque fulano aprendeu? Fulano aprendeu e fulano fazia os trabalhos. Só que fulano que ele citou e eu conheço a vida da pessoa, ela tem uma condição financeira ideal. Ela tem tempo, tem computador, ela tem dinheiro para chegar aqui no carro dela. E os outros que estão reprovados, ne? Eu não sei as condições de vidas deles, mas pelo que eles contam, moram muito longe, tem pouca condição financeira, tem dificuldade de aprendizagem. Então, eu acredito que se agente trabalhar

essa parte humana da instituição, de todo mundo mesmo, sendo uma rede de apoio; tanto professores, quanto a gente como técnico. A gente vai conhecer esse aluno, descobrir as dificuldades dele e tentar sanar essa dificuldade. Porque são várias. Alguns são realmente muito pobres, a gente já fez um trabalho, uma vez, entregando cestas e a gente chagava ali na casa daquele aluno e ele só tinha simplesmente nada. Só tinha um tapete artesanal, onde ele se sentava porque ele não tinha nem uma cadeira. Ele só tinha...sabe o que é não ter nada? Não ter nada. Só dependia do bolsa família e da pequena ajuda aqui que a instituição dá para esses alunos e as vezes a família deles tem outras pessoas com problemas financeiros, problemas de saúde também; que também não podem ajudar ele. E a gente se depara ali, com alguém que quer. Ele quer! Ele quer mudar de vida. Mas ele não tem dinheiro. Não tem dinheiro para comprar o caderno. Ele não tem dinheiro para pagar a xerox. Ele não tem dinheiro para vir pra cá. E se surgir um concurso na área ou alguma coisa, ele não tem dinheiro as vezes nem para preparar um currículo. Por incrível que pareça, no mundo hoje a gente vê que parece que todo mundo tem celular, que todo mundo tem alguma coisa; mas tem muitos alunos que não tem absolutamente nada. Esse ano mesmo, quando a gente estava ali respondendo os questionários sociais com os alunos e chegou um aluno aqui e a família dele todinha se mudou junto com ele, porque...lá eles viviam do bolsa família. Então veio todo mundo embora junto com ele. Ele, a mãe, o pai e dois meninos assim de uns 14 anos. E eu fiquei assim...Meu Deus! Olha o peso do IFPI na vida dessa pessoa, ela acredita que o IFPI vai mudar a vida dela. Ela veio da cidade dela no Ceara, porque ela acredita que aqui ela vai ter melhor condição de vida e eu percebi que esse aluno ele não sabia nem as teclas do computador e ia aprender informática. E eu fiquei assim: meu Deus! Que tenham paciência com ele. Que não achem que é porque ele não quer. Que alguém ampare ali esse aluno, tanto o professor como o colega. Porque esse trabalho de rede de apoio a gente não precisa fazer só com o professor, precisa fazer com o colega de sala também, porque quando aquele aluno falta; quem vai me dizer que aquele aluno faltou é o colega, é o líder de turma. Quem vai dizer pra ele: olha fulano, o professor passou um trabalho. Eu posso te ajudar? É o outro colega. Tem que estar todo mundo realmente querendo pra coisa realmente acontecer; então, acredito que a gente trabalhando assim essa relação humana, projetos também que valorizem o aluno; as vezes um simples projeto onde o aluno faz, onde o aluno constrói, onde o aluno mostra o que ele aprendeu e o que fez; aquilo ali é um motivo para ele se sentir valorizado e ter sua autoestima elevada. Eu acredito que a gente trabalhando assim a gente consegue (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Em síntese: 7 pontos foram elencados através da entrevista aos servidores do setor de coordenação pedagogia:

- Divulgação dos cursos técnicos e das informações relacionados a ele;
- Parceria com empresas para oferta de estágio;
- Desenvolver projetos e ações nas escolas públicas da região, para levar o papel e a imagem do IFPI como instituição de qualidade;
- Desenvolver trabalhos que disseminem para a sociedade a atuação do IFPI;
- Divulgar melhor o curso e a realidade dele;
- Desenvolvimento de uma rede de apoio com todos os servidores, buscando detectar os alunos com dificuldade e ajudá-lo; e,

- Desenvolvimento de mais projetos para o ensino técnico, para que o aluno se sinta engajado.

6.2.4 Proposta da equipe de assistência estudantil

Em entrevista a alguns servidores da equipe de assistente estudantil, compreendida por assistentes sociais, as propostas foram as seguintes:

É uma questão muito difícil porque, como eu falei, as causas são complexas e exigem medidas complexas... O acolhimento desse estudante, desde as divulgações dos cursos, do perfil dos cursos, para que ingressem somente aqueles que tem realmente o perfil pra estudar aquela área do conhecimento. O campus de Parnaíba, oferece cursos na área de tecnologia, na área de exatas, só temos um curso aqui que é o técnico em administração que é mais na área de gestão e negócios e que é uma área mais de humanas, mas os demais cursos são na área de exatas, e os estudantes vem muito muitas deficiências em matérias de cálculo, então ele vai, conseqüentemente sentir dificuldade nesses cursos. Então eu acho que não existe uma diversificação no perfil desses cursos, que atendam ao perfil desses estudantes que desejam ingressar no IFPI, porque acreditam que o IFPI é uma instituição de qualidade, uma instituição federal de qualidade, então começa daí, da divulgação da forma de ingresso, do incentivo a permanência mesmo na relação do professor-aluno, do acolhimento desse estudante dentro da instituição, se ele é visto como sujeito de direito, se ele é visto como um protagonista desse processo educacional, então, tudo isso vai estimular sim essa permanência, certo? . E propostas seriam nesse sentido, que atingissem mais essa questão do ingresso, a forma como esses estudantes ingressam, e a permanência no sentido de fomentar essa auto estima, essa proatividade dos estudantes e a melhoria dessa relação professor-aluno, e a melhoria das metodologias de ensino, didática e projetos paralelos de recuperação e de conhecimentos anteriores que eles deveriam ter pra poder acompanhar o curso. Então, acredito que são N's possibilidades em condições ideais, só que as condições reais muitas vezes essas propostas vão barrar nas condições reais, pra que a gente possa executar essas ações e essas propostas ideais. Primeiramente a questão de infraestrutura mesmo do prédio... Existem salas de aulas pra gente fazer projetos paralelos? Existem salas de aulas disponíveis? Existem espaços para isso? E outras situações existe um refeitório que atenda a todos? Que possa estar aqui fora do seu turno de aula. Existe transporte para trazer a família do estudante pra cá? Será que existe? Então, sempre que a gente pensa numa proposta que fomente essa permanência do estudante com qualidade a gente vai esbarrar em algumas dificuldades sim, então existem propostas, existem ideias que podem contribuir, mas a gente não sabe... Não sei... Até que ponto elas são exequíveis, então... Até que ponto elas podem ser realizadas (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

A sétima questão você perguntou sobre o quê que a instituição pode fazer pra incentivar o aluno a permanecer no curso técnico; hoje nós já temos a política né, ela é desde 2014, ela vem se constituindo como um instrumento que pode estar aí né, garantindo a permanência do Estudante em âmbito acadêmico. Claro que somente ela não vai ser capaz de proporcionar, fazer assim, com que haja 100% da permanência dos estudantes. Até porque nós temos outros fatores de ordem pessoal, de ordem socioeconômica, de ordem

institucional que podem fazer com que o aluno permaneça ou não em ambiente acadêmico. Mas a política né, institucional, política de assistência estudantil elas vêm se constituindo como uma ferramenta eficaz, eu vou dizer assim, para para a garantia né do estudante. E aí a proposta que eu... Que eu vou colocar aqui para você é que a gente trabalhe.... Nós técnicos, professores né, todo o corpo de profissionais no Instituto federal faça com que essa política tome realmente mais corpo, eu vou dizer assim, né! Que ela alcance resultados maiores, Por exemplo, a gente tá com um refeitório que hoje ele atende minimamente, que nós lutemos para ampliação desse refeitório, que nós lutemos pela ampliação de visitas técnicas, que nós ampliemos os recursos para as pesquisas de iniciação científica né, que nós lutemos para ampliação dos benefícios. Então a minha proposta é que nós que fazemos o corpo do Instituto Federal, nós que somos os profissionais da comunidade, que a gente lute né, para que essa política realmente tenha mais força, eu vou dizer assim, mais visibilidade dentro do Instituto; que ela seja uma política de estado e não somente de governo né. Então a minha proposta é essa; e trazer os resultados de sua pesquisa (A entrevistada referiu -se à esta pesquisa) para todo o corpo do Instituto Federal, que mostra os resultados: que mostre que agora nós temos tantos por cento de estudantes dos cursos técnicos que se evadem por esses motivos. Então a gente pode estar pensando em estratégias a partir dos seus... Dos seus dados né; dos seus números que você vai trazer para nós, nós enquanto instituição. E a gente repense né, as nossas práticas pedagógicas, as metodologias. Enfim eu penso que depois que você nos trouxer números, e a sua pesquisa em si, a gente vai poder pensar em como estar organizando os nossos processos de trabalho para tá garantido uma permanência com qualidade para os nossos estudantes né, então eu penso isso (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

6.2.5 Proposta da coordenação de curso Técnico

É, a instituição na verdade, ela tem um trabalho que está sendo desenvolvido; tem uma comissão de permanência e êxito, que já vem trabalhando essas causas, nessas evasões e procurando identificar formas de diminuir essa evasão, eu acho muito importante, inclusive eu estou... A pouco tempo eu ingressei nesta comissão, estou também nomeada nessa comissão. E já está sendo feito um mapeamento junto aos alunos do que que eles tem, com relação a estrutura do campus, quais os setores que tem, digamos assim, que não atendem as demandas deles, as expectativas deles, pra que seja trabalhado isso e que a instituição possa se auto avaliar a nível de melhorar em relação a isso (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação não elencou nenhuma nova proposta, no entanto, esclareceu que existia no campus uma comissão de permanência e êxito, e que esta vinha trabalhando as causas e tentando diminuir a evasão; ainda de acordo com a coordenação estava sendo feito um mapeamento junto aos alunos no sentido de saber o que não estava atendendo as demandas deles, isso com a finalidade de que a instituição pudesse se auto avaliar e melhorar os pontos identificados.

CAPITULO VII

PRODUTO EDUCACIONAL

7 O produto educacional

O produto educacional, algo essencial para o desenvolvimento deste trabalho, e que de fato foi uma contribuição para a instituição, foi projetado como forma de intervenção na realidade do IFPI - campus Parnaíba; desta forma a intenção era a construção de algo que pudesse causar reflexões e proporcionar intervenção no atual cenário de evasão escolar da instituição. Sobretudo, a intenção era construir algo que pudesse ser usado tanto pela gestão institucional, como também dentro de sala de aula como objeto de reflexão de alunos e docentes. Assim, foi desenvolvido o *“MANUAL DE COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI-PARNAIBA diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico”*.

7.1 Descrição do produto

A proposta pautada foi que, através desta pesquisa e dos resultados que foram elencados; fosse produzido um manual contendo as informações necessárias para que a gestão e os demais setores envolvidos com o processo educativo utilizassem desse manual para embasar suas decisões, bem como para que o manual também fosse utilizado pelos professores para levarem esta temática para dentro de suas salas e discutissem com seus alunos a realidade da evasão no IFPI – Parnaíba. Neste manual, além de outras coisas, contém o diagnóstico da realidade da evasão da instituição, em que é possível ter acesso às informações sobre as circunstâncias que têm dado causa aos índices atuais de evasão, e, principalmente, orientações, ideias e os possíveis passos para iniciar-se uma efetiva intervenção no ensino técnico.

O manual foi desenvolvido em duas etapas centrais:

A primeira etapa trouxe a perspectiva de um diagnóstico; trazendo para os professores, e para a instituição de forma geral: números, ideias e os problemas apontados como os principais causadores da saída dos alunos. Foi o momento em que se colocou em pauta todas as informações necessárias para um bom entendimento da problemática. Na etapa do diagnóstico foram trabalhados e levantados os dados estatísticos em que se teve uma ideia de como se comporta a

evasão. São informações e dados imprescindíveis a gestão, aos docentes e aos demais servidores para que fosse/seja possível refletirem sobre o problema.

A segunda parte veio com o intuito de revelar as constatações do estudo sobre as principais ações elencadas pelos participantes da pesquisa como necessárias para combater a evasão; e principalmente, as ações que este trabalho recomendou para a efetiva intervenção no problema. Esta etapa trouxe na verdade os caminhos que o ensino deveria/deve percorrer para que possa conseguir sucesso na luta contra a evasão escolar. Foi o momento em que se trouxe à tona, as conclusões do estudo em relação aos caminhos que o campus de Parnaíba deve percorrer, se possível. O manual trouxe as concepções tanto dos elementos envolvidos na pesquisa quanto as propostas finais para enfrentar a evasão. Sendo o manual uma grande ferramenta nessa luta, levando a gestão e os setores educacionais a compreenderem melhor a problemática e conhecer as ações em que devem se pautar; de outro lado, levando os docentes e alunos a refletirem sobre o cenário educacional e o problema, no caso a evasão, em que o manual pode ser/continuar sendo aplicado no ensino-aprendizagem da instituição, como material de discussão em sala de aula. Sendo esta segunda parte do manual um guia de reflexão, de ideias e de propostas de ação; isso com vista a manter os alunos em sala de aula, de minimizar o abandono escolar e motiva-los a permanecer em seu percurso escolar.

Contudo, é importante mencionar que a contribuição do manual não ficará presa à realidade da instituição supracitada; podendo, por analogia, ser levado a contribuir com o estudo da temática em outras localidades e escolas. Visto que a evasão escolar não é um problema apenas do campus Parnaíba, mas sim, um problema que está presente em todas as instituições do país.

7.2 Público alvo

O manual foi desenvolvido com a intenção de servir de base para a intervenção no ensino técnico. E para a ocorrência desta intervenção foram pautados como público alvo: a gestão junto aos setores relacionados ao ensino, que podem colocar em prática as ações recomendadas no manual; e ainda os professores e alunos que podem utilizar do manual em sala de aula para refletirem sobre o problema da evasão. Reconheceu-se durante a elaboração do manual que a intervenção só seria possível quando os principais agentes de transformação (gestores, professores, alunos)

fossem levados a reconhecerem/conhecerem bem o problema e ações necessárias para que houvesse transformação no ambiente educacional.

Nesse sentido, o produto educacional, manual, foi destinado à gestão e setores relacionados, e aos professores e alunos do IF - campus Parnaíba, pois acredita-se que estes são os agentes institucionais imediatamente envolvidos na realidade do ensino-aprendizagem e do problema da evasão escolar no ensino técnico. Por isso, é nessa relação que o ensino pode ser potencialmente fortalecido e combatido a problemática. Portanto, o manual reconhece em cada um desses elementos, um potencial de intervenção; acredita-se que a gestão e seus setores educacionais podem adotar as ações recomendadas no manual ou construir novas; os docentes têm o potencial de adotar tais ações, e relacionar os alunos nessas ações, e são a base de execução e desenvolvimento do ensino.

7.3 Aplicação

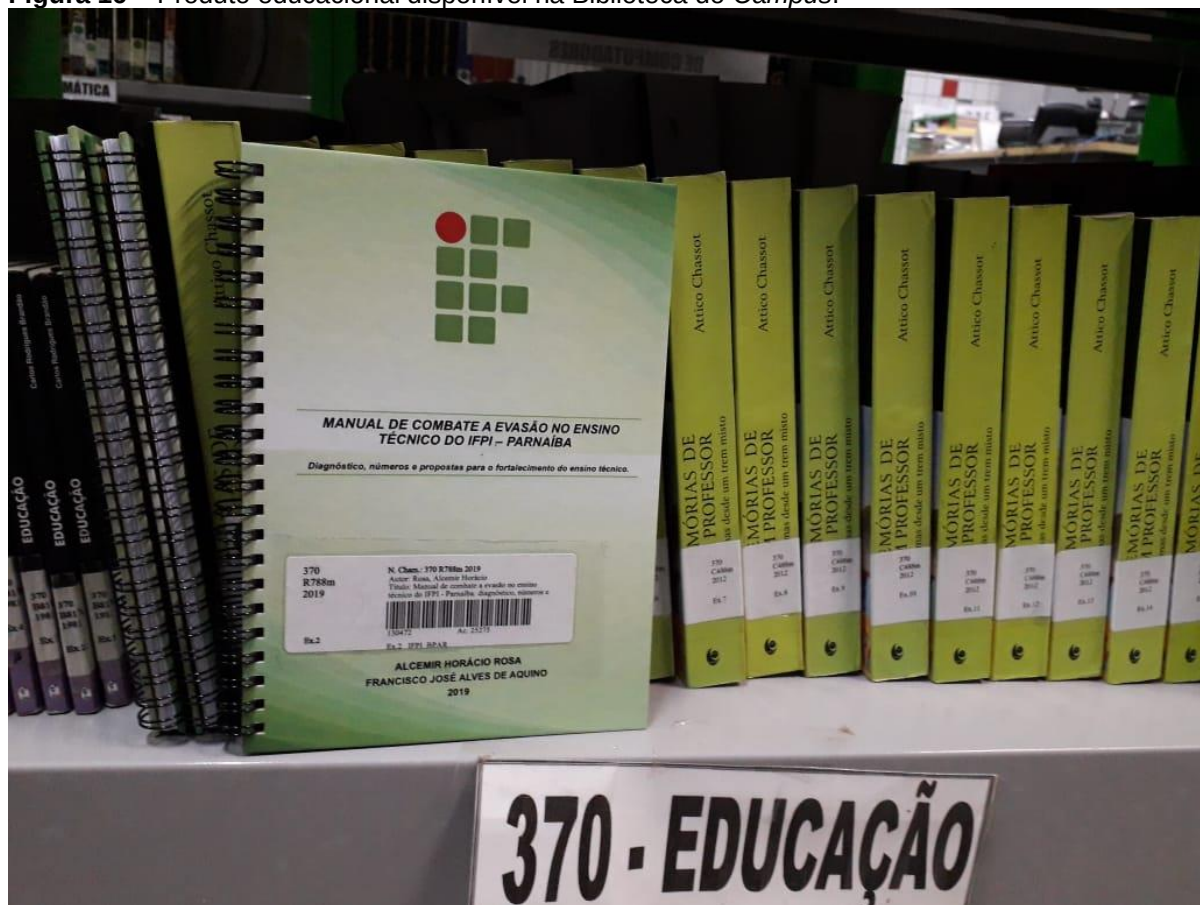
Para se chegar até a aplicação do manual - produto educacional deste trabalho - foram desenvolvidas algumas etapas até a efetiva aplicação, da seguinte forma:

1. foi identificado o índice de evasão dos cursos técnicos;
2. foi evidenciado o curso com maior índice de evasão dentre os cursos técnicos da instituição.
3. após identificar o curso que tinha o maior índice de evasão, foi aplicado questionário com os alunos dessa turma, para compreender o problema;
4. foi entrevistado a coordenação do curso técnico para obter maiores detalhes do problema e também o que esta acreditava que fosse a saída para a problemática;
5. foram entrevistados também os servidores dos setores considerados estratégicos no combate e evasão (coordenação pedagógica, equipe de assistência estudantil) afim de entender suas percepções sobre a evasão no ensino técnico e sobre o que acreditavam sobre as ações necessárias;
6. todas as respostas, tanto de alunos, professores, coordenação e demais elementos, foram sintetizadas dentro do manual, especificamente no capítulo “9 Propostas para o combate à evasão e o fortalecimento do ensino técnico do IFPI – Parnaíba” na indicação de 13 ações necessárias;

7. após o manual pronto, foi trabalhado a etapa propriamente de aplicação e uso do manual, de duas formas: A) levou-se o manual à gestão educacional, direção de ensino, e aos demais setores estratégicos, e ainda alguns professores do ensino técnico – principalmente para alguns docentes do curso técnico identificado como de maior índice de evasão. Para cada setor e elemento foi apresentado e trabalhado um momento de reflexão, apresentado o diagnóstico e as ações necessárias. Foram momentos em que houve explicações, dúvidas, esclarecimentos e reforço das propostas do manual. B) A etapa final da aplicação do produto educacional ocorreu com a colocação do produto em disponibilidade para os professores, alunos e todos que tivessem interesse em compreender a problemática; e tal disponibilidade aconteceu por meio da colocação do manual na biblioteca da instituição. Assim, os professores puderam levar para a sala de aula e fazerem uso com seus alunos.
8. Em síntese, a aplicação se deu da seguinte forma: programou-se alguns dias para a apresentação em cada setor supracitado, e com alguns elementos em específico, como no caso de alguns professores. Após apresentado o diagnóstico e as propostas de intervenção, foi debatido a viabilidade de estratégias e os passos que deverão ser elegidas para que houvesse enfrentamento da evasão escolar.
9. Já a segunda etapa de aplicação do produto, conforme citado acima, possibilitou que todos: professores, alunos, equipe pedagógica, assistência estudantil e demais indivíduos envolvidos no processo educacional da instituição, ou de outras, pudessem ter acesso aos estudos contidos no manual, e assim chegando-se à ação que é tão necessária nesse combate. Só foi possível tornar o produto educacional totalmente disponível a toda comunidade, colocando publicamente na biblioteca, onde fica acessível a todos.
10. Ao fim da aplicação do produto educacional, foi solicitado que os elementos participantes da aplicação avaliassem, através de um questionário, a relevância do manual para o embate contra a evasão.

Em resposta ao item 9, supracitado, o produto educacional, foi colocado a disposição nas prateleiras da biblioteca para toda a comunidade escolar do IFPI – Parnaíba; conforme mostra a figura 16, a seguir:

Figura 16 – Produto educacional disponível na Biblioteca do *Campus*.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2019.

7.4 Avaliação do produto educacional

Após o processo de aplicação do produto Educacional, este foi submetido a avaliação acerca de sua relevância para o combate à evasão e fortalecimento do ensino técnico no IFPI Parnaíba.

Os participantes da avaliação foram cinco, sendo: um representante da gestão institucional, no caso diretor de ensino; um representante dos docentes; um representante dos alunos do ensino técnico, um representante do setor de coordenação pedagógica e um representante da assistência estudantil.

Todos, de forma unânime, afirmaram em uma curta entrevista avaliativa que o produto atendeu ao seu propósito de esclarecer o cenário de evasão do ensino técnico da instituição e que as ações elencadas são realmente ações que podem ajudar a diminuir o problema no campus de Parnaíba. Ressalta-se ainda uma parte da fala do discente durante avaliação: “(...) eu acho que essas ações aí realmente têm que ser botadas em pratica. E a pesquisa ela ainda vai contribuir muito porque a

gente nem sabia direito dessa realidade aqui no IFPI, então, quando todo mundo pensar direito nessa pesquisa, até levando pra sala de aula, eu digo assim, se todos os professores resolverem falar disso, desse trabalho na sala de aula, eu acho que vai melhorar a evasão, porque tá demais, a gente sente isso no técnico” (ALUNO PARTICIPANTE DA ETAPA DE AVALIAÇÃO, 2019).

8 METODOLOGIA

Este trabalho configurou-se como estudo de caso, pois, segundo Gil (2008) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. O objeto de estudo desta pesquisa foi a evasão escolar no ensino técnico do IFPI, na cidade de Parnaíba; em que tal instituição foi tomado como referência desse estudo, na tentativa de evidenciar como se caracterizava a evasão nos cursos de formação técnica e ainda delinear quais as estratégias que deveriam ser trabalhadas diante da problemática.

A pesquisa foi desenvolvida em natureza quali-quantitativa; sendo qualitativa no sentido de descrever a realidade da evasão, levando em consideração o perfil dos estudantes de curso técnico, bem como suas perspectivas, os pensamentos desses alunos e ainda identificando as necessidades e os passos para se enfrentar o fenômeno da evasão; tudo isso, rumo a uma proposta de intervenção no processo de ensino-aprendizagem dos cursos técnicos. A natureza quantitativa se deu no sentido de buscar compreender o número de alunos que se evadiam, o índice de evasão de cada curso técnico e ainda a comparação, em números, dos principais motivos/fatores que levam os alunos a não se manterem em seus cursos, perfazendo assim uma análise estatística dos dados.

Para a fundamentação dos dados, conceitos e ideias apresentados, foi utilizado a pesquisa Bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008). Certamente, toda investigação desenvolve-se baseada em informações adquiridas anteriormente por outros autores. Neste caso, abordou-se os trabalhos de Rosemary Dore, que é atualmente a pesquisadora brasileira que mais se destaca em relação à evasão em cursos técnicos; bem como utilizou-se como base, os trabalhos de: Ferreira (2011); Queiroz (2011); Martinho, Nunes e Minussi (2013); Diniz (2008); Portela (2013); Rosa (2017) e outros.

Um ponto importante a se destacar é que esta pesquisa esteve diretamente vinculada a um mestrado profissional, e que, (o pesquisador) enquanto integrante da realidade do IFPI – Parnaíba, existe nesta pesquisa a responsabilidade de não apenas gerar informações, mas sim, também transformação e intervenção. O intuito aqui elencado foi entender suas nuances e, por conseguinte, gerar mudanças no processo de ensino. Por isso, esta pesquisa se enquadrou como pesquisa ação, pois

é “um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2008, p.14).

Para se chegar aos objetivos elencados neste trabalho foi necessária a utilização de alguns instrumentos de pesquisa, como é o caso da pesquisa documental que “é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008). Pois, para a construção de um diagnóstico verdadeiro sobre a evasão na instituição a que nos propusemos investigar, foi necessário levantarmos todas as informações documentais quanto ao fenômeno da evasão. Foi de fundamental importância acompanhar o número de alunos que entraram e quantos desistiram; de preferência os documentos que os setores de assistência estudantil e o controle acadêmico possuíam sobre acompanhamento das situações de alunos, que pudessem justificar o rompimento de sua trajetória educacional. Nisso, houve inclusive análise de documentos de ações anteriores de acompanhamento sobre alunos evadidos e algumas tentativas de prevenção do problema.

Outro instrumento que foi utilizado nesta pesquisa foi a aplicação de questionários, pois acreditou-se que além de ser um excelente instrumento de coleta de dados, possibilitaria a nossa pesquisa obter respostas quanto as perspectivas dos alunos sobre os motivos que causavam evasão e os principais problemas enfrentados por eles. Por ser uma instituição de grande/médio porte, primeiro foi identificado o curso de ensino técnico do IFPI - Parnaíba com maior índice de evasão e em seguida o questionário foi aplicado com uma amostra de pelo menos metade do número de alunos da turma inicial; e como cada turma do IFPI – Parnaíba inicia com uma média de 40 alunos, portanto, a amostra deste trabalho foi de 20 alunos. O questionário abrangeu uma série de perguntas sobre as dificuldades e desafios que faziam eles, ou um de seus pares, pensarem em evadir ou efetivamente evadir-se.

E por fim, para que a pesquisa conseguisse ter uma maior amplitude de respostas e de concepções dentro da instituição, utilizou-se um outro instrumento de pesquisa destinado aos professores, à equipe de coordenação pedagógica, ao setor de assistência estudantil, e ao coordenador do referido curso técnico (identificado como sendo aquele com maior índice de saída de alunos da instituição); isso para

fosse possível conhecer a percepção destes em relação ao fenômeno da evasão e às ideias do que possivelmente poderiam ser canais de enfrentamento. Para isso foi desenvolvido uma entrevista semiestruturada com cada um desses elementos supracitados; sendo nesta entrevista, um misto de perguntas fechadas e perguntas abertas, possibilitando, tais profissionais, responderem o que se pedia na entrevista, mas que não se prendessem nas perguntas, e sim, que fossem além nas respostas.

Além dos demais participantes, acreditou-se que entrevistar os servidores dos setores de coordenação pedagógica e de assistência estudantil seria imprescindível para este trabalho, isso pelo fato desses setores terem profissionais que encaravam diretamente os problemas que ocorriam com os estudantes; e, exatamente por isso, foram ricos em informações, e certamente foram informações úteis para nossa pesquisa. Isso possibilitou a coleta de dados importantes para ajudar no diagnóstico. Por isso, alguns profissionais desses setores, foram ouvidos em entrevista semiestruturada, com perguntas organizadas de forma a coletar o máximo de informações sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos; e ainda sobre a perspectiva desses profissionais sobre os principais fatores de evasão no ensino técnico e, por fim, a perspectivas de tais profissionais sobre o que a instituição poderia/deveria fazer para combater a evasão.

Conforme foi diagnosticado nesta pesquisa, o curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente (Noturno) foi identificado como sendo o curso com maior índice de evasão, índice que condiz a 49,2%. Em síntese; isso significa que os sujeitos que foram selecionados a responderem ao questionário e a entrevista foram aqueles imediatamente relacionados a esta turma, que, conforme consulta ao setor de controle acadêmico, tinha um público estudantil de 25 alunos com idades entre 19 e 54 anos. Ressalta-se que todos os participantes da pesquisa eram maiores de idade.

Portanto, esta pesquisa teve seus instrumentos aplicados da seguinte forma e com o seguinte número de pessoas:

- aplicação de questionários com alunos - 20 pessoas;
- entrevista com professores - 10 pessoas;
- entrevista com o coordenador de curso - 1 pessoa;
- entrevista com equipe de coordenação pedagógica – 3 pessoas;
- e, entrevista com equipe de assistência estudantil – 2 pessoas.

CrITÉRIOS de inclusão e exclusão da amostra da pesquisa: Para o desenvolvimento desta pesquisa foi interessante estabelecer o perfil daqueles aptos e adequados a estarem participando do desenvolvimento deste trabalho. Nisso, estabeleceu-se os critérios de inclusão e exclusão.

CrITÉRIOS de inclusão:

O perfil de amostra dos indivíduos a participarem da pesquisa foi bem específico; exatamente pela especificidade do objetivo, pois conforme explicitado anteriormente, a pesquisa visou fazer um diagnóstico e propor uma intervenção no ensino da instituição, e assim foi tomado por base aquele curso identificado com maior índice de evasão. o curso já havia sido identificado, ressalta-se inclusive que os alunos desse curso eram todos maiores de idade. Portanto, poderiam participar: alunos, professores, coordenador e equipes relacionadas a este curso específico. Portanto, são estes os critérios de inclusão:

- Ser Aluno, professor ou coordenador do curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente (Noturno);
- Ou, ser membro da equipe de assistência estudantil ou da equipe de coordenação pedagógica da instituição.
- Ser maior de idade;
- Ter interesse em participar da pesquisa.

Os critérios de exclusão foram (não participariam da pesquisa):

- Alunos, professores, coordenadores e demais pessoas que sejam de curso diverso daquele que foi determinado como objeto de análise;
- Menores de idade;
- Pessoas que não tivessem tempo ou interesse em participar da pesquisa.

Metodologia de análise de dados:

Como a pesquisa teve uma abordagem quali-quantitativa e foi utilizado alguns instrumentos de pesquisa, no caso questionários e entrevistas; a análise dos dados ocorreu em duas perspectivas. A qualitativa que foi desenvolvida através da análise do conteúdo dos questionários e das entrevistas, em que se buscou desenvolver uma análise crítica sobre o significado dos dados, e principalmente procurando

compreender e interpretar os resultados dos instrumentos de pesquisa, analisando-se as respostas e gerando inferências e afirmativas; assim, a análise qualitativa se desenvolveu no sentido de permitir que fosse colocado em pauta as respostas dos indivíduos envolvidos e que assim foi possível analisar essas respostas e fazer afirmativas sobre a realidade do problema.

Já a análise quantitativa foi desenvolvida através de uma análise numérica e gráfica dos dados dos questionários e entrevistas em que se buscou demonstrar através de correlações e representações gráficas os principais problemas elencados na pesquisa como sendo aqueles causadores e contribuintes para a situação da evasão escolar. No caso, pretendeu-se colocar em gráfico as respostas elencadas através dos instrumentais de pesquisa, e assim facilitando a compreensão do leitor sobre o problema e os números da pesquisa.

Por fim, o trabalho visava também desenvolver um produto educacional como uma forma de propiciar mudanças no processo de ensino. Foi planejado um manual contendo basicamente os resultados deste trabalho; e assim foi feito, em que foi possível através do diagnóstico, estabelecer uma proposta de intervenção para o processo de ensino-aprendizagem do ensino técnico da instituição analisada, sobretudo, servindo também para outros cursos e instituições, que em situação análoga, sofram com os efeitos da evasão.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão escolar é um problema grave e de caráter nacional e que verdadeiramente está presente em quase todas as instituições de ensino do país. A educação profissional técnica de nível médio, embora experimentasse uma ampla expansão em seu número de vagas nos últimos anos, contudo, tem sofrido com o fenômeno da evasão escolar. De acordo com alguns autores como, por exemplo, Dore e Lüscher (2011), a evasão no ensino técnico tem sido algo deixado de lado, existindo nisso, uma intensa necessidade de se procurar saber quais as causas e os fatores que vêm causando esse problema no ensino técnico.

O IFPI - campus parnaíba completou no ano de 2018 apenas 10 anos de exercício, e apesar de ser um campus relativamente novo, enfrenta um problema secular que é a evasão escolar. Principalmente na realidade do ensino técnico. E, o problema entre outros é que não existia um estudo que diagnosticasse qual era os números exatos dessa evasão e nem propostas concretas para o enfrentamento.

O campus de parnaíba registrou no ensino técnico um índice de evasão de 33% nos anos de 2012 a 2017 e em análise em cada um dos cursos técnicos pôde-se fazer um levantamento numérico do índice específico de evasão de cada curso; em que foi possível constatar que um dos cursos técnicos chegava ao índice de 49,2% de evasão. Foi possível identificar na pesquisa que a evasão ocorria principalmente no formato técnico subsequente/concomitante; assim, a pesquisa analisou a concepção dos alunos, dos professores, da equipe de coordenação pedagógica, da equipe de assistentes sociais, e ainda do coordenador de curso técnico. Ouvindo todos esses elementos considerados estratégicos para pesquisa, foi possível além dos diagnósticos, construir o produto educacional, que foi desenvolvido como manual de combate à evasão. O mesmo trouxe a contextualização do problema e principalmente as ações consideradas necessárias para combater evasão na especificidade do campus de parnaíba.

O produto foi idealizado para servir a múltiplos interesses, de um lado servir de base para tomada de decisão na gestão Institucional, e, de outro a servir aos professores, alunos e toda a equipe institucional como meio para reflexão inclusive em sala de aula.

Chegou-se à conclusão de que as ações necessárias para enfrentar a evasão eram 13 no total, sendo: capacitação docente; disseminação e intensificação de

informações sobre os cursos técnicos, com foco nos alunos ingressantes; melhoria do transporte escolar; monitoria para os cursos técnicos da modalidade concomitante/subsequente; ampliação de política de assistência estudantil na forma de bolsas estudantis para alunos dos cursos técnicos concomitantes e subsequentes; disponibilidade de laboratório de informática em tempo integral para os alunos; mais aulas práticas no processo de ensino aprendizagem; motivação ao aluno; combate à evasão inicial; melhoria da infraestrutura do curso e da instituição; ampliação da oferta de estágio; disseminação do papel do IFPI – Parnaíba e comissão permanente.

Em síntese, foram respondidas as perguntas que se constituíram como problema e norte para esse trabalho (“afinal, qual é a realidade da evasão no IFPI-Parnaíba? E o que pode ser feito para enfrentar o problema?”); pois ao longo da pesquisa foi revelado a realidade da evasão, bem como se colocou em evidência as ações necessárias para que fosse/seja enfrentado o problema. Também foi possível alcançar o objetivo pretendido que era conforme descrito na introdução, diagnosticar quais os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico.

Além desses alcances, pode-se inferir que as contribuições deste trabalho foram ainda: o esclarecimento sobre a situação da evasão no ensino técnico, que antes se constituía uma incógnita na realidade da instituição; o aprofundamento de temas ainda pouco trabalhados no caso da evasão no ensino técnico, problemas relacionados a educação e sobretudo alguns esclarecimentos sobre a EPT – Educação Profissional e Tecnológica; indicação de ações para enfrentar a evasão no IFPI – Parnaíba, e que também podem servir para outras realidades institucionais; e, também de grande importância, a construção de um produto educacional numa abordagem contextualizada sobre o problema de forma que se possibilita utilizar tanto pela gestão institucional, como referencial para decisões futuras, quanto em sala de aula, em abordagem com os alunos para refletirem sobre a evasão escolar.

Embora intrínseco à problemática da evasão escolar; as questões de políticas educacionais e políticas públicas e a própria política de modo geral; não foram abordados de forma aprofundada ou amplamente sistematizada nesta pesquisa. O que deixa essa abordagem em aberto para trabalhos futuros destes ou de outros pesquisadores.

Além das 13 ações identificadas neste trabalho, essenciais para o enfrentamento à evasão, cabe destacar uma outra ideia que surgiu após a aplicação do produto educacional, e que se torna também aplicável e interessante nesse embate: a implantação/continuidade da “Semana Zero”, que seria uma espécie de acolhimento durante a semana inicial de aulas dos alunos ingressantes. Nesta ideia, a proposta seria levar os alunos a se familiarizarem com o ambiente institucional, envolvendo a apresentação de cada setor da instituição. Isso na intenção de criar de início um vínculo maior entre o aluno e o IFPI – campus Parnaíba, sendo assim, mais uma ferramenta de combate a evasão.

Recomenda-se que a gestão institucional do IFPI – Campus Parnaíba, através de seus diretores e equipe, possam acessar e levar em consideração os resultados e as informações contidas neste trabalho e no produto educacional resultante deste.

Por fim, é preciso reconhecer que esta pesquisa foi apenas o início de um percurso ainda extenso a se percorrer; visto que é um tema complexo e de muitas nuances, portanto, um assunto que merece melhores debates e mais aprofundamento. É uma problemática ainda carente de maiores investigações; por isso, propõe-se que outros pesquisadores possam dar continuidade ao tema deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ANDIFES/ABRUEM/SESu/MEC. Comissão Especial Sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. **Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas**. Brasília, 1996.

Brasil. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 10 de novembro. *Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm

Brasil. Decreto nº. 7.566, de 23 de setembro de 1909. Crêa nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional. Brasília, 1996.

Brasil. Ministério da Educação. Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. 2009. Recuperado em 20 novembro, 2016, em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Brasília, 2014.

DORE SOARES, Rosemary. **Ensino Técnico no Brasil: 90 anos de Escolas Técnicas Federais**. Universidade e sociedade (ANDES), Brasília, v.18, 1999.

DORE, R.; LÜSCHER, A. Z. **Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 772-789, set. 2011.

DINIZ, S. Saraiva. **Evasão escolar no ensino médio: causas intraescolares na visão dos alunos**. Dissertação (Mestrado). Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Carine-Saraiva-Diniz.pdf>. Acesso em: 17/10/2017

FERREIRA, Eliza Bartolozzi. **Ensino médio no Brasil: os desafios das políticas de garantia do direito a sua universalização**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 507-525, set./dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6243/5116>. Acesso em 18/12/2017.

FREITAS, Adelaide Lourença Gonçalves de. **O resgate social e o combate à evasão escolar por meio do esporte**. Brasília, 2007, p. 16. (Monografia Especialização em Esporte Escolar) Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/1381975927-Monografia_Adelaide_Lourenca.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GUDELHO, Clefra Vieira. **Acompanhamento da permanência dos estudantes no IFPI: dados preliminares no nível médio do Campus Parnaíba**. XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Natal: ABEPS, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE-Brasil em Síntese-Piauí – Parnaíba - Panorama**. Brasil, 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

IFPI, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2010/2014**. Teresina: IFPI, 2010.

IFPI, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2015/2019**. Instituto Federal de Educação Ciência E Tecnologia do Piauí. Teresina: IFPI, 2014.

IFPI, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Resolução nº 88/2016 - conselho superior. **Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para Superação da Evasão e Retenção**. Teresina: IFPI, 2016.

IFPI, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. **Nossos Campi**. 2019. Disponível em: <<http://libra.ifpi.edu.br/a-instituicao/campi>> Acesso em 04 nov 2018.

IFPI, Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. **Notícias**. 2019. Disponível em: <[http:// libra.ifpi.edu.br/noticias/ifpi-e-destaque-nos-resultados-do-enem-2018/view](http://libra.ifpi.edu.br/noticias/ifpi-e-destaque-nos-resultados-do-enem-2018/view)> Acesso em 26 nov 2018.

JUCÁ, Sandro Cezar Silveira et al. **Acesso, permanência e êxito no Ensino Superior: análise do desempenho acadêmico e da evasão de estudantes no IFCE**, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1170>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

JUCÁ, Sandro Cezar Silveira et al. **Educação para o trabalho: a Escola de Aprendizizes Artífices do Ceará**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34813>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

Kuenzer, A. Z. (org.) (2007). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez.

LEITE, Francisca Fátima de. **Os fatores motivadores da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Caminho do Aprender no**

município de Grajaú-MA. TCC de Especialização em 'Psicologia da Educação. Universidade Estadual do Maranhão. Grajaú, 2016.

MARTINHO, V. R.; NUNES, Clodoaldo; MINUSSI, Carlos Roberto. **Predição do grupo de risco de evasão discente em cursos superiores presenciais utilizando uma rede neural ARTMAP-Fuzzy.** In: Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia - COBENGE. 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas.** Brasília: MEC, 1996.

PORTELA, S. **Evasão ou retenção?.** In: ABMESeduca.com. São Paulo, 2013.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar:** para se pensar na inclusão escolar. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anpad)., v. 3, 2011.

MEC. **Rede Federal de educação profissional, científica e tecnológica.** (2018). Disponível em: <http://redefederal.mec.gov.br/instituicoes>. Acesso: 03 Out. 2018.

ROSA, Alcemir Horácio. **Formar para a vida ou para o mercado, “eis a questão”:** um olhar profundo sobre a formação profissional ofertada pelo instituto federal do piaui. IN:V encontro internacional trabalho e perspectiva de formação dos trabalhadores, Fortaleza, CE. 2017.

ROSA, Alcemir Horácio; LEITE, Kátia Cristina Tofoli. **O empreendedorismo e a inovação como ferramentas de controle da evasão.** p 303 – 324. In: MELO, Auristela do Nascimento; LEITE, Kátia Cristina Tofoli. (Orgs.). Gestão estratégica de pessoas [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

SALES, P. E. N.; CASTRO, T. L.; DORE, R. **Educação profissional e evasão escolar:** estudo e resultado parcial de pesquisa sobre a rede federal de educação profissional e tecnológica de Minas Gerais. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E EVASÃO ESCOLAR, 3., 2013, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Rimepes, 2013.

SALES, Paula Elizabeth Nogueira e OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Políticas de educação profissional no Brasil: trajetórias, impasses e perspectivas.** In: _____. Cultura, saberes e práticas: memórias e histórias da Educação Profissional. São Paulo: Centro Paulo Sousa, 2011.

SILVA, M. R.; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, A. A. **Juventude, escola e trabalho:** permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. Educação e Pesquisa, São Paulo, Nov.2012.

SILVA, Tadeu Lucena. **Baixa taxa de conclusão dos cursos técnicos da Rede Federal EPT: uma proposta de intervenção.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba.

Mestrando: Alcemir Horacio Rosa

Orientador: Dr. Francisco Jose Alves de Aquino

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Esta pesquisa tem o intuito de diagnosticar quais os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição. E neste objetivo faz-se necessário identificar o perfil dos estudantes de curso técnico, suas perspectivas, bem como investigar o que os alunos, professores, coordenadores de cursos e a equipe Pedagogia e de assistência estudantil pensam sobre as necessidades e os passos para uma educação que vá contra o fenômeno da evasão e rumo a uma proposta de intervenção no processo de ensino-aprendizagem dos cursos técnicos.

Os questionários e entrevistas desenvolvidos, fazem parte de uma pesquisa-ação desenvolvida no âmbito do curso de Pós-Graduação em nível de mestrado do Programa PROFEPT – mestrado profissional em educação profissional e tecnológica do IFCE.

É de suma importância sua participação para que esta pesquisa se efetive, pois, somente com suas informações será possível desenvolver um correto diagnóstico do fenômeno da evasão, e somente assim, será possível, ter uma base de dados que direcione esta pesquisa rumo a intervenção no ensino técnico.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a responder:

- No caso de alunos: um questionário contendo algumas questões a serem respondidas, tendo um total de até 15 minutos para respondê-lo.

- No caso de Professores, coordenador de curso, integrantes da coordenação pedagógica e equipe de assistência estudantil: uma entrevista semiestruturada, onde serão gravadas as perguntas e respostas, e ficarão armazenadas com o pesquisador de forma sigilosa. O entrevistado terá um tempo total de até 20 minutos para responder a todas as questões.

Ressalta-se ainda que o respondente tem a total liberdade de recusar a participação ou de interromper a participação a qualquer momento, e ainda de responder a tudo que é solicitado ou apenas em parte se assim achar melhor.

Critérios de inclusão:

O perfil para participar desta pesquisa são bem específicos, pois a proposta é identificar o curso com maior índice de evasão e em seguida trabalhar com os indivíduos desta realidade. São estes os critérios de inclusão:

- Ser Aluno, professor ou coordenador do curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente (Noturno);
- Ou, ser membro da equipe de assistência estudantil ou da equipe de coordenação pedagógica da instituição.
- Ser maior de idade;
- Ter interesse em participar da pesquisa.

Critérios de exclusão:

Não participarão da pesquisa:

- Alunos, professores, coordenadores e demais pessoas que sejam de curso diverso d'aquela que foi determinado como objeto de análise – no caso, curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente (Noturno);
- Menores de idade
- Pessoas que não tenham interesse em participar da pesquisa.

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo se por algum motivo sentir algum desconforto em responder as perguntas.

Os riscos advindos desta pesquisa são considerados mínimos, pois trata-se de uma pesquisa com a intenção de compreender o que você acredita acerca de

assuntos tão somente relacionados as nuances da educação ofertada pelo IFPI-Parnaíba. Mesmo sendo mínimos, são riscos: a invasão de privacidade sobre a vida educacional e a tomada do tempo ao responder ao questionário/entrevista.

Sobretudo, serão tomadas iniciativas para tornar a pesquisa sem os efeitos dos riscos supracitados, entre estas medidas está o fato do esclarecimento de quaisquer dúvidas a qualquer momento, bem como o acesso ao projeto da pesquisa se assim for solicitado, e ainda o esclarecimento da não obrigatoriedade em participar desta pesquisa e seu direito de a qualquer momento encerrar sua participação, além do zelo pelo sigilo de sua identidade.

Benefícios:

A instituição irá conhecer as especificidades de um problema grave e antigo por qual ela passa, mas que até então não se tem estudos e nem pesquisas que deem a esta instituição os dados e informações necessários para o estabelecimento de estratégias que sejam realmente efetivas contra a evasão escolar.

Serão levantados os dados que permitirão a instituição conhecer os principais fatores que contribuem para a problemática. Assim, será desenvolvido conhecimento e acima de tudo, base para o desenvolvimento de ações interventivas na problemática da evasão.

A aplicação do questionário e entrevistas, visam a construção de um diagnóstico sobre a situação institucional do IFPI-Parnaíba, com um objetivo maior de fundamentar proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição.

Acompanhamento e assistência:

O participante terá a qualquer momento, antes, durante ou depois da participação na pesquisa o acesso tanto ao projeto, quanto as informações sobre o desenvolvimento da pesquisa. E ainda, o participante terá sempre assistência em dúvidas ou esclarecimentos, sobretudo, porque o pesquisador faz parte do quadro permanente da instituição e estará regularmente presente na instituição, disponível para receber ou responder e tirar suas dúvidas ou prestar a devida assistência.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

Você terá direito à indenização e ao ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de danos ou prejuízos decorrentes de algum dano resultante de sua participação na pesquisa, nos termos da Lei.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador Alcemir Horácio Rosa, telefone: 086 994839792, e-mail: alcemirhoracio@ifpi.edu.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs às 17:00hs no IFCE Reitoria - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: cep@ifce.edu.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do(a) participante:

Contato telefônico (opcional):

e-mail (opcional):

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: ____/____/____.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Nome do(a) pesquisador(a):

ALCEMIR HORACIO ROSA

Data: ____/____/____.

APÊNDICE B:
QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO IFPI – CAMPUS PARNÁIBA

Nome	Curso
------	-------

1-VOCÊ TRABALHA: a) () Sim b) () Não

2- A FAIXA SALARIAL DE SUA FAMÍLIA É DE:

- a) () Até um salário mínimo
- b) () Entre um e dois salários mínimos
- c) () Entre três e cinco salários mínimos
- d) () Mais de cinco salários mínimos.

3- TODA OU MAIOR PARTE DE SUA VIDA ESTUDANTIL FOI EM ESCOLA:

- a) Publica: () b) Privada ()

4- O QUE LEVOU VOCÊ A ESCOLHER O CURSO TÉCNICO QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

- a) () Vontade de adquirir novos conhecimentos
- b) () Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
- c) () Influencia dos pais, e amigos;
- d) () Porque era o Menos concorrido;
- e) () Porque já atua na área;
- f) () Para dar continuidade aos estudos
- g) () Para preencher tempo vazio
- h) Outros motivo:

5-VOCÊ PRETENDE CONTINUAR OS ESTUDOS APÓS CONCLUIR O CURSO TECNICO?

- a) () Sim b) () Não

6 - NO MOMENTO DE ESCOLHER ESTE CURSO, VOCÊ TEVE DUVIDA, ENTRE ESTE E OUTRO CURSO?

A - Sim () B - Não ()

7- VOCÊ ESTÁ SATISFEITO COM O CURSO?

A-Sim () B-Não (), se esta for a resposta, responda porque?

- a) () Estrutura / conteúdo do curso do curso não atende as minhas expectativas
- b) () Falta de infra estrutura
- c) () distancia da instituição e dificuldade de acesso (transporte, locomoção)
- d) () professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam.
- e) () Não satisfação com o meu rendimento escolar
- f) () Horários – incompatibilidade do horário do curso com o horário de outras atividades.
- g) () Outros

8- VOCÊ JÁ PENSOU EM ABANDONAR O CURSO TÉCNICO?

A- () Sim B- () Não

9- EM SUA OPINIÃO, QUEM É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PARA QUE A EVASÃO ESCOLAR NÃO ACONTEÇA:

A-() A instituição de ensino

B-()A família do estudante

C-()O próprio estudante

D-()Professores

E-()outros_____

10- COMO VOCE SE AVALIA COMO ALUNO?

a) () Ruim b) () regular c) () bom d) ()Ótimo

11- COMO VOCÊ AVALIA OS PROFESSORES DA INSTITUIÇÃO?

a) () Ruim b) () regular c) () bom d) ()Ótimo

12- VOCÊ ACREDITA QUE AS AÇÕES DOS PROFESSORES FAZEM DIFERENÇA PARA AUMENTAR OU DIMINUIR A EVASÃO ESCOLAR?

A) () Sim

B) () não

13- NA SUA OPNIÃO QUAL/ QUAIS O(S) PRINCIPAL(IS) MOTIVO(S) QUE TEM LEVADO OS ALUNOS A EVADIEM-SE DO CURSO TECNICO QUE VOCÊ FAZ PARTE?

14-O QUE A INSTITUIÇÃO PODE FAZER PARA INCENTIVAR O ALUNO A PERMANECER NO CURSO? APRESENTE PROPOSTAS.

15- NA SUA OPNIÃO, COMO A INSTITUIÇÃO DEVE COMBATER A EVASÃO ESCOLAR?

APÊNDICE C:
ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – PROFESSORES,
COORDENADOR (ES) DE CURSO, COORDENAÇÃO PEDAGOGIA E
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – PROFESSORES, COORDENADOR (ES) DE
CURSO, COORDENAÇÃO PEDAGOGIA E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DO IFPI –
CAMPUS PARNAÍBA.

Data: _____

Nome: _____

Etapas:

A - Introdução (até 5min) apresentação da pesquisa e do pesquisador, e sobre o objetivo da entrevista.

B - Identificação do entrevistado: (até 5min) Idade, cargo/função, formação, tempo de serviço.

C – Respostas às Questões: (até 20min)

VINCULO INSTITUCIONAL:

Professor ()

Coordenador De Curso ()

Coordenação Pedagogia ()

Assistência Estudantil ()

Idade _____ Cargo _____

Formação _____ Tempo De Serviço _____

1- Em sua opinião, a evasão vem se constituindo um problema no IFPI – Parnaíba? porque?

2- Em sua opinião quais são os principais fatores que levam a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI - Parnaíba?

3 - Você acredita ser possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba? e na sua opinião quais ações são necessárias para diminuir a evasão escolar? dê ideias.

4- Em sua opinião, quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça? porque?

a-() a instituição de ensino

b-() a família do estudante

c-() o próprio estudante

d-() o professor

e () outro: _____

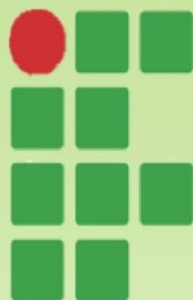
5- Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

6 - Com base em sua experiência profissional, quais são as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI- Parnaíba? qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão?

7- O que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso técnico? apresente propostas.

APÊNDICE D:

O PRODUTO EDUCACIONAL



MANUAL DE COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI – PARNAÍBA

Diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico.

ALCEMIR HORÁCIO ROSA
FRANCISCO JOSÉ ALVES DE AQUINO
2019



MANUAL DE COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI – PARNAÍBA

*Diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino
técnico.*

Catálogo na publicação

R788m	Rosa, Alcemir Horácio Manual de combate a evasão no ensino técnico do IFPI – Parnaíba: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico / Alcemir Horácio Rosa. Francisco José Alves de Aquino. – Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019. 84p.: il. Este manual faz parte da Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Ceará, 2019. 1.Educação. 2.Evasão escolar. 3. Cursos técnicos – IFPI/Campus Parnaíba. I. Aquino, Francisco José Alves de. II. Título. CDD:370
-------	--

Bibliotecária responsável:

Micheline Angélica Aragão Gouveia CRB 3/1244

APRESENTAÇÃO

Este manual é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na área de educação profissional e tecnológica, em que a pesquisa trouxe o tema “*ECOS DA EPT - A evasão escolar nos cursos TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba*”; de 2019, e conforme já indicado no tema, o recorte do estudo foi a evasão no ensino técnico do campus do IF - Parnaíba. No entanto, acreditou-se, que apenas desenvolver a pesquisa não era suficiente para melhorar a situação de um problema identificado, e para isso, houve-se a intenção de propor intervenções na instituição pesquisada. Sendo assim, este manual foi idealizado como meio para a intervenção planejada. O trabalho de pesquisa estudou a realidade do campus de Parnaíba, onde verificou-se que embora se constitua como uma instituição de qualidade, com estrutura adequada e professores capacitados; convive (assim como muitas outras instituições) com a realidade de evasão escolar. Acreditando ser possível diminuir a evasão, a pesquisa trouxe como proposta este manual na condição de conter o diagnóstico e também as ações necessárias a serem tomadas. É um documento orientador e norteador de ideias que podem encaminhar rumo a reflexões e ações.

A evasão escolar é verdadeiramente uma questão multidisciplinar; por isso, este material é recomendado para ser utilizado pela gestão institucional, pelos setores responsáveis por capacitação de servidores e por demais atividades em ações educativas; e, ainda, é um material indicado para ser usado pelos professores em sala de aula para refletirem junto aos alunos sobre o problema e suas nuances.

Este manual foi desenvolvido com o intuito de servir, portanto, de base e referencial a múltiplos objetivos, sendo: A) um estudo para ser levado em consideração nas tomadas de decisões dos gestores educacionais/institucionais da comunidade acadêmica do IFPI-Parnaíba, isso, pelo fato de trazer em seu conteúdo diagnósticos, ideias e ações de intervenção no problema abordado; B) um estudo a ser levado pra sala de aula, pois contempla um assunto atual e que precisa ser discutido abertamente entre docentes e discentes, precisa-se colocar em pauta de forma interdisciplinar as temáticas dos problemas educacionais e das ações de permanência e êxito da vida estudantil, numa relação dialógica professor-aluno; e , C) o manual constitui-se ainda, em um estudo importante para se trabalhar a formação docente e de demais servidores, trazendo para os colaboradores da comunidade acadêmica, enquanto elos entre instituição e alunos, o conhecimento da realidade e das ações a serem tomadas.

O Campus de Parnaíba, é uma instituição pluridisciplinar, e trabalha com os vários níveis e modalidades de ensino; nisso, o estudo traz o viés de tratar especificamente da realidade do ensino técnico. Abordando as suas especificidades, os números dessa evasão, identificando o que os elementos envolvidos nesta realidade acreditavam acerca do problema, dos causadores e também das ações necessárias para se buscar diminuir a evasão escolar.

Assim, se constitui este manual; um documento de múltiplos objetivos, e que traz um diagnóstico do problema baseado na percepção dos alunos, dos professores e dos demais setores envolvidos diretamente com o processo de ensino aprendizagem do ensino técnico; assim como traz também ideias e ações de intervenção propostas pelos mesmos elementos supracitados.

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	02
2 IDENTIDADE INSTITUCIONAL DO IFPI - CAMPUS PARNÁIBA.....	06
3 OBJETIVOS	08
4 BASE CONCEITUAL E FUNDAMENTOS.....	09
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	10
6 DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO DA EVASÃO TÉCNICA DO IFPI - PARNÁIBA ...	11
6.1 Diagnóstico Quantitativo/ Índice de evasão	11
6.1.1 Índice Geral de evasão do ensino técnico do Campus Parnaíba.....	12
6.1.2 Índice de evasão específico dos cursos técnicos do IF – Parnaíba.....	13
7 DIAGNÓSTICO QUALITATIVO – causas da evasão Técnica do IFPI-Parnaíba.....	16
7.1 Concepção dos Alunos.....	16
7.1.1 Perfil dos Alunos respondentes da pesquisa.....	16
7.1.2 Satisfação dos alunos com o curso técnico.....	22
7.1.3. Os alunos pensam em deixar o curso técnico?	25
7.1.4 como os alunos avaliam a si, aos professores e as ações dos professores:	27
7.1.5 Principais Fatores da evasão no (s) curso (s) técnico do campus Parnaíba.....	29
7.2 Concepção dos professores.....	32
7.2.1 Concepção dos professores sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	32
7.2.2 Concepção dos professores sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	34
7.2.3 Concepções dos professores sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	36
7.2.4 Concepção dos professores sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?.....	38
7.2.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?	41
7.2.6 Concepção dos professores sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	43
7.3 Concepção da equipe de coordenação pedagógica	46
7.3.1 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.	46
7.3.2 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.	46
7.3.3 Concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	47
7.3.4 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre o principal responsável para que a evasão na aconteça?.....	48
7.3.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?... ..	50

7.3.6 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....51

7.4 Concepção da equipe de assistência estudantil.....	52
7.4.1 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	52
7.4.2 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	53
7.4.3 Concepções da equipe de assistência estudantil sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	54
7.4.4 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?	55
7.4.5. Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?	56
7.4.6 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	58

7.5 Concepção da Coordenação de curso técnico.....	59
7.5.1 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.....	59
7.5.2 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.....	59
7.5.3 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.....	60
7.5.4 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?.....	61
7.5.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?.....	62
7.5.6 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.....	62

8 PROPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	64
8.1 Proposta dos ALUNOS	64
8.2 Propostas dos PROFESSORES.....	70
8.3 Propostas da equipe de coordenação pedagógica.....	75
8.4 Proposta da equipe de assistência estudantil.....	76
8.5 Proposta da coordenação de curso.....	78

9 PROPOSTAS PARA O COMBATE À EVASÃO E O FORTALECIMENTO DO ENSINO TÉCNICO DO IFPI - PARNÁIBA.....	79
--	----

2 IDENTIDADE INSTITUCIONAL DO IFPI - CAMPUS PARNAÍBA

O Campus de Parnaíba do Instituto Federal está localizado na cidade de Parnaíba; que é a segunda maior cidade do estado do Piauí e é também a principal cidade de toda a microrregião do litoral Piauiense. A cidade fica numa localização ao norte do Estado e é bastante reconhecida pelo turismo, pela sua culinária e pela fronteira turística que faz com os estados do Ceará e do Maranhão; é reconhecida também como a capital do Delta. Fica a uma distância de 318 km de Teresina, capital do Estado é uma região de exuberantes paisagens, de muitas praias e de uma beleza natural distinta.

Imagem 1 – localização de Parnaíba



Fonte: Wikipédia, 2018¹.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPI, PDI de 2010; O campus do IFPI - Parnaíba surgiu em 2007 através de um processo de interiorização institucional iniciado em 2006. Sendo que na época ainda se denominava CEFET-PI. Esse processo de interiorização, iniciou-se pela cidade de Floriano e, posteriormente, chegando em Picos e Parnaíba. (IFPI, 2010).

¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parna%C3%ADba>.

No início dos anos 2000, o antigo CEFET-PI estava vivenciando um processo de expansão; era uma resposta ao momento de amplo desenvolvimento econômico do país. O CEFET-PI tinha a intenção de expandir a sua rede de oferta de educação profissional e tecnológica através do interior do Estado. O contexto da criação do Campus de Parnaíba, na época, era de uma população carente por escolarização e essa carência poderia ser minimizada através de oportunidades de formação profissional; sendo uma cidade com grandes potenciais de recursos naturais, de turismo, de serviços e ainda de agricultura. Sobre tudo, essa preocupação com a cidade, se dava também pela questão do fator populacional, pois era, e permanece sendo, a segunda maior cidade do estado em número de habitantes. Nisso, Parnaíba tornou-se nos anos 2000, atrativa para o processo de expansão da rede Federal (IFPI, 2010).

Essa expansão chegou à cidade de Parnaíba no ano de 2007, em formato de UNED – Unidades Educacionais Descentralizadas. Ainda de acordo com o PDI do Instituto, (IFPI, 2010), até o ano de 2009, a UNED - Parnaíba (campus de Parnaíba) tinha a seguinte estrutura de oferta de cursos: 2 cursos na área de licenciatura, nas áreas de química e física; 7 cursos na área técnica, sendo 3 cursos no formato técnico integrado nas áreas de informática, edificações e eletrotécnica; e ainda, oferecendo 4 cursos na modalidade técnico subsequente nas áreas de administração, informática, edificações e eletrotécnica; e, 1 curso EJA na área de informática.

Foi em 2008 que o governo federal resolveu criar a Rede Federal de Educação profissional, científica e tecnológica, havendo junto com essa criação a transformação de 38 unidades de CEFET's em todo país em IF's - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Assim, com a transformação do CEFET-PI em Instituto Federal; a UNED - Parnaíba transformou-se, conseqüentemente, em **campus de Parnaíba**, como se conhece atualmente.

Em 2019, a atual oferta de cursos do IFPI - campus Parnaíba é:

- 2 cursos superiores de licenciatura: Física e Química;
- 1 curso superior de tecnologia em Processos gerenciais;
- 3 cursos de ensino técnico integrado: Edificações, eletrotécnica e Informática; e,
- 4 cursos técnico concomitante/subsequente: Administração, Edificações, eletrotécnica e Informática.

3 OBJETIVOS

Os objetivos deste manual junto à comunidade acadêmica do IFPI – Parnaíba é servir de base e referencial:

- Para as tomadas de decisões dos gestores educacionais/institucionais da comunidade acadêmica do IFPI-Parnaíba, isso, pelo fato de trazer em seu conteúdo diagnósticos, ideias e ações de intervenção no problema abordado;
- Para ser levado para a sala de aula, pois contempla um assunto atual e que precisa ser discutido abertamente entre docentes e discentes, precisa-se colocar em pauta de forma interdisciplinar as temáticas dos problemas educacionais e das ações de permanência e êxito da vida estudantil, numa relação dialógica professor-aluno; e,
- Para se trabalhar a formação docente e de demais servidores, trazendo para os colaboradores da comunidade acadêmica, enquanto eles entre instituição e alunos, o conhecimento da realidade e das ações a serem tomadas.

4 BASE CONCEITUAL E FUNDAMENTOS

O direito à educação é algo que está fundamentado na Constituição Federal de 1988; em que a educação é estabelecida como um direito fundamental e que deve ser garantido a todo cidadão (BRASIL, 1998).

A educação profissional técnica de nível médio, além de fundamentada pela constituição, também está embasada na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da educação (1996), em que estabelece que todo cidadão tem o direito a educação, apontando para isso a garantia do padrão de qualidade educacional, a vinculação entre a educação escolar o trabalho e as práticas sociais; e ainda a igualdade de condições para o acesso e a permanência do aluno na escola (BRASIL, 1996).

O problema da evasão escolar enfrentado pelo ensino, e assim também, pelo ensino técnico, pode ser conceituado como um problema educacional em que os alunos frequentam a sala de aula por algum período e depois deixam de comparecer as aulas, e assim gerando um abandono da vaga escolar (SILVA, 2013). Já na concepção de Klein (2008) in Diniz (2015), "A evasão ocorre quando o aluno matriculado em determinada série, em determinado ano letivo, não renova sua matrícula para o ano seguinte, independentemente se foi aprovado ou retido" (KLEIN, 2008 apud DINIZ, 2008 p 20).

A evasão é um problema grave para a educação em todas as esferas, e vem se agravando na rede federal, pois de acordo com Silva (2013) a rede federal recebe milhares de matrículas; no entanto, menos de 40% dos estudantes conseguem concluir o curso e ainda de acordo com estudo realizado sobre os institutos federais, o IFPI está entre as três instituições com as piores taxas de conclusão da região nordeste. Portanto, ressalta-se que embora o IFPI mantenha um ensino de qualidade com bons resultados e uma estrutura inigualável; este também enfrenta a realidade da evasão escolar.

O presente trabalho também se embasa em um importante documento lançado em 2014 pelo Ministério da educação, em que classifica os fatores da evasão em 3 categorias: Fatores externos, internos e fatores individuais dos alunos, e retrata as experiências com o combate à evasão (BRASIL, 2014).

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O enfoque da pesquisa foi o ensino técnico, e a partir disso, estabeleceu-se um estudo quali-quantitativo, de forma que se colocou como estratégia inicial fazer um balanço numérico da evasão em cada curso técnico, estabelecendo um período de análise de 5 anos, sendo de 2017 (ano inicial da pesquisa) até 5 anos anteriores; portanto, estabelecendo-se como período de análise os anos compreendidos entre 2012 a 2017.

A partir desta análise supracitada, o próximo passo foi estabelecer um índice de evasão dos cursos técnicos. Pois assim, seria possível, demonstrar a comunidade acadêmica os números exatos e quais os cursos que necessitavam de maior atenção, sendo assim, um canal de compreensão de quais cursos precisam, com maior ou menor urgência, serem alvos de ações de intervenção.

Na impossibilidade de trabalhar com todos os cursos, por questões do tempo de pesquisa e por outras questões, estabeleceu-se a estratégia de identificar aquele curso com maior índice de evasão e buscar trabalhar com a investigação de todos os elementos envolvidos no curso, desde os próprios alunos, até professores, coordenador, e equipes de coordenação pedagógica e de assistência estudantil. Para isso, desenvolveu-se alguns instrumentos fundamentais para o recrutamento de informações das quais o trabalho necessitava para propor as intervenções. Sendo assim, foi aplicado questionários para os alunos e entrevistas para os demais sujeitos da investigação, e assim os instrumentos foram aplicados da seguinte forma e com o seguinte número de pessoas:

- aplicação de questionários com alunos - 20 pessoas;
- entrevista com professores - 10 pessoas;
- entrevista com o coordenador de curso - 1 pessoa;
- entrevista com equipe de coordenação pedagógica – 3 pessoas;
- e, entrevista com equipe de assistência estudantil – 2 pessoas.

E para que a pesquisa não ficasse apenas no diagnóstico, a estratégia de intervenção foi planejada para se encorpar em um manual com todos os elementos constitutivos dos diagnósticos, mas também com as proposições de ações de intervenção desenvolvidas através da pesquisa.

6 DIAGNÓSTICO DA EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI - PARNÁIBA

6.1 Diagnóstico Quantitativo/ Índice de evasão

O diagnóstico quantitativo foi desenvolvido através de uma análise em um período específico de 5 anos, de 2012 a 2017; e para deixar a pesquisa mais clara, colocou-se em pauta o histórico de ingresso de alunos, o número de alunos evadidos por cada curso e por ano, e assim obtendo-se o índice de evasão. Obteve-se os seguintes resultados:

Inicialmente, foi identificado o número de alunos ingressantes em cada ano e em cada curso técnico.

Quadro 1: Histórico de ingresso de alunos 2013 a 2017

QUANTIDADE DE ALUNOS INGRESSANTES POR CURSO/ANO										
CURSO	2013 .1	2014 .1	2014 .2	2015 .1	2015 .2	2016 .1	2016 .2	2017 .1	2017 .2	
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	31	34		40		40		40		
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	30	32		31		33		39		
Técnico Integrado ao Médio em Informática	31	34		33		40		40		
Técnico Concomitante/Subsequente em Administração	40	38	40	40	46	40	38	50	41	
Técnico Concomitante/Subsequente em Edificações	40	40		40		40		41		
Técnico Concomitante/Subsequente em Eletrotécnica	40	40		40		40		40		
Técnico Concomitante/Subsequente em Informática		37		38		40		40	40	

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Através do histórico de alunos ingressantes no ensino técnico, quadro 1, é possível verificar que ao longo de 5 anos, o IFPI – Campus Parnaíba recebeu exatos 1.497 novos alunos. O ingresso de alunos foi maior na modalidade técnico Concomitante/Subsequente, onde ao longo de todo período ingressaram

exatos 969 alunos, ao contrário da modalidade técnico Integrado ao Médio, que ofertou pouco mais da metade, 528 alunos.

NUMERO DE EVASÃO POR CURSO E POR ANO. Partiu-se para a análise do número de evasão de cada curso, por ano. Nisso, teve-se:

Quadro 2: Evasão por curso no período de 2013 a 2017.

QUANTIDADE DE ALUNOS EVADIDOS POR CURSO/ANO IFPI - PARNAÍBA										
CURSO	2013 .1	2014 .1	2014 .2	2015 .1	2015 .2	2016 .1	2016 .2	2017 .1	2017 .2	
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	27	15		2						
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	28	11		6				1		
Técnico Integrado ao Médio em Informática	9	10		13						
Técnico Concomitante/Subsequente em Administração	17	17	11	23	3		10	7	3	
Técnico Concomitante/Subsequente em Edificações	21	17	7	26		1		26	1	
Técnico Concomitante/Subsequente em Eletrotécnica	16	28	10	16				7	6	
Técnico Concomitante/Subsequente em Informática		23	4	24			1	20	6	

Fonte: desenvolvido pelo autor.

Evidenciou-se que no período de 2013 a 2017, foram exatos 473 alunos que abandonaram o curso técnico. Uma média de evasão de 94 alunos por ano.

6.1.1 Índice Geral de evasão do ensino técnico do Campus Parnaíba

Para se chegar ao índice geral de evasão dos cursos técnicos do IFPI Parnaíba, isso envolvendo todas os formatos; tanto os integrados, concomitantes como também os subsequentes, foi possível utilizar o total de ingressantes do período - 1.497 alunos – e calcular quantos por cento desse valor corresponde o número de alunos evadidos - 473 alunos. O gráfico a seguir

revela, portanto, o índice geral de evasão dos cursos técnicos do Campus Parnaíba.

Gráfico 1: Visão geral da evasão no IFPI -Parnaíba



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Constatou-se que no período de 2012 a 2017, houve 33% de evasão dos alunos do ensino técnico.

6.1.2 Índice de evasão específico dos cursos técnicos do IF - Parnaíba

Foi pautado na pesquisa a necessidade de se desenvolver uma escala com os índices de evasão dos cursos técnicos do campus, isso para que os elementos da comunidade escolar, principalmente a gestão, tenham o conhecimento correto desses índices e em cima desses dados possam estabelecer estratégias dando prioridade aqueles cursos que demonstrem maior índice. E para desenvolver o cálculo dos índices, foi utilizado um cálculo simples em relação a cada um dos cursos, sendo o número de ingressantes e respectivamente o número de alunos evadidos no período de 5 anos. Sendo assim:

Quadro 3: índice de evasão dos cursos técnicos

ÍNDICE DE EVASÃO - INGRESSANTES X EVADIDOS POR CURSO/ ÚLTIMOS 5 ANOS (2013 A 2017) NO IFPI - PARNAÍBA			
CURSO	INGRESSANTES	EVADIDOS	ÍNDICE DE EVASÃO %
Técnico Integrado ao Médio em Edificações	185	44	23,7
Técnico Integrado ao Médio em Eletrotécnica	165	46	27,8

Técnico Integrado ao Médio em Informática	178	32	17,9
Técnico Concomitante/Subsequente em Administração	373	91	24,3
Técnico Concomitante/Subsequente em Edificações	201	99	49,2
Técnico Concomitante/Subsequente em Eletrotécnica	200	83	41,5
Técnico Concomitante/Subsequente em Informática	195	78	40

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A pesquisa tratou de fazer essa relação com os índices individuais de evasão de cada curso, porque somente assim, seria possível compreender onde a evasão tem ocorrido com maior ou menor intensidade, e isso é importante, porque a medida que é aplicada a uma realidade nem sempre é indicada em outra, então, cada realidade exige uma medida e uma ação diferenciada. E para melhor visualização da situação de cada curso, recomenda-se a observação do gráfico a seguir.

Gráfico 2: índice de evasão por curso



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Este manual, até aqui, possibilitou fazer as seguintes inferências para a comunidade do IFPI-Parnaíba:

- O número geral de evasão, somando-se todos os cursos e todos os formatos de cursos técnicos, correspondem a 33% da quantidade de alunos que ingressaram nos últimos 5 anos.
- Já o número geral de permanência corresponde a 67% dos ingressos.
- Entre o formato de educação técnica integral e o formato subsequente/concomitante, a evasão ocorre com mais intensidade nos cursos técnicos concomitante/subsequente.
- A variação do índice de evasão é bem expressiva, passando de 17,9% (Técnico integrado em informática) até os 49,2 % (Técnico concomitante/subsequente em edificações).
- Identifica-se que o curso técnico em Edificações na modalidade concomitante/subsequente teve um índice de evasão de 49,2%, ou seja, dos 201 alunos que ingressaram de 2013 a 2017, 99 alunos abandonaram o curso.

7 DIAGNÓSTICO QUALITATIVO – causas da evasão Técnica do IFPI-Parnaíba

É O Diagnóstico baseado na concepção dos alunos, dos professores e dos servidores dos setores estratégicos para o combate a evasão. Para maior eficiência da pesquisa, estabeleceu-se como estratégico, a opinião dos estudantes, mas que além disso, fosse possível compreender também a opinião dos professores, coordenador de curso, setores de assistência estudantil e do setor de coordenação pedagógica. Enquanto a opinião dos estudantes foi coletada através da aplicação de questionários; a opinião dos demais participantes foram coletadas através de entrevista, gravadas em áudio; feita em 7 perguntas (conforme apêndice c contido no trabalho de pesquisa), em que o respondente ficou à vontade para responder o que quisesse, inclusive, para não responder alguma questão, caso assim o quisesse. Os participantes desta etapa, foram, para efeito das respostas, nomeados de acordo com sua atividade institucional, por exemplo: os alunos: aluno 1, aluno 2; e, os professores receberão um codinome: Professor 1, professor 2, professor 3 e assim por diante.

7.1 Concepção dos Alunos

Esta é uma das etapas mais importantes da pesquisa e também deste manual, pois trata-se das concepções dos elementos que sofrem diretamente com o problema da evasão, os alunos são chave para o relato de informações, pois eles podem dizer e relatar os problemas que eles e seus pares vivenciam.

7.1.1 Perfil dos alunos respondentes

O estabelecimento do perfil dos alunos respondentes envolve a compreensão de alguns aspectos que são importantes, como: se eles trabalham ou não, o perfil financeiro familiar, a origem escolar (escola pública ou privada), sobre a pretensão de continuar os estudos após a conclusão do curso técnico e ainda sobre o fato de terem ou não sentido dúvidas na escolha do curso; tudo

isso são circunstâncias que podem estar atrelado a permanência e o êxito do aluno, ou ainda também, na decisão de saída dele.

TRABALHAM OU NÃO? – A pesquisa acreditou ser importante traçar o perfil dos alunos que responderam ao questionário, e assim, a primeira pergunta do questionário foi sobre o fato do aluno trabalhar ou não. Baseado nos questionários apenas 8 alunos trabalham, sendo que 12 alunos no atual momento da pesquisa não desenvolviam nenhuma atividade empregatícia.

Gráfico 3 – Quantidade alunos que trabalham X Não trabalham

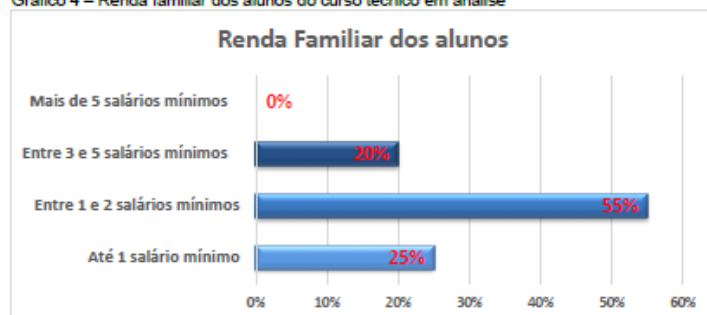


Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Do total dos alunos investigados (20 alunos); detectou-se que 40% trabalham (8 alunos) ou desenvolvem atividades empregatícia e a maioria, 60% correspondendo a 12 estudantes, não exercem nenhuma atividade de trabalho.

Como é o **PERFIL FINANCEIRO** desses alunos? – Outra questão tratada afim de compreender o perfil desses estudantes, foi a questão do perfil financeiro familiar, onde foi solicitado que revelassem a renda familiar, sendo dado 4 alternativas: a) Até um salário mínimo; b) Entre um e dois salários mínimos; c) Entre três e cinco salários mínimos e d) Mais de cinco salários. E sendo assim:

Gráfico 4 – Renda familiar dos alunos do curso técnico em análise

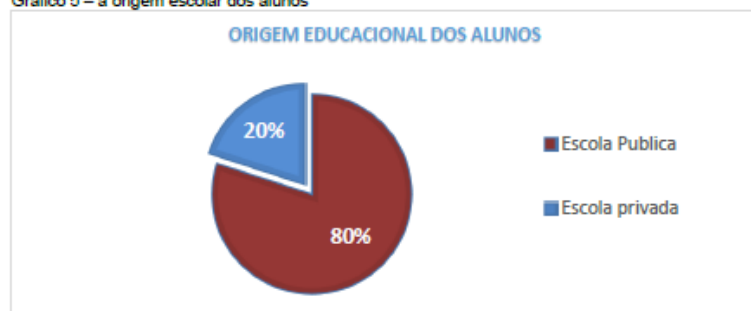


Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Constatou-se desta forma que 5 discentes tem uma renda familiar de até um salário mínimo, 11 deles (a maioria) tem uma renda familiar de 1 a 2 Salários mínimos e 4 fazem parte de uma renda familiar de 3 a 5 salários mínimos.

A ORIGEM ESCOLAR DOS ALUNOS - A terceira parte do questionário foi destinado a analisar a origem estudantil de cada alunos, acreditou-se ser interessante analisar se os alunos vêm de escola pública ou privada para auxiliar no tratamento do perfil dos alunos.

Gráfico 5 – a origem escolar dos alunos



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O diagnóstico aponta que 80% dos estudantes do curso técnico em edificações noturno é de origem da escola pública, isso correspondendo a 16 alunos, sendo apenas 4 ou 20% de origem de escola privada, conforme gráfico 13 acima.

O QUE MOTIVOU O ALUNO A ESCOLHER ESTE CURSO? - A quarta investigação buscou compreender qual era o principal motivo que fizeram eles ingressarem no ensino técnico do IFPI – Parnaíba, e nisso foi elencada no questionário “o que levou você a escolher o curso técnico que você está fazendo?” e para isso foi dado algumas alternativas e ainda a opção de acrescentar um comentário, caso nenhuma das alternativas dadas correspondessem ao que o aluno quisesse relatar, vejamos as alternativas: “a) Vontade de adquirir novos conhecimentos; b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho; c) Influência dos pais, e amigos; d) Porque era o Menos concorrido; e) Porque já atua na área; f) Para dar continuidade aos estudos g) Para preencher tempo vazio e h) Outros/motivo:_____.”

A seguir, as respostas dos 20 alunos investigados:

Quadro 4 – O que leva os alunos do ensino técnico a escolherem o curso.

O que levou você a escolher o curso técnico que você está fazendo?	
Aluno 1	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 2	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 3	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 4	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho. H) Outros motivos: “é uma área que me chamou atenção para atuar nela” (aluno 4, 2018).
Aluno 5	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 6	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 7	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 8	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 9	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 10	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 11	a) Vontade de adquirir novos Conhecimentos e - e) Porque já atua na área
Aluno 12	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 13	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos; b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho; c) Influência dos pais, e amigos; e) Porque já atua na área; f) Para dar continuidade aos estudos

Aluno 14	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 15	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 16	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 17	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 18	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos e b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho
Aluno 19	a) Vontade de adquirir novos conhecimentos
Aluno 20	b) Qualificar-se para conseguir emprego no mercado de trabalho

Fonte: Desenvolvido pelos autores

Dos 20 alunos, 15 alegam que um dos motivos de terem escolhido o curso é a qualificação para conseguir emprego. Ou seja 75% dos alunos visam o mercado de trabalho na hora de terem escolhido o curso técnico que frequenta. Isso quer dizer que a maior motivação dos alunos de ensino técnico, tirados por essa análise, é a qualificação para o mercado de trabalho. Já se tem na instituição a impressão de que o aluno que faz o ensino técnico é aquele que de alguma forma não conseguiu ou não quis ingressar no ensino superior e veem no ensino técnico uma forma rápida de ingressar no mercado de trabalho a médio/curto prazo.

Apenas 4 alunos entraram com a intenção primária e única de adquirir novos conhecimentos, e destaca-se nessa perspectiva o relato da aluna 4, destacada no quadro acima, que entre outras coisas, além de se motivar pela busca de novos conhecimentos teve ainda como motivação para ingressar no curso o relato de que o ingresso também se deu por curiosidade e desejo pela área escolhida, pois "é uma área que me chamou atenção para atuar nela" (aluno 4, 2018).

CONTINUIDADE DOS ESTUDOS. Foi perguntado aos alunos nos questionários se eles pretendiam continuar os estudos após concluir o curso técnico. A intenção era abordar se os alunos viam no curso técnico uma etapa final de seus estudos, ou se estavam ali, mas pretendiam prosseguir. De acordo com o gráfico a seguir é possível obter esta resposta:

Gráfico 6 – Intenção dos alunos na continuidade de seus estudos.

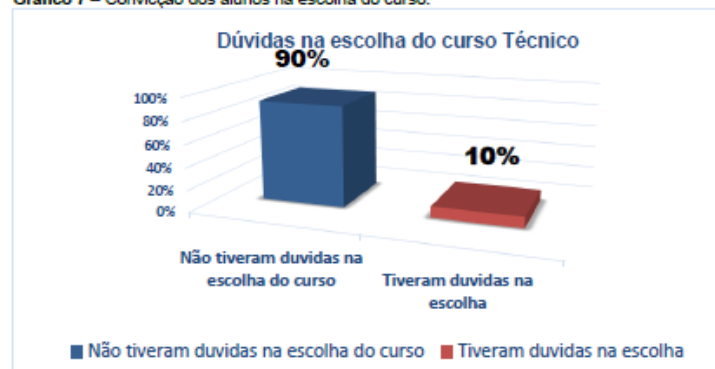


Fonte: Desenvolvido pelos autores.

É possível averiguar que dos 20 alunos respondentes do questionário, 95% dos alunos fazem o curso técnico em edificações subsequente mas desejam prosseguir os estudos após concluírem o curso, e apenas 1 aluno, correspondendo a 5%, afirmou que irá parar os estudos após a conclusão do ensino técnico.

Incerteza/dúvidas sobre a escolha do curso. Existe uma suspeita, inclusive corriqueiramente levantada pelos servidores do campus Parnaíba, de que muitas vezes o aluno ingressa no ensino técnico por não ter conseguido entrar no ensino superior, e como uma segunda opção escolhe o curso técnico. No intuito de se analisar como se deu a escolha do curso, fez-se a seguinte indagação no questionário "no momento de escolher este curso, você teve dúvida, entre este e outro curso?". E teve-se o seguinte resultado, conforme gráfico 14:

Gráfico 7 – Convicção dos alunos na escolha do curso.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Os questionários revelam que apenas 10% dos alunos estiveram em uma situação de indecisão entre este e outro curso, revelando que o aluno iniciou o curso técnico sem uma convicção. Mas a ideia de que os cursos técnicos são um tipo de segunda opção para quem não adentrou em um curso superior é derrubada pela comprovação de que a maioria dos alunos, 90 %, não tiveram dúvidas na escolha do curso técnico, ou seja, escolheram o curso por convicção e por vontade de cursá-lo.

7.1.2 Satisfação dos alunos com o curso técnico

Um dos pontos mais importantes na investigação dos questionários foi a identificação da satisfação dos alunos quanto ao curso técnico em que frequentavam. Pelo fato do curso ter sido identificado com o maior índice de evasão entre os cursos técnicos do campus Parnaíba, pareceu-se muito conveniente questionar se os alunos estavam satisfeitos, e caso não estivessem apontassem o porquê da insatisfação. Nisto gerou-se no questionário a seguinte questão:

7- VOCÊ ESTA SATISFEITO COM O CURSO?

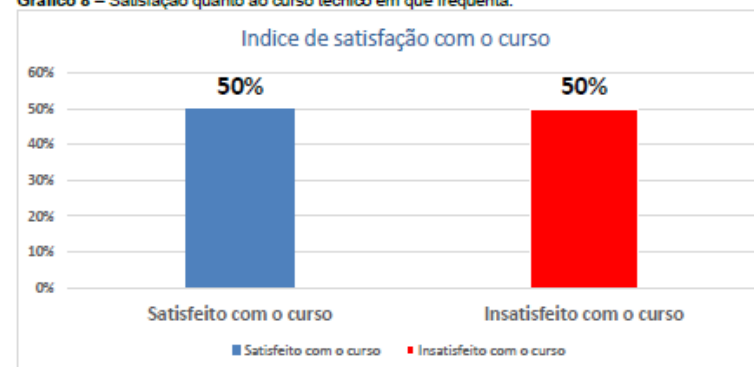
A-Sim () B-Não (), se esta for a resposta, responda porquê?

- a) () Estrutura / conteúdo do curso do curso não atende as minhas expectativas
- b) () Falta de infra estrutura

- c) () distancia da instituição e dificuldade de acesso (transporte, locomoção)
 - d) () professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam
 - e) () Não satisfação com o meu rendimento escolar
 - f) () Horários – incompatibilidade do horário do curso com o horário de outras atividades
 - g) () Outros
- (ROSA e AQUINO, 2018)

Vale ressaltar, que embora a questão aponte algumas possíveis causas, o questionário deixou o aluno a vontade para colocar outros pontos em pauta, isso está representado na alternativa G da questão 7, onde dá a liberdade ao aluno de colocar sua ideia, caso nenhuma das alternativas se identificasse com a sugestão do aluno. Neste sentido o gráfico a seguir demonstra a satisfação/insatisfação dos alunos quanto ao curso.

Gráfico 8 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Quanto a satisfação com o curso, pode-se compreender que metade da turma, 50%, sentem-se satisfeitos com o curso técnico; enquanto exatamente a outra metade, também 50%, estão insatisfeitos com o desenvolvimento do curso. Conforme exemplificado acima, a questão além de perguntar sobre a satisfação ou não, houve também a preocupação em elencar algumas hipóteses de problemáticas. Sendo assim, aqueles alunos que responderam que estavam satisfeitos, encerrava-se aí a questão 7, já para aqueles que marcassem que estavam insatisfeitos, tinha uma segunda etapa para responder a questão, tendo

que analisar ainda os itens de A a G, sendo que esta é mais uma questão que deixou o aluno livre para se identificar com algumas das possíveis hipóteses de insatisfação, e se nenhuma das hipóteses respondessem as suas expectativas, eles ficavam livres para marcarem a alternativa "g) () Outros " que deu a possibilidade de liberdade para responderem o que bem lhes conviessem.

Insatisfações relatadas pelos alunos. O índice de 50% dos alunos que responderam que estavam insatisfeitos com o curso, foram levados a responderem o porquê da insatisfação.

Quadro 5 – Insatisfações apontadas pelos alunos do curso técnico (Sub, Edificações noturno)

Motivos de Insatisfação com o curso:	
MOTIVOS:	ANALISE:
a) Estrutura / conteúdo do curso do curso não atende as minhas expectativas	4 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
b) Falta de infra estrutura	3 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
c) distancia da instituição e dificuldade de acesso (transporte, locomoção)	Nenhum aluno apontou esse item.
d) professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam	5 alunos indicaram esse item como motivo de sua insatisfação.
e) Não satisfação com o meu rendimento escolar	Nenhum aluno apontou esse item.
f) Horários – incompatibilidade do horário do curso com o horário de outras atividades	Nenhum aluno apontou esse item.
g) Outros _____	Nenhum aluno apontou esse item.

Fonte: Desenvolvido pelos autores

Dentre os motivos de insatisfação com o curso, conforme tabela acima, destaca-se o item "professores, pois não consigo aprender da forma que alguns ensinam"; isso indicando que a maioria dos alunos que se sentem insatisfeitos sentem dificuldades com as aulas desenvolvidas por alguns professores. Outros pontos de insatisfação estão ligados aos conteúdos desenvolvidos no curso, pois não atende as expectativas de alguns alunos e por fim, a falta de infraestrutura também vem causando insatisfação em parte dos alunos.

7.1.3 Os alunos pensam em deixar o curso técnico?

Esse é um outro ponto fundamental do trabalho, pois logo após a etapa de compreender a satisfação/insatisfação dos alunos e principalmente de saber os motivos; é importante também compreender se os alunos pensam em sair do curso, imprescindivelmente após o resultado da análise anterior que revela que 50% dos alunos respondentes deste estudo estão insatisfeitos com o curso. No questionário, colocou-se em pauta uma questão bem simples: "VOCÊ JÁ PENSOU EM ABANDONAR O CURSO TÉCNICO?" (ROSA e AQUINO, 2018).

Gráfico 9 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.



Fonte: Desenvolvido pelos autores; Rosa e Aquino, 2018.

Esses dados são importantes para se ter uma dimensão precisa sobre o problema da evasão escolar, pois cabe ressaltar que o curso em análise (Técnico subsequente em edificações noturno) obteve um índice de 49,2% de evasão (conforme diagnostico preliminar do item 4.1.2 deste trabalho;) e mesmo assim, com quase metade da turma já tendo evadido; a outra metade restante da turma tem uma porcentagem de 30% dos alunos que pensam ou pensaram em abandonar o curso.

Faz-se neste momento um "link" entre as questões e respostas do questionário, porque se de um lado, constatou-se que praticamente metade da turma já saiu sem concluir o curso e a outra metade tem um terço pensando em

sair, portanto, sabe-se que a todos pertence a responsabilidade de agir no combate à evasão, mas a quem seria atribuído o papel principal nesta batalha?

O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PARA QUE A EVASÃO ESCOLAR NÃO ACONTEÇA, NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS. Essa foi a temática desenvolvida na questão 9 do questionário. Tendo em vista que a evasão tem se constituído como problema significativo no curso em análise, procurou-se questionar com os alunos a quem eles atribuíam a responsabilidade de ser o principal responsável no combate à evasão. Mais uma vez o questionário além de dar algumas indicações de possíveis respostas, deixou-se o aluno com a possibilidade de agregar uma nova resposta, caso nenhuma das alternativas suprissem sua opinião. Ressalta-se ainda que os alunos podiam marcar mais de uma alternativa, caso quisessem. Sendo assim, foi colocado a sua disposição: A) A instituição de ensino; B) A família do estudante; C) O próprio estudante; D) Professores e alternativa E) outros_____.

Quadro 6 – O principal responsável no combate à evasão, na concepção dos alunos.

EM SUA OPINIÃO, QUEM É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PARA QUE A EVASÃO ESCOLAR NÃO ACONTEÇA?	
Aluno 1	A) A instituição de ensino
Aluno 2	A) A instituição de ensino
Aluno 3	C) O próprio estudante
Aluno 4	B) A família do estudante
Aluno 5	D) Professores
Aluno 6	A) A instituição de ensino; C) O próprio estudante
Aluno 7	A) A instituição de ensino
Aluno 8	C) O próprio estudante
Aluno 9	D) Professores
Aluno 10	D) Professores
Aluno 11	B) A família do estudante; C) O próprio estudante
Aluno 12	D) Professores
Aluno 13	D) Professores
Aluno 14	D) Professores
Aluno 15	C) O próprio estudante
Aluno 16	E) outros: aluno respondeu que "as dificuldades".
Aluno 17	A) A instituição de ensino
Aluno 18	A) A instituição de ensino; D) Professores
Aluno 19	C) O próprio estudante
Aluno 20	C) O próprio estudante

Fonte: Desenvolvido pelos autores

O quadro acima traz portanto, a resposta dos alunos sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça, e é interessante que seja mensurado o que mais se destaca nas respostas:

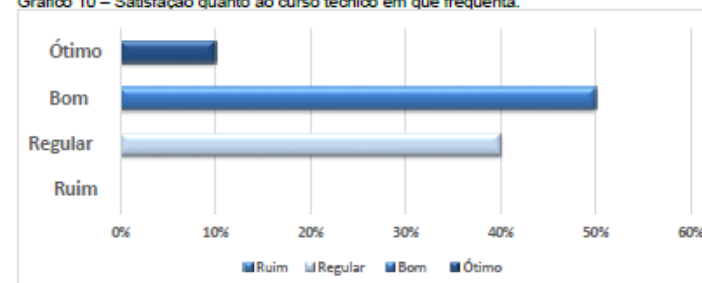
- 8 alunos marcaram que *o próprio estudante* é o principal responsável;
- 7 alunos acreditam que *os professores* sejam os principais agentes para que a evasão não aconteça;
- 5 alunos colocaram *a instituição* como principal responsável;
- 2 alunos acreditam ser *a família do estudante*, a responsável primária;
- 1 alunos marcou a alternativa "*E) outros*", pois acredita em outro agente como principal responsável, no caso: "as dificuldades."

Cabe neste momento fazer uma importante observação, se for colocado em pauta, as duas categorias mais votadas, revela-se que os principais agentes para que a evasão escolar não aconteça está dentro da própria sala de aula; em primeiro lugar o próprio aluno, e em seguida os professores.

7.1.4 como os alunos avaliam a si, aos professores e as ações dos professores:

AUTO AVALIAÇÃO DOS ALUNOS. A questão "10- COMO VOCE SE AVALIA COMO ALUNO?" E para isso solicitou-se que o aluno desse a si próprio um dos seguintes conceitos: ruim; regular; bom ou Ótimo. Teve-se a intenção de fazer o aluno desenvolver um autodiagnostico, uma oportunidade para o aluno expor como ele avalia sua postura diante do curso técnico, assim, obteve-se o seguinte resultado, conforme gráfico 11:

Gráfico 10 – Satisfação quanto ao curso técnico em que frequenta.

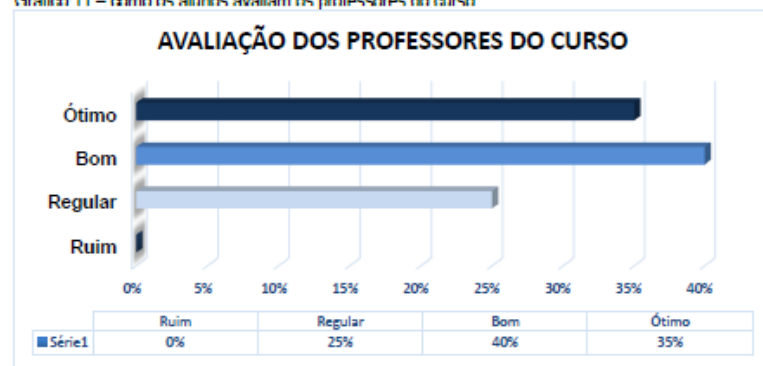


Fonte: Desenvolvido pelos autores; Rosa e Aquino, 2018.

Conforme gráfico acima, a metade, 50%, dos alunos respondentes se consideram alunos bons, enquanto 40% se consideram regulares e 10% se consideram ótimos alunos. Nesta aplicação ninguém se considerou um aluno ruim.

COMO OS ALUNOS AVALIAM OS PROFESSORES DO CURSO. Acredita-se que além de saber a concepções dos alunos sobre si mesmo, também é interessante compreender as suas percepções sobre como avaliam seus professores; pelo fato dos questionários estar sendo uma das ferramentas de diagnóstico, é imprescindível analisar as especificidades, inclusive essa percepção avaliativa.

Gráfico 11 – como os alunos avaliam os professores do curso



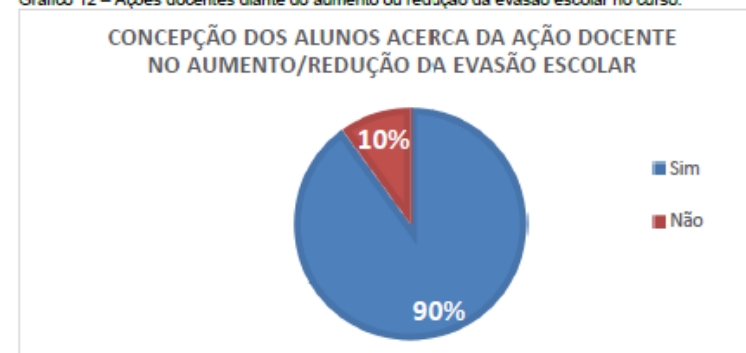
Fonte: Desenvolvido pelos autores; Rosa e Aquino, 2018.

Quanto aos professores, nenhum aluno considerou os professores ruins; 25% acredita que os professores são regulares; 40 % dos alunos consideram os professores bons e 35 % acredita que os professores são ótimos.

AS AÇÕES DOS PROFESSORES DIANTE DO CENÁRIO DA EVASÃO ESCOLAR. Por fim, nesta perspectiva avaliativa dos alunos acerca dos papéis deles próprios e do que consideram sobre os professores, fez uma pergunta sobre a concepção deles de acreditarem ou não sobre as ações dos professores do curso aumentarem ou diminuir o índice da evasão; porque compreende-se que na sala de aula há uma intensa relação entre dois agentes: alunos e

professores; pretendeu-se analisar se os alunos reconhecem o papel do professor em combater a evasão escolar, e assim, se acreditam ou não que as ações docentes fazem alguma diferença no cenário.

Gráfico 12 – Ações docentes diante do aumento ou redução da evasão escolar no curso.



Fonte: Desenvolvido pelos autores; Rosa e Aquino, 2018.

Para 90% dos estudantes, a ação dos professores faz a diferença na realidade da evasão escolar.

7.1.5 Principais Fatores da evasão no(s) curso(s) técnico do campus Parnaíba

Conforme apêndice B deste trabalho, foi indagado aos alunos no questionário - questão 13 - a seguinte pauta "na sua opinião qual/ quais o(s) principal(is) motivo(s) que tem levado os alunos a evadirem-se do curso técnico que você faz parte? ". A indagação teve a intenção de levar os próprios alunos a participarem na construção do diagnóstico do problema, e enquanto sujeitos diretamente envolvidos no problema, pudessem elencar os principais fatores que em suas concepções sejam os mais destacados na realidade da evasão escolar no campus Parnaíba, e mais especificamente no curso em que estudam.

Quadro 07 - principais fatores da evasão, na concepção dos alunos.

Qual/ quais o (s) principal (is) motivo (s) que tem levado os alunos a evadirem-se do curso técnico que você faz parte?	
Aluno 1	A falta de tempo.
Aluno 2	Locomoção; falta de emprego; o tempo para muitos etc.

Aluno 3	Por não conseguir aprender o conteúdo, e por muitos ter trabalho.
Aluno 4	O fato de haver bastante influência de pessoas de fora.
Aluno 5	Eu acho que a metodologia dos professores acabam afastando um pouco os alunos. tem muita teoria e pouca prática. A falta de auxílio financeiro também afasta o aluno. A falta de acompanhamento dos alunos que pensam em sair.
Aluno 6	Dificuldades para chegar até a instituição; má relacionamento com os professores, alguns assuntos difíceis de aprender e até mesmo falta de estímulo.
Aluno 7	Aulas muito difíceis; falta de ligações da aula com a prática a falta de tempo para reforço de assuntos que os alunos não entendem; aulas muito presas dentro da sala.
Aluno 8	Dificuldade no transporte e questões familiares e de trabalho
Aluno 9	A falta de projetos e de aulas mais práticas, a gente acaba perdendo o encanto pelo curso porque fica muito preso nas aulas teóricas. O curso também é muito pesado e não tem monitoria para a gente.
Aluno 10	Eu acredito que o que tem feito os alunos saírem do curso é a falta de prática e também a falta de prática em laboratório e também de aula mais interessante o curso fica chato e sem sentido ai os alunos saem.
Aluno 11	Falta de interesse ou por não ser o esperado
Aluno 12	A locomoção até a instituição, condições financeiras, conciliar trabalho e estudos.
Aluno 13	Estímulo dos professores para que os alunos gostam mais das matérias e se descubram profissionalmente.
Aluno 14	O excesso de conteúdo e a pouca prática; A metodologia dos docentes que cobram muito conteúdo e não ajudam a colocar em prática o conteúdo. A falta de aplicação do que a gente aprende na sala. A falta de um bom laboratório com estrutura.
Aluno 15	01 o próprio estudante 02 a família 03 professores 04 a instituição
Aluno 16	A falta de compromisso da parte dos alunos e professores.
Aluno 17	A falta de qualificação no ensino público.
Aluno 18	Em alguns casos os alunos pensam que terá mais prática do que teoria e logo no início isto não é tão visto, além de muitos não se simpatizarem com os professores.
Aluno 19	O motivo é de conseguir o emprego de forma rápida, e profissional!
Aluno 20	Acho que muito é por conta da distância, e às vezes por causa da dificuldade.

Fonte: Desenvolvido pelos autores

As respostas dos alunos conforme quadro 11 acima, evidenciam alguns pontos em comuns e ao analisar as respostas percebe-se que alguns pontos chamam atenção pelo número de vezes mencionado.

Em síntese, observa-se que entre os fatores identificados pelos alunos, os pontos centrais e mais destacados, são identificados na seguinte sequência:

1. Professores

2. Aula prática
3. Transporte
4. Falta de tempo

Primeiramente os indicadores apontados pelos alunos e relacionados aos professores estão elencados principalmente nos relatos dos alunos 5, 6, 13, 14, 15 e 16 onde os fatores indicados vão desde as metodologias utilizadas, apontadas como um possível motivo que afasta os alunos; até a falta de estímulo por parte dos professores para com os alunos.

Em segundo lugar e que também chamou bastante atenção na análise das respostas foram os relatos dos discentes sobre o excesso de teoria e a reclamação sobre a ausência de prática. Nisso, na concepção dos alunos 5, 7, 9, 10, 14 e 18 prevalecem os problemas em relação à prática que vão desde a pouca existência de aulas práticas até o relato de alunos mencionando o excesso de aulas teóricas.

Outro ponto em destaque é a questão de Transportes que foi levantada como um importante fator que vem causando evasão escolar; nisso os alunos 2, 6, 8 e 12 relatou a questão do transporte e de forma geral à locomoção até a instituição, como algo que vem impedindo que os alunos permaneçam cumprindo fielmente o curso.

A falta de tempo também é levantada como um importante fator que vai desde a impossibilidade de conciliar trabalho com o curso até mesmo a falta de tempo envolvendo o curso e as demais área da vida do estudante, não permitindo que o aluno permaneça e continue no curso.

Alguns alunos apontam ainda outros fatores como, por exemplo, a falta de recursos financeiros para dar o apoio à permanência do aluno e também a falta de acompanhamento e de monitoria que auxiliassem o aluno que tem dificuldade na disciplina a compreender melhor o assunto e assim pudessem ter o melhor envolvimento com os assuntos abordados no curso.

O que se percebe é que na concepção dos alunos, o que mais chama a atenção deles é o papel do professor, que até então na visão de alguns alunos, os docentes estão se utilizando de uma metodologia que afasta e que deixa alguns alunos sem conseguir acompanhar o ensino dado em sala, e ainda é apontado que ainda é pouco o compromisso em motivar os estudantes.

É importante aproveitar o ensejo do relato dos alunos para acrescentar o pensamento de que o professor verdadeiramente é um agente de transformação e tem o poder não de acabar com a evasão, porque esta certamente é uma missão muito longe do alcance do professor sozinho, mas este é um agente que lida diretamente com os alunos, e tem lá seu grau de influência na permanência ou desistência do aluno. Prova disso é que grande parte dos alunos, responderam autonomamente que acreditam que alguns fatores que levam o aluno a abandonar o curso estão diretamente ligados ao professor.

7.2 Concepção dos professores

Este manual sintetizou as informações contidas na dissertação da pesquisa do qual ele é oriundo, e portanto, recomenda-se também que o leitor leia o trabalho na íntegra, pois, neste momento, resumiu-se as respostas dos professores e dos demais elementos trabalhados na pesquisa, com a finalidade de tornar mais objetivo os resultados.

7.2.1 Concepção dos professores sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

Foram entrevistados 10 professores. A primeira pauta da entrevista feita com os professores estava preocupada em saber se os docentes consideravam que a evasão era algo que estava se constituindo como um problema “de fato” e o porquê deles considerarem o sim ou o não. No trabalho dissertativo da pesquisa tem detalhadamente todas as informações e respostas, que aqui neste manual está sendo exposto resumidamente. As respostas dadas pelos 10 professores (em resumo) foram as seguintes:

Quadro 8 – A evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

“Em sua opinião, a evasão vem se constituindo um problema no IFPI – Parnaíba? porque?”.	
PROFESSOR 1	“Sim. (...) devido aos anseios que o instituto tem em relação a parte de você dar oportunidade aos alunos (...) principalmente na parte financeira, porque nós arrecadamos menos por causa disso, e também pela visão do campus em

	relação a parte de não estar tendo proporcionado uma assistência melhor para esses alunos”.
PROFESSOR 2	“Sim. Por alguns fatores que desencadeiam essa evasão”.
PROFESSOR 3	Sim. “(...) eu acho que isso se torna um problema por vários fatores como a desvalorização da imagem do instituto federal que a nível nacional tem uma imagem forte e eu não consigo imaginar essa imagem forte aqui. E também a questão de não atendimento das demandas sociais. (PROFESSOR 3, 2019)”.
PROFESSOR 4	Não. “eu acredito que a gente esteja aqui reduzindo a nossa evasão em nosso Campus; devagar, mas creio que sim”. (PROFESSOR 4, 2019).
PROFESSOR 5	“Eu acredito que sim porque (...) a gente não consegue promover para comunidade o resultado que a gente espera o que é ter mais educandos e profissionais do mercado de trabalho na minha área no caso eletrotécnica” (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	“sim. Nas minhas disciplinas, pelo menos 2 a 3 alunos eles desistem do curso todo semestre. Agora, o motivo por quê, eu nunca fui atrás de olhar, observar; eu já ouvi alguns relatos da parte dos setores que faz a avaliação, que as vezes é dificuldade mesmo de acesso dos alunos, a continuar e a frequentar a escola, né?” (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	Sim. “ É por algumas situações os alunos precisam as vezes parar o curso, evadir o curso, e... muitas outras vezes, é por questões, é por alguma questão de gestão ou alguma coisa da instituição, na qual o aluno não se identifica; é... eu percebo que existe, sim, a evasão, é considerável a nossa evasão aqui no instituto.” (PROFESSOR 7, 2019).
PROFESSOR 8	Não. “Eu não acho que evasão é muito grande principalmente comparado com os cursos de física e química que são superiores, a evasão é muito maior(PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	Sim... nós sentimos muito esse problema da evasão aqui no campus de Parnaíba. E, eu sei que não é só nós aqui do campus de Parnaíba. nós vimos aí que é geral né! (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	Sim. “É um problema porque... primeiro, olhando pelo lado da produtividade, de eficiência pública, quanto menos alunos na sala de aula, maior é o gasto por aluno (...) eu acho que esse é um problema que eu acho que tem que ser observado, né? Por conta da eficiência pública. (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Dos 10 professores de educação técnica, 2 deles não acreditam ser um problema destacável para o IF - Parnaíba a questão da evasão no ensino técnico; já outros 8 professores argumentam que seja sim um problema, e estes revelam motivos como, por exemplo, prejuízo à imagem institucional, a ineficiência dos recursos, e ainda a falta de efetividade da proposta de ofertar à comunidade mão de obra qualificada, entre outros argumentos.

7.2.2 Concepção dos professores sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

A segunda indagação abordada na entrevista com os docentes, foi sobre os principais fatores, de que eles tinham conhecimento e que fossem o que eles acreditassem que fossem os causadores da atual situação de evasão nos cursos técnicos. Isso, através do seguinte contexto:

Quadro 9 – Principais fatores da evasão nos cursos técnicos do IFPI - Parnaíba?

"Em sua opinião quais são os principais fatores que levam a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI - Parnaíba?" (concepção docente).	
PROFESSOR 1	"a falta de conhecimento do curso e a questão do transporte também é um dos maiores problemas que nós temos aqui." (PROFESSOR 1, 2019).
PROFESSOR 2	"a questão do transporte (...) a falta de identidade com o curso que faz com que os alunos possam evadir (...) a questão didática dos professores (...)" (PROFESSOR 2, 2019).
PROFESSOR 3	"infraestrutura (...) a questão do transporte, (...) a falta de valorização dos cursos técnicos perante a sociedade em relação aos cursos superiores. (PROFESSOR 3, 2019).
PROFESSOR 4	"o transporte público, que a gente não tem, e o segundo seria a própria dificuldade do aluno para com o curso. eu acho que são os dois pontos mais fortes que temos aqui." (PROFESSOR 4, 2019).
PROFESSOR 5	a distância (...) e a questão mesmo social (...) não tem auto estima de que faça com que eles pensem que podem fazer um curso técnico e que podem se ter uma mudança de vida só estudando (...) Outro fator também que eu acho, o curso no ensino médio ele é um pouco mais complexo para os

	estudantes que chegam aos Institutos Federais (...) base muito fraca (...) muitas aulas." (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	"questão de locomoção, (...) o nível das disciplinas (...) não se identificarem, eles escolhem muito novos o curso, então eles não se identificam." (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	"os fatores que levam a evasão são inúmeros, desde que mudança de família para outro local, dificuldade de acesso do aluno, dificuldade de nivelamento desse aluno, na disciplina de corrente, é dificuldade do grau de exigência adotado na instituição, questão de metodologia, identificação ou não com o método realmente que a instituição adota; (...) dificuldade no relacionamento com o professor, (...) dificuldade de não ter laboratório" (PROFESSOR 7, 2019).
PROFESSOR 8	(...) preguiça de estudar, normalmente quem desiste são essas pessoas que não estão se dedicando. (PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	(...) empatia com o curso (...) interesse de continuar nessa área (...) escolaridade muito baixa e com problemas; (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	fatores familiares, às vezes, o aluno tem que trabalhar, não consegue conciliar o trabalho com estudo. tem os fatores físicos, por exemplo o IFPI é distante da cidade então precisa de ônibus, transporte escolar (...) a questão de desinteresse. (...) não se identifica; (...) não tem interesse e nem identificação com o curso" (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Portanto, na concepção dos professores os fatores que mais chamam a atenção é a questão do transporte que dificulta e desestimula a ida do estudante para a instituição, a questão do conhecimento e da própria identidade do curso é algo que chama a atenção, pois os estudantes estariam entrando na instituição e posteriormente com a percepção de que o curso seria algo diferente do que esperavam, optam pela saída; e por fim, um outro ponto bastante destacado é a questão do professor, seja por questões de didática, metodologia ou até do relacionamento ruim com os estudantes. Com menor intensidade, mas também foram citados outros fatores, como infraestrutura, ausência de laboratórios adequados, entre outros.

7.2.3 Concepções dos professores sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Quadro 10 – É possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI - Parnaíba?

Concepções dos professores sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias? (conc	
PROFESSOR 1	Sim. "melhorar a questão do transporte para o aluno (...) a questão da informação dos cursos que nós temos aqui no instituto, informar na verdade o que é um curso de edificações, o que é que o aluno vai estudar e como é que ele vai sair para o mercado de trabalho" (PROFESSOR 1, 2019).
PROFESSOR 2	"Sim. eu acredito, (...) melhorar as linhas de transporte para a instituição. Alguns professores tem que melhorar sua didática em sala de aula (...) aumentar as bolsas, que são ajuda financeira para estudantes." (PROFESSOR 2, 2019).
PROFESSOR 3	"Sim, é possível. De que forma? (...) infraestrutura, (...) vencer essa barreira das dificuldades de transporte na cidade, vencer essa barreira do preconceito em relação aos cursos técnicos, não são cursos menores no sentido de ter menos valor. Eles atendem as necessidades diferentes, mas o curso técnico se ele passe por um processo de valorização, eu acredito que ele seria muito mais... frequentado. Teria bem menos evasão." (PROFESSOR 3, 2019).
PROFESSOR 4	"é possível sim. Com uma estrutura melhor do município, mas em contrapartida nossa aqui do instituto, levar mais informações para os nossos alunos ingressantes, né? verificar a necessidade do mercado e ficar sempre atualizando nossos projetos de curso." (PROFESSOR 4, 2019).
PROFESSOR 5	"eu acho que é possível sim, e precisa ter uma ação de todos, na verdade, de todos os servidores aqui do instituto federal, porque ela depende não só da infraestrutura dessa questão da logística como depende também nas pessoas darem suporte a esses alunos carentes que tem problemas sociais, daí psicólogos, assistencial que precisa estar ali trabalhando com eles, tem alunos que tem uma base fraca e professores precisam ter um olhar um pouco mais atento a esse tipo de problemática tem que identificar essas dificuldades e tentar sabê-las." (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	"Eu acredito que é possível, uma das ações seria essa... melhorar o sistema de ingresso, de forma com que faça com

	que o sistema de ingresso mostre realmente a realidade do que eles vão enfrentar aqui, né? (...) a motivação e a estrutura a eles; para eles se motivarem no curso." (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	"é possível, (...) melhoria e a nossa aproximação com o aluno; tanto o professor como o gestor da instituição, quanto os professores e os técnicos, e a equipe; instituição e equipe, prestando um tipo de assistência aos alunos, não por ter o setor de assistência, ele é o responsável por isso, mas é a instituição como um todo." (PROFESSOR 7, 2019).
PROFESSOR 8	"Sim. (...) organizar o transporte para o campus. (...) a direção buscar na prefeitura ter linhas de ônibus e outra coisa também que eu tô vendo que pode pesar muito, é a questão de segurança, principalmente, à noite." (PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	"(...) fazer levantamentos e Estudos (...) temos que ter um diagnóstico que realmente está acontecendo, (...) saber exatamente o quê e os motivos da evasão para depois podermos trabalhar e combater o problema" (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	"sim, é possível. (...) uma forma é prestar mais atenção aluno. Então o IFPI tem que criar um mecanismo como processo, uma rotina que permita que toda equipe acompanhe o aluno; Por que o aluno antes de evadir completamente ele dá sinais de que vai evadir (...) chegar perto do aluno, perguntar o que está acontecendo e o que pode ser feito (...) chamar novos alunos da lista de espera para frequentar o curso. (...) então cancela a matrícula e chama outros alunos para ver se consegue manter o número elevado de alunos logo no início." (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Nesta etapa, onde a intenção era saber se o professor acreditava ou não na possibilidade de diminuir a evasão do campus e ainda saber dele quais ações eram necessárias; pode-se observar, que todos, 100% dos professores entrevistados, acreditam que seja possível sim diminuir a evasão. Já em relação as ações necessárias, de uma forma geral, os docentes pontuaram em maior quantidade a questão do transporte, em seguida, muitos apontaram a questão de se trabalhar as informações do curso dando aos alunos todas as informações sobre o curso técnico em que vão cursar para que não haja surpresas futuras, outros docentes apontaram ainda que a ação necessária seria a aproximação dos servidores aos alunos, dando aos discentes o apoio para que estes permaneçam no curso. O "professor 10", por sua vez, apresentou uma ideia bem

diferente e ao mesmo tempo muito interessante, seria o caso, de evitar o desperdício de vagas nos cursos técnicos, de forma que logo nos primeiros dias de aula, ao observar que uma certa quantidade de vagas, embora com alunos matriculados, mas que esses alunos não frequentam de fato; e neste caso, fazer logo uma segunda chamada para a ocupação destas vagas. Um outro professor apontou “professor” que o problema pode estar relacionado ao próprio professor, e que a ação necessária seria o professor reavaliar sua didática e procurasse melhorá-la, além de indicar que a instituição, no caso o IFPI-Parnaíba, deveria ver a possibilidade de ampliar a questão das bolsas de auxílio aos estudantes.

7.2.4 Concepção dos professores sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Este momento da entrevista dos professores, teve-se a intenção de deixá-los a vontade para expressar suas ideias e concepções sobre a quem eles atribuíam essa grande responsabilidade de ser o principal agente para que a evasão não acontecesse, ou pelo menos, que não se torne um problema agravado, na realidade do campus de Parnaíba. Os professores tiveram a liberdade explícita de poder marcar uma ou mais alternativas, e caso quisessem, poderiam apontar ainda outros agentes. A questão foi tratada da seguinte forma: “Em sua opinião, quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça? porque?” e foi dado as seguintes alternativas: a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____. Mas, sobretudo, a importância era que eles colocassem o porquê de sua escolha. Que justificassem.

Quadro 11 – o principal responsável para que a evasão não aconteça?

O principal responsável para que a evasão não aconteça? (concepção docente).	
PROFESSOR 1	“Bom... o primeiro responsável que eu acho é a instituição de ensino. (...) Segundo o próprio aluno, porque o aluno tem que se informar e saber realmente o que é que ele quer, num é?! (...) O professor fica por último, porque na verdade o professor, ele passa os seus conhecimentos relacionados ao curso. (...), mas o principal problema que eu acho, está na instituição e no aluno.” (PROFESSOR 1, 2019).

PROFESSOR 2	“Todos! A instituição de ensino pra tentar fazer essa articulação, (...) A família do estudante, porque quando nos temos famílias desestruturadas, nos temos algumas circunstâncias que o estudante para o curso porque não tem condição de manter a escolaridade e com um nível de problematização que tem em casa, né? Ai tem caso na instituição que comprovam isso. o próprio estudante porque não se identifica, então ele é responsável pela própria evasão dele, por alguns fatores como eu já falei antes, de dificuldade de vir na escola e na instituição, ou dificuldade de ter absorção do conteúdo do professor pela didática dele ou pelo relacionamento humano ruim que ele tem. E o próprio professor como eu disse, ele também contribui porque a pessoa que vai fazer esse elo entre instituição e aluno e as vezes não tem um bom papel, e isso desmotiva o aluno e faz com que o aluno, ele evada.” (PROFESSOR 2, 2019).
PROFESSOR 3	“eu não consigo ver como um só; (...) a instituição de ensino, como eu falei anteriormente, que ela deve prover de estrutura e então seria importante ela com fator de grande responsabilidade oferecer a infraestrutura necessária. (...) Mas eu coloco principalmente a instituição de ensino, a família e o professor, porque dependendo de como é conduzido a aula, a pessoa estimula a evasão do aluno. Ne?! O uso da avaliação como método de retaliação. Dizer: olha, se vocês não estudarem, vocês vão se dar mal na prova. O uso da prova e dos métodos de avaliação como métodos de ameaça aos alunos, como métodos de convencimento dos alunos aos estudos, muitas vezes leva a uma ação contrária, de rejeição, e esse também já foi um dos motivos há algum tempo atrás de termos grande evasão aqui. Então eu colocaria nesses pontos. (PROFESSOR 3, 2019).
PROFESSOR 4	“a família do estudante. No meu ponto de vista seria a família do estudante. porque a decisão é sempre do estudante mesmo com a instituição te dando todos os parâmetros e preenchendo todas as necessidades, a decisão sempre vai ser dos estudantes, então eu acredito que a família seria o mais importante aqui neste item 4. (PROFESSOR 4, 2019).
PROFESSOR 5	“Todos. “ o que eu acho é que cada um deve ter ciência de sua parte para poder diminuir esse problema, eu como professor tô fazendo a minha parte que é tentar ajudar esses alunos, eu acredito que cada um tem sua função aqui dentro da instituição e eu acho que se todos fizerem a sua parte a evasão vai diminuir bastante.” (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	Eu acho que todo mundo está envolvido; agora a gente precisa saber a responsabilidade de cada um na sua devida posição. Todo mundo tem que estar envolvido, so que alguém vai estar envolvido em um momento, o outro vai estar

	envolvido em um outro momento; todo... quem participa do processo está envolvido. (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	"não existe um principal; existe uma coletividade, a sensibilidade da instituição em perceber os problemas que os alunos estão passando, a sensibilização do aluno para poder ter o interesse de permanecer, você vê que a importância que tem aquela educação pra ele e logicamente a instituição vai entrar com esse processo de sensibilização. ver também o próprio professor que está diretamente com o aluno, para ser esse elo, (...) O próprio estudante, que já mencionei, a família como incentivadora desse processo. (...) eu vejo um fator que eu acrescentaria que está relacionado ao professor, mas também muito relacionado a instituição, que é o fator metodológico, de como essas aulas são ministradas, que ambientes, que laboratórios esses alunos tem, em termos de infraestruturas; para que ele possa realmente se automotivar, ou seja, que possa permanecer e não pensem, em mais que as dificuldades apareçam, ele não opte pela opção de evadir." (PROFESSOR 7, 2019).
PROFESSOR 8	"eu acho que, lógico, que a instituição de ensino ela tem uma influência sim na questão motivadora de tá levando a sério dos professores em si. mas eu acho que tem muito a ver com o próprio estudante e a família. eu acho que tá muito ligada à isso, a impressão que eu tenho, mas por intuição do que uma pesquisa em si". (PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	"eu acho que todos esses atores aqui contribuem para diminuir evasão. A instituição preparando e melhorando o tipo de ensino, tentando melhorar porque às vezes também o nosso ensino tem que está tentando se atualizar, mudar as metodologias, temos que atualizar e acompanhar também o aluno... (...) A família do Estudante para cobrar e dar a ele esse interesse, porque às vezes estudante adolescente e às vezes não tem um objetivo e aí tem também outras atividades e a família tem que dar esse suporte. O estudante porque quando ele quer realmente é bem interessante, é bem diferente quando o estudante não quer nem o ensino e nem o curso técnico e o professor tentando ver toda essa deficiência e ver esses problemas ele deve ir procurando, novas metodologias, procurando passar esse conteúdo de maneira que o aluno se interessa." (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	"Eu acho assim, que seriam todos mesmo. por conta que os fatores que causam evasão são variados; então não tem como atribuir a responsabilidade a apenas a uma pessoa." (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A maioria dos professores, no caso 70%, responderam que acreditam que todos os elementos são diretamente responsáveis e que não haveria um principal. Que todos tem suas responsabilidades específicas. Os outros 30%

acreditam que os principais elementos responsáveis para que a evasão não ocorra no ensino técnico do IFPI-Parnaíba, seriam a instituição, a família, e os professores "porque dependendo de como é conduzido a aula, a pessoa estimula a evasão do aluno." (PROFESSOR 3, 2019). Além disso, um dos professores entrevistados afirmou que acrescentaria um outro elemento como uma preocupação: "eu vejo um fator que eu acrescentaria que está relacionado ao professor, mas também muito relacionado a instituição, que é o fator metodológico, de como essas aulas são ministradas, que ambientes, que laboratórios esses alunos tem, em termos de infraestruturas; para que ele possa realmente se automotivar, ou seja, que possa permanecer e não pensem, em mais que as dificuldades apareçam, ele não opte pela opção de evadir." (PROFESSOR 7, 2019).

7.2.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Esta questão da entrevista teve o intuito de colocar o professor num momento de auto avaliação, em que refletisse, e baseado em sua experiência em sala de aula, pudesse explicar o porquê que as ações do professor fazem ou não diferença para aumentar ou diminuir a evasão escolar dentro do IFPI – Parnaíba.

Quadro 12 – as ações docentes fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? Porque?

As ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? Porque? (Concepção docente).	
PROFESSOR 1	"Sim. As ações dos professores, ele pode diminuir como pode aumentar a evasão. Como é que um professor aumenta a evasão? Quando ele não se importa com o aluno em si, e começa a passar conteúdos e passar... sem se importar que o aluno tem dificuldades de aprendizagem, ele não se preocupa, ele não muda seu método, não muda sua didática; então isso faz com que o aluno não aprenda e no final ele saia do curso (...)" (PROFESSOR 1, 2019).
PROFESSOR 2	"acredito que fazem toda a diferença para ambos os lados, tanto para o aumento como a diminuição, porque? Porque se não forem docentes que tenham um bom exercício da docência, no tocante a ministrar uma aula (...) isso desestimula o aluno (...)" (PROFESSOR 2, 2019).
PROFESSOR 3	"Eu acredito que os professores fazem diferença para aumentar ou diminuir a evasão porque o ponto de contato com o aluno é o

	professor, e o professor além de mostrar o conteúdo do qual ele é pago pra ensinar, ele tem alguns papéis muito sutis que não estão no papel escrito, não estão nas regras de contratos de professor, ele é motivador, ele pode ser um motivador ou desmotivador (...) (PROFESSOR 3, 2019).
PROFESSOR 4	"(...) eu acredito que eles podem contribuir sim com a permanência do aluno, buscando a identificação de cada aluno, com essa identificação das dificuldades e contornando com a metodologia aplicada na sala de aula e essa metodologia ela está sempre sendo reciclada (...)" (PROFESSOR 4, 2019)
PROFESSOR 5	"Sim. Com certeza. Eu acho que nós temos um corpo docente muito capacitado, pessoas com mestrado, doutorado em suas áreas, também são totalmente capaz de tomar a aula fácil, acessível ou dificultar, eu acho que vai muito de como o professor quer tomar a sua disciplina para o aluno. (...)" (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	"Acredito. Acredito porque eu sou professor e eu faço, as vezes eu mesmo compro matérias, inclusive nessa aula que eu estou aqui agora eu comprei alguns materiais com meu dinheiro para poder motivar os alunos. (...)" (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	"Com certeza, o professor está lá com o aluno, conversando com ele. Vendo o aluno diariamente. A gente pode perceber algumas mudanças no rendimento do aluno, não só quantitativamente, mas também na parte qualitativa; muitas das vezes o que acontece é: o que fazer com essas informações? (...)" (PROFESSOR 7, 2019).
PROFESSOR 8	"Eu acho que faz e não sei e não tem como eu provar isso. (...)" (PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	"Bom... fazem! (...) quando os professores têm mais sensibilidade, porque cada turma ela tem um perfil diferente, mesmo dentro de turmas...tem turmas que tem mais alunos interessados, tem turmas que só diferentes que conversam mais; então quando o professor tem essa sensibilidade de verificar o perfil da turma, de tentar trabalhar metodologias que eles consigam alcançar (...)" (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	"(...) Com certeza, o professor ele pode contribuir para o aumento ou para a diminuição. Então se o professor tem uma aula mais interessante, uma metodologia interessante; enfim, ou até mesmo um bom relacionamento interpessoal de forma agradável e amistoso eu acredito que o aluno vai se interessar em ficar mais, vai gostar de vir a aula. Agora se o professor tem um relacionamento ruim, de inimizade com os alunos, eu acredito que o aluno vai tender a não querer ir para ala. (...)" (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Em síntese, 100% dos professores acreditam que as ações docentes podem sim aumentar ou diminuir a evasão, alguns argumentam que quando o professor se dispõe a estar acompanhando a realidade do aluno, ou manterem um bom relacionamento com o aluno, afirmam que isso pode auxiliar a manter o aluno em sala de aula; no entanto, alguns entrevistados também acreditam, que quando os professores não mantêm um bom relacionamento com os discentes e não tem uma sensibilidade em relação as dificuldades de seus alunos, isso pesaria bastante para que a ação do professor contribuísse para a evasão.

7.2.6 Concepção dos professores sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Foi colocado essa questão na entrevista com a finalidade de buscar na experiência do docente, quais as observações dele sobre as dificuldades que afetam os alunos do ensino técnico, e qual destas dificuldades pode estar acarretando a evasão. Nisto, obteve-se as seguintes respostas:

Quadro 13 – Dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão

As maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão	
PROFESSOR 1	Bom, uma das dificuldades relatadas pelos alunos; primeiro é quando ele entra no curso e ele não conhece o curso, num é?! (...) Com o decorrer do curso, outra dificuldade que ele tem, está relacionado com o transporte, porque nós temos um problema muito grande de transporte, os alunos são carentes, não tem transporte para vir. (...) fica muito relativo, porque quando você entra no curso, 10%, 15% a 20% tem evasão, né? E com o decorrer e a dificuldade no transporte, você tem mais uns 10% dessa evasão... então, ficaria nivelado, mais ou menos nivelado; entre a evasão em relação ao transporte e o curso em si, no caso o conhecimento do curso. (PROFESSOR 1, 2019).
PROFESSOR 2	"Uma delas é o transporte, que as vezes é complicado, né?! (...) Outra dificuldade, é as vezes ter que trabalhar para ajudar a família e ai deixam a instituição e em alguns casos, é porque eles passam em outros cursos, em outras instituições e vão cursar um curso superior; (...) e também por conta da questão própria...tem aluno que acham difíceis algumas disciplinas, acham difíceis a metodologia do professor, não se afina, não tem uma aderência e acaba trocando por outro curso; (...) O transporte é um fator ainda bem preponderante. (...)" (PROFESSOR 2, 2019).

PROFESSOR 3	(...) eu percebo nos meus alunos uma dificuldade em hábitos de estudo, então grande parte dos alunos que entram aqui nas minhas salas, por exemplo, eles são alunos que vieram de realidades escolares muito fraco ou quase nenhum. Então, ou eles não estudavam nas suas escolas, as vezes não tinham aulas de certos conhecimentos... não eram incentivados a estudar, não tinham esse hábito, e quando pegam uma realidade de instituto federal e ela é muito exigente, ela é muito focada ao nível de mercado, ela exige o que o mercado precisa...os alunos tomam um choque e aí eles se sentem pressionados (...) Outros fatores que eu vejo, é que muitos alunos vem de cidades distantes, e aí nesse processo de vir de cidades distantes, da dificuldade de transporte se aliam também as suas realidades de deslocamento. (...) tanto a questão do deslocamento, eles reclamam disso, eles demonstram muito, e eles também demonstram muito sobre a dificuldade de acompanhar o curso pelas dificuldades deles anterior de não ter hábitos de estudo... ou o termo - aos hábitos de estudo. Né?! (PROFESSOR 3, 2019).
PROFESSOR 4	"Conversando com alguns alunos... no caso eu estou mais próximo do curso de edificações. Ne? mas, é um curso fácil, não é um curso difícil. mas a maior dificuldade eles encontram é adaptação do conhecimento anterior ao instituto e à medida que eles vão cursando eles têm essa dificuldade em adquirir esse conhecimento; por algum problema de base ou de formação. aqui eu não sei cabe a questão do transporte que são um dos relatos da maioria... é a dificuldade de se vir. (...) eu acredito que sejam esses dois pontos os mais fortes: a dificuldade do curso de assimilar o conhecimento do curso, a falta de conhecimento e o transporte público. Mas, o que chama mais atenção hoje é o transporte... dos alunos que moram na cidade é o transporte." (PROFESSOR 4, 2019).
PROFESSOR 5	"Eu acho que o maior fator que eu vejo que causa a evasão aqui é o desconhecimento do curso (...) quantidades de disciplinas (...)" (PROFESSOR 5, 2019).
PROFESSOR 6	Eu acho que é o ensino básico, eles vêm com o ensino básico bem carente, bem deficiente. Então eles sentem muita dificuldade em muitas disciplinas (...) a gente tem que fazer muita revisão para eles conseguirem acompanhar o conteúdo. Pra evasão, eu não tenho como dizer se é a principal porque eu não conheço todas as situações de evasão, mas no meu ver, o que eu vejo de dificuldade é essa, então eu posso dizer que é essa. (...) (PROFESSOR 6, 2019).
PROFESSOR 7	(...) "Um dos fatores que mais contribuem para a evasão? Eu acho que eu vou muito na questão metodológica, eu acho que a questão metodológica ela é importante; e a metodológica, quando eu falo, é tanto na sala de aula do professor, quanto ao ambiente que possibilite essas atividades práticas a esses alunos, então se tu faz uma metodologia, tu possibilita a esse aluno ele saber fazer aquilo que você tá falando, eu acho que você atrai esse aluno e mantém ele um pouco mais, (...)" (PROFESSOR 7, 2019).

PROFESSOR 8	(...) "o que eu vejo eles reclamando muito é a questão do transporte, a dificuldade no acesso (...)" (PROFESSOR 8, 2019).
PROFESSOR 9	(...) "algumas coisas que contribuem eu acho que às vezes é o problema do transporte (...) Outra também que eu acho que é a baixa escolaridade de quando ele chegam aqui, porque quando eles e encontram disciplinas técnicas que precisam de maior embasamento e aí quando (...) e a terceira na minha opinião chama-se mercado de trabalho, porque eu ainda bato, porque o perfil de trabalho na região ainda não valoriza o salário do trabalho dos técnicos" (PROFESSOR 9, 2019).
PROFESSOR 10	(...) "as maiores dificuldades mesmo é por questões financeiras, na minha opinião. ou seja, e a área financeira, envolve deslocamento, alimentação, as vezes tem que trabalhar, não pode mais estudar. entendeu? (...) o IFPI é longe dos meios de transporte, a alimentação e não tem refeitório pra todo mundo, é limitado e tudo isso contribui de alguma forma. não tem bolsa pra todo mundo, auxílio financeira, enfim; tudo isso contribui. (PROFESSOR 10, 2019).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Na concepção docente, as principais dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI – Parnaíba estão centradas em quatro eixos principais: Primeiro é a questão da falta de conhecimento do curso e da não identificação com o mesmo; em segundo eixo vem a falta de base, ou seja, a ausência de conhecimentos mínimos para dar sequência aos estudos na educação técnica – refletindo-se numa baixa escolaridade que impede que o aluno consiga desenvolver com autonomia os conhecimentos do curso técnico; o terceiro eixo seria a questão do transporte, pois para os professores é algo que ainda chama a atenção dos alunos enquanto dificuldade, e um quarto eixo seria a questão da metodologia dos professores, que conforme a concepção de um dos entrevistados, quando se aborda uma boa metodologia "eu acho que você atrai esse aluno e mantém ele um pouco mais, (...)" (PROFESSOR 7, 2019). Outras questões foram também levantadas como, por exemplo, a questão financeira, em que um dos professores faz uma ressalva sobre a possibilidade de bolsas: "eu acredito que o aluno que recebe uma bolsa do POLAE ele tende a ficar mais; à evasão tende a ser mínima. Se tivesse um refeitório para todo mundo como era antigamente. Né? Liberado para todo mundo, a evasão também seria bem menor. Que aí o aluno pode sair do trabalho e vir direto para o IFPI e jantar aqui, isso já ajuda, por exemplo" (PROFESSOR 10, 2019).

7.3 Concepção da equipe de coordenação pedagógica

O setor de coordenação pedagógica é fundamental para o estabelecimento de qualquer estratégia de combate à evasão, bem como é também fundamental para o desenvolvimento de qualquer ação na área do ensino técnico, pois é o setor onde são estudados os currículos e montados todas as ações de ensino da instituição.

7.3.1 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

Buscou-se fazer as mesmas indagações feita aos professores, e assim, a primeira questão trabalhada na entrevista, assim como para os docentes, foi saber se os servidores deste setor consideravam a evasão escolar como sendo ou não um problema nos cursos do ensino técnico ofertado pela instituição.

Sim. (...) O IFPI oferece uma boa estrutura como escola e tem excelentes profissionais, porém os alunos sem boa base do fundamental encontram dificuldades com o grande número de disciplinas, especialmente com disciplinas técnicas, muitas vezes esses alunos não tem afinidade com o curso que escolheram, ou nem tiveram a oportunidade de escolher o que gostariam de cursar. (...) (PEDAGOGICO 1, 2019).

Sim, é um problema. É um desafio para todos os profissionais da educação. e são vários os fatores (...) (PEDAGOGICO 2, 2019).

Pra mim já foi um problema maior, na verdade está diminuindo. Na época das greves a nossa evasão era bem maior (...) (PEDAGOGICO 3, 2019).

Dos 3 servidores entrevistados da coordenação pedagógica, 2 argumentam que é um problema sim; 1 servidor acredita que a evasão já foi um problema maior, principalmente quando se coloca em pauta momentos de greve.

7.3.2 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

Quais são os fatores que a coordenação pedagógica acredita que são os principais implicadores para a ocorrência da evasão no ensino técnico? As respostas foram as seguintes:

Base escolar precária, deficiência na formação de profissionais, vulnerabilidade social, organização da instituição, falta de articulação entre docentes, técnicos e gestão, falta de afinidade com o curso escolhido (PEDAGOGICO 1, 2019).

(...) o curso de nível médio técnico ele precisa ter uma reestruturação para que chame mais a atenção dos jovens para o ensino médio técnico porque ele vem num primeiro momento, fica aqui 8 meses até um ano, mas na maioria das vezes ele termina não concluindo porque ele termina entrando numa dificuldade ou já entra encontra um trabalho e aí ele se sente completamente desmotivado a continuar aquele estudo no ensino. Basicamente no meu ponto de vista passa por estas questões, devem ter outras questões também, mas eu vejo mais por aí. Que ele ficou. O ensino médio ficou...é... perdido no meio dessa questão toda, né? Os alunos optam pelo superior (PEDAGOGICO 2, 2019).

Assim... nos cursos técnicos mesmo, o que eu tenho observado nos alunos é ou porque trabalham ou porque conseguiram passar pro ensino superior; então, eles desistem do técnico que não está, né?, naquele momento da vida deles, não está sendo interessante para eles. Os que permanecem é porque a maioria já está no mercado de trabalho e desejam investir ali naquela área (PEDAGOGICO 3, 2019).

De acordo com os entrevistados do setor de coordenação pedagógica os principais motivos que tem levado a ocorrência da evasão no ensino técnico da instituição são problemas que vão desde a fragilidade na base escolar do aluno, até a falta de atração do ensino técnico, que as vezes leva o aluno a não ter mais afinidade ou a trocá-lo por um curso superior. Foi apontado ainda a falta de articulação de professores, técnicos e da própria gestão.

7.3.3 Concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Sim. Com atitudes de estímulo e motivação, por meio de aulas práticas em laboratório, reforço para as disciplinas que causam altos índices de reprovação, entre outros. Melhorando a relação professor aluno. Articulação dos setores de ensino em prol das atividades e eventos que visem auxiliar os discentes. Investimentos na formação continuada dos profissionais do ensino (PEDAGOGICO 1, 2019).

Olha, é um desafio, mas tudo é possível, não tem nada que não possa reverter. Não tem um mal que não possa tornar-se bom ou como também um bom que não possa tornar-se melhor. Agora o que precisa é criar um novo atrativo para esse curso para esses jovens para que ele vir e que ele possa permanecer. (...) Porque o modelo que se está colocando e a forma como ele é colocado, ele não tem atrativo. (...) Eu acho que nos temos que fazer experimentos neste sentido para que tenha uma nova visão. Da forma que ta é que não pode continuar, porque o aluno vem e o curso deixa muito a desejar (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Possível eu acredito que sim, mas acredito assim que isso perpassa por muitas coisas, o cuidado maior do professor, de conhecer ali aquele aluno, de não achar que porque ele é adulto ta tudo pronto e ele tem que se virar; porque a relação do professor com o aluno é muito importante porque quando o aluno gosta do professor e quando o professor faz o aluno perceber o quanto aquele curso é importante não só como profissão mas também para sua vida, aquele aluno permanece. Outros fatores também que tem que ser modificados é que nos estamos numa situação que não é privilegiada, a nossa distancia dos outros lugares é grande, a gente não tem uma rede de transportes que realmente supra as nossas necessidades, o que faz com que esse aluno gaste muito. (...) tentar amparar melhor esse aluno para que ele se sintam bem, para que ele se sintam motivado e de repente até empreender seu próprio negócio nessas áreas e que aqui cá estão (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Todos os servidores da equipe de coordenação pedagógica entrevistados, acreditam que é possível sim diminuir a evasão escolar do ensino técnico e para isso fazem algumas sugestões: mais aulas praticas em laboratórios, melhor articulação entre os setores, investimentos em capacitação para os profissionais do ensino, desenvolver estratégias para tornar o ensino e o próprio curso mais atrativo e outro ponto sugerido é relacionado a sensibilidade e de um cuidado maior por parte do professor para com seus alunos, "porque a relação do professor com o aluno é muito importante porque quando o aluno gosta do professor e quando o professor faz o aluno perceber o quanto aquele curso é importante não só como profissão, mas também para sua vida, aquele aluno permanece" (PEDAGÓGICO 3, 2019).

7.3.4 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Assim como na entrevista dos professores, foi pautado na entrevista uma pergunta com o intuito de saber as concepções da equipe de coordenação pedagógica sobre a quem eles atribuíam a grande responsabilidade de ser o principal agente para que a evasão não acontecesse, ou que não ocorresse em

alto numero. A questão foi tratada da seguinte forma: "Em sua opinião, quem é o principal responsável para que a evasão escolar não aconteça? porque?"

Para responder a questão foi dado as seguintes alternativas: "a- () a instituição de ensino; b- () a família do estudante; c- () o próprio estudante; d- () o professor; e- () outro: _____". Deixou-se a opção de marcar qualquer das alternativas ou de nomear um elemento novo; mas sobretudo, sobretudo, a importância era que eles colocassem o porquê de sua escolha. Que também justificassem.

Todos os autores são imprescindíveis, cada um com sua atuação específica na vida do aluno. A família, investir na educação e escolaridade, iniciando-a desde a pré-escola, não deve terceirizar a educação dos filhos, é a base, é onde tudo se inicia. A instituição tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento do discente como cidadão crítico e atuante na sociedade. O estudante assumir a responsabilidade com seu próprio aprendizado e construir sua história de vida escolar com dedicação aos estudos e ser consciente do seu papel. E o professor tem um papel bastante amplo, muito mais que transmitir os conhecimentos, deve incentivar, motivar os alunos a ir construindo conhecimento individual ou coletivamente (PEDAGÓGICO 1, 2019).

olha...eu não diria que nós temos um principal responsável. Eu não diria. Todos citados são responsáveis diretamente. o aluno, claro, também é responsável, a escola é responsável. O professor é responsável. Todo mundo é responsável diretamente. Eu acho que quando as partes elas se unem, elas podem encontrar um denominador comum, dizer exatamente quem é o principal responsável eu não sei. Porque tem toda uma estrutura... a política, o governo, os fatores, né? Até mesmo as questões que a gente não consegue aqui dentro da escola identificar. Ultrapassa nosso... o aluno pode deixar de frequentar a escola por fatores que não inclui nada daquilo que a gente já comentou: da escola ser afastada do centro, deter problema de transporte e tudo mais. É uma questão complexa, eu acho que aí envolve todos os setores, a família, a escola...o professor...a gestão da escola, e essa equipe multidisciplinar que a gente faz parte, evidentemente (PEDAGÓGICO 2, 2019).

olha, eu não consigo entender educação se não for um elo, então eu não consigo responder nenhuma destas alternativas porque pra mim a educação é um elo e passa pela instituição, passa pela família, passa pelo estudante, pelo professor, pela valorização da própria sociedade com respeito aquele curso; então aqui não tem nenhum que se diga: olha, o principal fator é esse bem aqui. Eu posso dizer o principal fator pro aluno permanecer e nunca vai ser só um. Para mim o principal fator para o aluno permanecer é porque ele gosta da instituição e ele gosta do curso. Agora, porque que ele gosta? Pode ser pelo professor, pode ser porque ele entende a matéria, pode ser pelo status social ali daquele curso. Então para mim seria (entre as alternativas dadas) "outro" responder o outro. Porque nenhum deles aqui consegue ser o responsável principal por isso aqui, pela evasão (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Todos os entrevistados acreditam que não há um personagem principal no combate à evasão, mas que ao contrário, todos seriam responsáveis diretamente para que a evasão seja enfrentada.

7.3.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Sim. Adequação de metodologias, compromisso com a formação continuada, processos de avaliação adequados são exemplo de ações que fazem a diferença (PEDAGÓGICO 1, 2019).

(...) a aprendizagem de fato e de direito, ela só acontece em sala de aula. Lá na sala de aula neste sentido, o professor tem um papel importantíssimo e fundamental na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. É lá na sala de aula, então todo o aparato que se tem para propiciar uma boa educação, uma boa formação dos alunos, ela não será suficiente se o professor em sala de aula não estiver a altura, a capacidade, a formação suficientemente capaz para transformar o conhecimento em ensino de verdade que transforme a vida daquele aluno (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Para mim, faz diferença só em 100% (risos). Olha gente, o papel do professor é muito importante, porque hoje em dia a gente vive num mundo muito assim de várias e múltiplas oportunidade. Tipo: há! Você não quer aqui não? Você não quer aqui não? Você não quer aqui não? Você não quer aqui não? Pois a escola bem ali me valoriza! Bem em outro lugar ali me valoriza! Bem ali estão me dando opções! Então eu acredito so que é 100%; eu vejo pelos alunos, pois os alunos que tem um bom relacionamento com os professores e que conseguiram participar de alguns projetos, que se sentem vistos, que se sentem apreciados; eles não querem nem sair daqui, eles querem passar o dia aqui, eles falam bem do instituto, eles tem perspectiva de futuro profissional. Então para mim, a diferença é só 100%. Faz toda a diferença um professor que se importa, um professor que vê aquele aluno. Porque nós enquanto equipe técnica, procuramos ver esse aluno – e não está nem sendo perguntado aqui, mas no conselho de classe e em outros momentos, nos tentamos fazer o aluno ver seu professor, e tentar que esse aluno se aproxime do professor e que o professor se aproxime do aluno. Essa é a nossa parte aqui e eu acredito que faz toda a diferença (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Para os entrevistados as ações dos professores fazem diferença tanto para o aumento quanto para a diminuição da evasão, e nisso, os entrevistados elencaram pontos que acreditam fazer diferença na permanência do aluno, como por exemplo: adequação de metodologias, processos avaliativos adequados e principalmente a posição do professor quanto a valorização do aluno. Para um dos entrevistados é tamanha a responsabilidade do professor nesse aumento ou

diminuição de evasão, pois “a aprendizagem de fato e de direito, ela só acontece em sala de aula. Lá na sala de aula neste sentido, o professor tem um papel importantíssimo” (PEDAGÓGICO 2, 2019).

7.3.6 Concepção da equipe de coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Acredito que são múltiplos fatores, como: Falta de base, cumprimento de horários de trabalho, problemas com transporte, dificuldades de aprendizagem, falta de motivação, enfim, uma junção de fatores externos e internos. Não existe um fator único (PEDAGÓGICO 1, 2019).

A gente poderia relatar um monte de coisas, né? É... primeiro que o próprio mercado de trabalho não absorve exatamente esses jovens de hoje, eles saem daqui também (...) O problema aqui do transporte contribui grandemente, enormemente com a questão da evasão dos alunos, e por outro lado, eu digo... a própria instituição mesma, a gente enquanto instituição; a gente ainda não conseguiu efetivamente colocar cursos ou transformar esses cursos numa, digamos assim, uma espécie de movimento em que os alunos cheguem, fiquem aqui, entre na escola, permaneçam na escola e saiam com o êxito devido para ser um profissional, um cidadão. Porque a escola não é só para dar uma profissão, ela trabalha, tenta trabalhar o indivíduo como um todo. Então assim, a questão estrutural, esses fatores externos que envolve política, economia, como já coloquei; os fatores mais locais, como a questão de transporte, mas também a própria instituição anda; ela não tem ainda, embora com a sua estrutura que ela tem, que é para estar, mas ainda não atende a contento para fazer com que esses cursos se tomem, digamos assim, uma verdadeira vitrine para estes alunos. Não é ainda suficiente para que chame a atenção dos alunos. (PEDAGÓGICO 2, 2019).

Assim! As maiores dificuldade que eu vejo são: a distância para o instituto, que é muito grande. Dos cursos da noite é porque os alunos trabalham, eles as vezes acabam desistindo porque num primeiros momento, nos primeiros dias o patrão deixa eles saírem cedo. Mas do meio por fim, ele já tem que sair de lá as 7 horas (referindo-se as 19hs) e não tem como chegar aqui as 8 horas. (...) aí quando ele chega aqui que o professor diz: te virar! E no dia que ele falta o outro colega de classe também não diz: olha fulano o professor passou aquilo e aquilo outro. Ele se sentiu totalmente desmotivado pra vim. Acho que falta essa união com os professores e a própria condição de vida mesmo do aluno que atrapalha muito. (...) Então... para mim é difícil dizer só um fator, mas o fator que pra mim prepondera mais, é isso bem aí, financeiro, ele não tem condição de permanecer, e depois ele chega aqui, e alguém diz: você aí ter que se virar! Eu não to nem aí se você aprendeu ou não! Você vai ter que se virar! Não é dado opções, não é dado apoio para esse aluno que fez um péssimo ensino fundamental (...) (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Na concepção dos entrevistados da coordenação pedagógica sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos, alguns

problemas foram elencados com maior intensidade como no caso da falta de base escolar, em que os alunos chegam ao ensino técnico sem os conhecimentos mínimos necessários; o transporte é um outro fator preponderante, também aparece elencado na fala dos entrevistados a questão do mercado de trabalho que ainda permanece muito fraco na absorção dos profissionais formados no campus de Parnaíba. A conciliação de horários também é um problema, principalmente para os alunos de cursos técnicos noturnos que geralmente são pessoas que desempenham atividades profissionais durante o dia. E para um dos entrevistados, uma das maiores dificuldades relatadas pelos alunos é a falta de atenção, sensibilidade e união do professor, pois na concepção do entrevistado, muitos alunos tem problemas familiares, financeiros, entre outros; “ai quando ele chega aqui que o professor diz: te vira! E no dia que ele falta o outro colega de classe também não diz: olha fulano o professor passou aquilo e aquilo outro. Ele se senti totalmente desmotivado pra vim. Acho que falta essa união com os professores” (PEDAGOGICO 3, 2019).

Foi perguntado ainda na entrevista, qual das dificuldades elencadas por eles contribuía com maior intensidade para a evasão; neste quesito, todos demonstraram dificuldade em eleger apenas um como principal, no entanto, três fatores foram evidentes nos relatos: Base educacional dos alunos, transporte escolar e questões relacionadas a metodologia e didática dos professores.

7.4 Concepção da equipe de assistência estudantil

7.4.1 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

Bom. A evasão ela sempre é um problema, primeiro porque existem recursos que estão sendo investidos numa instituição de ensino e que não estão atendendo ao seu propósito, é a primeira preocupação do governo é essa. E está se constituindo sim um problema no IFPI porque existe a evasão, se a evasão é um problema, é um problema de política pública e ela existe no IFPI e vem se constituindo sim como um problema em nossa realidade e em nosso contexto institucional (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Eu penso que evasão vem sim se constituindo como um problema no Instituto Federal do Piauí, e eu penso que evasão juntamente com a retenção e o abandono escolar se constituem como um grande problema, porque tem caráter multifacetado e quando a gente faz a

leitura da literatura sobre o tema de forma técnica, agente como técnico consegue visualizar que as causas são múltiplas né! Então as causas da evasão escolar são múltiplas, e aí sim eu acredito que a evasão, sim, se constitui como um grande problema do Instituto Federal, ... que o Instituto Federal atravessa como um grande problema (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Em síntese a equipe de assistentes sociais acredita que a evasão nos cursos técnicos é de fato um problema para o IFPI Parnaíba, e acreditam que o problema se constitui principalmente pela questão dos investimentos em vagas não ocupadas, porque “existem recursos que estão sendo investidos numa instituição de ensino e que não estão atendendo ao seu propósito” (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019). O fato de alguns alunos não concluírem o curso, faz com que o papel institucional não tenha o êxito em sua missão que é formar aquele número X de vagas ofertadas. Ainda de acordo com os entrevistados, o problema no campus de Parnaíba, constitui em problema grave e de caráter multifacetado.

7.4.2 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

Os fatores são múltiplos, de diversas ordens. Os fatores podem ser de motivação pessoal do próprio estudante; quando há uma perda de interesse, pelo curso, pelo perfil, mudança de um curso, abandono de um curso para ingressar em um outro e assim receber uma outra formação; podem estar envolvidos aí também fatores de ordem institucional, fatores internos que promovem essa evasão. Podem também existir fatores externos ao IFPI, difíceis para o IFPI administrar... para a instituição administrara; que são aqueles que dizem respeito a história de vida do estudante, a sua trajetória escolar, de onde esse estudante veio, se ele é proveniente da educação básica, de qual escola ele estudou, de quais deficiências ele traz desse processo e também da família de onde ele vem... de qual família, qual o ambiente social que ele vem, nesse ambiente e nesse meio existem estímulos para... para a sua vida acadêmica? Ou não? (...) a influência que os professores vão ter sobre os alunos em sala de aula e outros serviços também dentro da instituição e a questão do meio em que o estudante vive também interfere, sua realidade socioeconômica também interfere. Tá?! (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

(...) eu penso então que os principais fatores, né Horácio, que eu penso que levam o estudante a descontinuar, eu vou dizer assim, os estudos no Instituto Federal eu penso que seja a questão da distância, não é?. Pois o nosso Campus ele está situado numa região que não nos favorece, além disso, além da questão geográfica, eu vou dizer assim, nós temos um sistema de transporte altamente deficitário (...) o outro ponto que eu penso que faz com que o estudante não continue os seus estudos seja a questão da quantidade de disciplinas né! pois os cursos técnicos eles têm, eu diria assim, que é a profundidade dos estudos, a dificuldade que alguns estudantes têm de concluir porque a maioria

vem do ensino público e eu penso aí que isso aí acaba se (...) a questão do aluno não se identificar com a área, pensa que vai estudar uma determinada área e no entanto o curso é voltado para uma outra realidade, vou dizer assim. então eu pensei em elencar os três fatores né!... para evasão. (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Os principais fatores identificados pela equipe de assistência estudantil giram em torno da não identificação dos alunos com o curso, do processo de troca de curso quando o aluno resolve abandonar o curso técnico pra fazer, por exemplo, um curso superior; também chama a atenção a abordagem dos entrevistados sobre a deficiência da base escolar do estudante ao ingressar no curso técnico, a questão do transporte e da distância do campus Parnaíba; e também foi elencado como fator de evasão, o relacionamento dos professores com os alunos e a quantidade de disciplinas.

7.4.3 Concepções da equipe de assistência estudantil sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI

– Parnaíba. E quais ações necessárias.

Bom... eu acredito que nós temos como diminuir, sim! Melhorando a infraestrutura nos institutos, melhorando a qualidade do processo educacional ofertado, promovendo incentivos para que o estudante logre êxito, incentivos, premiações e a melhoria da autoestima do estudante, do interesse dele pelo curso. (...) o que podemos fazer é isso, melhorar as nossas condições físicas, a forma de como ministrar essa aula, esses cursos, será que são atrativos para esses estudantes? Como é que se organiza esse processo de ensino aprendizagem? É acessível? Considera as inúmeras particularidades dos estudantes e as suas inúmeras dificuldades de aprendizagem? (...) (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

(...) eu acredito que sim, (...) eu penso, Horácio, que nós temos hoje a política de assistência estudantil e ela tem sido um instrumento, que eu vou dizer assim, garantidor para permanência do Estudante e essa política ela é de alcance para todos os estudantes... eu acredito que com os benefícios, que com o refeitório, com o acesso a biblioteca, ao material didático... hoje a gente já... contamos com uma equipe multidisciplinar, com a presença da médica e equipe de odontologia, então eu acredito que esse serviços acabam que convidando, eu vou dizer assim, o estudante a permanecer no ambiente acadêmico (...) a minha sugestão é que houvesse mais diálogo dos professores para com os estudantes. Eu acho que essa ponte né, essa forma dialogada dos professores com os estudantes, eu penso que seria também um caminho, eu vou dizer assim, para a permanência do Estudante no ambiente acadêmico. Então quando você me diz para eu sugerir eu penso que seria isso né, equipe de coordenadores tá trabalhando com os professores daqueles cursos, tá fomentando uma roda de conversa com os estudantes, onde a gente possa estar ouvindo esses estudantes com suas demandas. (...) é tá revendo as metodologias aplicadas em sala de aula, levando em consideração que o nosso

público, mais uma vez eu repito, mais uma vez eu eu ressalto,... nosso público ele é eminentemente um público das camadas populares; ele é um público que vem, sua maioria, das escolas públicas e a gente sabe que as escolas públicas elas deixam a desejar nesse quesito. Então eu penso que aí seria algumas alternativas para a gente estar diminuindo esse índice (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Em síntese, toda a equipe de assistência estudantil acredita ser possível diminuir a evasão nos cursos técnicos; já em relação às ações necessárias, os entrevistados afirmam que é preciso: melhorar o processo de ensino aprendizagem; elevar a autoestima dos alunos em relação ao curso; melhorar a forma de como são ministradas as aulas; melhorar o contato dos professores com os alunos; desenvolver atividades para ouvir as demandas dos alunos e ainda rever as metodologias utilizadas em sala de aula para reconhecer as verdadeiras necessidades dos alunos. Um entrevistado ressalta que: "a minha sugestão é que houvesse mais diálogo dos professores para com os estudantes. Eu acho que essa ponte né, essa forma dialogada dos professores com os estudantes, eu penso que seria também um caminho, eu vou dizer assim, para a permanência do Estudante no ambiente acadêmico" (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

7.4.4 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Todos são importantes pra evitar a evasão, tá! Todos são importantes pra combater a evasão. A instituição de ensino, como já coloquei bastante e enfatizei, com um papel da instituição de ensino e a forma como ela se organiza, os serviços ofertados, a qualidade do processo educacional, a infraestrutura. A família do estudante também é importante, principalmente quando são mais jovens, mais adolescentes, eles precisam de um melhor acompanhamento em casa, um acompanhamento que motive e que oriente sobre a importância dos estudos. A motivação do próprio estudante de estudar e se organizar, de manter uma rotina de estudos, também influencia bastante e é responsável pelo êxito. (...) Tem o professor que ensina, tem a instituição com toda a sua estrutura e o próprio estudante aí exercendo seu papel, estão todos são importantes... estudantes, professores, instituição, família (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

(...) eu penso que todos esses atores eles estão inter-relacionados né, eles se relacionam. (...) não consigo visualizar nessa questão, somente um ator, eu penso que todos né, para que o sucesso escolar aconteça é necessário que todos esses atores que você elencou aqui no seu questionário... eles sejam... todos sejam protagonistas na Instituição juntamente com a figura do professor né; que seja uma relação totalmente aberta, onde o estudante ele se veja realmente como protagonista daquele processo de ensino-aprendizagem, onde o professor dialogue com a família, onde a instituição dê subsídios para que o estudante realmente possa estar alcançando né... êxito. enfim então, eu penso que eu não elencaria nenhum. Eu penso que todos esses atores aqui eles se relacionam. (...) (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

A questão ofereceu como resposta as seguintes alternativas: "a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____". Deixou-se a opção de marcar qualquer das alternativas ou de nomear um elemento novo; sobretudo, a importância era que eles colocassem o porquê de sua escolha.

Conforme respostas, os entrevistados responderam com unanimidade que todos os elementos elencados seriam responsáveis. Que todos os elementos elencados seriam importantes e que se inter-relacionavam. No entanto foram destacados, com maior ênfase, dois elementos: a instituição que deve oferecer uma estrutura adequada, com subsídios para uma educação de qualidade e o professor que deve desenvolver metodologias que coloquem o aluno como protagonista no processo de aprendizagem.

7.4.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Sim! Faz diferença, professores podem marcar a vida, a história e a memória das pessoas, quando eles são figuras que representam... figuras motivadoras, pessoas que acabam servindo de referência na história de vida daquela pessoa, né? E quando os professores procuram ministrar uma aula mais atrativa, mais dinâmica que oferece para o estudante esse interesse pelos estudos, isso facilita muito o processo, eu acredito que possa sim ter um impacto na vida desses estudantes, e também não só o trabalho do docente na sala de aula, mas fora da sala de aula também; quando ele desenvolve projetos, projetos voltados também para essa atenção ao estudante, seja na área de formação dele, ele fazendo um projeto de extensão,

envolvendo os estudantes sem uma determinada área para que eles possam desenvolver tecnologia, pesquisa voltadas para as demandas da comunidade ou da própria instituição e dos próprios estudantes... eu acredito que as ações dos professores quando é comprometida sempre serão benéficas nesse processo educacional e consequentemente vai combater a evasão dentro daqueles aspectos objetivos que envolvem as causas da evasão (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

(...) eu acredito que o professor é a porta de entrada do estudante, é a porta de entrada... porque que veja, se o estudante ele não tem um retorno e nem um feedback do professor, se o estudante ele não se sente realmente engajado dentro de sala de aula pelo professor, e o professor ele tem aquela autoridade, vou dizer assim, né... Eu acredito que... eu acredito que se o professor não tiver essa postura; de estar acompanhando realmente o estudantes e de estar sendo parceiro, vou dizer assim, está sendo e está colocando uma metodologia realmente que atenda às demandas estudantis, eu penso que esse estudante ele pode sim... ele pode sim deixar a instituição. eu penso que o professor é chave, eu vou dizer assim, eu penso que o professor ele tem um papel fundamental. Fundamental! eu digo isso porque nós temos casos de estudantes do ensino médio que deixaram o Instituto Federal por questões de relacionamento professor-aluno, infelizmente, eu tive contato com esses estudantes; mais uma vez eu ressalto, que foram estudantes do ensino médio e infelizmente foi assim. então o professor ele tem sim essa autoridade de estar sendo parceiro, de está sendo... está se colocando e tá sendo empático para com aluno. Enfim eu acho que sim (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Os dois participantes da entrevista acreditam verdadeiramente que as ações dos professores fazem diferença no aumento ou diminuição da evasão do ensino técnico. O primeiro, acredita que quando o professor se dedica a oferecer uma aula com metodologia mais dinâmica e mais atrativa facilitaria muito o processo de aprendizagem dos alunos, e destaca que é importante não só o comprometimento em sala de aula, mas também fora dela, através de projetos e afirma ainda que acredita que: "as ações dos professores quando é comprometida sempre serão benéficas nesse processo educacional e consequentemente vai combater a evasão dentro daqueles aspectos objetivos que envolvem as causas da evasão" (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

Já o segundo entrevistado esclarece que se o professor não engaja e nem se faz presente para o aluno, e ainda, se o professor não desenvolve uma metodologia que atenda as demandas do aluno, este tende a abandonar o curso; afirma ainda que já houve casos e que aluno abandonou os estudos no IFPI Parnaíba em decorrência de mal relacionamento com professor. "eu penso que o professor é chave, eu vou dizer assim, eu penso que o professor ele tem um papel fundamental" (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

7.4.6 Concepção da equipe de assistência estudantil sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Dos cursos técnicos em geral...bom, as dificuldades que nós identificamos, observamos que os estudantes as vezes não tem acesso aos equipamentos necessários para o curso... é o acesso a um computador com internet (...) a gente percebe que existem questões socioeconômicas, financeiras, questões que dizem respeito a família, o perfil das famílias desses estudantes, tem um impacto, e também é um fator que dificulta a permanência e o êxito dele dentro desses cursos. (...) os estudantes também tem dificuldades de aprendizagem, dificuldades emocionais, dificuldades na sua percepção como estudante, muitos a gente percebe uma autoestima baixa, e não se sentem capazes, então isso dificulta o processo educacional. Além disso, a falta de hábitos de estudos, de rotinas de estudo, que eles trazem de outras escolas, de onde vieram; então... dificuldades por não terem conhecimentos anteriores que não favorecem a aprendizagem dos conteúdos atuais ministrados, então, são várias dificuldades, e não existe uma que pese mais do que outras, então eu acredito que esse conjunto de dificuldades são um convite para o estudante evadir (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

(...) as maiores dificuldades que eles relatam é a questão de... como é que eu te diria... é a questão financeira né! Alguns relatam que as famílias moram... muitos né!, Vem estudar aqui em Parnaíba deixando sua família de origem em outras cidades e eles têm que custear com aluguel. Enfim, então eu penso que, tá atrelado a uma das maiores dificuldades, além da questão da acessibilidade né, como eu já havia falado anteriormente e nós temos aí a questão financeira. E também muitos deixam o Instituto Federal por conta do mercado de trabalho, deixam o curso para ingressar no mercado de trabalho. Talvez seja também um dos recortes, eu vou dizer assim, da evasão; um dos vieses, eu vou dizer assim (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

As maiores dificuldades elencadas forma em geral: acesso aos instrumentos de estudos; dificuldade com a base educacional e dificuldades de

aprendizagem autoestima baixo em relação ao curso; falta de hábitos de estudo; questões financeiras e familiares e abandono de curso para ingressar no mercado de trabalho. Quanto a pergunta sobre quais dos fatores influenciava com maior impacto para a evasão, ambos os entrevistados não apontaram um item específico, apenas evidenciaram que todos os fatores elencados era significativo para a decisão da evasão, conforme resposta a seguir: "não existe uma que pese mais do que outras, então eu acredito que esse conjunto de dificuldades são um convite para o estudante evadir" (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

7.5 Concepção da Coordenação de curso técnico

7.5.1 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre a evasão ser ou não um problema no campus de Parnaíba.

No curso técnico em edificações, no integrado a evasão é bem... tem um índice bem baixo, mas no concomitante subsequente é que a gente identifica o maior índice de evasão, e o problema que eu vejo é que existe um certo desperdício de recurso, pois quando o professor está em sala de aula e toda a estrutura do campus ela está disponível para 40 alunos por turma; então se você não tem esses 40 alunos por turma, você está acarretando um desperdício de recursos, porque toda a estrutura está funcionando para 40 alunos por turma e não estamos tendo este número. (...) (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação de curso técnico acredita que a evasão é um problema e afirma que o problema se constitui em desperdício de recursos, uma vez que a instituição investe em um número de vagas X e não consegue formar aquele número de alunos, portanto, se existe um planejamento para atender a 40 alunos e no final a instituição acabaria, por exemplo, com 20 alunos, isso refletiria o desperdício de recursos.

7.5.2 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre os principais fatores de evasão no campus de Parnaíba.

(...) a principal causa que eu vejo é a falta da base de alguns alunos que vem para o instituto e não conseguem acompanhar o conteúdo, né? Por que as vezes um conteúdo precisa de uma base que eles não vêm trazendo em seu conhecimento (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A falta de base educacional, no caso, trata-se da deficiência no nível de conhecimentos mínimos com que o estudante chega até os cursos técnicos do IFPI. A coordenação acredita que o aluno acaba não conseguindo acompanhar a nova trajetória educacional.

7.5.3 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre acreditar ou não que seja possível diminuir a evasão nos cursos técnicos do IFPI – Parnaíba. E quais ações necessárias.

Bom... o que eu tenho visto que tem sido feito é a tentativa através de monitorias e através de nivelamento tipo PRAEI² que são bem válidos, no integrado tem funcionado bastante, mas não tem PRAEI no curso técnico concomitante subsequente que é como eu falei que é onde está o maior índice de evasão, no concomitante subsequente; então, fica complicado o PRAEI no concomitante subsequente, já que ele não contempla disciplinas de base, as disciplinas do concomitante subsequente são todas disciplinas técnicas específicas, que pressupõe que o aluno já tem uma base, que pressupõe que o aluno já concluiu o ensino médio em alguma instituição e que ele já tenha essa base, mas o que ocorre é que ele não tem. Mas o que eu vejo como maior fator, na minha opinião, que tem maior impacto na questão dos alunos do concomitante subsequente que é no turno da noite, é a questão do problema de transporte, né? A localização do campus que faz com que os alunos se sintam desmotivados a vir pra assistir as aulas. O aluno começa, ele vem no início, e depois ele começa a faltar, até que ele desiste por completo. Do turno da noite o transporte é o que mais chama a atenção entre os problemas porque eu acredito que seja mais precário a questão do transporte a noite, e talvez esse seja o maior motivo de evasão dos cursos técnicos da noite, concomitante subsequente (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação entrevistada faz uma análise de que entre os cursos técnicos do IFPI – Parnaíba, o maior índice de evasão está na modalidade concomitante/subsequente, e aborda uma ideia que tem funcionado na realidade do ensino técnico integrado que é o PRAEI (Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante) que é um programa que oferece através de monitorias, um reforço escolar, para aqueles alunos que passam por dificuldades na aprendizagem ou que chegaram ao IFPI com dificuldades em seu percurso educacional; no entanto, o entrevistado também afirma que este programa não é colocado a disposição do ensino técnico concomitante/subsequente porque

² O PRAEI (Programa de Acolhimento ao Estudante Ingressante) é um programa do Instituto Federal do Piauí que tem como intuito acolher o aluno ingressante no Ensino Médio Integrado nas suas dificuldades de aprendizagem; é um tipo de monitoria que ajuda aos alunos com dificuldades a terem uma espécie de reforço escolar.

esta modalidade de ensino não contempla as disciplinas de base acolhidas pelo PRAEI, já que as disciplinas do curso citado anteriormente são todas disciplinas técnicas. Mas a fala da coordenação assume que mesmo sendo desenvolvida apenas disciplinas técnicas no concomitante/subsequente, a ausência de concretude nos conhecimentos da formação básica, afetam o desenvolvimento das disciplinas do ensino técnico. Fica ideia de que seria interessante também a implantação de “um tipo de PRAEI” para auxiliar essa ausência de base educacional com que os alunos chegam aos cursos técnicos do Campus de Parnaíba. Houve ainda o esclarecimento de que a questão do transporte ainda seria o problema mais preponderante dentre os que ela poderia listar. Portanto, na concepção da coordenação, a evasão poderia diminuir desde que fossem trabalhados esses dois pontos: a falta de base do aluno para desenvolver o curso técnico e a questão do transporte.

7.5.4 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre o principal responsável para que a evasão não aconteça?

Bom. Aqui eu vejo que eu consideraria dois agente que estão listados. A instituição de ensino e o professor. Esses dois são importantíssimo, mas a questão do transporte não está listado, transporte adequado, transporte rotineiro e que atenda as demandas das localidades vizinhas como Buriti dos Lopes, Luís Correia, Ilha Grande, Araisos; então, no que tivesse esse transporte público adequado trazendo esses estudantes para estudarem aqui a noite, a gente vai poder ter uma melhora nessa questão da evasão (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A questão ofereceu deu a coordenação como resposta as seguintes alternativas: “a-() a instituição de ensino; b-() a família do estudante; c-() o próprio estudante; d-() o professor; e-() outro: _____”. Foi explicado que poder-se-ia marcar qualquer das alternativas ou de nomear um elemento novo; tinha apenas que explicar o porquê de sua escolha.

Assim, a coordenação escolheu dois agentes da lista e resolveu elencar um outro elemento; portanto os 3 elementos mencionados foram: a instituição de ensino, o professor e o transporte. Não houve a explicação do porquê da escolha desses elementos. Mas explicou que somente quando houver um transporte adequado, rotineiro e que atenda as localidades vizinhas é que haveria uma melhora nos índices de evasão pois, “no que tivesse esse transporte público

adequado trazendo esses estudantes para estudarem aqui a noite, a gente vai poder ter uma melhora nessa questão da evasão" (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

7.5.5 Você acredita que as ações dos professores fazem diferença para o aumento ou diminuição da evasão escolar? porque?

Sim, eu acredito que tem grande participação da responsabilidade do professor. Se o professor ele é assíduo, se ele dá as suas aulas, mantendo uma sequência lógica, de forma que o aluno possa acompanhar, o aluno se sente estimulado e vem participar das aulas; agora quando acontece inassiduidade ou aulas com conteúdo que não tenha um raciocínio lógico ou uma sequência lógica de aula para a aula, então o aluno se desmotiva e as vezes ele deixa de vir por causa disso. (...) (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

Sim. A coordenação de curso técnico acredita na influência dos professores para o aumento ou diminuição da evasão nos cursos técnicos; afirma que o professor estimula os alunos a permanecerem em sala de aula à mediada que são assíduos e que mantém uma metodologia coerente com uma sequência lógica de suas aulas. Segundo a coordenação, o efeito contrário também ocorre, pois "quando acontece inassiduidade ou aulas com conteúdo que não tenha um raciocínio lógico ou uma sequência lógica de aula para a aula, então o aluno se desmotiva e as vezes ele deixa de vir por causa disso. (...) (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

7.5.6 Concepção da Coordenação de curso técnico sobre as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI - Parnaíba e qual destas dificuldades contribui com maior intensidade para a evasão.

Bom, como eu sou coordenadora, e os processos de trancamento de cursos passam pelas minhas mãos, então quando a maioria dos processos que são protocolados para o trancamento de cursos são processos que tratam da não possibilidade do aluno vir e comparecer a escola por causa do não atendimento de transporte na sua localidade, e outros fatores que eles justificam no trancamento é a questão de estarem em outros cursos, cursos superiores no mesmo horário ou mesmo, ter conseguido um trabalho no mesmo horário e que impede o comparecimento deles as aulas. Mas quando o aluno evade e não apresenta nenhuma justificativa para essa evasão fica mais complicado da gente achar ou supor o porquê que ele evadiu; aí é o

caso, de realmente ser feito uma pesquisa junto a esses alunos para saber por quais razões eles vieram a evadir. Em se tratando do turno da noite, é o transporte o maior causador da evasão, e em se tratando do turno da manhã, que é o integrado oferecido no turno da manhã... em se tratando do turno da manhã o motivo vem a ser o não acompanhamento por falta de base desse aluno para acompanhar os conteúdos ministrados (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

Quanto as maiores dificuldades relatadas pelos alunos dos cursos técnicos no IFPI – Parnaíba, a coordenadora entrevistada informou que as maiores causas do aluno não comparecer mais ao curso está relacionado principalmente a: questão de transporte; questões de troca de curso, quando, por exemplo, o aluno resolve sair do curso técnico para frequentar um curso superior; incompatibilidade de horários entre o curso técnico e o emprego e por fim, ressalta ainda o problema de base educacional do aluno. Por fim, foi perguntado sobre qual entre os problemas elencados seria aquele que maior influência para a ocorrência da evasão no ensino técnico; e, respondendo a esta questão a coordenação relatou que existem duas realidade, no turno da noite o principal problema seria a questão do transporte, e, no turno manhã a principal problemática é a falta de base de conhecimento para que o aluno conseguisse acompanhar o curso técnico.

8 . PROPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

8.1 Proposta dos ALUNOS

Levando em consideração a concepção dos alunos, a pesquisa chegou ao momento das proposições de ideias; seguindo no sentido de compreender o que os alunos acreditam que a instituição deve fazer para mudar a realidade da evasão, acredita-se ser este o caminho para mudar essa situação, visto que os alunos são os sujeitos que convivem diretamente com a realidade do problema e nada mais adequado do que os próprios sujeitos fazerem as sugestões. Certamente, ao compreender as ações necessárias para manter o aluno em sala de aula, têm-se aí o passo inicial para fortalecer o ensino técnico. O passo seguinte é tentar compreender na concepção dos próprios alunos, o que eles acreditam ser necessário para combater à evasão. Para isso, o questionário trouxe duas questões, a 14 e a questão 15. Sendo que na questão 14 este trabalho trouxe a seguinte indagação: “o que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso? apresente propostas”.

Como incentivar os alunos do IFPI - Parnaíba a permanecerem no curso técnico? No quadro a seguir consta as respostas dos alunos em relação ao que foi indagado na questão 14.

Quadro 14 – O que o IFPI Parnaíba deve fazer pra incentivar os alunos a permanecerem.

O que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso? apresente propostas.	
Aluno 1	Oferecer oportunidades de estágio
Aluno 2	Mais práticas nas aulas, e visitas técnicas.
Aluno 3	Mostrar os benefícios da conclusão do curso. Como: empregos.
Aluno 4	Oferecendo melhores condições de ensino, por parte de alguns professores. E uma melhor estrutura e cobertura.
Aluno 5	Fazer reuniões para os professores darem mais aulas práticas e o IFPI fazer algum trabalho para acompanhar e dar algum apoio para os alunos que pensam em sair e também os professores ajudarem mais os alunos com dificuldades nos assuntos.
Aluno 6	Mas palestras, mais aulas práticas.

Aluno 7	Professores marcar reforço com os alunos em alguns dias na semana no contraturno e a instituição e os professores incentivar mais o aluno a permanecer. Fazer projetos para professores saber quem são os alunos que podem sair e pensar em fazer alguma coisa.
Aluno 8	Auxiliar no transporte, ampliar as opções de turno para alguns cursos.
Aluno 9	Professores planejar e fazer mais aulas de práticas porque o aluno quer aprender a fazer as coisas do dia-a-dia com mais aula de campo, com mais visita técnica e com mais aulas que a gente possa praticar nossa futura profissão.
Aluno 10	Desenvolver mais aulas de prática, trazer para sala mais sobre o profissional, tornar as aulas mais dinâmicas e colocar o aluno ainda mais no campo de obra para gente conhecer mais nossa futura profissão.
Aluno 11	No meu ponto de vista nada, porque quando o aluno quer estudar ele enfrenta todos os desafios.
Aluno 12	Investimento em aulas práticas, viagens, novos cursos, Laboratórios com materiais que ajudem/beneficiem a todos.
Aluno 13	Criar mais atividades práticas para despertar o interesse e o gosto dos alunos pela escola.
Aluno 14	Dar mais oportunidade dos alunos irem a Campo colocar em prática o conhecimento. Professores avaliem mais os conhecimentos práticos e não focar só em teoria. Qualificar sempre e sempre os docentes para eles dar aulas atualizadas e melhores.
Aluno 15	01 fazer mais visitas técnicas. 02 proporcionar melhores estruturas para os alunos.
Aluno 16	Cursos FIT, cursos práticos.
Aluno 17	Buscar novas propostas para o curso e um laboratório Digno.
Aluno 18	Trazar mais a teoria aliada à prática.
Aluno 19	Aplicar nos cursos técnicos mais práticas, eventos técnicos e TC.
Aluno 20	Projetos que agradem os alunos.

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Verifica-se com as respostas dos 20 alunos respondentes que o ponto mais abordado está por mais uma vez diretamente relacionado com o professor; trata-se das aulas práticas. Pois dos 20 alunos; 10 recomendam que a intervenção necessária para que o aluno permaneça em sala de aula é que o professor desenvolva uma quantidade maior de aulas práticas, visto que alguns

alegam que aulas demasiadamente teóricas acabam desestimulando os estudantes a permanecerem no curso.

Importância observar que os relatos dos alunos são bem consistentes e coerentes apontando geralmente para o mesmo sentido; primeiramente como já fora abordado acima, a questão da metodologia dos professores onde é indicado a questão de que os alunos solicitam mais aulas práticas; pois, desejam ter uma maior proximidade com a profissão que irão desenvolver, ao mesmo tempo muitos alunos apontam também a necessidade de mais visitas técnicas. Outros alunos questionam que os professores deveriam dar um acompanhamento ou fornecer um trabalho de monitoria para aqueles alunos que apresentam dificuldades; outros pontos também são levantados pelos alunos como, por exemplo, a questão de transporte e os turnos dos cursos, pois para alguns alunos, conforme quadro acima, seria interessante a oferta de cursos em outros horários. Contudo Vale também ressaltar a existência de um relato, no caso o aluno 11, que afirma que não há necessidade de nenhuma alteração na Instituição, pois o responsável unicamente por evitar a evasão seria o próprio aluno.

Em síntese, levando em conta os pontos mais elencados pelos alunos, eles reivindicam:

- Que os professores desenvolvam um ensino com mais aulas práticas;
- Que os professores e a instituição desenvolvam um acompanhamento em forma de monitoria destinado a apoiar o processo e aprendizagem daqueles alunos com dificuldades;
- Melhoria no transporte;
- Ampliação de visitas técnicas para que os alunos tivessem mais contato com a área de atuação;
- E outras questões: Estágios e palestras.

Como o IFPI – Parnaíba deve combater a evasão? A questão 15 trouxe uma abordagem mais direta ao aluno, levando-o a refletir sobre o que eles acreditavam que o IFPI - Campus Parnaíba deveria fazer para combater diretamente a evasão escolar. Embora trilhasse no mesmo sentido da questão

anterior, mas a questão agora já não tratou mais minimamente do que o aluno acreditava ser o mais adequado para incentivá-lo a permanecer nos cursos técnicos; contudo, o questionamento agora era sobre o que ele, enquanto aluno do curso, acredita que a instituição deve fazer para encarar diretamente a evasão escolar. Sendo assim, na questão 15 (na sua opinião, como a instituição deve combater a evasão escolar?) Obteve-se as seguintes respostas, conforme quadro a seguir:

Quadro 15 – Propostas dos alunos para que o campus Parnaíba combata a evasão escolar.

Como a instituição deve combater a evasão escolar?	
Aluno 1	Incentivando os alunos com mais atividades práticas e proporcionando mais visitas técnicas.
Aluno 2	Investir mais nas aulas práticas e teoria meio a meio etc.
Aluno 3	Não respondeu.
Aluno 4	Participando ativamente na vida escolar dos alunos, através de projetos entre outros.
Aluno 5	Fazendo reuniões regulares com os professores. Fazendo com que as aulas tenham mais práticas. Dando auxílio financeiro para os alunos.
Aluno 6	Conversando com os alunos, proporcionando mais visitas técnicas.
Aluno 7	Fazer integração entre os cursos técnicos, desenvolver mais condição para as visitas técnicas e aumentar os estágios.
Aluno 8	Conscientização dos alunos e professores.
Aluno 9	Colocar monitoria para ajudar a gente. e planejar atividades para que a gente pratique e aprenda nas obras.
Aluno 10	Investindo em um bom laboratório para edificações. Desenvolvendo mais projetos para os alunos participarem. Aulas mais motivadoras e com experiências novas.
Aluno 11	Melhorando a infraestrutura.
Aluno 12	Investindo em mais monitorias.
Aluno 13	Gerando competições que incentivem os alunos a busca do conhecimento.
Aluno 14	O IFPI tem que se preocupar em oferecer um bom laboratório com as coisas necessárias e qualificar sempre os professores para dar aulas atuais e melhores.
Aluno 15	01 repassando ao aluno em forma de palestras e conversas pessoais individuais.

Aluno 16	Com iniciativa de projeto de bolsa estudantil e oferta de trabalho.
Aluno 17	Melhorando a infraestrutura.
Aluno 18	Divulgar os cursos, trabalhar com palestras e incentivos. no caso de adolescentes conversar com os pais.
Aluno 19	Distribuir mais informações concretas é bom para mudar professores.
Aluno 20	Com palestras, conversas.

Fonte: Desenvolvido pelos autores

A questão número 15 e as respectivas respostas dadas pelos alunos, têm uma grande contribuição para a pesquisa, pelo fato de trazer a concepção deles sobre o que acreditam que seja necessário se fazer diretamente para combater a evasão escolar. Ressalta-se que as respostas evidenciam que existem pontos em comuns; alguns pontos foram bastante elencados em suas falas, e isso demonstra ser uma necessidade real e ainda facilitam o entendimento sobre as mudanças que os mesmos almejam.

São seis os pontos centrais elencados pelos estudantes como estratégicos para a intervenção necessária para o enfrentamento da evasão escolar no ensino técnico do IFPI - Parnaíba:

1. Mais aulas práticas;
2. Capacitação docente;
3. Laboratórios com equipamentos e materiais necessários;
4. Palestras e conversas motivadoras;
5. Implantação de Monitoria para alunos que demonstrarem dificuldades;
6. Oferta de estágio/trabalho.

A primeira e mais destacada pauta abordada pelos alunos como intervenção necessária foi a mudança em relação ao formato das aulas; pois grande parte dos alunos reivindicaram em suas respostas o desenvolvimento de mais aulas práticas durante o curso. Como é possível verificar no relato dos alunos 1, 2, 5, 6, 7 e 9 que buscam através da prática, aulas mais significativas e uma maior proximidade do curso que fazem com as perspectivas da ação que será futuramente desenvolvida na área.

O segundo ponto, e que se considera para efeito deste trabalho o mais importante; exatamente porque vem sendo ao longo das respostas dos alunos um ponto muito citado por eles, é que uma das necessidades para que haja de fato uma significativa intervenção no problema é em relação à capacitação docente; pois, segundo grande parte dos alunos entrevistados é necessário que o professor use uma metodologia mais ativa, mais interessante e mais atraente para os alunos. Ou seja, os sujeitos que estão fazendo o curso e convivem diretamente com a realidade da evasão, identificam que é necessário que haja a capacitação docente como uma forma de intervir diretamente no problema da evasão.

Outro ponto também levantado é a questão da infraestrutura dos laboratórios; pois segundo alguns alunos (10, 11, 14 e 12) para se desenvolver bem o curso e ter uma base de conhecimento mais significativo é necessário o uso de um laboratório para o curso com toda a estrutura e equipamentos necessários.

O quarto ponto de intervenção definida pelos alunos é o desenvolvimento de palestras e conversas. Parte dos alunos acreditam que é necessário a instituição colocar em prática palestras rotineiras, bem como conversas com aqueles alunos que demonstrem possibilidades de evadir-se. Conforme quadro acima, alguns estudantes acreditam que essa pode ser uma forma de convencer o aluno a não mais abandonar o curso e assim fazendo-o sentir-se motivado e auxiliado e assim continuar no curso.

A quinta estratégia de intervenção que foi identificado na pesquisa é a necessidade de implantação de monitoria, pois segundo os alunos 9 e 12 é necessário que haja um acompanhamento da instituição em forma de monitoria para aqueles alunos que sentem dificuldade; certamente é uma solicitação justa uma vez que o que os alunos procuram é ter oportunidade de um melhor acompanhamento enquanto encontram-se com dificuldades em alguma disciplina. Certamente é uma estratégia boa e provavelmente de baixo custo e que pode auxiliar bastante os alunos que pensam em desistir por conta de não conseguir acompanhar certas temáticas.

Um outro ponto tem a ver com a questão financeira do estudante; alguns alunos identificam a necessidade de haver mais estágio e oportunidades de trabalho. Ou seja, acredita-se que a instituição deveria buscar dar mais oportunidade para que os alunos se desenvolvam financeiramente, principalmente

aqueles alunos que não têm uma renda fixa, uma renda que o permita estar todos os dias frequentando a sala de aula por questão de locomoção, de transporte e de uma forma geral, financeira.

Por fim, alguns alunos também definem que o IFPI - Pamaíba deveria desenvolver estratégias no sentido de: ofertar bolsa estudantil para o ensino técnico em geral; desenvolver projetos na área do ensino; contribuir com algum auxílio financeiro e até mesmo conforme o aluno 13 ressaltou, que a instituição deveria oferecer competições que levasse os alunos a desafiarem seus próprios conhecimentos.

8.2 Propostas dos PROFESSORES.

A sétima questão da entrevista aplicada aos professores trouxe um dos mais importantes questionamentos, pois baseado em sua experiência em sala de aula, e no convívio com os alunos e com a realidade da evasão escolar, perguntou-se aos professores: "O que a instituição pode fazer para incentivar o aluno a permanecer no curso técnico? apresente propostas." E assim, obteve-se as seguintes respostas:

Bom, o principal foco da instituição em relação a parte da evasão, que eu acho, está relacionado com o que eu já falei anteriormente: passar o conhecimento do que é o curso, o que os alunos irão estudar e quando ele sair, o que é que ele tem no mercado de trabalho para ele poder trabalhar naquela área; então o curso técnico, ele é um curso para você colocar as pessoas no mercado de trabalho, e não é um curso pra você colocar ele em faculdade, pra fazer concurso, tem gente que entra pra fazer concurso, e na verdade o curso técnico ele é para o mercado de trabalho; pra ele (aluno) ser principalmente empreendedor. Então o curso...o incentivo que a instituição tem que dar, é nisso. É o que? (...) E uma outra forma, pra você incentivar, esta relacionado com, uma parte que eu já bati várias vezes na tecla, que é o transporte. A melhoria do transporte, né? É o conforto em relação ao aluno seria o transporte; eu acho que melhoraria muito a questão da evasão. O principal é a parte do conhecimento do aluno e do mercado de Trabalho em relação a esses cursos (cursos técnicos) sabendo que ele vai entrar e vai ter vaga para ele poder trabalhar e o segundo para ele se manter dentro do curso é o transporte, ele ter um transporte de qualidade, ter um transporte para ele poder se sentir mais motivado para sair de casa e vir para o instituto. (PROFESSOR 1, 2019).

Eu acho que no tocante a instituição, seria tentar promover como governo municipal, mais linhas de ônibus. A contrapartida também, poderia tentar viabilizar mais bolsas, que eles ganham na instituição como a POLAE, que incentiva eles terem um valor pra ajudar no custeio deles e não ter que sair pra trabalhar. Eu acho que a instituição,

nesse tocante, pode ajudar, nesses dois fatores; colocando... já tem ônibus, mas promover mais linhas através do próprio governo municipal, tentando articular para que a gente tenha mais vinda de transporte público pra cá. E as bolsas, para que eles não deixem de estudar para ir trabalhar por conta de uma ajuda financeira. Eu acho que esses dois fatores são...a instituição no tocante aí ela poderia fazer. (PROFESSOR 2, 2019).

(...) Uma opção seria cursos com carga horária menores para que se tivesse tempo para o aluno estar no instituto trabalhando ou que no curso, durante as disciplinas...as ementas das disciplinas nossas, por exemplo, são enormes, são muito difíceis a sua administração para explicar o conteúdo para os alunos. Então, o professor para vencer a essas ementas e explicar todo o curso, ele tem que acelerar o ritmo de curso e os alunos não conseguem acompanhar, porque não tem um tempo para fazer as atividades...pra ir no seu próprio ritmo de estudo. Por causa dessas necessidades, um dos incentivos para permanecer no curso, seria um ritmo mais lento, seja pelas ementas ou alteração nos planos de curso para que as ementas sejam mais simples, até para que o conteúdo seja menor, para que ele seja de um ensino mais efetivo; e uma cobrança menor aos alunos, mas em compensação, um curso que seja completo na sua construção. (...) Outra proposta, mas essa é uma proposta que já é clara e que a gente sabe que não é fácil de resolver é: precisamos melhorar nossa infraestrutura em transportes e ponto final, porque isso daí como já disse, é um problema antigo e que vai permanecer enquanto a gente não resolver vai ser sempre um grande motivo de evasão no nosso campus; e talvez uma política de propaganda dos benefícios do curso técnico... o que de bom o curso técnico tem para oferecer... que oportunidades o curso técnico oferece?!...(...) A gente precisa vender melhor a nossa imagem no sentido de vender o curso técnico, eu acredito que a própria instituição não valoriza bastante nos seus funcionários...os funcionários não valorizam o bastante o curso técnico. É muito comum aqui na instituição a valorização dos alunos porque passam no ENEM, mas a não valorização dos alunos porque arrumou um trabalho. A gente forma alunos para que arrumem trabalho na área de estudos que eles escolheram de formação profissional... tem ensino médio? Tem. Mas é formação profissional. O instituto é uma instituição de formação profissional, e aí, quando a gente vê ações e méritos dados simplesmente para questões de ENEM, exatamente proporcionando ao curso superior, a gente sabota a própria instituição. (...) (PROFESSOR 3, 2019).

É... sobre a permanência deles a gente já fez algumas intervenções nas prefeituras de alguns Municípios. Pamaíba foi a principal, chegamos a ir na Câmara dos Vereadores participar de uma audiência pública; mas as dificuldades impostas pela atual cooperativa em ter uma linha de hora em hora foi... é o mais difícil. né? mas nós temos aqui um ônibus que circula, mas mesmo assim ainda não atende a 100% por conta dos gastos. o nosso orçamento aí cada vez está menor para a educação, acredito que melhorando o transporte, melhorando a infra-estrutura, melhorando a informação pra esse aluno ingressante e ele saber identificar o curso e a partir dessa identificação ele cursar e se identificar com o curso; essa interação entre alunos e escola e entre professor e aluno... acredito que a gente chega a melhorar mais a nossa permanência do aluno aqui na instituição. (PROFESSOR 4, 2019).

eu na verdade tenho uma proposta para esse ano, de acessibilidade mesmo. eu acho que os professores podem fazer diferentes tipos

avaliações eu acho que quando você toma e diversifica a avaliação você torna acessível para diferentes tipos de sabedorias que os alunos vivem. Às vezes o aluno é muito bom na prática, mas é ruim na teoria. Você avalia ele com base no que ele é bom, no que ele está buscando. Você consegue ter uma avaliação um pouco mais acessível para esses alunos. (PROFESSOR 5, 2019).

Ficar sempre atento a cada aluno, conhecer as dificuldades deles, e veem novamente naqueles setores responsável em cada situação e tentar resolver a situação pontualmente. Então, não existe uma solução geral, genérica, não existe uma solução genérica, reconhecendo cara a cara; e aí, claro, com a experiência de 3 ou 5 anos que seja, dá pra traçar uma estratégia genérica que vá atenuando até mesmo porque os casos são muito parecidos, mas de início eu acho que a solução seria essa, fazer mesmo um trabalho de tijolinho mesmo, de um a um até que se tenha uma forma geral, um estudo estatístico mesmo que é a principal solução, né? Para eles permanecerem aqui. (PROFESSOR 6, 2019).

Olha, técnica da repetição...repetição...repetição, da razão do porque eles estão aqui, seria o principal motivo, dele não esquecer que eles estão aqui com essa oportunidade, eles têm que ter essa oportunidade, porque se nós conseguirmos fazer essa sensibilização do aluno; do aluno e do professor também, e do professor para que ele consiga perceber essas diferenças, ou seja, do aprendizado dos alunos. E do aluno, para saber que ele é responsável pelo aprendizado dele. O aluno tem que ser o centro desse aprendizado, então ele tem que saber disso. saber e ter atitude para saber transformar isso em algo que ele possa gerar esse resultado de aprendizado. Então, não só jogar a responsabilidade para essa pessoa, aquela pessoa; mas responsabilizar o aluno, sensibilizar, fazer um trabalho de sensibilização com o aluno. (...) (PROFESSOR 7, 2019).

O que pode fazer a instituição? vou ficar no ônibus... No transporte... não deixa eu ver mais alguma coisa. eu acho que ajuda muito essa questão de visita técnica. (...) eu vejo muito isso de ta unindo a questão da prática, né? Da teoria com a prática e a forma de unir essa teoria com a prática, mas explicita pra mim é a visita técnica, ajudaria. (PROFESSOR 8, 2019).

Olha, eu já disse aqui que eu acho que o problema não é só a instituição, mas a parte da instituição, o que ela pode fazer? É o que ela está fazendo agora, que é a tentativa de um trabalho permanente de acompanhamento de evasão, então essa comissão de permanência e êxito deveria ser permanente no Campus, e não só numa gestão, mas em todas as gestões e ter isso tudo aqui... esse trabalho ser acompanhado. (...) É primeiro diagnosticar as causas da evasão e depois então procurar... trabalhar esses problemas. O que é da instituição e também o que é fora, porque o transporte escolar é muito... as gestões tem ido procurar os gestores do município para resolver esse problema do transporte escolar... os ônibus aqui também da Instituição, eles trabalham e fazem rota para ajudar e dirimir esse problema, mas tem outros problemas, então né?! Que a instituição pode depois que ela tiver um diagnóstico correto, poder trabalhar junto aos pais, junto às áreas de psicólogos e assistentes sociais, trabalhar as famílias; porque tem muitos alunos que têm famílias com problemas em casa, com problemas familiares muito sérios, então essa parte aí a gente tem competência e temos servidores com as competências necessárias para poder trabalhar esses problemas relacionados a familiares, e também os professores com capacitação de novas metodologias e

para nós podemos diversificar nosso ensino e melhorar nosso ensino... porque a informação muda muito hoje em dia e é muita informação, então nós também temos que acompanhar essas mudanças... E aí passar o nosso conteúdo da melhor maneira possível (PROFESSOR 9, 2019).

(...) o aumento de bolsas eu acho que ajudaria bastante apesar de ser algo bastante custoso, eu sei que não vai ter renda para tudo isso; ampliar o refeitório, a oferta de comida e de alimentação para os alunos. Com certeza ajudaria bastante. Melhorar o transporte, porque o transporte daqui é muito ruim ainda. eu acho que no IFPI ainda falta.... Melhorou bastante por conta da quadra, mas eu acho que ainda falta espaços de lazer e convivência entre os alunos, apesar de o IFPI já ter uma quadra funcionando, e tem alguns equipamentos, aí, de xadrez. Enfim, mas eu acho que poderia ter mais coisas que melhora, até o aluno ficar aqui no campus, de ser prazeroso. Ele vem para o campus e fica por aqui. Não precisa voltar para casa, sei lá... ele pode ficar aqui fazendo outras atividades, talvez no laboratório de informática, disponível para eles usarem para fazer trabalhos. Às vezes esse aluno não tem computador em casa e hoje em dia tudo depende... às vezes, a gente passa um trabalho que o aluno precisa fazer uma pesquisa na internet e às vezes ele não tem onde fazer isso. Então, se talvez, disponibilizasse equipamentos para os alunos fazer aqui... ficar esse tempo aqui na escola. Talvez ajudaria também. Pronto! Eu acho que isso já contribuiria. (PROFESSOR 10, 2019).

Sintetizando as propostas dos professores:

Professor 1:

- Trabalho de disseminação de informações sobre os cursos técnicos, com foco nos alunos ingressantes;
- Melhoria do transporte escolar.

Professor 2:

- Melhoria do transporte escolar
- Disponibilidade de bolsas de estudo para os alunos dos cursos técnicos, independente da modalidade.

Professor 3:

- Redução da carga horária do curso,
- ritmo mais ameno das etapas do curso para que o aluno pudesse vivenciar melhor cada etapa;
- melhoria do transporte escolar;
- política de propagandas e divulgação dos cursos técnicos do ifpi; e,
- valorização interna dos cursos técnicos.

Professor 4:

- melhoria do transporte escolar;

- Melhoria da infraestrutura;
- Melhoria na disseminação de informações sobre o curso.

Professor 5:

- Capacitação docente para implantação de avaliações com acessibilidade para que o professor reconheça os diferentes tipos de saberes, e inclua melhor o aluno (Capacitação docente).

Professor 6:

- A instituição dar atenção individualizada para cada aluno; e,
- Procurar reconhecer as dificuldades deles.

Professor 7:

- Investir na sensibilização do aluno e do professor para:
- Professor reconhecer os diferentes tipos de aprendizagem (Capacitação docente).
- O aluno reconhecer a importância de fazer o curso técnico.

Professor 8:

- Melhoria do transporte escolar;
- Ampliar visitas técnicas; e,
- Professores desenvolverem mais aulas práticas (Capacitação docente).

Professor 9:

- Instituição deve procurar diagnosticar o problema da evasão;
- A comissão de permanência e êxito deve ser permanente, independente da gestão;
- Investimento em capacitação docente; e,
- Acompanhamento do aluno e suas dificuldades.

Professor 10:

- Aumento de bolsas de estudos;
- Ampliar refeitório e ofertas de alimentação para estudantes;
- Melhoria do transporte escolar;
- Criação de espaços de lazer e convivência para os alunos; e,
- O laboratório de informática deve ficar aberto o tempo todo para que os alunos possam ficar fazendo seus trabalhos.

Ao analisar as propostas dos professores é possível encontrar alguns pontos em comuns, e que se destaca na fala de muitos: Primeiramente, é a melhoria do transporte escolar; em seguida, a disseminação de informações sobre os cursos técnicos, sobretudo para os ingressantes. E o terceiro ponto mais elencado, está relacionado aos próprios docentes, é a capacitação docente, tanto para que o docente desenvolva mais aulas práticas, como desenvolva metodologias mais acessíveis, inclusivas e acompanhe melhor seus alunos.

8.3 Propostas da equipe de coordenação pedagógica

Investir na divulgação da instituição e seus cursos, (...) promovendo encontros, palestras, discussões sobre as oportunidades da área. (...) Parcerias com empresas e outras instituições e gestores, buscando estágios, remunerados ou não, a fim de auxiliar no início da vida profissional dos alunos veteranos e egressos. Fortalecer os programas de apoio ao estudante e melhorar a satisfação dos alunos. Levar o IFPI às escolas e comunidade e trazer as escolas e comunidade ao IFPI por meio de projetos, cursos, eventos, com a finalidade de construir uma imagem do IFPI junto às escolas como uma instituição atuante na comunidade que oferece ensino de qualidade e abre portas, portas para o mercado de trabalho (PEDAGÓGICO 1, 2019).

Bom...primeiro eu acho que além do seu trabalho que você já vem fazendo, é mostrar para a comunidade de Parnaíba o que é o instituto, o que são esses cursos na verdade? O que é que os alunos podem fazer com esses cursos de verdade. Entendeu? Não é só mostrar o perfil do curso, é mostrar a realidade desses cursos, do que eles trabalham, do que eles podem transformar na vida deles, na comunidade deles. Porque se aquilo que ele está vendo se ele não vê que modifica a vida, que não modifica a sua comunidade; como que ele pode ter algum interesse? Então, é mostrar qual é o impacto que esses cursos têm e vai ter na vida dele e na comunidade em que ele está inserido. Ai vai ter um novo impacto, e a gente tá longe disso ainda. Porque a gente se desprende, a gente não consegue sair dos muros da escola (PEDAGÓGICO 2, 2019).

(...) eu acredito que se agente trabalhar essa parte humana da instituição, de todo mundo mesmo, sendo uma rede de apoio; tanto professor, quanto a gente como técnico. A gente vai conhecer esse aluno, descobrir as dificuldades dele e tentar sanar essa dificuldade. Porque são varias. (...) esse trabalho de rede de apoio a gente não precisa fazer so com o professor, precisa fazer com o colega de sala também, porque quando aquele aluno falta; quem vai me dizer que aquele aluno faltou é o colega, é o líder de turma. Quem vai dizer pra ele: olha fulano, o professor passou um trabalho. Eu posso te ajudar? É o outro colega. Tem que estar todo mundo realmente querendo pra coisa realmente acontecer; então, acredito que a gente trabalhando assim essa relação humana, projetos também que valorizem o aluno; as vezes um simples projeto onde o aluno faz, onde o aluno constrói, onde o aluno mostra o que ele aprendeu e o que fez; aquilo ali é um motivo para ele se sentir valorizado e ter sua autoestima elevada. Eu

acredito que a gente trabalhando assim a gente consegue (PEDAGÓGICO 3, 2019).

Em síntese: 7 pontos foram elencados através da entrevista aos servidores do setor de coordenação pedagógica:

- Divulgação dos cursos técnicos e das informações relacionados a ele;
- Parceria com empresas para oferta de estágio;
- Desenvolver projetos e ações nas escolas públicas da região, para levar o papel e a imagem do IFPI como instituição de qualidade;
- Desenvolver trabalhos que disseminem para a sociedade a atuação do IFPI;
- Divulgar melhor o curso e a realidade do curso;
- Desenvolvimento de uma rede de apoio com todos os servidores, buscando detectar os alunos com dificuldade e ajuda-lo.
- Desenvolvimento de mais projeto para o ensino técnico para que o aluno se sinta engajado.

8.4 Proposta da equipe de assistência estudantil

(...) o acolhimento desse estudante, desde as divulgações dos cursos, do perfil dos cursos, para que ingressem somente aqueles que tem realmente o perfil pra estudar aquela área do conhecimento. (...) fomentar essa auto estima, essa proatividade dos estudantes e a melhoria dessa relação professor-aluno, e a melhoria das metodologias de ensino, didática e projetos paralelos de recuperação e de conhecimentos anteriores que eles deveriam ter pra poder acompanhar o curso. (...) (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).

A sétima questão você perguntou sobre o quê que a instituição pode fazer pra incentivar o aluno a permanecer no curso técnico; hoje nós já temos a política né, ela é desde 2014, ela vem se constituindo como um instrumento que pode estar aí né, garantindo a permanência do Estudante em âmbito acadêmico. (...) E aí a proposta que eu... que eu vou colocar aqui para você é que a gente trabalhe... nós técnicos, professores né, todo o corpo de profissionais no Instituto federal faça com que essa política tome realmente mais corpo, eu vou dizer assim, né! Que ela alcance resultados maiores. Por exemplo, a gente tá com um refeitório que hoje ele atende minimamente, que nós lutemos para ampliação desse refeitório, que nós lutemos pela ampliação de visitas técnicas, que nós ampliemos os recursos para as pesquisas de iniciação científica né, que nós lutemos para ampliação dos benefícios. (...) e trazer os resultados de sua pesquisa (A entrevistada referiu -se

à esta pesquisa) para todo o corpo do Instituto Federal, que mostra os resultados: que mostre que agora nós temos tantos por cento de estudantes dos cursos técnicos que se evadem por esses motivos. então a gente pode estar pensando em estratégias a partir dos seus... dos seus dados né; dos seus números que você vai trazer para nós, nós enquanto instituição. E a gente repense né, as nossas práticas pedagógicas, as metodologias. enfim eu penso que depois que você nos trouxer números, e a sua pesquisa em si, a gente vai poder pensar em como estar organizando os nossos processos de trabalho para tá garantido uma permanência com qualidade para os nossos estudantes né, então eu penso isso (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Os dados acima, demonstram que na fala da equipe de assistência estudantil, composta por assistentes sociais, as propostas são:

- Um melhor acolhimento ao aluno ingressantes, incluindo o suprimento de todas as informações necessárias sobre o curso técnico que frequenta;
- Ações de elevação da autoestima do aluno e do bom relacionamento professor-aluno;
- Melhoria das metodologias de ensino e didática docente;
- "Projetos paralelos de recuperação e de conhecimentos anteriores que eles deveriam ter para poder acompanhar o curso." (ASSISTENTE SOCIAL 1, 2019).
- Ampliação e melhoria da política de assistência estudantil, principalmente referindo-se ao aumento de visitas técnicas, a ampliação de programas de iniciação científica e dos demais benefícios;

Um dos entrevistados relatou a importância e a necessidade de se trabalhar a presente pesquisa. Pois durante a entrevista uma de suas sugestões foi " trazer os resultados de sua pesquisa para todo o corpo do Instituto Federal, que mostra os resultados: que mostre que agora nós temos tantos por cento de estudantes dos cursos técnicos que se evadem por esses motivos" (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

Ainda de acordo com o entrevistado, será os resultados desta pesquisa que: "então a gente pode estar pensando em estratégias a partir dos seus... dos seus dados né; dos seus números que você vai trazer para nós, nós enquanto instituição" (ASSISTENTE SOCIAL 2, 2019).

8.5 Proposta da coordenação de curso

É, a instituição na verdade, ela tem um trabalho que está sendo desenvolvido; tem uma comissão de permanência e êxito, que já vem trabalhando essas causas, nessas evasões e procurando identificar formas de diminuir essa evasão, eu acho muito importante, inclusive eu estou... a pouco tempo eu ingressei nesta comissão, estou também nomeada nessa comissão. E já está sendo feito um mapeamento junto aos alunos do que que eles tem, com relação a estrutura do campus, quais os setores que tem, digamos assim, que não atendem as demandas deles, as expectativas deles, pra que seja trabalhado isso e que a instituição possa se auto avaliar a nível de melhorar em relação a isso (COORDENADOR DE CURSO, 2019).

A coordenação não elencou nenhuma nova proposta, no entanto, esclareceu que existe no campus uma comissão de permanência e êxito, e que esta vem trabalhando as causas e tentando diminuir a evasão; ainda de acordo com a coordenação está sendo feito um mapeamento junto aos alunos no sentido de saber o que não está atendendo a demanda deles, isso com a finalidade da instituição possa de auto avaliar e melhorar os pontos identificados.

9 Propostas para o combate à evasão e o fortalecimento do ensino técnico do IFPI - Parnaíba

Após análise das propostas dos estudantes, dos professores, da equipe de coordenação pedagógica, da equipe de assistência estudantil e da própria coordenação de curso técnico, o trabalho sintetizou as principais ideias, que resumem os pontos elencados com maior intensidade por esses elementos ao longo da pesquisa. As propostas para o combate à evasão e o fortalecimento do ensino técnico na realidade do IFPI – Parnaíba, são:

1) Capacitação docente

Esta proposta não quer dizer que a instituição não venha fazendo capacitação docente, no entanto persiste na ideia de que a capacitação docente deve, de acordo com os entrevistados, levar em consideração alguns pontos importantes, como: o desenvolvimento de aulas mais práticas, a implantação de avaliações com mais acessibilidade, o reconhecimento dos alunos em quanto seres em desenvolvimento, o reconhecimento dos diferentes tipos de saberes, a inclusão dos alunos, a sensibilização do professor para reconhecer os diferentes tipos e etapas de aprendizagem e que o professor acompanhe o aluno e suas dificuldades buscando reconhecer onde o aluno está apresentando dificuldades e em que ele precisa ser acompanhado.

2) Disseminação e intensificação de informações sobre os cursos técnicos, com foco nos alunos ingressantes.

Esta ação se trata do reconhecimento de que o aluno que entra no ensino técnico precisa saber de toda realidade do curso que irá ser desenvolvido, principalmente para que ele, no meio do seu percurso educacional, não tenha surpresas ou decepções no curso; como por exemplo, o aluno entra na Instituição achando que está fazendo um curso numa determinada área e ao longo do seu percurso educacional se encontra fazendo disciplinas e atividades que não era aquilo que ele queria. Nesta etapa as ideias apresentadas foi que a instituição deveria investir numa política de propaganda e divulgação dos cursos técnicos do IFPI; a própria valorização interna dos cursos técnicos e ainda que a instituição deve desenvolver ações logo no início do curso falando aos ingressantes sobre as atividades, a área, as disciplinas e tudo o que envolve o curso para que aquele aluno que permaneça naquele curso saiba realmente o que será futuramente desenvolvido e de imediato decida se quer ou não permanecer naquele curso. Quanto ao aluno ingressante, essa disseminação de informações pode ser feita na forma de acolhimento, incluindo aí o suprimento de todas as informações necessárias sobre o curso técnico que frequenta, dando

este aluno todas as informações de forma que ele não venha a ter surpresas no desenvolvimento do seu curso. Outro ponto, é que até mesmo antes do classificatório para ingresso de alunos, a instituição e a equipe responsável pela divulgação institucional, informem aos candidatos ou ofereça meios para que estes conheçam as especificidades dos cursos, isso como garantia de que o aluno que ingresse, tenha a convicção do curso que está fazendo e tenha o real interesse de fazê-lo.

3) Melhoria do transporte escolar

Esta ação, embora de médio a longo prazo, mas envolve ações, que de acordo com os entrevistados, envolve a responsabilidade da instituição de: procurar parcerias com o setor de transporte público, com os órgãos de normatização de transporte municipal para a oferta de mais linhas de ônibus. E ainda, a participação da instituição, de ofertar em mais horários o ônibus institucional.

4) Monitoria para os cursos técnicos da modalidade concomitante/subsequente

Visto que na etapa de entrevista, muitos participantes além dos professores; quase todos reconheceram que os alunos, principalmente do ensino técnico concomitante/subsequente chegam com déficit de conhecimento para o prosseguimento do curso técnico. Esta proposta surgiu nos questionários dos próprios alunos, em que afirmaram sobre a necessidade da oferta de monitoria para os alunos da modalidade concomitante/subsequente que demonstram dificuldades; seria uma oferta monitoria da seguinte forma: os alunos que cursam o turno noturno recebessem a oferta de monitoria no horário da tarde ou pela manhã, em horário distinto ao da oferta do curso. Essa monitoria se daria tanto para disciplinas de Educação Básica como para disciplinas da formação técnica. Neste caso, a instituição e os professores de cada curso, teria que organizar um uma sala ou um local próprio para que ocorresse a monitoria e teria que planejar a forma de desenvolvimento delas, se seriam professores ou outros alunos os responsáveis por este reforço.

5) Ampliação de política de assistência estudantil na forma de bolsas estudantis para alunos dos cursos técnicos concomitantes e subsequentes

Esse foi um ponto bastante elencado pelos participantes, pois acreditam que com a expansão de bolsas pode-se favorecer a permanência dos alunos, principalmente, porque muitos são advindos de famílias carentes, e, por isso, a bolsa auxiliaria na vinda pra o campus e em algumas outras questões. Apesar de que alguns entrevistados reconheceram a dificuldade financeira de se implantar esta ideia.

6) Disponibilidade de laboratório de informática em tempo integral para os alunos.

Esta ideia preconiza que o laboratório de informática deveria ficar aberto durante todo o período de aulas para que o estudante tivesse livre acesso a qualquer momento do dia para que assim pudesse fazer seus trabalhos, desenvolver pesquisas e ter o acesso em si da informação e da tecnologia. Essa ideia parte do reconhecimento de que muitos alunos ainda permanecem sem acesso ao computador, a internet e a tecnologia em suas residências; e assim, muitos poderiam ficar no laboratório estudando e fortalecendo o processo de aprendizagem, além de auxiliar a sanar os déficits de conhecimento de que muitos apresentam. E assim, sendo esta proposta, uma das ações que poderiam dar estímulo à permanência do aluno na instituição.

7) Mais aulas práticas no processo de ensino aprendizagem

Diante dos resultados da pesquisa em que muitos alunos, professores e outros entrevistados retratam que uma das ações que poderia estimular a permanência dos estudantes do ensino técnico seria o desenvolvimento de mais aulas práticas, e, principalmente porque os alunos alegaram, nos questionários, que entram no curso técnico com a principal intenção de experienciar na prática o seu futuro campo de atuação. Então, esta ideia traz a perspectiva de um trabalho de conscientização dos Professores e da própria instituição, para o planejamento de aulas que visem um maior equilíbrio entre as aulas teóricas e aulas práticas. Essa realidade foi abordada pelos participantes da pesquisa de forma que deram maior prioridade em suas falas à modalidade concomitante e subsequente, em que devem ter mais aulas práticas e mais visitas técnicas, para que não sejam curso demasiadamente teórico e assim haja maior estímulo e motivação para que os alunos permaneçam.

8) Motivação ao aluno

Essa proposta foi elencada pelos elementos participantes com as seguintes ideias: o desenvolvimento de palestra e conversas motivadoras a serem desenvolvidas na instituição com foco em demonstrar aos estudantes as vantagens, o mercado de atuação e a fala de egressos que poderiam dar maior estímulos aos alunos em formação. Também foi elencada dentro desta temática, a ação de elevação da autoestima do aluno, através de projetos e atividades que engajem o aluno no exercício de sua aprendizagem; e, ainda, uma outra ideia, é a sensibilização de professores e alunos, com o intuito de gerar um bom relacionamento entre ambos, pois acredita-se que uma melhor aproximação do professor para com o aluno, pode gerar uma sensação de acolhimento e de estímulo ao aluno.

9) Combate à evasão inicial

Esta ação pode ser colocada em prática a curto prazo, e foi abordada por um professor durante as entrevistas. A ideia parte do pressuposto de que existe a evasão inicial onde um número X de alunos fazem a matrícula, mas que, no entanto, logo no primeiro mês ou nos primeiros dias, já não comparecem mais a instituição. E por questões burocráticas, por não poder chamar os próximos da lista de espera, este número de vagas acaba se perdendo. A ideia é que logo nos primeiros 15 dias, observado que algumas vagas constam com alunos ausentes e que não comparecem mais ao curso, a instituição, após prazo determinado, convocaria o próximo aluno da lista de espera para ocupar esta vaga. Desta forma a instituição de imediato poderia ocupar a vaga; mas para isso, o aluno logo ao fazer a matrícula seria orientado sobre essa possibilidade que, por exemplo, em caso de seu não comparecimento por 15 dias logo no primeiro mês, sua vaga seria cancelada e passada para um próximo aluno da lista de espera.

10) Melhoria da infraestrutura do curso e da instituição

Esta ideia parte do pressuposto de que o aluno que se sente bem naquela instituição ele tende a ficar. A proposta é haja a melhoria de equipamentos nos Laboratórios; os laboratórios com os materiais necessários; a melhoria do espaço institucional, como por exemplo a implantação de uma pequena praça dentro do campus de Parnaíba; Área de jogos com TV e outros utensílios; a melhoria do espaço institucional com mais Bancos nos locais abertos; mais arborização; bancos nos Jardins do Campus.

11) Ampliação da oferta de estágio

Esta é uma ação que na ideia dos entrevistados seria possível através de: ampliação de parcerias com empresas na região para oferta tanto de estágio e até mesmo de emprego por meio da oferta de mão-de-obra formada pelo IFPI diretamente para as empresas. Com isso, embora não fosse possível todos os alunos saírem para um estágio ou emprego; mas certamente um mínimo de quantidade de estágios garantidos para cada curso, seria um estímulo para o aluno se dedicar e permanecer.

12) Disseminação do papel do IFPI – Parnaíba

Esta é uma ideia que coloca em pauta o desenvolvimento de projetos e ações do IFPI e de seus alunos, com vista a participarem diretamente da realidade das escolas públicas da região e assim levando o papel e a imagem do IFPI, enquanto instituição de qualidade, assim como também, o papel dos seus cursos técnicos. Pois acredita-se que desenvolvendo esses trabalhos; os alunos

oriundos das escolas públicas da região podem ter o despertamento e o interesse de fazerem parte dos cursos técnicos da instituição.

13) Comissão permanente

Esta proposta é de médio a longo prazo e foi apresentada durante o desenvolvimento da pesquisa. A ideia é a criação de uma política que dê permanência à comissão de permanência e êxito do campus Parnaíba; isso quer dizer que, independentemente da gestão que entre ou da gestão que saia; mas que a comissão continue independente e permanente, visto que as políticas públicas, em geral, tendenciosamente têm início e terminalidade de acordo com a entrada ou saída de uma nova gestão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Documento orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Brasília, 2014.

DINIZ, S. Saraiva. Evasão escolar no ensino médio: causas intraescolares na visão dos alunos. Dissertação (Mestrado). Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Carine-Saraiva-Diniz.pdf>. Acesso em: 17/10/2018.

ROSA, Alcemir Horácio. ECOS DA EPT - A evasão escolar nos cursos TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba. 2019. Dissertação (Mestrado em educação Profissional e Tecnológica), IFCE – Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia do Ceará, Fortaleza, 2019.³

SILVA, Tadeu Lucena. Baixa taxa de conclusão dos cursos técnicos da Rede Federal EPT: uma proposta de intervenção. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2013.

³ Este manual é parte integrada da dissertação referenciada. Portanto, ao abordar a temática deste manual, o pesquisador deve utilizar a referência bibliográfica do trabalho inteiro, e aqui disponibilizado.



O trabalho "MANUAL DE COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DO IFPI – PARNAÍBA: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico" de Alcemir Horácio Rosa; Francisco José Alves de Aquino está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](#).



Este manual é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na área de educação profissional e tecnológica, em que a pesquisa trouxe o tema “*ECOS DA EPT - A evasão escolar nos cursos TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba*”; de 2019. O foco do manual é o ensino técnico e suas especificidades, abordando desta forma, os números dessa evasão, os elementos envolvidos nesta realidade, os causadores e também das ações necessárias para se buscar diminuir a evasão escolar.

O trabalho de pesquisa estudou a realidade do campus de Parnaíba, onde verificou-se que embora se constitua como uma instituição de qualidade, com estrutura adequada e professores capacitados; convive, assim como muitas outras instituições, com a realidade de evasão escolar. Acreditando ser possível diminuir a evasão, a pesquisa trouxe como proposta este manual na condição de conter o diagnóstico e também as ações necessárias a serem tomadas. É um documento orientador e norteador de ideias que podem encaminhar rumo a reflexões e ações.

A evasão escolar é uma questão multidisciplinar; por isso, este material é recomendado para ser utilizado pela gestão institucional, pelos setores responsáveis por capacitação de servidores e por demais atividades em ações educativas; e, ainda, é um material indicado para ser usado pelos professores em sala de aula para refletirem junto aos alunos sobre o problema destacado e suas nuances.

Este manual foi desenvolvido com o intuito de servir, portanto, de base e referencial a múltiplos objetivos, sendo: A) um estudo para ser levado em consideração nas tomadas de decisões dos gestores educacionais/institucionais da comunidade acadêmica do IFPI-Parnaíba, isso, pelo fato de trazer em seu conteúdo diagnósticos, ideias e ações de intervenção no problema abordado; B) um estudo a ser levado pra sala de aula, pois contempla um assunto atual e que precisa ser discutido abertamente entre docentes e discentes, precisa-se colocar em pauta de forma interdisciplinar as temáticas dos problemas educacionais e das ações de permanência e êxito da vida estudantil, numa relação dialógica professor-aluno; e, C) o manual constitui-se ainda, em um estudo importante para se trabalhar a formação docente e de demais servidores, trazendo para os colaboradores da comunidade acadêmica, enquanto eles entre instituição e alunos, o conhecimento da realidade e das ações a serem tomadas.

É, portanto, um documento de múltiplos objetivos, e que traz um diagnóstico do problema baseado na percepção dos alunos, dos professores e dos demais setores envolvidos diretamente com o processo de ensino-aprendizagem do ensino técnico; assim aborda ideias e ações de intervenção propostas pelos elementos supracitados.

ANEXOS

ANEXO A:
APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI - Parnaíba.

Pesquisador: ALCEMIR HORACIO ROSA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01679518.5.0000.5589

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO CEARA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.082.863

Apresentação do Projeto:

O Projeto "ECOS DA EPT - A EVASAO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnostico, números e propostas para o fortalecimento do ensino tecnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba", cujo pesquisador encontra-se afastado para o desenvolvimento do Mestrado; tem como perspectiva o fato de compreender o fenômeno da evasão, o qual não é apenas identifica-la e conceitua-la dentro do ambiente escolar. Ou seja, a evasão não influencia somente nas estatísticas das escolas, mas afeta diretamente a vida dos seus principais interessados: os próprios alunos.

Desvendar as causas que levam um indivíduo a evadir-se de sua vida educacional, exige que a investigação seja bem ampla na obtenção de informações e, delineada e específica no seu objetivo.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo desta pesquisa é diagnosticar quais os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador especifica tal tópico no TCLE e na síntese do projeto. Ou seja, os riscos advindos desta pesquisa são considerados mínimos, pois trata-se de uma pesquisa com a intenção de

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

CEP: 60.410-426

E-mail: cep@ifce.edu.br



compreender o que os entrevistados creditam acerca de assuntos tão somente relacionados as nuances da educação ofertada pelo IFPI (Campus Parnaíba).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa tem o intuito de diagnosticar quais os principais fatores que contribuem para a evasão escolar nos cursos técnicos do IFPI no campus de Parnaíba e apresentar uma proposta de intervenção para o ensino técnico desta instituição. E neste objetivo faz-se necessário identificar o perfil dos estudantes de curso técnico, suas perspectivas, bem como investigar o que os alunos, professores, coordenadores de cursos e a equipe Pedagogia e de assistência estudantil pensam sobre as necessidades e os passos para uma educação que vá contra o fenômeno da evasão e rumo a uma proposta de intervenção no processo de ensino-aprendizagem dos cursos técnicos.

Os questionários e entrevistas desenvolvidos, fazem parte de uma pesquisa-ação desenvolvida no âmbito do curso de Pós-Graduação em nível de mestrado do Programa PROFEPT – mestrado profissional em educação profissional e tecnológica do IFCE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou os termos exigidos para submissão da proposta.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O (a) pesquisador (a) atendeu às exigências do parecer anterior estando de acordo com a proposta a ser submetida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1171361.pdf	26/11/2018 21:26:30		Aceito
Outros	roteiroentrevistaservidores2611.pdf	26/11/2018 21:23:54	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	QUESTIONARIOALUNO2611.pdf	26/11/2018 21:23:26	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle2611.pdf	26/11/2018 21:23:08	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

UF: CE Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

CEP: 60.410-426

E-mail: cep@ifce.edu.br



Continuação do Parecer: 3.082.863

Cronograma	cronograma2611.pdf	26/11/2018 21:22:51	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoCompleto2611.pdf	26/11/2018 21:22:28	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	TERMOFIELDEPOSITARIOCONTROLE ACADEMICO.pdf	23/10/2018 16:52:56	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	TERMOFIELDEPOSITARIOCOORDEN ACAOPEDAGOGICA.pdf	23/10/2018 16:51:53	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	TERMOFIELDEPOSITARIOASSITENCI AAOALUNO.pdf	23/10/2018 16:50:02	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	AUTORIZAMESTRADONOVADIREOAT UALIZADA.pdf	16/10/2018 18:46:29	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	DECLARADEFESAQUALIFICcomerrata. pdf	16/10/2018 18:45:01	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	DECLARADEFESDAQUALIFICMEST RAD.pdf	16/10/2018 18:44:16	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Outros	autorizaafastamento.pdf	16/10/2018 18:33:36	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Orçamento	escaneioprevisaooorcamento.pdf	16/10/2018 18:26:06	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	garantiaderegressobeneficiosmestrado.p df	16/10/2018 18:25:49	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoinfraestrutura.pdf	16/10/2018 18:25:20	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito
Folha de Rosto	autorizacaodiretorproponente.pdf	25/09/2018 15:54:00	ALCEMIR HORACIO ROSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 13 de Dezembro de 2018

Assinado por:
PAULO HENRIQUE NOBRE PARENTE
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br

ANEXO B:
PORTARIA DA COMISSÃO DE PERMANÊNCIA E ÊXITO DO CAMPUS DE
PARNAÍBA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PARNAÍBA

PORTARIA Nº 014, DE 02 DE AGOSTO DE 2018.

O DIRETOR GERAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO PIAUÍ – CAMPUS PARNAÍBA, no uso de suas atribuições legais, e
considerando a solicitação contida no Memo. nº 62/2018/DENS/CAPAR,

RESOLVE:

1 – Designar os servidores, **JALVA LÍLIA RABELO DE SOUSA**, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, SIAPE: 1860991; **JANETE CEZAR RIBEIRO**, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, SIAPE: 1969680; **MARIA TERESA COSTA SANTOS**, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, SIAPE: 756369; **JEANE MACHADO SOUZA**, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, SIAPE: 1492652; **ÍTALO CHRISTIAN CARDOSO FERREIRA**, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, SIAPE: 2341728; **SARA JANE OLIVEIRA CARVALHO**, Pedagoga, SIAPE: 2069250; **KATIANY SILVA REIS**, Assistente em Administração, SIAPE: 1562036; **ADRYELLE SILVA LOPES**, Assistente de Alunos, SIAPE: 2217010 e **ALCEMIR HORACIO ROSA**, Auxiliar de Biblioteca, SIAPE: 2227776, para, sob a presidência da primeira, comporem Comissão Local que agregue a coordenação, sistematização e o monitoramento das ações estratégicas e metas referentes ao Plano Estratégico Institucional de Ações de Permanência e Êxito dos Estudantes do IFPI – Campus Parnaíba.

2 – Revogar a Portaria nº 009, de 10 de maio de 2018.


Luis Fernando dos Santos Sousa
Diretor Geral

ANEXO C:

CERTIFICAÇÃO DA PALESTRA SOBRE EVASÃO NO CAMPUS PARNAIBA



ANEXO D:
AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA INSTITUIÇÃO PROPONENTE - IFCE



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI e Parnaíba.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 50			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ALCEMIR HORACIO ROSA			
6. CPF: 038.542.193-18	7. Endereço (Rua, n.º): TRES DE JANEIRO SANTA LUZIA PARNAIBA PIAUI 64216170		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 86994839792	10. Outro Telefone:	11. Email: alcemirhoracio@ifpi.edu.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>21 / 09 / 2018</u> Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO CEARA	13. CNPJ: 10.744.098/0002-26	14. Unidade/Órgão: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO CEARA	
15. Telefone: (85) 3307-3666	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>José Eduardo Souza Bastos</u> CPF: <u>060.528.943-34</u> Cargo/Função: <u>DIRETOR GERAL</u> Data: <u>21 / 09 / 18</u> Assinatura			
PATROCINADOR PRINCIPAL		José Eduardo Souza Bastos Diretor Geral IFCE - Campus Fortaleza	
Não se aplica.			

ANEXO E:
AUTORIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURA DA PESQUISA NO IFPI-PARNAÍBA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Eu, Luís Fernando dos Santos Souza, Diretor Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Parnaíba, autorizo a realização do projeto intitulado "ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba. " pelo pesquisador Alcemir Horácio Rosa, que envolverá o desenvolvimento de alguns métodos e procedimentos, como, a aplicação de questionários com alunos, professores e coordenador, e, realização de entrevista semiestruturada com a equipe de coordenação pedagógica e aos servidores do setor de assistência estudantil. E será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Parnaíba está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos professores, alunos, coordenador e servidores que não desejarem ou desistirem de participar do projeto.

Declaro, outrossim, na condição de representante desta organização, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nºs 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016, e Norma Operacional nº 001/2013, pelo CNS, e disponíveis no Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa do IFCE.

Local, 25 de setembro de 2018.

Luís Fernando dos Santos Souza- Diretor Geral - Campus Parnaíba

Luís Fernando dos Santos Souza
Diretor Geral
Mat. SIAPE 1793437
IFPI - Campus Parnaíba

Instituto Federal do Piauí | Campus Parnaíba
Av. Monsenhor Antônio Sampaio, S/N - Dirceu Arcoverde | Parnaíba - PI | CEP: 64.211-145 |
www.ifpi.edu.br/parnaiba

INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus Parnaíba

ANEXO F:
ATA DE APROVAÇÃO EM DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

Aos 30 dias do mês de agosto de 2019, às 20 horas, reuniu-se na sala 206 da Pós-Graduação a Banca Examinadora composta pelos pesquisadores indicados a seguir, para examinar a Dissertação de Mestrado do(a) Senhor(a) **ALCEMIR HORACIO ROSA**, intitulada: "ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: DIAGNÓSTICO, NÚMEROS E PROPOSTAS PARA O FORTALECIMENTO DO ENSINO TÉCNICO - UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REALIDADE DO IFPI - PARNÁIBA".

A sessão pública foi composta pelos seguintes membros:

Orientador e Presidente (IFCE): Prof. Dr. Francisco José Alves de Aquino

Avaliador (PROFEPT/IFCE): Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva

Avaliador (PROFEPT/IFCE): Prof. Dr. Sandro César Silveira Jucá

Avaliador Externo (IFCE/Canindé): Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida

Avaliador Externo (UVA): Prof. Dr. Marcus Flávio Alexandre da Silva

Terminada a apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido pelos examinadores que, após manifestação dos presentes, consideraram o trabalho de pesquisa:

(☒) Aprovado

() Aprovado com restrições

() Reprovado

Observações:

Consideração da banca a seguir transcrita no
texto final

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 22 horas, dela sendo lavrada a presente Ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo Candidato.

O(A) candidato(a) está ciente que a concessão do referido título está condicionada à: (a) satisfação dos requisitos solicitados pela Banca Examinadora; (b) entrega da dissertação em conformidade com as normas exigidas pelo IFCE; (c) atendimento ao requisito de publicação estabelecido nas normas do Programa; e (d) entrega da documentação necessária para elaboração do Diploma. A Banca Examinadora determina um prazo máximo de 30 dias, para o cumprimento dos requisitos (desconsiderar caso reprovado), sob pena de, não o fazendo, ser desvinculado do Programa sem o Título de Mestre.

Francisco José Alves de Aquino
Presidente Prof. Dr. Francisco José Alves de Aquino
Instituto Federal do Ceará - IFCE

NÃO COMPARECEU

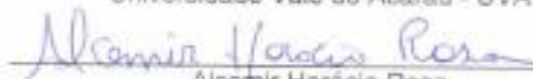
Membro Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva
Instituto Federal do Ceará - IFCE

Sandro César Silveira Jucá
Membro Prof. Dr. Sandro César Silveira Jucá
Instituto Federal do Ceará - IFCE




Membro Prof. Dr. Emmanoel Rodrigues Almeida
Instituto Federal do Ceará - IFCE


Membro Prof. Dr. Marcus Flavio Alexandre da Silva
Universidade Vale do Acaraú - UVA


Alcemir Horácio Rosa
Candidato

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO

Na qualidade de prof.(a).orientador(a) de **ALCEMIR HORACIO ROSA**, declaro que a versão final do texto da dissertação ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: DIAGNÓSTICO, NÚMEROS E PROPOSTAS PARA O FORTALECIMENTO DO ENSINO TÉCNICO - UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REALIDADE DO IFPI - PARNAÍBA, conforme Ata de Sessão Pública acima especificada, atendeu às recomendações da banca examinadora.

Fortaleza, _____ de _____ de 20____.

Prof. Dr. Francisco José Alves de Aquino
Orientador(a)



O trabalho DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PROFEPT: "ECOS DA EPT - A EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS TÉCNICOS: diagnóstico, números e propostas para o fortalecimento do ensino técnico - Um estudo de caso sobre a realidade do IFPI – Parnaíba." de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SOBRE EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](#).